SIGILL: COLL: HARVARD: CANTAB: NOV: ANGL: 1650.
CHRISTO ECCLESIAE
The Gift of
Alex. E. R. Agassiz,
of Cambridge
(H.U. 1855),
31 December, 1873.
From the Library of
his Father.

OBRAS

DE

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

II.

OBRAS

DE

JOÃO FRANCISCO LISBOA,

NATURAL DO MARANHÃO;

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Edictores e revisores

LUIZ CARLOS PEREIRA DE CASTRO E O DR. A. HENRIQUES LEAL.

VOLUME II.

S. LUIZ DO MARANHÃO.

1865.

JORNAL DE TIMON.

PUBLICAÇÃO MENSAL.

Periculum dicendi non recuso.
(CICER. IN ANTON.)

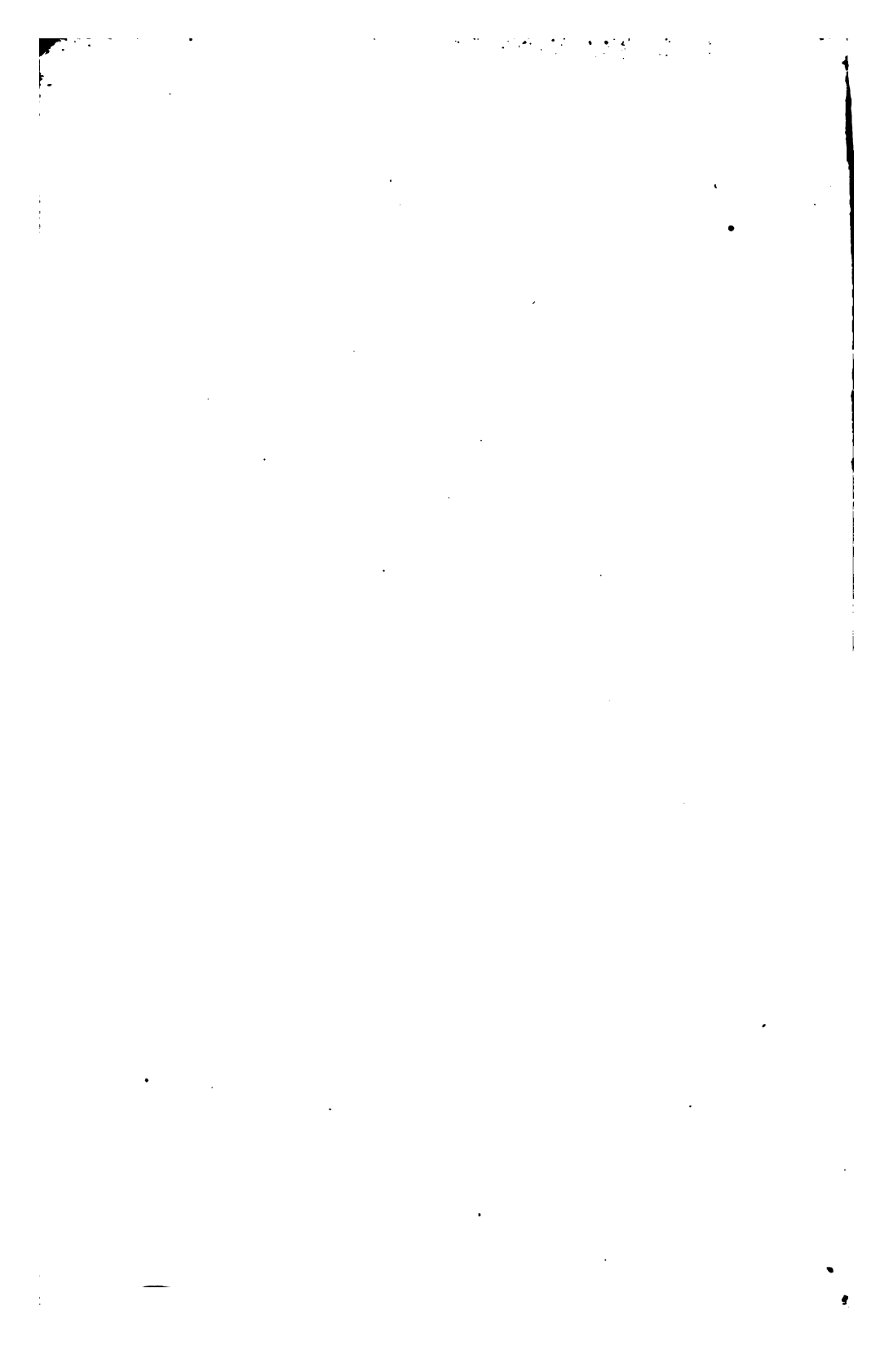
II.

APONTAMENTOS

NOTICIAS E OBSERVAÇÕES

PARA SERVIREM

Á

HISTORIA DO MARANHÃO.

INTRODUCÇÃO.

Possuimos acerca do Maranhão, além de outros opusculos e memorias de menos importancia, as seguintes obras que avultam mais:

Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita no anno de 1614. É um manuscripto attribuido a Diogo de Campos Moreno, sargento-mór do Estado do Brasil, que foi um dos cabos da dita jornada. A academia real das sciencias de Lisboa o fez imprimir em 1812.

Annaes Historicos do Estado do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo. O auctor, um dos antigos governadores do mesmo estado, começou a escreve-los em 1722, durante o anno que se seguiu ao seu governo, e em que esteve aqui detido, á mingoa de embarcação que o reconduzisse á metropole. Esta chronica, que remonta aos primeiros descobrimentos e vae até o anno de 1718, em que começou o go-

verno do auctor, foi pela primeira vez publicada em Lisboa, ha pouco mais de um seculo, em um grosso volume in folio. Recentemente (1850 e 1851) fez-se della uma segunda edição [1] nesta capital, em dous volumes, em quarto, muito mais commoda e elegante, e o que ainda é mais, enriquecida com uma introducção ou discurso preliminar do nosso distincto poeta e litterato, o sr. dr. Antonio Gonçalves Dias.

Compendio Historico-Politico dos principios da lavoura do Maranhão, e seus progressos, por Raymundo José de Souza Gayoso, escripta nos principios do anno de 1813, e publicada em 1818. Recapitula a Berredo, e dá largas noticias acerca da agricultura, producção, e commercio da provincia, sobretudo a contar do tempo em que foi instituida a companhia do Grão-Pará e Maranhão.

Estatistica Historica-Geographica da Provincia do Maranhão, por Antonio Bernardino Pereira do Lago, coronel do corpo de engenheiros, em commissão na mesma Provincia. Este trabalho foi publicado em 1822, e deve de ter sido organisado pelos mesmos tempos. Recopila a Berredo e Gayoso, e acrescenta copiosas noticias estatisticas até á epocha supramencionada.

Memoria historica e documentada da Revolução da Provincia do Maranhão desde 1839 até 1840, pelo

[1] Emprehenderam essa publicação os srs. drs. Fabio A. de Carvalho Reis e Pedro Nunes Leal, e n'ella gastaram não pequena somma.

(Dos EEDD.)

Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães. Foi publicada em 1848, na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. [1]

Nenhuma destas obras póde actualmente satisfazer a curiosidade e espectação do publico.

A de Berredo, que é a mais importante dellas, não passa de uma simples chronica de acontecimentos militares, religiosos e politicos, se exceptuarmos umas abreviadas noticias que logo no primeiro livro nos dá acerca da geographia e população do estado. Se no curso do seu longo trabalho deparamos uma ou outra vez com taes e quaes noticias sobre a agricultura, commercio, população e costumes, são ellas devidas ou á uma simples casualidade, ou á necessidade de explicar ou esclarecer melhor algum ponto do seu assumpto habitual, e quasi exclusivo—as guerras e conquistas, e as dissenções politicas e religiosas;—nunca porém a designio ou intenção directa, pois até parece que tinha aquell'outras materias por somenos do pretendido elevado estylo em que escrevia.

No que escreveu, devemos confessa-lo, parece que buscou sempre ser exacto e imparcial, procu-

[1] Depois, nomeado pelo governo imperial para collegir dos archivos de Portugal documentos da historia patria, alli encontrou o auctor outras obras quer manuscriptas, quer impressas sobre o Maranhão, (de 1855 a 1862).

Quanto á memoria do senr. dr. D. Magalhães, sahiu 2ª edicção d'ella, impressa aqui em 1858, e dos prelos do senr. B. de Mattos.

(Dos EEDD.)

rando a verdade em todas as fontes em que podía bebe-la; [1] mas o estylo é tam pedantesco, e a narração tam minuciosa e diffusa, que o auctor, sobre enfastiar-nos, afoga-nos em uma torrente de palavras empoladas, e de factos insignificantes, onde, se não se perdem inteiramente de vista, só á força de attenção se pódem rastrear e descobrir as cousas que mais importa saber hoje em dia.

Escrevendo a chronica de uma pobre colonia, nascente e obscura, assentou de si para si este soldado escriptor que devia elevar-se ao tom da grande historia, e ainda da epopéa; mas foi duplamente infeliz, que nem o tom convinha ao assumpto, nem elle soube attingi-lo; e procurando ser nobre e sublime, apenas conseguiu ser turgido, obscuro e fastidioso, cahindo por vezes nos mais ininteligiveis e intoleraveis disparates.

O distincto critico á que ha pouco nos referimos, o sr. Gonçalves Dias, reprovando a má escolha dos modelos que o auctor adoptou (Tacito e Tito Livio), todavia lhe concede que conseguiu quasi imita-los; nota a inoportunidade, não o máu exito desse gigantesco esforço. Mas o que diz o nosso poeta ainda é nada em comparação com um dos criticos da censura e inquisição portugueza que examinaram a obra,

[1] Teve de modificar esse juizo a respeito da imparcialidade de Berredo com melhor e mais profundo estudo de documentos historicos. (Dos EEDD.)

antes de publicada, para verem se continha alguma cousa contra a fé e os bons costumes. «Merece o «auctor (escrevia D. Joseph Barbosa) um louvor muito «particular; porque entre as occupações de um go-«verno teve tempo para escrever como Plinio a his-«toria natural, como Livio a militar, e a politica como «Tacito!»

Não é menos para admirar a vangloria com que o proprio auctor, lembrado sem duvida do preceito de Horacio, (*decem in annos*) alardêa os largos onze annos que despendeu em compor, polir e aperfeiçoar o estylo, e contextura litteraria da sua obra, fazendo-a e refazendo-a muitas vezes, por maneira (diz elle) que o ultimo manuscripto nenhuns visos de semelhança tinha com o primeiro.

Se a sua veracidade e escrupulosa exactidão não fôra attestada pelos que o precederam, e em cujas fontes bebeu, poder-se-hia até a bom direito suspeitar que para ter com que encher os seus livros desfigurasse acintemente a historia, um auctor que escrevendo a de uma nascente capitania portugueza, lastima no tom de uma dolorosa sinceridade que ella não lhe offerecesse tamanha copia de successos como o imperio romano, onde elle podesse ceifar e colher mais desafogado!

Ao ler os *Annaes* de Berredo, sempre nos acode involuntaria a seguinte idéa;—o auctor não se podia resignar a referir o que tinha occorrido, pouco ou muito; o seu fim era escrever uma historia gran-

diosa, e a esse fim dividiu symetricamente a sua obra em vinte grandes livros, precedidos de emphaticos summarios ou argumentos, justamente como um poeta dividiria em cantos a sua epopéa; e á mingoa de acontecimentos magnificos e verdadeiramente historicos, enche-os de palavras turgidas e balofas, perfeito contraste dos casos e acções insignificantes a que ellas se applicam.

A sua mania a este respeito é tal, é tam imperiosa a necessidade que a si proprio se impoz de encher fosse como fosse o tempo aliás vasio e ermo de successos,—que quando de todo lhe fallecem factos que mencionar, occupa-se em notar a mesma omissão pelo seguinte modo: «Sem outra memoria que possa «merece-la, entrou o novo anno de..., e continuou «do mesmo modo até o mez de maio.» Esta formula incrivel, que sempre dá para duas ou tres linhas, repete-se dezenas de vezes no decurso da obra.

Como Timon discrepa de tantas outras graves auctoridades, mesmo a respeito do merito puramente litterario della, não será de todo fóra de proposito justificar a sua opinião com provas tam simples como irrecusaveis. O leitor sem duvida as encontrará nos seguintes periodos, que copiamos textualmente.

«Discorria este commandante com fundamentos «muito vigorosos; mas em quanto a segunda parte, «parece que se esquecia dos mais seguros, nas desat«tenções de sua propria fama, querendo-se poupar «á mesma desgraça, em que deixava os mais com-

«panheiros, e com menos meios para faze-la ventu-
«rosa nos ultimos esforços da temeridade, favoreci-
«dos muitas vezes das inconstancias da fortuna, e
«avaliados sempre nos argumentos do valor pelos
«defeitos mais honrosos.»

«Deste negociado se promettia já o capitão-mór
«umas grandes vantagens para assegurar o feliz exito
«da sua expedição: porém os soldados, que tinham
«cabal conhecimento de que a infidelidade daquelle
«gentio respondia bem ás prerogativas do seu mesmo
«nome, desenganaram logo as suas esperanças com
«as verdadeiras informações, de que pedindo elle
«com muitas instancias dous dos seus companheiros
«para fazer a guerra a outros Tapuyas inimigos, de-
«pois de conseguir com as influencias de seu valor
«a victoria de todos, não só alimentara por muito
«tempo a brutalidade da sua gula do abominavel
«pasto dos vencidos, mas tambem reservava para ul-
«timo prato os seus bemfeitores, como desempenho
«o mais generoso nos documentos barbaros da sua
«fereza.»

«Era com tudo tam valerosa a sua opposição como
«a constancia que lh'a disputava; e multiplicando-se
«os estragos na mesma força dos argumentos, met-
«tia já horror aos inimigos a multidão dos seus ca-
«daveres; porém nada bastando para vencer a sua
«fortaleza, se contendia sobre a primazia das acções,
«com tanta igualdade na grandeza dellas, que duvi-
«dava da sentença a inclinação da mesma fortuna

«namorada de todas; até que desmentindo nesta oc-
«casião o nome de cega, quando mais se esforçavam
«ambos os partidos para o merecimento da justiça,
«com a morte de Mr. de Pizieux a declarou pelos
«portuguezes.»

«Dos indios inimigos escaparam só dos valerosos
«golpes portuguezes, os que fugiram delles; e ainda
«muitos destes, salvando-se tambem dos rigores do
«fogo, experimentaram nas lisonjas da agua seme-
«lhante perigo, perecendo afogados; infelicidade em
«que lhes fizeram companhia alguns dos francezes
«com epitaphio mais injurioso.

«Neste mesmo estado se tinha consumido muita
«parte da noite; e considerando já os destemidos
«portuguezes que os inimigos não poderiam ser ven-
«cidos no mar só aos golpes do ferro, (parece que
«suppondo-se metaphoricamente filhos de Neptuno)
«se valeram tambem dos instrumentos de Vulcano,
«applicando o fogo por muitas partes do navio; porém
«atalhado varias vezes com tanto arrojamento como
«fortuna, crescendo o furor com a porfia da disputa,
«se fez ainda mais sanguinolenta, até que cedendo
«um elemento a outro mais activo, se via já arder a
«embarcação nas mais vivas chammas, quando se re-
«tiraram os victoriosos ás suas canoas; mas conser-
«vando sempre, assim o valor, como a disciplina, na
«opposição dos ultimos esforços da desesperação dos
«hollandezes. Alguns destes, vendo-se acommettidos
«da voracidade do incendio, buscavam ainda a salva-

«ção das vidas, no refrigerio da agua, porém sendo «a mesma que havia poucas horas os sustentava, os «recebia como tumulo, que não costumam contar «distancias (fallando no sentido catholico) os acci- «dentes do destino; os mais segurando bem na sua «constancia a mais honrosa pyra, melhoraram muito «de sepultura.»

Até aqui narrações de batalhas de mar e terra; vejamos tambem cómo Berredo moralisava sobre as paixões humanas:

«Foi grande a perda de Francisco Coelho para o «estado do Maranhão; e se faria inconsolavel aos mo- «radores delle, se a larga duração do seu governo «lhes não tivesse tam estragado o gosto, que aquelles «dictames que nos primeiros annos profundamente «veneravam como vozes de Oraculo, os desfiguravam «já nos ultimos com uns discursos tam irreverentes, «que na resignação ainda mais rendida da sua obe- «diencia, lhe profanava o culto o mesmo sacrificio. «Mas este abominavel procedimento da inconstancia «dos homens, que ingratamente na sua morte tro- «cou em galas os merecidos lutos, ficou tambem ser- «vindo da mais honrosa pompa para o apparato das «exequias; porque, encarecido da malevolencia, como «monstruoso, o despacho de uma commenda da or- «dem de Christo, no mesmo exercicio do seu cargo, «como o regulavam os rectos juizos pelas ordinarias «attenções dos principes, deixava ainda muito mais «avultado o seu merecimento, perseguido com tal

«barbaridade da vileza do odio, que chegou a passar «a sua paixão além da sepultura.»

Agora a descripção de um rio, e da sua confluencia com o Amazonas;

«Pela mesma banda do Sul, oitenta leguas mais «abaixo do rio Curaray, desemboca no das Amazonas «o de Tuncuragua, que desce da provincia dos Maynas «com o nome usurpado de Maranhão; e arrogando «no titulo a propria magestade, até se faria respeitar «deste, sendo seu legitimo soberano, se detendo elle «algumas leguas antes o ordinario curso, lhe não «deixasse politicamente consumir o grande cabedal «das suas aguas, de que se alimenta tanta vangloria; «porque empobrecido na profusão do largo territorio «de uma legua, confessa logo vassalagem ao Maranhão «ou Amazonas, pagando-lhe tambem, para merecer «o perdão da sua rebeldia, além do titulo commum, «o de muitos e regalados peixes de varias qualidades.»

É força pôr aqui termo ás nossas citações, que já são de sobra, e fortes de mais para o gosto e paladar do tempo presente. Umas vezes quasi inintelligivel, outras ridiculo á força de ser empolado, sempre diffuso e palavroso, como falto da verdadeira critica e philosophia da historia, eis o nosso auctor, com quem Tacito em verdade entranharia de ver-se comparado, elle, cuja energica e vehemente concisão sempre fez o desespero dos mais dos commentadores e traductores. É bem de crer que desbastados os *Annaes* dessa multidão de palavras ociosas e de factos sem signifi-

cação, as suas setecentas enormes paginas in folio da primeira edicção se podessem reduzir a uma quarta parte quando muito.

Nisto todavia se é digno de censura, não o é menos de escusa o escriptor portuguez; os defeitos que lhe arguimos não são seus proprios, senão do seculo em que viveu, e a cujo máu gosto pagava um tributo quasi inevitavel.

Onde, porém, não merece nem censura, e nem precisa mesmo de desculpa, é na preferencia que deu aos assumptos portuguezes sobre os americanos e indios, cousa que lhe critica e exprobra o sr. Gonçalves Dias, em nosso conceito, com bem pouca justiça. «Berredo—diz elle,—escreveu, não a historia do Mara-«nhão, mas uma pagina das conquistas de Portugal. O «que lhe importa é a conquista, o que lhe interessa são «aquellas insignificantes commoções de uma cidade «dividida em classes tam disparatadas,—são as repre-«sentações da camara do senado,—as exigencias dos «colonos,—as ordens da metropole,—os comboios «annuos,—as digressões dos governadores,—os resga-«tes dos indios.»

Berredo tinha rasão. E porque motivo, em verdade, soldado e escriptor portuguez, pertencente á raça e sociedade portugueza, como todos nós lhe pertencemos, pelos usos, costumes, linguagem e idéas, havia elle de preterir os assumptos patrios para se occupar com a historia dessa pretendida Judéa do novo mundo, creada só pela imaginação poetica e phanta-

siosa do nosso critico? que mais interesse podiam offerecer essas obscuras e sanguinolentas guerras de tribus, seguidas de banquetes de carne humana, de danças burlescas, e de brutal embriaguez? porque é emfim que a historia da civilisação européa, em seu nascimento e nos seus progressos, se hade ter como cousa mais somenos que a historia de povos selvagens, da sua decadencia e extincção?

Timon ousa confessar que faria como Berredo, e pois que tem de fallar mais de espaço sobre este assumpto de indios, guardará para então a apreciação do *systema* do sr. Gonçalves Dias a tal respeito.

Gayoso occupa-se largamente do descobrimento da America, do Brasil e do Maranhão; dos primeiros donatarios deste estado, das suas mallogradas expedições; e depois de fazer um epitome da invasão e expulsão dos francezes e hollandezes, dá quasi por finda a parte historica do seu trabalho, e começa a geographica e estatistica, na qual, se não satisfaz completamente, é innegavel ao menos que accumula muitas noticias curiosas e interessantes. Infelizmente cerca de metade do seu volume é occupada com projectos que hoje não têm utilidade alguma, por haverem cessado os abusos que eram destinados a corrigir, e o auctor tam diffusamente enumera.

Este auctor não brilha muito pela sua philosophia e amor da humanidade, pois aconselha, posto que a

medo, ambiguamente, e apoiando-se no exemplo dos romanos, o emprego de meios violentos, e até da escravidão, para acabar com os indios, a cujas excursões attribuia os poucos progressos da agricultura. A escravidão dos negros, essa é formalmente justificada. O seguinte periodo acerca dos antigos conquistadores portuguezes dará por ventura uma cabal idéa dos seus sentimentos e principios: «Que direi eu do «ardente zelo desses homens extraordinarios pela «propagação do evangelho? Com a espada em uma «mão, e a biblia em outra, elles gravaram os seus «nomes nos annaes da igreja; arvoraram o estandarte «do Deus da paz no meio dos paizes idolatras, e obri«garam aquelles cegos povos a receberem o cate«chismo, a abrirem os olhos, e a reconhecerem a luz «da verdade, uns á custa da vida, e outros da liber«dade!»

Quanto ao seu merito litterario, será assás dizer-se que se a leitura do *Compendio* não é insuportavel e fastidiosa como a dos *Annaes Historicos*, a obra não se recommenda todavia por qualidade alguma digna de menção,

---

O opusculo do coronel Lago, pequeno folheto de noventa paginas em quarto, póde-se dizer que é uma obra exclusivamente geographica e estatistica. Nesta parte o seu merecimento é indisputavelmente supe-

rior ao dos outros dous escriptores que o precederam, e o que lhè dá sobretudo grande valor são dezesete mappas que o auctor annexou-lhe acerca do clima, producções, commercio, industria, população, exportação, importação, receita e despeza, e administração civil, ecclesiastica e militar da provincia.

Na parte propriamente historica, fez como Gayoso, compendiou ainda mais summariamente a Berredo, só no tocante ás invasões dos francezes e hollandezes. Parece que todos elles andavam apostados a escrever sómente de guerras estrangeiras ou tumultos civis, não lhes passando sequer pela idéa que o desenvolvimento gradual, posto que vagaroso, da nossa civilisação colonial, fosse um assumpto tam historico, como qualquer outro, e onde o espirito curioso e indagador acharia uma ampla messe de factos, e um campo vastissimo para observações. A só extincção e expulsão dos jesuitas, e estado das suas missões e estabelecimentos nessa epocha, o gráu de sua influencia, a importancia das suas riquezas, o quanto ellas fundiram confiscadas e postas em leilão, e emfim a maneira mesmo por que se poz em execução esta grande e estrondosa medida,bastariam para encher muitas paginas agradaveis e interessantes.

Desta omissão resulta que a contar de 1718, epocha em que terminou a chronica de Berredo, até os tempos modernos em que a imprensa vulgarisa tudo, pouco ou nada se sabe da historia do Maranhão. En-

tre os primeiros e os ultimos tempos, ha um grande seculo de obscuridade.

Sób o ponto de vista litterario, o coronel Lago é completamente nullo; e não é pouco singular, mesmo em relação á contextura material do seu escripto, que elle desdobre ás vezes dez e vinte paginas de um só jacto, sem dividir sequer as materias em paragraphos, passando sem transicção, e por bem dizer, quasi sem tomar folego, da descripção dos rios á dos gados, á dos homens, das fructas, dos passaros, e dos peixes. Para alardear erudição cita de vez em quando ora versos, ora auctores estranhos, cujo texto transcreve na propria lingua; e quando quer discretear e mostrar-se amavel, compara a formosura, agrado e espirito das senhoras maranhenses com o aroma e sabor do ananás abacaxy!

A *Jornada* de Diogo de Campos occupa-se exclusivamente da invasão dos francezes, e a *Memoria* do senr. dr. Magalhães indica no seu titulo o assumpto de que tracta: estes trabalhos, como o assumpto sobre que versam, serão apreciados em occasião opportuna.

Timon não se propõe a supprir o que falta nestes nossos escriptores, dando uma historia geral do Maranhão, e organisando uma estatistica completa. Faltam-lhe para isso uma infinidade de recursos, estu-

dos especiaes, e sobretudo o tempo, que, absorvido em outras tarefas, não lhe sobra de nenhum modo para andar compulsando os nossos archivos publicos. Estes mesmos devem de estar hoje bem pobres de documentos que possam ministrar algumas noticias; ha quarenta annos, quando escreveu Gayoso, não seria certamente assim; mas de então para cá, os monumentos e registros, passando com tanta presteza de umas para outras mãos, no meio de tantas reformas de repartições, se foram gradualmente consumindo e extraviando; e o pouco que nos restava, levou-nos ha cousa de dous annos o senr. Gonçalves Dias, por ordem do governo central, e antes que de todo se perdesse. [1]

Além disso, é nossa opinião que das pequenas provincias de um estado, não é mister escrever um corpo completo de historia; bastam simples e modestas memorias, que sirvam depois ao trabalho complexo que comprehenda o todo.

Com esta opinião, e na estreiteza de recursos em que nos vemos, a nossa tarefa consistirá em colligir, refundir, reduzir e comparar o que anda disperso ou disparatado nos auctores que acabámos de indicar, e

[1] No XVI volume da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, de pag. 370 a 384, encontram-se o relatorio sobre os archivos do Maranhão, e a relação dos documentos, que o dr. Gonçalves Dias enviou para os archivos do Rio. Quanto aos livros da camara municipal, que andam por 12, já esta os reclamou do governo central.

(Dos REDD).

em outros livros e documentos que temos podido haver á mão, e citaremos no logar proprio. Talvez a nossa apreciação, feita do ponto de vista actual, e segundo as idéas que hoje vogam, illuminando as profundezas e obscuridades do passado, dê aos mesmos factos já referidos, uma côr e apparencia diversa, e por isso mesmo nova.

Nem seguiremos a ordem chronologica, nem escreveremos de tudo, de principio a fim, sem interrupção alguma. Ao contrario, tractaremos cada assumpto separadamente, e segundo a diversidade delles, saltando de umas para outras epochas, conforme as noticias que dellas se nos proporcionarem.

Á volta das narrações historicas e onde couberem, irão as promettidas considerações sobre as diversas classes da nossa população.

Será de algum proveito éste trabalho? o publico di-lo-ha. Da nossa parte entendemos que em só reproduzir pura e simplesmente o que anda por ahi disperso, já não fazemos pequeno serviço, principalmente attendendo-se a que os exemplares de Diogo de Campos, Gayoso e Lago são hoje raros, e rarissimos seriam os de Berredo, a não ter sido a segunda edicção de 1850.

Seja como fôr, ao concluir esta introducção, rogamos aos nossos leitores que tomem este trabalho só pelo que elle vale, e verdadeiramente é—simples memorias ou apontamentos, como tantos outros que é de uso publicar em revistas litterarias, sem nenhu-

mas pretenções ambiciosas. Tanto mais que nem pretendemos supprir as faltas que arguimos nos escriptores passados, nem mesmo dispôr materiaes para os futuros; que o nosso fim principal, senão unico, é entreter a curiosidade *actual* dos nossos benignos leitores, e nada mais.

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DO MARANHÃO.

LIVRO I.

Descobrimento da America e do Brazil—Primeiras tentativas para o descobrimento do Maranhão—Naufragios de Ayres da Cunha e de Luiz de Mello—Narrações de João de Barros e de Severim de Faria—Conjecturas sobre a epocha e logares destes naufragios, e sobre as forças da expedição de Ayres da Cunha—Erros dos antigos exploradores e dos seus chronistas—O novo mundo dividido entre os reis de Portugal e de Hespanha—Famosa bulla de partilha do papa Alexandre VI—Formulas singulares das doações do capitanias, e dos autos de posse.

Ao acaso foi em grande parte devido o descobrimento da America e do Brasil. Não quer isto dizer que Christovam Colombo discorresse á toa e de aventura pelos mares, quando pela primeira vez deu vista do vasto continente que hoje habitamos. É bem sabido que os seus immensos estudos, e sobretudo as inspirações do seu grande genio é que o determinaram a uma tentativa tanto mais arrojada e gloriosa, quanto era quasi geralmente reputada por mero sonho de uma imaginação exaltada. Não era porém

em busca do novo-mundo, nem sequer suspeitado, que Colombo partira dos portos de Hespanha, senão para se abrir um novo caminho ao oriente, com que escusasse as longas e trabalhosas derrotas então conhecidas ou tentadas; tanto assim, que ao avistar as nossas plagas suppoz que tinha diante de si o Cathay ou a India, engano em que algum tempo andou confirmado.

Quanto a Pedro Alvares Cabral, desse é que se póde afoutamente dizer que deveu o descobrimento do Brazil, não a proposito ou intenção deliberada que tivesse de acha-lo, senão ao puro accidente de uma tempestade que o arrojou ás paragens que elle mesmo denòminou—Porto Seguro—pelo abrigo que nellas encontrou.

Já alguns mezes antes delle, Vicente Yanes Pinçon, um dos companheiros de Colombo, segundo referem Berredo e outros, a quem segue, havia aportado ao Brazil, na altura do Cabo de Santo Agostinho, a que chamou da Consolação, onde desembarcou, repelliu alguns Tapuyas que o accommetteram, e para logo se tornou ao mar, deixando esculpidos n'algumas arvores o proprio nome, os dos reis a cujo serviço andava, bem como a data do successo. Seguindo depois ao norte, avistou o famoso Amazonas ou Maranhão, passou o cabo do Norte, e deu o seu nome a outro rio que mais avante descobriu. Entretanto Robertson, na sua *Historia da America*,, tractando do descobrimento de Cabral, diz que Pinçon se havia ape-

nas aproximado do Brazil, sem chegar comtudo a tocar nelle.[1]

Seja como fôr, não nos parece ponto digno de averiguar-se, á custa de tam laboriosas investigações, qual destes ousados aventureiros se mostrou primeiro e tam de passagem nestas regiões; que não é grande o seu merito delles, nem dos corsarios e piratas que depois infestaram as mesmas paragens, em andarem velejando ao longo da costa, e tomarem terra em uma ou outra enseada, para se refazerem do quebramento e cançaço da viagem, deixando por unico rasto e memoria de sua passagem, erigida alguma tosca cruz de madeira, ou cravado algum marco de pedra na plaga deserta e abandonada.

Não obstante, os antigos chronistas e historiadores armaram grandes disputas sobre isso, não menos que acerca da origem e etymologia do nome de— Maranhão. Quanto ao ultimo ponto, o mais provavel é ter sido semelhante nome derivado do de al-

[1] Não foi tanto ao puro accidente de uma tempestade, que deveu Cabral ser arrojado á costa do Brazil, senão tambem ás correntes occeanicas, que ignorava, e que o impelliram, sem que elle o sentisse, para terras que não procurava. Antes d'elle tres tentativas tinha já feito a Hespanha com o fim determinado de descobrir terras da America. A primeira foi dirigida por Alonso de Hojeda, que em fins de junho de 1499 achou-se em uma terra alagada, naturalmente sobre a fóz do Apody, a 5° ao sul da equinoxial. Vicente Yanes Pinçon aportou ao cabo de Santo Agostinho a 25 de janeiro de 1500. A terceira, emprehendida por Diogo de Lepe, chegou ao mesmo cabo um mez pouco mais ou menos depois de Pinçon, e discorreu como elle pela costa até o Amazonas. (DOS REDD.)

gum desses transitorios descobridores, pois o appellido de—*Maragnon*—, aportuguezado depois, já de muitos séculos atraz era conhecido na Hespanha. Entre outras conjecturas a tal respeito, refere ainda Berredo que o nome podia vir das *traidoras maranhas* que Lopo de Aguirre, um dos primeiros exploradores, armára a um seu companheiro; e o famoso padre Antonio Vieira, zombando a seu modo, e usando dos costumados trocadilhos, disse que o Maranhão não queria significar outra cousa, senão—*maranha grande*.

É de notar que este nome foi dado no principio ao Amazonas, e não á nossa ilha e provincia, para onde seguramente passou em virtude de algum engano ou falsa supposição dos primeiros exploradores, confirmado depois pelo uso e pelo tempo. Berredo pretende que os que escaparam ao naufragio de Ayres da Cunha, querendo ennobrecer a sua desgraça, assoalharam de volta á metropole que ella tivéra logar na bocca do gigante dos rios; mas esta conjectura parece assentar menos na realidade de um facto, que na maneira de ornar o estylo que usava aquelle auctor.

Deixemos porém estas pueris discussões, e passemos ás emprezas verdadeiramente dignas de memoria, como são os descobrimentos e explorações dos

homens de genio e de sciencia, e depois dellas, a posse permanente com animo de povoar, cultivar e civilisar o paiz descoberto.

A primeira expedição desta natureza, que se tentou para o Maranhão, foi a de Ayres da Cunha, socio com Fernão Alvares de Andrade do insigne historiador João de Barros, a quem el-rei D. João III fez doação desta capitania, no anno de 1531, como mercê de seus muitos serviços. Vejamos primeiramente o que sobre esta mallograda tentativa escreveram o proprio João de Barros e outros auctores antigos.

«El-rei D. João III (diz Barros na sua Decada 1ª) re«partiu em doze capitanias a provincia de Santa Cruz, «dadas de juro e herdade ás pessoas que as têm. Os «feitos da qual, por eu ter uma destas capitanias, me «tem custado muita substancia de fazenda, por rasão «de uma armada que em parçaria com Ayres da Cu«nha e Fernão Dalvares d'Andrade, thesoureiro-mór «deste reino, todos fizemos pera aquellas partes o «anno de quinhentos trinta e cinco. A qual armada «foi de novecentos homens em que entravam cento e «treze de cavallo, cousa que pera tam longe nunca «sahiu deste reino, da qual era capitão-mór o mes«mo Ayres da Cunha: e por isso o principio da me«licia desta terra, ainda que seja o ultimo dos nos«sos trabalhos, na memoria eu o tenho vivo, porque «morto me deixou o grande custo desta armada, sem «fructo algum.»

Manuel Severim de Faria, que escreveu a vida

deste historiador, dá sobre aquella expedição, e as causas e rasões que a persuadiram e frustraram, noticias mais copiosas. «Neste tempo (refere elle) quiz «el-rei D. João III mandar povoar a provincia de San«ta Cruz, vulgarmente chamada Brazil, que Pedr'al«vares Cabral, levado da força dos ventos descobriu «nas primeiras praias do mundo novo, indo pera a «India, no anno de 1500. E pera se a povoação fa«zer com mais facilidade e menor despeza da fazen«da real, repartiu el-rei aquella provincia em varias «capitanias na fórma que os reis primeiros fizeram «povoar as ilhas achadas no mar Oceano; mas não «foi igual o successo porque sendo cada ilha uma pe«quena porção de terra, onde não havia habitadores «que defendessem a entrada aos estrangeiros, foi fa«cil cousa povoar cada capitão a sua, ajudando-se «principalmente da visinhança do reino, e da pres«tança que umas ás outras se faziam por estarem per«to e quasi á vista. Porém no Brazil, como cada ca«pitania era de cincoenta leguas de costa, e habita«da de gentes guerreiras, tendo o soccorro de Por«tugal duas mil leguas distante, e cada capitania tam «fraca que não podia soccorrer a visinha, vieram as «mais destas povoações, que intentaram os donatarios, «a perecer de todo, e só quasi tiveram bom successo «as que os reis tomaram pera si, porque, como as «fazendas neste reino, pela estreiteza delle, sejam «muito limitadas, não tiveram aquelles povoadores «cabedal pera se valerem de novo soccorro, se pade-

«ceram qualquer infortunio, principalmente nos prin-«cipios. João de Barros, comtudo, como era de nobre «espirito, e desejoso de se empregar em cousas gran-«des, pediu a el-rei uma destas capitanias, e elle lh'a «concedeu, de jure e herdade, com os privilegios e «isenções das outras; mas alcançando bem as difficul-«dades da empreza, determinou dar parte della a Ay-«res da Cunha e a Fernão de Alvares de Andrade, «thesoureiro-mór do reino, pera com este cabedal «maior poder reduzir a empreza a prospero fim. «Fez-se por parte desta companhia a maior armada «que pera aquellas partes até então tinha ido, por-«que se aprestaram dez navios com novecentos ho-«mens, dos quaes eram mais de cento de cavallo, e «com todo o necessario pera a jornada, de manti-«mentos, munições e artilharia, se fizeram á véla «no anno de 1539, indo por capitão o mesmo Ayres «da Cunha, que levava comsigo dous filhos de João «de Barros.

«Era a capitania, que lhe coube em sorte, a do Ma-«rànhão, parte septentrional do Brazil, e a mais en-«nobrecida delle em grandeza de rios, fertilidade de «plantas, abundancia de animaes, e fama de riquis-«simas minas. Foi este rio descoberto por Vicente «Annes Pinçon no anno de 1499,[1] pela coroa de Cas-

[1] O descobrimento de 1499 não é de Pinçon, mas de Alonso de Hojeda.

(DOS REDD..)

«tella; mas por estar na demarcação da conquista «deste reino, deixaram depois os castelhanos de o «povoar. Chegado Ayres da Cunha á barra do Ma«ranhão, com a pouca pratica que ainda os pilotos «tinham della deu em uns baixos que tem á entrada, «por espraiar ali o mar muito, em que se perdeu «com toda a armada, sahindo só alguma gente em «terra em uma ilha que está na boca do rio, onde «se conservaram algum tempo, fazendo pazes com os «gentios Tapuyas, que por aquellas praias habitavam, «até que vendo que não podiam levar avante a po«voação por falta de gente, e mais cousas necessa«rias, se tornaram pera o reino. Deste modo ficou «desamparado aquelle porto e conquista até o anno «de 1614, em que el-rei D. Filippe 2º de Portugal «enviou Jeronymo de Albuquerque Coelho, de Per«nambuco, com uma armada para fundar uma nova «colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com «igual esforço desbaratou um bom numero de fran«cezes, que o assaltaram para o fazer deixar o sitio, «querendo-se conservar sómente nelle, per uma for«taleza que já tinham na ilha, a qual pouco tempo «depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com «que os nossos ficaram de todo senhores daquelle «porto, e a nova colonia vai cada dia em maior cresci«mento, por os soccorros com que S. Magestade lhe «tem mandado acudir. Donde se vê claramente que «semelhantes emprezas de conquistar e povoar no«vas terras, não se pódem reduzir a perfeito fim per

«homens particulares, especialmente neste reino, se-
«não per principes e republicas.

«Este tam desgraciado successo deixou a João de
«Barros mui gastado de fazenda, perdendo tam gran-
«de cabedal como naquelle negocio tinha mettido,
«sem nenhum fructo; mas foi tal seu animo que, com-
«padecendo-se do infortunio de Ayres da Cunha e de
«outros, pagou ainda por elles o em que ficaram
«empenhados pera esta empreza, como testifica An-
«tonio Galvão.»

Preferimos a narração singela e elegante deste escriptor, que floreceu um século depois dos successos que narra, ás turgidas e affectadas amplificações do seu compilador Berredo, não só como mais agradavel, senão porque como mais proxima aos ditos successos, se deve characterisar como mais authentica. Entretanto não haverá nada que arguir contra a veracidade desta exposição? Vejamos, e arrisquemos algumas considerações a tal respeito.

Logo se torna digno de reparo o discrepar Severim de Faria do proprio João de Barros na data da expedição, dizendo este que foi em 1539, e aquelle, em 1535.

O sr. Varnhagen nos seus commentarios ao *Roteiro* de Gabriel Soares diz que verificou no archivo da Torre do Tombo não só que a expedição reali-

sou-se por outubro de 1535, mas tambem que a capitania não era sómente de cincoenta leguas de costa, senão de duzentas e vinte e cinco, por ser doação mixta, e composta das que parcialmente se haviam feito a João de Barros, Ayres da Cunha e Fernão Alvares.

E onde seria o naufragio? que barra é essa do Maranhão de que nos falla Severim de Faria, e qual essa ilha povoada de Tapuyas, qne ficava á boca do rio? que rio finalmente seria este?

É evidente que tanto aquelles navegantes, como os primeiros escriptores que referiram o seu naufragio, confundiram por ignorancia as paragens em que demora a nossa ilha com as bocas do Amazonas; e o certo é que se consultamos as relações que temos presentes, tudo é confusão e contradicção.

Berredo escreve que o naufragio verificou-se defronte da ilha do Medo, junto ao Boqueirão, e que á mesma ilha, bem povoada de Tapuyas, se acolheram os naufragos, mas que ali se não poderam conservar por muito tempo *pela total falta dos meios necessarios.*

Beauchamp (Tom. 1º L. 4º) diz que os naufragos, suppondo estar á boca do Maranhão que lhes ficava a mais de cem leguas, abordaram a uma ilha a que deram este nome, o qual só veio a perder cerca de cincoenta annos depois, tomando então o de—*Ilha das Vacas.*

Gabriel Soares, no seu *Roteiro do Brazil*, escripto

no anno de 1570, diz: «Tem este rio do Maranhão na «boca, entre ponta e ponta, dellas para dentro, uma «ilha que se chama das *Vacas*, que será de tres le«guas, onde esteve Ayres da Cunha, quando se per«deu com sua armada nestes baixos; e aqui nesta «ilha estiveram tambem os filhos de João de Barros, «e a tiveram povoada quando tambem se perderam «nos baixos deste rio, onde fizeram pazes com o «gentio Tapuya, que tem povoada parte desta costa, «e por este rio acima, onde mandavam resgatar man«timentos, e outras cousas para remedio de sua man«tença.»

E o sr. Varnhagem finalmente, nos seus já citados commentarios, nos diz tambem por seu turno: «Que «á vista da posição em que se indicam os baixos, de«duz-se que o auctor se refere á bahia de S. José; e «*por tanto,* a ilha em que naufragou Ayres da Cunha, «deve ser a de Sancta Anna, que *terá* a extensão que «lhe dá Soares, quando a do Medo ou do Boqueirão «não tem uma legua!»

Que a ilha do Medo, pequeno combro arido, pedregoso, e sombreado de matos baixos e infructiferos, não fosse o asylo dos portuguezes, bem o cremos nós, pois de tempos immemoriaes é ella conhecida por inhabitavel, sempre deserta, e sem uma simples choupana sequer, por ser de todo esteril, e balda dos recursos mais indispensaveis á vida. Em vez de uma legua, não tem mais de quatrocentas a quinhentas braças na sua maior extensão.

Mas que o fosse a ilha de Sancta Anna, é o de que nós muito duvidamos. O coronel Lago no seu—*Roteiro*—citado no *Roteiro Geral* da Academia das Sciencias de Lisboa, diz que ella tem 2;300 braças de comprido, 1;600 na maior largura, e 650 na menor, sendo quasi toda d'arêa, apenas com alguns raros mangues, e inhabitada por falta d'agua. Já por esta descripção, feita por um homem da sciencia que a explorou, se vê claramente a enorme differença que vae della para essa pretendida ilha das Vacas, de tres leguas de extensão, e povoada de Tapuyas. Acresce que segundo as informações que ora temos, a área desta ilha está reduzida á metade do que era quando Lago a descreveu; o mar vae diariamente devorando aquellas arêas, a ponto tal que o pharol ali construido ha cerca de vinte cinco annos, em distancia de cento e cincoenta braças da preamar, é hoje batido pelas vagas nas marés vivas. Dir-se-ha que pela mesma rasão devera de ser mais extensa ha trezentos annos. Seja:—porém habitavel um vasto areal nú e desabrigado? O grupo de ilhas que em seguida á de Sancta Anna se prolongam na direcção da costa (a da Mariana, do Garrafa, e outras) são todas igualmente inhabitaveis, e não passam de immensos lodaçaes cobertos de mangues.

É singular que o sr. Varnahagen, no anno de 1851, fundasse a sua conjectura nesta relação de Gabriel Soares, tam evidentemente inexacta, e escripta com tam pouco conhecimento das cousas, que nella se fi-

guram duas diversas expedições—de Ayres da Cunha—e dos filhos de João de Barros—quando houve uma só de todos elles.

Não haverá pois remedio senão confessar que não é possivel atinar hoje com o logar certo destes naufragios; e se havemos de ater-nos a conjecturas, será antes de presumir que os infelizes navegantes se salvaram na nossa propria ilha, ou n'algum ponto das costas visinhas, senão é que o naufragio succedeu muito ao sul ou ao norte destas paragens. O que é porém de todo inadmissivel é que as ilhas actualmente denominadas do Medo e de Sancta Anna podessem jámais servir de habitação pérmanente a homens civilisados ou selvagens, salvo por meio de algum estabelecimento supprido de fóra, como agora succede ao pharol.

Os primeiros navegadores, e os que logo depois escreveram as suas viagens, confundiram frequentemente as ilhas com a terra firme, e vice-versa, bem como os rios, enseadas, e paragens mais distantes, umas com as outras, concorrendo não pouco para isso as frequentes mudanças e alterações de nomes nos diversos pontos da costa, que tem variado infinitamente desde a epocha dos descobrimentos, como se póde ver pela comparação dos roteiros de Soares, Diogo de Campos, Pimentel, Gama e outros.

O nosso proprio Berredo, que em geral é escrupuloso, cahe nestes erros a cada passo. Elle faz, por exemplo, os portuguezes estabelecidos em uma ilha

do Pereá, o que poderá ser exacto; mas da relação de Diogo de Campos, a quem quasi sempre seguiu, infere-se que a expedição se estabelecera na terra firme.

Em outra parte diz Berredo que quando Alexandre de Moura veio em 1615 expellir daqui os francezes, levantara um forte chamado da Sardinha, defronte desta cidade, na *ilha* de S. Francisco. Ora o que ha defronte da cidade, e á margem direita do rio Anil, é a denominada ponta de S. Francisco, onde é bem sabido que se fundou esse forte. A referida ponta se prolongava antigamente muito mais pelo mar dentro, porém as barreiras tem ido esboroando gradualmente, por maneira que tanto as ruinas do forte como um poço empredrado que havia juncto a elle se tem alluido de todo. Ilha porém, se jámais a houve, foi tragada pelas aguas, o que não é muito de presumir.

No livro 1.º n.º 21 dos *Annaes*, descrevendo elle a nossa ilha, diz que uma grande bahia a separa da terra firme da parte de léste, pela distancia de duas leguas, e tres pela de oeste; mas que pela do sul, só um pequeno rio chamado dos *Mosquitos*, com menos largura de tiro de espingarda. Porém no livro 11.º n.º 765, esquecido do que ficara já escripto, refere que os hollandezes com a sua armada embocaram pelo rio chamado da Bacanga, *que divide a ilha da terra firme pela banda de léste, na distancia de tiro de canhão!*

Se isto acontecia a Berredo, que das janellas do

seu palacio (bem modesto devia elle ser) podia a todas as horas lançar os olhos para a tal ilha ou ponta de S. Francisco, que diremos nós dos outros, que só se guiavam por informações exageradas e erroneas?

Mas todas estas contradicções dos antigos historiadores, que para o diante teremos de ver reproduzidas a tantos outros respeitos; todas estas duvidas, incertezas e obscuridades nos conduzem ainda a outra duvida não menor acerca da propria expedição de Ayres da Cunha. A armada seria com effeito de dez velas, e transportaria um exercito de novecentos homens, e cento e treze, ou cento e trinta cavallos, como assevera Galvão? Apesar da grande auctoridade de João de Barros, que o affirma tam desenganadamente, e era parte mui principal na empreza, é licito pelo menos hesitar, antes de acolher um facto tam extrordinario, como o de um armamento tam gigantesco, sobretudo para aquelles tempos. Por mais avultadas que fossem as riquezas do feitor da casa da India, e do thesoureiro-mór do reino, é certo que se não podiam medir com as dos monarchas seus soberanos. E se o braço real nunca foi podoroso então para fazer abalar tam crescidas forças, como se-lo-iam tres simples particulares associados?

Severim de Faria cahe em palpavel contradicção admittindo sem critica este formidavel armamento, como o qual nenhum outro tinha havido, e asseverando ao mesmo tempo que os particulares não eram cabaes por suas posses para fundar colonias no Brazil,

senão principes e republicas, attenta a limitação das fazendas, e a estreiteza e pouco cabedal do reino. [1]

Ora a historia refere que a prodigiosa expedição de Vasco da Gama ao Oriente foi só de quatro navios, (um dos quaes de simples transporte com mantimentos e munições de sobresclente) e cento e setenta homens de mar e terra. E em 1549, muitos annos depois da expedição de Ayres da Cunha, determinando el-rei de fundar na Bahia um governo proprio, na poderosa armada em que mandou a Thomé de Souza por seu primeiro governador e capitão general, vieram não mais de mil homens, sendo destes, quatrocentos degradados, e apenas seiscentos homens de tropa regular, e colonos. [2] E a primeira expedição que em 1614 sahiu de Pernambuco e outros pontos, ao mando de Jeronymo de Albuquerque, para expulsar os francezes do Maranhão, era de dous navios, uma caravela, e dous caravelões, com pouco mais de quinhentos homens entre soldados, homens de mar, e indios auxiliares.

Na monarchia hespanhola, muito mais consideravel, e apesar de todos os esforços de Isabel, a catholica, e de Colombo, a expedição que descobriu a

[1] Far-se-ha idéa das riquezas da epocha, e das possibilidades do donatario, sabendo-se que em razão da ruina que soffreu pela perda da armada, e attendendo ás difficuldades em que o via, el-rei D. Sebastião lhe perdoou seiscentos mil reis que o erario regio lhe adiantara para os gastos della!

[2] Mariz—*Dialogos de varia historia.*

America, não respondia nem á dignidade e possança da nação, nem á importancia da empreza, pois consistia apenas em noventa homens, embarcados em tres pequenos navios, a *Santa Maria*, a *Pinta* e a *Nina*, sendo que os dous ultimos não eram em verdade mais do que alterosas chalupas. Os mantimentos de que vinha provida esta formidavel esquadra estavam calculados para doze mezes, e toda a despeza feita com ella mal chegaria a oitenta mil cruzados da nossa actual moeda papel.

Quando Fernão Cortez partiu para a conquista do imperio de Montezuma, observa Robertson que não obstante haverem os hespanhoes de Cuba empenhado todos os seus recursos, despendendo o governo sommas consideraveis, fornecendo todos os estabelecimentos quanto havia em homens e provisões, e pondo cada aventureiro o melhor dos seus cabedaes, não houve quem se não espantasse da fraqueza do armamento, por nenhum caso proporcionado a tam gloriosa e arriscada empreza. A esquadra compunha-se de onze vasos, o principal dos quaes, pomposamente qualificado de náu-almiranta, não era de lotação maior de cem toneladas, tres outros apenas tinham de sessenta a oitenta, e os sete restantes eram umas pequenas barcas sem coberta. Em todos elles iam embarcados seiscentos e dezesete homens, dos quaes quinhentos e oitenta soldados, e cento e nove marinheiros.

Mas a expedição de Pizarro ao Perú ainda foi mais

mesquinha, pois a sua tropa não contava mais de sessenta e dous cavalleiros, e cento e dous infantes, dos quaes vinte e tres sómente iam armados de arcabuzes e mosquetes.

Á vista destes exemplos, as causas que assigna Severim de Faria á longa demora na povoação das capitanias, isto é, a debilidade dos meios dos particulares que a emprehendiam, ficam sendo, sobre contradictorias, absolutamente inadmissiveis, pois a armada de Ayres da Cunha seria ella só tam poderosa como as de Colombo, Vasco da Gama, Cortez e Pizarro reunidas. É innegavel, sim, que as largas distancias de umas á outras capitanias, e de todas ellas para a metropole, reunidas á grande ignorancia daquelles tempos acerca da navegação e da construcção naval, difficultavam em extremo os novos estabelecimentos em um paiz todo inculto, e infestado de selvagens ferocissimos; mas estas não eram as unicas causas, e outras não menos obnoxias se podem achar no luxo e abuso dos apparelhos e armamentos militares. Dava-se então mais apreço ás artes da guerra que ás da paz; e as nações da Europa cuidavam menos em cultivar e civilisar as regiões que a Providencia entregára ao seu dominio, que em disputar umas ás outras de mão armada, regiões vastissimas e incultas, onde todas podiam folgadamente caber, e que ainda todas reunidas não seriam cabaes a povoar como cumpria. Não comprehendemos nada de mais absurdo do que mandar João de Barros quasi um exer-

cito, com cento e trinta cavalleiros, e boa e grossa artilharia, a um paiz mal conhecido, coberto de bosques inextricaveis, e mal povoado de selvagens nús. Em vez de armas, soldados e cavallos de guerra, o de que se havia mister era de missionarios, lavradores e artistas, com os instrumentos pacificos das suas respectivas profissões, protegido tudo por uma rasoavel, modesta e proporcionada força militar. Mas os espiritos inclinavam então a outros propositos; só phantasiavam guerras e combates; e mal desembarcava uma expedição em qualquer enseada, o primeiro cuidado dos seus cabos todo se ia em ver se o sitio era defensavel, por mar e por terra, registando-se todos os pontos em roda, até acharem logar accommodado em que se assentasse fortaleza.

A mania a este respeito era tal, que os chronistas e historiadores portuguezes, escrevendo das cousas do Brazil, paiz essencialmente agricola e commercial, o assumpto que mais amam, de que tractam com visivel preferencia, e com que enchem os nove decimos dos seus livros, são as guerras e conquistas, fazendo continuo alardo das armadas, fortalezas, tropas, expedições e combates interminaveis.

Já o padre Antonio Vieira entrevira de algum modo, e em parte, este grandissimo erro, pois com quanto se tractasse, não já de povoar uma terra inculta, mas de uma guerra regular com um inimigo tam formidavel como eram os hollandezes, escrevia em 1665 ao rei D. João V: «Para a guerra basta um sargento-

«mór, e esse dos da terra, e não d'Elvas nem de «Flandres; porque este estado, tendo tantas leguas «de costa e de ilhas e de rios abertos, não se hade «defender, nem póde, com fortalezas, nem com exer«citos, senão com assaltos, com canoas, e principal«mente com indios, e muitos indios; e esta guerra só «a sabem fazer os moradores que conquistaram isto, «e não os que vêm de Portugal. E bem se viu por «experiencia que um governador, que de lá veio, «Bento Maciel, perdeu o Maranhão, e um capitão«mór, Antonio Teixeira, que cá se elegeu, o restau«rou, e isto sem soccorro do reino.»

Mas já é tempo de continuar com a noticia das expedições. Errou Severim de Faria dizendo que com a perda da armada de João de Barros, os portuguezes desfalleceram de maneira, que abriram mão de novas tentativas, até o anno de 1614, em que el-rei mandou conquistar a terra de sua propria conta; porquanto havendo João de Barros feito desistencia da capitania, elegeu-se novo donatario na pessoa de Luiz de Mello da Silva, que velejando acaso nestas paragens, em busca de aventuras e descobrimentos, voltou tam enamorado do que vira ou imaginára das riquezas da terra, que a pediu; e el-rei não só lhe fez de boamente mercê della, senão que ainda o ajudou para a conquista com tres navios e duas caravelas. O anno em que esta expedição se partiu, não o sabemos ao certo; o coronel Lago diz no seu *Ensaio* que foi em 1539, que é o mesmo em que Severim

de Faria dá a de Ayres da Cunha; e Rocha Pitta, Beauchamp e o sr. dr. Antonio Rego que sem duvida os seguiu nos seus Almanaks de 1848, e 1849, a fazem até anterior a esta, pondo-a alguns delles em 1535. Nisto ha erro evidente, derivado de confusão que fazem estes escriptores entre a expedição positivamente encaminhada ao Maranhão, e as diversas viagens que fez Luiz de Mello ao longo da costa até a embocadura do Amazonas, e a ilha chamada Margarita, onde estacionou algum tempo. O sr. Varnhagen, porém nos seus já citados commentarios ao—Roteiro do Brazil—por Gabriel Soares, diz que a expedição effectuou-se no anno de 1554, o que parece mais provavel.

Beauchamp, o historiador francez, confunde não só as datas, mas ainda os factos e logares, neste e alguns outros pontos da nossa historia; e para que se faça uma idéa do pouco cuidado com que elle e outros auctores tractam estes assumptos, baste saber-se que chegóu a escrever na historia do Brazil que a primeira vez que Vasco da Gama foi á India, levou uma armada de quarenta velas!

Qualquer que fosse porém a data, Luiz de Mello foi tam infeliz na sua expedição, como os outros, pois naufragou tambem em uns baixos que o coronel Lago conjectura serem os dos Atins ou Corôa-grande, salvando-se só uma das caravelas, em que os desventurados navegantes voltaram a Portugal,

Sempre firme na sua idéa de povoar o Maranhão,

seguiu dali para a India a se refazer das forças que exhaurira naquella primeira facção, e ajunctando effectivamente grosso cabedal, voltava para o reino na intenção de o arriscar em nova tentativa, quando foi seguramente tragado pelo mar, pois nunca mais houve noticia da náu S. Francisco em que se havia embarcado no anno de 1573.

Depois da perda de Luiz de Mello, nada mais se tentou para o descobrimento do Maranhão, até a invasão dos Francezes; mas antes que passemos a esta nova epocha, façamos algumas considerações assim sobre estas tentativas, como sobre os principios, meios e fins que as regulavam. É ponto difficil de averiguar o que seja mais digno da admiração e sorpreza da posteridade, se o arrojamento com que um punhado de aventureiros, assistidos de forças tam mingoadas que mal bastariam hoje para atacar um quilombo de pretos fugidos, commettia e prefazia o descobrimento, conquista e submissão de regiões e imperios tam dilatados, já naquelle tempo tam poderosos, e que hoje em dia egualam uns, e outros excedem as respectivas metropoles em commercio, riqueza, população e influencia politica; ou se a largueza e munificencia, antes leviandade e imprevidencia com que então se doavam e repartiam centenas e milhares de leguas, as mais das vezes ainda por desco-

brir, e absolutamente ignoradas dos liberaes doadores;—justamente, e da mesma maneira por que mais tarde se concederam datas e sesmarias de uma, duas ou poucas mais leguas, ou bem recentemente ainda, senão mesmo agora, algumas dezenas ou centos de braças de realengos e terrenos de marinha.

Naquelles tempos, nada se tinha por seguro e perfeito, se a religião o não consagrava; e como além disso vogava a idéa de que todos os reinos da terra eram sujeitos ao papa, que tinha sobre elles direito de suzerania, os mais dos reis e conquistadores procuravam sempre assegurar nas concessões e protecção da sancta sé a legitimidade dos seus descobrimentos e dominios. O pretexto usual para as impetrações e concessões era a conversão dos infieis e a propagação da fé. Desde os principios do seculo decimo quinto, e mediante as supplicas e deprecações do famoso infante D. Henrique, o papa Calixto III havia concedido á corôa de Portugal todas as terras que descobrisse desde o cabo de *Não* até o continente indiano. Mais tarde, e por occasião das prodigiosas viagens de Colombo, o papa Alexandre VI fez igual doação a Fernando e Izabel, de todos os seus descobrimentos; e para que se não dessem collisões entre os portuguezes e hespanhoes, promulgou a sancta sé aquella famosa bulla chamada de partilha que, divi-

dindo o mundo em duas porções, por meio de uma linha imaginaria, tirada de pólo a pólo, cem leguas a oeste dos Açores (o coronel Lago diz trezentas leguas a oeste de Cabo-Verde [1]) concedeu tudo quanto ficava a oeste aos hespanhoes, confirmando-se depois os portuguezes em toda a parte oriental já concedida. Estas magnificas doações, já tam singulares em si, não o eram menos pela pessoa que as fazia, o papa Alexandre VI, pae dos Borgias, e um dos monstros mais abominaveis que têm infamado a historia e a especie humana. A sua estranha liberalidade desafiou da parte de Francisco I o seguinte espirituoso reparo:—Que desejava bem conhecer a verba do testamento de Adão que partilhava o novo mundo entre seus irmãos, o imperador Carlos V, e o rei de Portugal, excluindo-o a elle da successão !

Essas bullas, cartas de doação, e autos de pósse são documentos tam curiosos na fórma e na substancia, que julgamos prevenir agradavelmente o desejo dos nossos leitores, offerecendo-lhes aqui alguns delles como amostras do genero. Ei-los;

[1] A rasão da variedade que a este respeito se nota em alguns auctores é a seguinte. El-rei de Portugal achando que ficava muito lesado, tirando-se a linha cem leguas á oeste dos Açores e Cabo-Verde, reclamou contra esta pouquidade; e então o bom do papa, vendo que tinha muito onde cortar largamente, determinou que a linha corresse mais duzentas, e outros dizem, duzentas e setenta leguas ao oeste. O certo é que sem ter conta com ella, cada um se foi depois alojando onde o acaso ou a intenção o guiava; e não consta que a terra jamais faltasse aos povoadores.

«BULLA DO PAPA ALEXANDRE VI.

—«Alexandre, bispo, servo dos servos de Deus, ao «nosso muito amado filho em Jesus Christo, Fernando, «rei; e á nossa muita amada filha em Jesus Christo, «Izabel, rainha de Castella, de Leão, de Aragão, da «Sicilia, e de Granada, saude e benção apostolica.

«Entre todas as obras agradaveis á Magestade divina, «a que havemos por mais meritoria, principalmente «nestes nossos tempos, é a propagação da fé e religião «christã, e a salvação das almas, subjugadas as nações «barbaras, e reduzidas á mesma fé; por cujo respeito, «tomando assento nesta sagrada séde de S. Pedro, «não pelos nossos merecimentos, mas pela divina mi«sericordia, é tenção nossa, e nos praz de vos dar todos «os meios, occasiões, ajuda e favor para que prosigaes «cada dia, com o mesmo ardente zelo, em honra de «Deus e do imperio christão, em uma tam honrada e «sancta empreza, como tendes começada sob a inspi«ração e auxilio do Todo-Poderoso; considerando que, «como verdadeiros reis, e principes catholicos, que na «verdade sois, e é notorio a todo o mundo pelos vossos «grandes feitos, não só tendes os mesmos intentos que «nós, porém, o que ainda é mais, os pondes por obra «com todo o vosso poder, zelo ardente e boa diligencia, «sem ter conta com trabalhos e despezas de fazenda, «atravessando por damnos e perigos de toda sorte, e «derramando até o vosso sangue, como sobejamente «o provastes na conquista e restauração do reino de

«Granada, do poder e tyrannia dos sarracenos, com «tamanha gloria do vosso nome. E outrosim chegou «ao nosso conhecimento como já dantes havieis pro- «posto de fazer procurar e descobrir umas certas ilhas «e terras firmes ignotas e longinquas, para o fim de «reduzir os seus habitantes á fé e lei de nosso Redem- «ptor, em cuja sancta e louvavel deliberação fostes nada «menos estorvados pela sobredita guerra de Granada; «mas que, recobrado o qual reino, com ajuda do céo, «enviastes com grande esforço, e muito dispendio de «cabedaes, ao grande occeano, nunca d'antes navega- «do, a Christovam Colombo, varão insigne e cabal para «tamanha empreza, afim de procurar diligentemente «as ditas ilhas e terras firmes, que elle com effeito, «por sua muita diligencia, e depois de haver transposto «o oceano, achou bem povoadas de homens que vivem «juntos em boa paz, andam nús, comem carne, e «acreditam, segundo as relações dos vossos capitães, «em um Deus creador, que está no céo, os quaes pa- «recem muito capazes para abraçar a nossa sancta fé, «e os bons costumes, o que nos dá grandes esperanças «de que o nome de Jesus Christo, nosso salvador, se «hade propagar facilmente nessas terras e ilhas, uma «vez que seus habitantes sejam bem doutrinados. Além «de que, fomos informados que na mais principal «dessas ilhas, o dito Colombo edificou uma fortaleza, «e a guarneceu com alguns christãos tanto para a «guardarem como para tomarem informação de outras «ilhas e terras ainda não conhecidas; e que na sua

«volta trouxera por noticia que nas partes já desco-
«bertas havia abundancia de ouro, especiarias e outras
«muitas cousas a este modo preciosas; tudo o que, bem
«considerado por vós, mormente o que tocava á exalta-
«ção e dilatação da fé, como era proprio de principes
«tam catholicos, propozestes, seguindo os exemplos
«de vossos predecessores, de saudosa memoria, subju-
«gar com a assistencia divina todas essas terras e ilhas
«sobreditas, reduzindo os seus habitantes á fé christã.
«E considerando a vossa deliberação, e sendo o nosso
«mais ardente desejo ver começada e acabada uma
«tam honrada e sancta empreza, pelo sancto baptismo,
«e obediencia que deveis á sé apostolica, e pelas mise-
«ricordiosas entranhas de nosso Senhor Jesus Christo,
«vos exhortamos e intimamos para que quando pozer-
«des por obra este intento, seja o vosso primeiro cui-
«dado converter os habitantes dessas ilhas e terras fir-
«mes á religião christã, sem que jamais vos descor-
«çoem os perigos e trabalhos, pois deveis de ter fé no
«Todo-Poderoso, que hade sempre tirar a bom fim
«as vossas emprezas. E afim de ajudar-vos pela lar-
«gueza apostolica a tomar com maior animo o carrego
«de tamanha empreza sobre vossos hombros, de nossa
«propria, livre e espontanea vontade, e sem respeito
«a nenhuma petição e insinuação, que por vós ou por
«outrem nos fosse presente, e movidos sómente de
«nossa liberalidade e munificencia, nos praz de vos
«fazer mercê e doação, d'agora para todo sempre, de
«todas as ilhas e terras firmes já achadas e que se

«houverem de achar, descobertas e por descobrir, para «as bandas do occidente e meio-dia, tirando-se uma «linha recta do pólo arctico ao pólo antarctico, fiquem «ou não essas ilhas e terras firmes para as partes da «India, ou outro qualquer quarteirão do globo, sendo «nossa vontade todavia que essa linha corra em distan-«cia de cem leguas para o occidente e meio-dia das «ilhas chamadas dos Açores e Cabo-Verde.

«Assim que, pela auctoridade do Deus Todo-Pode-«roso, que nos foi dada na pessoa do apostolo S. «Pedro, e da qual gosamos, como Vigario de Christo «na terra, vos fazemos doação das ditas ilhas e terras «firmes, achadas e por achar, descobertas e por «descobrir, com todos os seus senhorios, cidades, «villas, castellos, aldêas, povos, logares, direitos, «jurisdicções e todos os mais pertences e dependen-«cias que tocar possam, uma vez que já não estives-«sem na posse de algum outro rei ou principe chris-«tão até o dia do derradeiro natal, em que começou «o presente anno de 1493. O qual dom nos praz tres-«passar na pessoa de vossos herdeiros e successores, «reis de Castella e de Leão, e os havemos e consti-«tuimos como senhores absolutos delle, com mero e «mixto imperio, pleno poder, auctoridade e jurisdic-«ção, salvos todavia os direitos de qualquer principe «christão, actual possessor, até o sobredito dia do «nascimento de Nosso Senhor. Outrosim vos orde-«namos que, e segundo a sancta obediencia que nos «deveis, e promessa que nos fizestes, e a qual con-

«fiamos que nos guardareis cumpridamente, visto a «grande devoção e real magestade que reluzem em «vossa pessoa, tracteis de enviar ás sobreditas ilhas e «terras firmes homens doutos, pios e tementes a «Deus para doutrinarem os seus habitantes na fé ca«tholica, e nutri-los de bons costumes, o que vos «havemos por muito recommendado, esperando que «nisso ponhaes grande zelo e diligencia. E por outra «parte, defendemos e prohibimos, sob pena de excom«munhão, a toda e qualquer pessoa, de qualquer es«tado, ordem, condição ou dignidade que seja, mesmo «imperial ou real, que vá ou mande sem permissão «vossa, ou de vossos sobreditos herdeiros e succes«sores, a algumas das ditas ilhas ou terras firmes, «já descobertas ou por descobrir, da banda do occi«dente e meio-dia, e segundo a dita linha que enten«demos tirar do pólo arctico ao antarctico, a cem «leguas de distancia das ilhas dos Açores e de Cabo-«Verde, e isto sem embargo de quaesquer outras «constituições e ordenanças apostolicas em contra«rio. E temos fé que o supremo Distribuidor dos im«perios e senhorios, guiará de maneira as vossas «obras, que vossos trabalhos e fadigas alcancem a «final um termo tam prospero e glorioso, como «nunca houve outro igual em toda a christandade.

«E porque fôra difficil que as presentes se promul«gassem, em todos os logares onde tocasse e conviesse, «somos servidos que se dê tanta fé, como aos ori«ginaes, a todas as copias authenticadas por notario

«publico, e selladas com o sello de qualquer pessoa «constituida em dignidade ecclesiastica, ou de qual«quer tribunal da igreja. E ninguem seja ousado a «infringir e quebrantar o que está determinado por «este nosso mandamento, exhortação, requisição, «doação, concessão, assignação, constituição, decre«to, prohibição e absoluta vontade. E se alguem for «ousado a contravi-los, seja certificado em como in«correrá na colera e indignação de Deus Todo-Pode«roso, e dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Dada em «S. Pedro, de Roma, no anno da Incarnação de Nosso «Senhor de 1493, aos quatro das nonas de maio, «e primeiro do nosso pontificado.»

Eis ahi agora um acto de tomáda de pósse de paizes descobertos na America, em nome do rei de Hespanha. Esta formula, pela primeira vez empregada por Hojeda, e sempre observada depois, foi redigida por uma commissão especial de theologos e jurisconsultos, e se encontra na Decada 1.ª de Herrera, Lib. VII, cap. 14.

«Eu Alonso de Hojeda, vassalo dos muito altos, e «muito poderosos reis de Castella e de Leão, vence«dores dos barbaros e infieis, e seu embaixador e ca«pitão, vos notifico e faço saber, munido dos plenos «poderes a mim conferidos, que Deus Nosso Senhor, «que é unico e eterno, creou o céo e a terra, assim «como o homem e a mulher, dos quaes descendemos

«nós e vós outros, e todos os mais homens que exis-
«tiram, existem, e hão de existir até o fim do mundo.
»Mas como aconteceu que as gerações successivas
«durante mais de cinco mil annos fossem dispersas
«pelas differentes partes do mundo, e se dividissem
«por muitos reinos e provincias, visto como uma terra
«só não era cabal para os soster e manter a todos;
«foi por rasão disso que Deus Nosso Senhor confiou
«o cuidado de todas as nações a um homem que se
«chamava Pedro, ao qual alevantou por senhor e ca-
«beça de todo o genero humano, afim que todos os
«homens lhe rendessem obediencia, sem escolha de
«logar em que nascessem, ou de religião em que
«fossem doutrinados, submettendo a esse intento a
«terra inteira á sua jurisdicção, e ordenando-lhe de
«assentar a sua residencia em Roma, que em verdade
«é o logar mais asado para a governação do mundo.
«E por igual lhe prometteu e conferiu o poder de
«dilatar e estender a sua auctoridade por todas as
«partes do mundo, onde mais quizesse, e de avassal-
«lar e julgar todos os christãos, mouros, judeus, ido-
«latras e quaesquer outros povos de qualquer seita ou
«crença que ser podesse. A este foi dado nome de
«Papa, que tanto monta como dizer—admiravel,
«grande, pae e tutor, sendo que com éffeito é o pae
«e regedor de todos os homens. Os que viveram no
«tempo deste sanctissimo padre o confessavam por
«seu rei e senhor, e como a tal, lhe obedeciam,
«transmittindo-se esta obediencia aos que lhe succe-

«deram no pontificado, como ainda hoje continúa, e «continuará, até a consumação dos seculos.

«E um destes soberanos pontifices, como senhor «universal da terra, fez mercê e doação destas ilhas, «e da terra firme do occeano, a SS. MM. CC., os sere-«nissimos reis de Castella, D. Fernando e Dona Isabel, «de gloriosa memoria, e a seus successores, nossos «soberanos, com tudo quanto nellas se achasse, como «tudo vem expresso nos autos que vos serão mostra-«dos, se o desejardes. Assim que, e em virtude da «sobredita doação, é S. M. rei e senhor destas ilhas, «e da terra firme, sendo que por tal o acclamaram e «reconhecem as mais das ilhas a quem se deu conhe-«cimento dos ditos autos e titulos, e nessa qualidade «de seu senhor legitimo que é, lhe rendem preito e «menagem, de muito bom grado e sem nenhuma «opposição. E como os ditos povos foram inteirados «da sua vontade, para logo se conformaram com ella, «recebendo a instrucção e doutrina que lhes ensina-«vam os varões que a esse intento lhes enviou S. M., «fazendo-se todos christãos, e continuando a se-lo, «não movidos de esperança alguma de galardões, ou «temor de castigo. S. M. que os acolheu com bon-«dade sob a sua poderosa protecção, foi servido de-«terminar que fossem todos tractados de feição, «como os outros seus subditos e vassallos. Estaes, «pois, adstrictos e obrigados a portar-vos do mesmo «modo, pela qual rasão vos peço e rogo hajaes de re-«flectir maduramente em tudo quanto vos acabo de

«propor, afim que possaes reconhecer a igreja por «soberana e guia universal, e o sanctissimo padre, «chamado papa, em virtude de seu proprio poder, «e a S. M., por doação do papa, como reis e senho-«res soberanos destas ilhas e terra firme, não pondo «embaraço algum á prégação da fé. Se vos confor-«maes com isto, andareis bem, e cumprireis vossos «deveres; por onde S. M., e eu em seu nome, vos «havemos de acolher com amor e bondade, deixan-«do-vos a vós, vossas mulheres, e vossos filhos, em «plena liberdade, e livres do captiveiro, gosar de todos «os vossos bens, sem nenhuma differença dos habi-«tantes das ilhas, afóra outros muitos privilegios, isen-«sões e regalias que vos hade acordar S. M. Porém «se refusaes, ou dilataes maliciosamente a obedien-«cia devida á presente notificação, nesse caso, com «ajuda e favor do Todo-Poderoso, entrarei forçosa-«mente por vossas terras, e vos farei cruelissima «guerra, até de todo reduzir-vos á obediencia da igreja «e d'el-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para «se venderem como escravos, ou delles se dispor «como aprouver a S. M., tomando-vos todos os vossos «bens, e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto «em mim couber, como a subditos rebeldes e levan-«tados. E já d'aqui protesto que todo o sangue der-«ramado, e mais desgraças que succederem, por «razão de vossa desobediencia, nunca jámais se im-«putem senão a vós mesmos, e não a S. M., nem a «mim, nem a nenhum dos subditos de S. M. que

«servem debaixo de minhas ordens. Em fé do que,
«e para a todo tempo constar, tendo-vos feito esta
«intimação e requisição, se lavrou o presente auto.»

Estes documentos, porém, nos chegaram já enfraquecidos, senão mesmo desfigurados, pelas successivas traducções. [1] Offerecemos, pois, aos nossos leitores em toda sua picante originalidade os dous seguintes, o primeiro dos quaes é um extracto da carta de doação feita a Bento Maciel Parente em 14 de junho de 1637, e o segundo um auto de pósse tomada em nome de el-rei—Eis o extracto da doação:

«Hey por bem, e me praz de lhe fazer, como com
«effeito faço, por esta presente carta, irrevogavel
«doação, entre vivos valedoura, deste dia para todo
«sempre, de juro e herdade, para elle, e todos os
«seus filhos, netos, herdeiros, e successores, que
«apoz elle vierem, assim descendentes, como trans-
«versaes e collateraes (segundo ao diante irá decla-
«rado,) das terras que jazem no Cabo do Norte, com
«os rios que dentro nellas estiverem, que tem pela
«costa do mar trinta e cinco, até quarenta leguas de
«districto, que se contam do dito Cabo até o rio de
«Vicente Pinçon, aonde entra a repartição das Indias

[1] Traduzimos estes dous documentos de outras traducções francezas, por nos não ter sido possivel alcançar os originaes em latim ou hespanhol.

«do reino de Castella; e pela terra dentro, rio das «Amazonas arriba, da parte do canal, que vae sahir «ao mar, oitenta para cem leguas até o rio dos Ta-«puyassús; com declaração que nas partes referidas «por onde acabarem as ditas trinta e cinco, ou qua-«renta leguas de sua capitania, se porão marcos de «pedra, e estes marcos correrão via recta pelo sertão «dentro; e bem assim mais serão do dito Bento Ma-«ciel Parente, e seus successores, as ilhas que hou-«ver até dez leguas ao mar, na fronteira demarca-«ção das ditas trinta e cinco, ou quarenta leguas de «costa da sua capitania; as quaes se entenderão me-«didas via recta, e entrarão pelo sertão e terra-firme «dentro pela maneira referida até o rio Tapuyassús, «e dahi por diante tanto quanto poderem entrar, e «fôr da minha conquista.»

Auto de pósse: «Anno do Nascimento de Nosso Se-«nhor Jesus-Christo de 1639, aos 16 dias do mez de «agosto, defronte das bocainas do rio do Ouro, es-«tando ahi Pedro Teixeira, capitão-mór por S. Mages-«tade das entradas, e descobrimento de Quito, e rio «das Amazonas; e vindo já na volta do dito descobri-«mento, mandou vir perante si capitães, alferes e sol-«dados das suas companhias, e presentes todos lhes «communicou e declarou que elle trazia ordem do «governador do estado do Maranhão, conforme o re-

«gimento que tinha o dito governador de Sua Meges-«tade, para no dito descobrimento escolher um sitio «que melhor lhe parecesse para nelle se fazer po-«voação; e por quanto aquelle em que de presente «estavam lhe parecia conveniente, assim por rasão «do ouro de que havia noticia, como por serem bons «ares e campinas para todas as plantas, pastos de «gados e creações, lhes pedia seus pareceres, por «quanto tinha já visto tudo o mais no descobrimen-«to e rio; e logo por todos e cada um foi dito que «em todo o discurso do dito descobrimento não ha-«via sitio melhor, e mais accommodado e sufficiente «para a dita povoação, que aquelle em que estavam, «pelas rasões ditas e declaradas: o que visto pelo dito «capitão-mór, em nome d'el-rei Filippe IV, nosso se-«nhor, tomou pósse pela corôa de Portugal do dito «sitio, e mais terras, rios, navegações e commer-«cio, tomando terra nas mãos, e lançando-a ao ar, «dizendo em altas vozes: Que tomava pósse das di-«tas terras e sitio, em nome de el-rei Filippe IV, nos-«so senhor, pela corôa de Portugal, se havia quem «a dita pósse contradissesse, ou tivesse embargos «que lhe pôr, que ali estava o escrivão da dita jor-«nada e descobrimento, que lh'os receberia; por quan-«to ali vinham religiosos da companhia de Jesus por «ordem da real audiencia de Quito, e porque é ter-«ra remota, e povoada de muitos Indios, não houve «por elles, nem por outrem, quem lhe contradisses-«se a dita posse: pelo que eu escrivão tomei terra

«nas mãos, e a dei nas mãos do capitão-mór, e em «nome de el-rei Filippe IV, nosso senhor, o houve por «mettido e investido na dita pósse pela coróa de Por-«tugal do dito sitio, e mais terras, rios, navegações «e commercio; ao qual sitio o dito capitão-mór poz «por nome a *Franciscana,* de que tudo eu escrivão «fiz este auto de pósse, em que assignou o dito ca-«pitão-mór, sendo testemunhas, &.»

LIVRO II.

INVASÃO FRANCEZA.

Expedição de Riffault e de Ravardière—Occupação da ilha do Maranhão pelos francezes—Novas tentativas dos portuguezes para o mesmo fim—Expedição de Jeronymo d'Albuquerque—Batalha de Guaxenduba—Treguas—Expedição de Alexandre de Moura—Capitulação e evacuação definitiva dos francezes.

Depois das mallogradas tentativas dos portuguezes, passaram cerca de cincoenta annos sem que ninguem cogitasse mais de explorar e povoar o Maranhão de um modo serio. Até que um aventureiro francez de nome Riffault, que discorria pelas costas do Brasil a piratear, entrou a abrir communicações com os indigenas habitadores do littoral, e persuadido das grandes vantagens de um estabelecimento permanente, foi á França e voltou em 1594 com tres navios bem providos de gente e munições, e ao que parece, com intento de buscar outra paragem para fazer assento,

pois arrojado de uma tempestade é que aportou á nossa ilha. Aqui foi elle bem recebido dos naturaes, mas tendo perdido um dos seus navios que naufragou, e obrigado tambem porventura da insubordinação da sua gente mal soffrida, e molestada dos trabalhos e privações inherentes áquelles primeiros descobrimentos, pouco tempo se deteve, e partiu para a Europa, deixando na ilha um moço de nome de Vaux com alguns poucos companheiros mais, que melhor e mais de espaço investigassem a terra, e procurassem inclinar o animo dos selvagens á alliança franceza.

Daqui por diante fenece de todo a memoria de Riffault, de quem nunca mais se fallou; porem de Vaux, depois de uma estada no Maranhão de cerca de um ou dous annos, que aproveitou bem em colher informações e em captar a benevolencia dos habitantes, seguiu para a côrte de França, onde encareceu tanto a grossura e riqueza natural da terra, que Henrique IV determinou de mandar explora-la por conta da corôa, com o ulterior intento de conquista-la e povoa-la. A esse fim tornou o mesmo de Vaux ao Maranhão, acompanhado de Daniel de la Touche, senhor de Ravardière, e habil official de marinha, que vinha como commissario do rei,

Achando Ravardière mais que muito verdadeiras as informações do companheiro, deu-se pressa a voltar á França para as transmittir confirmadas ao rei seu amo; mas Henrique IV acabava então de perecer ás

mãos de um regicida, e as perturbações civis e religiosas que naquelle tempo affligiam a França, divertindo a attenção do governo, foram parte para que este negocio se fosse cada dia dilatando até 1611. Desenganado então Ravardiere de o ver emprehendido pela corôa, obteve della permissão para encorporar uma companhia de colonisação, que de feito realisou, entrando na parceria Francisco de Rasilly e Nicolau de Harley, sujeitos tam qualificados pela nobreza como pelos cabedaes, os quaes, envidadas todas as posses communs, armaram á sua propria custa uma flotilha composta de tres navios, com cousa de quinhentos homens de mar e terra. A protecção da rainha regente se limitou a auctorisar a empreza com patentes que assignou de seu punho, e deu aos diversos cabos della, e a honra-la com o donativo de um pavilhão, em que juncto ás armas da França, e a diversos emblemas allusivos á mesma empreza, se notava a ambiciosa divisa: *Tanti dux femina facti.*

Cremos que sem calumniar estes bravos aventureiros, nos será licito dizer que as principaes causas da expedição eram o amor do poder e das riquezas, e o seu objecto, a conquista e commercio das regiões que iam buscar. Entretanto os historiadores do tempo asseveram que Rasilly fitava menos aos interesses temporaes que aos da religião, sendo certo que para a prégação e ensino della sollicitou e obteve o auxilio de quatro missionarios capuchinhos que o acom-

panharam na viagem. [1] Não é impossivel tambem que Ravardière, sectario de Calvino como a mais da gente da expedição, traçasse em seu animo dispor nas novas conquistas um abrigo seguro em que podessem os seus correligionarios acolher-se, para o diante, das perseguições, a que então andavam continuamente expostos no proprio paiz.

Berredo refere que a diversidade de religião entre os colonos ia sendo grande occasião de discordia, felizmente atalhada pela prudencia e reciproca tolerancia dos chefes; e attribue a divisão dos animos ás suggestões do principe das trévas que, assustado da missão dos capuchinhos, cuidava já ver destruido o seu tyrannico e diabolico imperio naquellas apartadas regiões!

No principio do anno de 1612 estava a esquadrilha aparelhada no porto de Cancale, onde o bispo de São Malô veio fazer com grandes apparatos a cere-

[1] Entre estes capuchinhos vinha o padre Claudio d'Abeville, que escreveu uma—*Historia da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circumvisinhas*. Esta *Historia*, com a *Relação da jornada de Jeronymo de Albuquerque para a conquista do Maranhão*, attribuida a Diogo de Campos Moreno, são as fontes originaes onde beberam os auctores que escreveram depois. Berredo seguiu á risca e com muita exactidão a Claudio d'Abeville e a Diogo de Campos; Beauchamp, a Berredo e a d'Abeville; e Gayoso e Lago, a Berredo sómente, convindo notar que a compilação de Gayoso resente-se de grande confusão, e não poucas inexactidões Estes dous ultimos auctores, ao que parece, não tinham a menor noticia do manuscripto de Diogo de Campos, aliás muito preferivel á obra de Berredo.

monia das bençams das bandeiras e cruzes que se distribuiram pelos commandantes e missionarios; mas retida pelo máu tempo, só pôde dar á vela em 19 de março. Apenas, porém, levavam algumas horas de viagem, uma furiosa tempestade assaltou, e dispersou a flotilha, arremeçando-a para as costas de Inglaterra, a cujos portos foram os navios successivamente arribando, depois de nove dias de tormenta. O facto tem a sua explicação natural na estação; porém Berredo com a mesma imperturbavel seriedade e boa fé assevera que foram novas traças do demonio, o qual, já despeitado com o mallogro dos primeiros embaraços que suscitára em terra, *«a uma expedição que «se fazia formidavel ao seu infernal odio, intentou no «mar a mesma empreza, influindo por aquelle mo«do todas as suas furias na inconstancia dos ventos.»*

Mas fosse ou não o diabo o auctor do damno, reunida a expedição em Plymouth, não pôde refazer-se, e sahir de novo ao mar senão em 23 de abril; e foi só em 23 de junho, ao cabo de dous mezes de navegação, que deram vista da ilha de Fernando de Noronha, onde se demoraram uns quinze dias a refrescar-se da viagem, e a colher informações de uns poucos de Tapuyas que ali depararam, a alguns dos quaes tomaram comsigo; e seguindo depois pela costa, e sahindo ás vezes em alguns pontos mais apraziveis, vieram emfim a dar fundo, aos 26 de julho, com mais de quatro mezes de viagem, defronte da ilha de

Upaou-mirim, [1] a que Diogo de Campos chama tambem das Guyavas (Guajavás escreve elle) e á qual os francezes pozeram o nome de—Sancta Anna—que ainda hoje dura, em commemoração da sancta, cujo era o dia da sua chegada.

Acharam ali ancorados dous corsarios de Dieppe, e bem que das suas informações nada se podesse inferir contra a boa hospedagem que esperavam dos indigenas da ilha principal, assentaram os chefes de mandar adiante a tomar lingua o seu antigo conhecido de Vaux. Dentro em pouco voltou de Vaux com as noticias mais lisongeiras, com o que a parte militar da expedição guiou á ilha, onde os commandantes tractaram para logo de erigir um forte, guarnecido com vinte tres peças de artilharia, escolhendo para assento delle uma eminencia que domina o porto, e fica entre os dous rios que desagoam nelle. Por estas indicações torna-se quasi evidente que este local é o mesmo que hoje occupa o palacio da presidencia, se não é que então aquella ponta de terra se entranhava mais pelo mar dentro, e foi depois recuando pelo continuo esboroamento do morro. Em honra do principe reinante Luiz XIII deu-se ao forte o nome de S. Luiz, que depois se estendeu á ilha toda. Junto ao forte construiu-se um armazem, e mais para o interior,

[1] Ypaú-mirim, pronunciariamos nós, seguindo o modo de escrever dos jesuitas portuguezes.

(DOS EEDD.)

uma casa para alojamento provisorio dos padres missionarios.

Estes padres, que se haviam deixado ficar em Sancta Anna, até que tivessem todas as seguranças de que seriam recebidos pelos selvagens da ilha principal com a reverencia devida ao seu caracter, foram os ultimos a desembarcar nella. A relação, porém, das ceremonias religiosas que celebraram tanto na ilha de S. Luiz como na de Sancta Anna, a dos seus trabalhos apostolicos, e do muito que fizeram para captar a confiança e boa vontade dos selvagens, a missão civilisadora emfim da expedição, tanto pelo lado religioso como pelo civil, que é sem duvida a parte mais interessante e curiosa das memorias daquelles primitivos tempos, reservamos nós para outro logar; porquanto, segundo o plano que adoptámos e seguimos, na ordem da exposição, devem vir primeiro as explorações e descobrimentos, e as guerras e conquistas, aliás assumpto predilecto, senão unico, dos que nos precederam neste genero de trabalho.

Os vagos rumores da occupação franceza chegaram sem muita tardança á Pernambuco e Bahia, e dahi, successivamente, á Lisboa e á côrte de Madrid; e foi mister não menos que um acontecimento desta gravidade para despertar os portuguezes e o seu governo da sua já então habitual inercia e frouxidão.

É certo que com a simples noticia de que as costas desta parte do norte, e as bocas do Amazonas eram frequentadas por armadores e piratas de diversas nações, já os portuguezes se haviam inquietado e buscavam preveni-los, tentando varias expedições; mas estas já pela debilidade das forças, já pelos erros da execução e incapacidade dos chefes, ou se mallograram de todo, ou produziram resultados mesquinhos e pouco satisfactorios.

Um denominado Gabriel Soares [1] tentou vir a estas paragens pelo sertão, mas adiantando-se até ás cabeceiras do rio S. Francisco, com mais de trezentas leguas de rude e trabalhoso caminho, recuou sem nada conseguir, mortos quasi todos os companheiros da expedição.

Em 1603 Pedro Coelho de Souza, nomeado capitão-mór pelo governador geral do Brazil, fez outra tentativa, tambem por terra, mas seguindo o littoral, com oitenta portuguezes, e oitocentos indios alliados. A expedição passou além do Ceará, e chegou até á grande serra de Ybiapaba, onde sustentou renhidas guerras com os chefes selvagens Mel-Redondo e Grão-Diabo (Juripary-guassú), mas depois de algumas

[1] É o mesmo nome do auctor do *Roteiro*, que por vezes havemos citado. Berredo, fallando deste explorador, diz—Gabriel Soares, morador do Brasil—, e dá a exploração pelos mesmos tempos, em que o Sr. Varnhagen refere que o auctor do *Roteiro* residiu no Brasil. Apesar de tudo não nos é possivel liquidar se são dous, ou um só individuo com o mesmo nome.

alternativas de successos e revezes, viu-se obrigada a retroceder, estabelecendo-se Pedro Coelho em um logar denominado Jaguaribe, pertencente á jurisdicção da capitania de Pernambuco. Aqui houve-se elle tam tyrannicamente com os indios visinhos, captivando, vendendo e maltractando tanto a inimigos como a amigos, que a final excitou um odio universal contra a sua pessoa; e desajudado dos proprios portuguezes de Pernambuco, lhe foi forçoso abandonar o seu estabelecimento, acabando dahi ha poucos tempos na maior miseria e desamparo. O seu procedimento cruel e perfido não teve só este máu resultado immediato; porque perpetuando-se a lembrança delle na memoria dos indios, por longo tempo os teve alienados e esquivos, e foi grande e duradouro obstaculo ás expedições posteriores.

Em 1605, dous jesuitas, os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, acompanhados sómente de quarenta indios amigos, ousaram transpor de novo o ponto de Ceará, na esperança de catechisar os selvagens de Ybiapaba; mas estes, ainda então mal dispostos para receber a fé, mataram um dos padres com varios dos seus indios, e pozeram em fuga o outro com as reliquias da escolta. Os restos mortaes do padre Pinto, recolhidos depois piedosamente pelo companheiro, se conservaram no Ceará com grande veneração até dos mesmos indios, os quaes diziam que depois que os tinham comsigo, sempre lhes chovia abundantemente, e lhes ia tudo bem, ao revez do que dantes succedia.

Em 1611 resolveu-se pela primeira vez de um modo positivo a conquista do Maranhão; mas que delongas e embaraços não houve ainda, primeiro que o intento se pozesse por obra!

O sargento-mór do estado, Diogo de Campos Moreno, que desde 1605 partira para Madrid a persuadir á côrte a conveniencia da conquista, e voltára sem nada conseguir, por entender-se nella que a empreza iria melhor em mãos particulares, recebeu então ordem do governador D. Diogo de Menezes para ir até á fortaleza do Rio-Grande averiguar o que mais convinha ao cumprimento da recente deliberação da mesma côrte.

Tinha Diogo de Campos um proximo parente ao qual de mui tenra idade fizera acompanhar a expedição de Pedro Coelho, afim de que, aprendendo a lingua dos indigenas, e estudando os seus costumes, se fizesse seu tam familiar, que elles o tivessem como amigo, parente ou compadre, segundo usam de chamar ás pessoas a quem criam affeição. Houve-se o mancebo, chamado Martim Soares Moreno, com tanto aviso e discrição, que, mallograda a expedição de Pedro Coelho, e repellidos depois os dous padres jesuitas, elle só continuou a conservar a affeição dos indios, um dos quaes, o principal Jacaúna, até o nomeava filho, e o acolheu com grandes alvoroços e satisfação, quando chegou ao Ceará, despachado capitão pelo governador geral. Para que a exuberancia das forças não assustasse os indios, já escarmentados

nas tyrannias que Pedro Coelho usára em Jaguaribe, Martim Soares se acompanhou sómente de dous soldados; mas trouxe capellão, ornamentos, um sino e varias outras cousas, com que entendessem os mesmos indios que vinham a doutrina-los e reduzi-los á fé, não á escravidão.

Martim Soares levantou no Ceará uma igreja e um forte sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo, e de tal sorte se insinuou no animo dos indios, que conseguiu de Jacaúna não sómente que viesse assentar a sua aldéa a meia legua de distancia do forte, senão que o ajudasse a afugentar uma náu hollandeza, e a abordar e render outra, de que tiraram grandes despojos, mormente em artilharia e munições, indo Martim Soares nesta facção disfarçado no meio dos indios, tingido de genipapo pará se lhes assemelhar na côr.

Máu grado estes felizes auspicios, e ás reiteradas reclamações de Diogo de Campos, partindo o governador geral para a Bahia, em Pernambuco cumpriram tam mal as suas ordens, o se descuidaram tanto do estabelecimento de Martim Soares que este ficou em risco de perder-se, pela inconstancia natural dos indios, que se tornaram altanados, vendo-o tam desamparado dos seus, e suspeitando já delle o mesmo que de Pedro Coelho. E de feito Martim Soares teria o mesmo fim, se pela sua muita industria, e conhecimento que tinha da lingua e manhas dos indios, não conseguisse manter-se até lhe chegarem soccorros.

Estes soccorros mandou-lh'os com effeito o novo governador geral Gaspar de Souza, que por ordem expressa d'el-rei, e para estar mais a ponto de prover sobre a conquista, veio da Bahia a residir permanentemente em Pernambuco, como logar mais proximo e asado para o intento. Chegado ali, tractou logo de apromptar a expedição, nomeando para cabo della, e capitão-mór da conquista, a Jeronymo de Albuquerque, varão mui pratico e experimentado nas cousas do sertão e dos indios, e grande truxamante ou lingua entre elles, de quem era mui bemquisto, como seu bemfeitor e compadre. Nas qualidades pessoaes deste ancião quasi septuagenario é que o governador fazia o maior fundamento da expedição, confiando que a reputação só de Jeronymo de Albuquerque faria abalar todo o gentilismo derredor, sem mais despeza da real fazenda, sendo certo que sem indios impossivel era que a empreza tirasse a prospero fim; mas o velho, posto que mui vaidoso de seu natural, e mais que ninguem tivesse em grande conta a influencia de seu nome entre os indigenas, como adiante se verá, sempre exigiu do governador forças de outra natureza, para melhor assegurar o exito daquella facção.

Entretanto, máu grado todos os esforços e diligencias, a expedição se foi dilatando de maneira que não sahiu do Recife senão em junho de 1613, e bem mingoada em forças, pois apenas se compunha de quatro embarcações com guarnição não maior de

cem homens. Chegado ao Ceará, tomou Jeronymo de Albuquerque comsigo a Martim Soares, que, como homem pratico da costa até o Maranhão, partiu adiante para tomar informações, e ministra-las depois ao grosso da expedição. Jeronymo de Albuquerque o seguiu até um logar denominado Buraco das Tartarugas, onde levantou um forte sob a invocação da Senhora do Rosario; mas porque ali lhe tardassem por um lado os avisos que aguardava de Martim Soares, e por outro lhe falhassem as tentativas que fez para trazer á sua alliança o matreiro Grão-Diabo ou Jurипary-guassú, accrescendo a tudo que os mantimentos já começavam a escacear, determinou de voltar atraz, parte das forças por terra, e parte embarcada, deixando no presidio uma guarnição de quarenta homens. No fim do anno chegaram todos a Pernambuco sem nada haverem concluido, com grande desprazer do governador que já daquelles principios se promettia grandes cousas.

Por estes tempos, e já desenganado de levar adiante as cousas do Maranhão, tinha partido de novo para Madrid com licença o sargento-mór Diogo de Campos a requerer os seus serviços; mas a côrte, sempre varia e inconstante nos seus projectos, determinou-lhe então que volvesse ao Brazil para os fins sabidos, promettendo-lhe que acharia em Lisboa uma armada de quatrocentos homens, com cabos de grande experiencia, e muita artilharia e munições. Diogo de Campos já escarmentado na fallacia dos projectos an-

teriores procurou a principio escusar-se, e á final só cedeu á noticia que então grassou de que os hollandezes dispunham a conquista do Maranhão; mas chegando a Lisboa apenas achou trinta soldados, em vez dos quatrocentos promettidos. Sem desanimar comtudo, escreveu o estado das cousas e os avisos que tinha ao governador Gaspar de Souza, de quem recebeu duas respostas successivas, na primeira das quaes lhe dizia que trouxesse a gente que podesse, pois que no Brazil não havia maneira de fazer levas; e na segunda, que era escusado trazer gente, pois no Brazil não havia dinheiro com que pagar-lhe, e que bastava que trouxesse armas e artilharia, de que se achavam muito desprovidos!

São quasi incriveis as contradicções, inepcias, embaraços e miserias que se deram na execução desta expedição, a que depois os frades capuchos chamaram milagrosa; mas porque a ella devemos os maranhenses a nossa actual existencia, julgamos de summo interesse reproduzir minuciosamente todos esses pequenos successos que tamanha influencia tiveram depois nos destinos da região, que é hoje a nossa patria.

No meio de alvitres tam disparatados, determinou-se nada menos Diogo de Campos, e partiu de Lisboa aos 8 de abril de 1614 em uma urca *com até cincoenta soldados* (diz elle), *duas colebrinas para uma fortaleza do Recife, e algumas armas, e munições, e cousas para a jornada do Maranhão*. Chegado a Pernambuco, no

tocante a esta jornada, só achou um caravelão da costa apercebido com trezentos alqueires de farinha, o qual, á mingoa de gente, não partiu em soccorro do forte das Tartarugas, cuja pequena guarnição não só era inquietada de frequentes ataques dos Tapuyas, mas tambem soffria extrema penuria das cousas mais indispensaveis á vida, havendo já tres mezes que apenas se sustentavam de hervas do campo. Finalmente partiu o caravelão, com quatorze soldados dos que trouxera Diogo de Campos, e dezeseis hespanhoes que ali acaso arribaram das Philippinas; mas por culpa dos agentes, foi tam desprovido das cousas mais indispensaveis, que a polvora que levaram não chegava a dous arrateis! Sahido a 28 de maio do Recife, surgiu o caravelão diante do forte das Tartarugas com poucos dias de viagem, e tanto a ponto, que ajudada a pequena guarnição, já então reduzida a vinte e cinco praças, da pouca gente que viera de refresco, pôde com vantagem repellir um desembarque disposto pelo commandante francez de Pratz, que por ali passava em um navio alteroso com forças destinadas ao Maranhão. A occupação do forte das Tartarugas pelos franceezes, se não estorvasse de todo, havia pelo menos de causar grande embaraço á expedição que veio depois. [1]

[1] É cousa singular que tanto Berredo como Beauchamp digam que o soccorro vindo no caravelão fôra de trezentos homens. Ignoramos em que fonte beberam semelhante noticia, e quer-nos até parecer que se equivocaram tomando por soldados os

Pouco depois de chegar a noticia deste caso a Pernambuco, vieram outras da Europa acerca de Martim Soares, de quem se não sabia parte alguma, havia mais de um anno; e diziam as noticias que elle, depois de se aproximar ao Maranhão, e de verificar com toda a certeza que havia ali muitos francezes, com boas e bem providas fortalezas, e frades missionarios, desgarrára á força de tormentas até ás Antilhas, donde seguiu para a Europa. E com quanto á volta das referidas noticias, viessem novas e apertadas ordens da côrte para se a conquista fazer, nem por isso se enviaram soccorros que respondessem ao intento, pelo contrario, sem attender o governo hespanhol á debilidade das forças de umas colonias tam recentes, mandou na mesma occasião applicar o producto dos dizimos reaes á compra de páu-brazil para lhe ser remettido, pondo severas comminações aos que os desviassem da mesma applicação!

É certo que alguns afficiaes e particulares se offereceram voluntarios a marchar, dando estes alguma cousa de sua fazenda, e recebendo aquelles, posto que commandantes de companhia, a paga e ração de simples soldados; mas não eram estes os meios que o

trezentos alqueires de farinha de que falla Diogo de Campos, aliás testemunha ocular. De resto, a hypothese de um soccorro meramente provisorio de trezentos homens, é não só absurda, senão desmentida pelo estado das forças com que os portuguezes vieram na *grande* expedição dita *milagrosa*, e com que depois se acharam na jornada de Guaxenduba.

tempo e a occasião requeriam. Computava-se que a expedição devia sahir de Pernambuco com trezentos homens de mar e guerra, e quatrocentos a quinhentos indios frecheiros, afóra suas mulheres e filhos, que deitariam a outros tantos, e eram uma bagagem inevitavel em todas as suas marchas. E ainda neste computo não entravam os indios que Jeronymo d'Albuquerque contava abalar na sua passagem pelo Rio-Grande, Ceará e Ybiapaba. Entendia Diogo de Campos que era mister assegurar com antecipação a subsistencia de tanta genta por seis mezes ao menos, pois não havia esperanças de obte-la por outros meios, durante o longo trajecto que iam fazer, nem havia que esperar mandar buscar viveres a Pernambuco, porque com quanto dos ultimos presidios até lá tivessem já feito alguns correios o caminho por terra em um mez, as viagens por mar, contra a força das correntes e dos ventos, se tinham então por cousa infinita ou impossivel, havendo desgarrado para as ilhas d'oeste as mais das embarcações que haviam ousado emprehende-las, como ultimamente acontecera a Martim Soares.

Considerando em todos estes embaraços, entendia Diogo de Campos que com menos de seis mil alqueires de farinha nada se devia tentar, «porém (acrescenta «elle em tom de lastima) a farinha não chegava a tres «mil alqueires, sem outro algum provimento de co- «mida, vinho e azeite, nem carne, nem mesinhas, «nem fysico, nem barbeiro, nem cousa alguma das «que S. Magestade manda se dêm a uma náu que

«parte do porto, quanto mais a uma conquista tam «perigosa nestas coisas. O governador com sua pru-«dencia a tudo satisfazia, mandando ministros por «todas as partes ajuntar farinha, pedindo emprestado «dinheiro, que faltava, para a leva da gente que não «havia; tomando mais embarcações, mas de tal modo, «que nem custosas, nem defendidas fossem de seus «donos; e estas taes, como eram navios mancos, pe-«quenos e velhos não auctorisavam, nem asseguravam «a jornada, antes, no meio destas prevenções, todos «entendiam de fóra que a jornada se deixasse. Os «padres da companhia diziam que por terra era im-«possivel fazer-se coisa boa, por a larga distancia até «o Ceará, e caminho sem gota de agua, nem folha «verde em muitas partes.»

Quando as cousas já andavam assim, tibias e mal compostas, commetteu-se um grande desacerto, que houvera levado a expedição á sua ultima ruina, se uma especie de favor providencial á não resguardasse deste, e de tantos outros erros. Ao chegar da Europa Diogo de Campos encarregado de dirigi-la, achou já os preparativos da expedição em andamento, e nomeado para commandante della a Jeronymo d'Albuquerque, que o fôra da do anno passado. O governador geral, se havia de tomar a responsabilidade da escolha nesta collisão, designando d'entre os dous o que julgasse mais idoneo, quiz antes conciliar as pretenções oppostas de ambos, e a sua propria obra com as ordens da côrte, e adoptou por isso o peior de

todos os alvitres, que foi confirmar a nomeação de Jeronymo de Albuquerque, dando-lhe por collega e collateral a Diogo de Campos, com auctoridade quasi igual, pois se as ordens se haviam de cumprir em nome do capitão-mór, ficou todavia assentado que cousa alguma se dispozesse sem o voto de ambos.

Esta divisão que só de per si era cabal para enfraquecer ou paralysar a acção do commando, que em todos os casos deve ser prompta, decisiva, unica e concentrada, era ainda aggravada pelo antagonismo do caracter, e qualidades militares dos dous cabos. Diogo de Campos, tactico consumado, e veterano de Flandres, prudente e comtemporisador, nada queria fiar do acaso, dissipava-se em calculos e aprestos, e em cada ponto que aportava, o seu primeiro cuidado era traçar e erguer fortalezas, e ordenar as companhias e esquadras dos soldados, segundo as regras mais apuradas da sciencia e disciplina militar. Jeronymo d'Albuquerque, pelo contrario, soldado encanecido nas guerras irregulares do Brazil, decidido, arrojado, vaidoso e credulo, fazia só fundamento nos seus indios, e andava sempre tam encasquetado do grande merecimento e valia da sua pessoa, que ainda nas vésperas do ataque de Guaxenduba, e apesar de avisos e indicios evidentissimos, suppunha que com só mostrar-se aos Topinambás inimigos, todos lhe renderiam immediata obediencia.

Adiante do grosso da expedição, partiu Jeronymo d'Albuquerque para a Parahyba com cinco barcos

grandes em que iam os fornecimentos para a leva dos indios daquella, e das paragens circumvisinhas; mas posto em terra, e falhando a influencia do seu nome, com que tanto contava, pois os indios nem por isso se moviam com tanta presteza como elle imaginára e desejava, já não sabia o velho capitão-mór dar-se a conselho, avisando umas vezes ao governador geral que marcharia por terra, e logo depois que o não podia fazer senão por mar, segundo com elle praticavam os Tapuyas, que uns queriam, e outros não queriam embarcar. Com o que Gaspar de Souza, já tam cançado e esmorecido de tantos contratempos, esteve a pique de abrir mão da empreza; e se o não fez, foi isso devido á consideração de ter já gastos e mettidos nella passante de dezeseis mil cruzados.

Foi só em 23 de agosto de 1614 que a expedição *milagrosa* ao mando de Diogo de Campos pôde dar á vela do Recife para se ir reunir a Jeronymo d'Albuquerque, dali sahido desde 22 de junho, e já então na fortaleza do Rio-Grande. Compunha-se a armada de dous navios redondos, uma caravela e cinco caravelões, com uma equipagem de menos de cem homens de mar e guerra, os quaes reunidos aos de Jeronymo d'Albuquerque, dariam para quatro companhias de sessenta cada uma, e alguns aventureiros mais, afóra indios de serviço e armas, que seriam o duplo. Na

expedição foram tambem muitos presos, de que, segundo Diogo de Campos, se achavam cheios os fortes e a cadêa. Os provimentos, munições e armamento, constavam de seis alqueires de farinha, chegada então muito a ponto do Rio de Janeiro, cem arrobas de peixe, vinte canastras de sardinhas, vinte quintaes de polvora, tres peças de artilharia de ferro coado, com duzentas balas, e arcabuzes, mosquetes, chumbo e murrão. E para que não faltasse nenhum genero de armadura, e em tudo se arrostasse o inimigo com forças iguaes, foram tambem dous padres capuchos, fr. Cosme de S. Damião, e fr. Manoel da Piedade, que deviam pelejar contra os missionarios francezes na conquista das almas.

Como esta armada não chegou ao sitio de Guaxenduba, ultima estação que fizeram os portuguezes antes da conquista da ilha, senão a 27 de outubro, vê-se que a viagem desde Pernambuco levou mais de dous mezes, contando-se da partida de Diogo de Campos, e mais de quatro, contando-se da de Jeronymo d'Albuquerque, derivando semelhante delonga não só das que houve nos pontos intermedios, como da ignorancia da arte, pouco conhecimento da costa, e má qualidade dos vasos.

No dia 27, abicou a armada o porto do Rio-Grande onde estava Jeronymo d'Albuquerque; e sahindo o sargento-mór em terra a tomar mostra da gente no dia 28, apenas achou 234 indios, trazidos por diversos principaes, entre os quaes brilham pela singu-

laridade dos seus nomes o Arco-Verde, o Beijú, o Páu-Secco, o Mandiocapúa, o Tambor e o Patacú. Em desconto, o mulherio e os meninos, tudo gente de boca, eram mais de trezentos. Nisto vieram a parar as jactanciosas esperanças do capitão-mór que com quinhentos frecheiros que imaginára no Rio-Grande, e mais os que junctasse no Ceará, e serra de Ybiapaba, onde tinha grandes allianças, contava metter nesta jornada passante de mil indios de guerra!

No Rio-Grande se deteve a armada até o dia 5 de setembro, em que partiu com toda a gente, indios e portuguezes, não sem que primeiro se travassem largas disputas entre os dous chefes, querendo a principio o capitão-mór seguir por terra com a sua gente. A 7 desembarcou o capitão-mór na bahia de Iguapé, tanto elle como os seus indios mui maltractados do enjôo do mar, e seguiram por terra até o presidio de Nossa Senhora do Amparo, no Ceará, onde se lhe antecipára o sargento-mór com os navios. Naquelle presidio estava o capitão Brito Freire com os dezeseis soldados esperando havia mais de quatorze mezes a expedição milagrosa, a que se aggregou, para participar da sua gloria. Quanto a indios alliados do capitão-mór, apenas se reuniram uns vinte do principal Jacaúna, porque com quanto seu irmão Camarão chegasse por terra do Rio-Grande com a sua pequena maloca, segundo havia promettido, allegou vir tam maltractado do caminho, que pediu licença para ficar ali a *engordar*, como quem queria dizer—para re-

fazer-se. E por mais que o capitão-mór mandasse enviados ás aldêas visinhas, e distribuisse ferramentas, bugiarias e casacas de côres garridas que para este fim lhe havia mandado Sua Magestade, tudo isto apenas lhe fundiu alguns mantimentos, porquanto o numero dos indios mingoava cada dia, desertando no Ceará para mais de quarenta, a troco dos vinte que trouxera o Jacaúna.

«Daqui se póde ver (pondera a este proposito Diogo «de Campos, com seus visos de remoque á teimosa «boa-fé do seu collega capitão-mór) o cabedal que é «bem fazer-se das palavras dos indios do Brasil, e «quanto importa estarem obrigados continuamente «mais do temor e força dos brancos, que de pala-«vras de linguas, as quaes não guardam senão no «que nos não está bem.»

A demóra neste porto foi de dez dias; e os soldados, posto em terra, não só se tornaram licenciosos, senão que muitos cahiram doentes pela insalubridade do sitio, e má qualidade das aguas, só fornecidas de poços e cacimbas. A armada partiu daqui a 17 de setembro, e foi no mesmo dia dar fundo á bahia de Parámirim; mas Jeronymo d'Albuquerque que, como sempre, marchava por terra com os seus indios, não pôde ali chegar senão a 24, que de tal sorte se lhe haviam elles derramado no caminho, sendo-lhe ainda mister demorar-se até o dia 29 para arrebanha-los de novo.

Nesta demóra de doze dias não se deixou Diogo de Campos ficar ocioso, porque lembrado sempre do

que vira e fizera nas suas saudosas guerras de Flandres, mal pôz o pé em terra no referido dia 17, dispoz os corpos em frente d'armas com guardas e sentinellas, e nos subsequentes procurou adestra-los em frequentes exercicios, já do serviço ordinario, já simulando ataques e defezas, como se tivessem o inimigo adiante. Além disso explorou o rio Curú, onde achou infinita caça e pescaria, e mesmo na praia do mar, uns buzios, á feição de botijas, com muito que comer dentro, de modo, observa elle, que neste logar sómente se póde dizer que a nossa gente não teve fome.

Neste mesmo logar se tornou a tomar mostra da gente para saber-se o que haviam fundido as ajudas do Ceará, e acharam-se sómente duzentos e vinte frecheiros, havendo desertado para mais de cincoenta. «Os que viam e sentiam estas coisas (continúa o ve-«lho militâr) entregues á paciencia não faziam mais «que encommendar o negocio a Deus, e aos capuchi-«nhos, os quaes estes dias disseram missas solemnes, «que foram as primeiras que nesta paragem se cele-«braram, em que commungou muita gente.»

A 29 largou a armada de Pará-mirim, indo já embarcado o capitão-mór com todos os indios, e no dia seguinte, passando ao largo do parcel de Jericoacoára, cuja ponta se prolonga pelo mar dentro com muitos rochedos de marmore jaspeado de finas e variegadas côres, [1] foi surgir em frente do presidio das

[1] Di-lo Diogo de Campos, e tambem Berredo e Beauchamp, que o seguiram.

Tartarugas. O resto do dia gastou-se em desembarcar a gente, e em recolhe-la na cerca de páu a pique, agasalhando-se os indios de fóra, em seus tejupabas ou ranchos ao longo da praia; mas como esta enseada fosse esparcelada, perigosa e de pouco abrigo, sobre muito infestada de corsarios, aventou-se a idéa de ir a armada oito leguas ávante até o Camossi. Explorada porém esta barra, achou-se ainda mais perigosa, e a terra núa e desprovida de todo o necessario, com o que não houve remedio senão ficarem em Jericoacoára. Daqui mandou o capitão-mór novas embaixadas ao Grão-Diabo, áquelle mesmissimo e manhoso principal que, tendo, com o auxilio de dous soldados do presidio das Tartarugas, vencido e comido os indios seus inimigos, tentou depois em galardão de tal serviço comer tambem áquelles por seu turno. O Grão-Diabo escusou-se com os estragos de um terrivel contagio que assolava as suas aldêas. Com esta nova, verdadeira ou fingida, ficou desenganado o capitão-mór, e bem enganados (diz o seu emulo Diogo de Campos) todos os que se viam mettidos entre taes ajudas, e palavras de negros para darem fim a uma jornada tam arriscada, e de tanta importancia.

Entretanto celebrou-se no domingo, 5 de outubro, a festa de Nossa Senhora do Rosario, com missa solemne de canto, orgam e frautas, que pela primeira vez soaram naquellas mudas solidões, prégando fr. Manoel da Piedade, que estreou este dia. A' tarde houve alardo geral, com esquadrão e escaramuça, em

honra da senhora, assistindo a tudo os denominados embaixadores de Ybiapaba e do Grão-Diabo. Na mostra achatam-se 220 soldados effectivos das quatro companhias, e 60 homens de mar de que se ordenou outra, montando tudo, com os enfermos, a 300 portuguezes, e não passando os indios de 200, total quinhentos homens de guerra, de mar e terra. E nisto vieram a rematar as grandes esperanças de Jeronymo d'Albuquerque!

Estas observações fazia sempre o sargento-mór, que já de ante-mão lastimava os perigos que previa na opposição de todo o gentilismo do Maranhão, não menos que os da retaguarda, pois nada deixavam assegurado, se lhes fosse mister retroceder daquella temeraria empresa. Como porém não era possivel que ficassem ali, nem voltar atraz sem emprehender alguma cousa, poz-se o caso em conselho, e resolveu-se que a armada se adiantasse até ao Pereá (—Perejá—lhe chama Diogo de Campos, e hoje geralmente—Preá—) ponto extremo assignalado nas instrucções do governador geral, como aquelle em que deviam parar, antes de intentar a conquista. Embarcou a gente, e era de ver como ninguem se queixava de tantos e tam acerbos soffrimentos, pois vinham todos mal vestidos, mal comidos e mal dormidos. É certo que no presidio das Tartarugas se havia pago á tropa os seus atrasados em fazendas pelos preços do contracto; mas taes eram ellas, que mal teve cada um com que cobrir a nudez dos corpos. Para comer e

beber não havia mais que farinha secca e agua, e nas embarcações vinha tudo apinhado de feição, que a ninguem sobejava espaço para deitar-se. Mas o ardente desejo que todos tinham de sahir daquelles degredos, e a vaga esperança de mais avante melhorarem de fortuna, era parte para que tudo se disfarçasse, e soffresse de boa sombra.

Sob a impressão deste sentimento, e sem mais outro guia que o piloto Sebastião Martins, que apenas uma vez, havia um anno, na viagem de Martim Soares, praticára aquellas ignotas paragens, largou a expedição de Jericoacoára, lançando-se primeiramente fogo aos quarteis abandonados no dia 12 de outubro. Com dous dias de viagam, seguindo sempre pela costa, e tendo salvado com grandes perigos os parceis de Parnahyba e Tutoya (Diogo de Campos diz Pará e Ototoy), entrou a armada a 14, pelo rio do Preá, fundeando ás dez horas da noite, tres leguas por elle acima. Berredo, e outros que o seguiram, chamam a este logar ilha; mas bem que a costa seja muito povoada dellas, nada encontramos em Diogo de Campos, testemunha ocular, que auctorise a supposição de que este ephemero acampamento do Preá fosse antes assentado n'uma ilha que na terra firme.

Saltaram os chefes immediatamente para terra com a maior parte da gente, ergueu-se uma cruz, e tomou-se posse do paiz em nome do rei; e buscando-se depois sitio acommodado para a fortaleza, diversos encontrou o engenheiro Francisco de Frias, mui

sufficientes para o intento, senão é que em nenhum delles havia agua. Verdade seja que essa se obtinha facilmente, e toleravel, cavando-se na arêa em qualquer parte; mas os soldados, já escarmentados das cacimbas de Jericoacoára, a que attribuiam todas as molestias, clamavam que pois se lhes não dava mais que farinha e agua, que ao menos a procurassem de boa qualidade; e que se haviam de acabar ali á pura mingoa, ou de enfermidades, mais honroso era buscarem logo os inimigos, e pôrem fim á contenda pelas armas, vencendo ou morrendo. E sobre isto faziam conventiculos, demasiando-se em palavras tam descompostas, que o sargento-mór quiz devassar do caso para punir os sediciosos; mas o companheiro, pelo contrario, se não favoneou abertamente a insubordinação, tolerou-a, porque todos os seus intentos tambem eram passar adiante, sempre esperançado na alliança dos indios, e sempre esquecido do pouco que ellas até então lhe tinham medrado. Novas disputas se armaram aqui entre os dous chefes, pugnando cada um no sentido das suas já conhecidas opiniões, e segundo lhes pedia o caracter tam diverso; e nellas se ia o tempo em pura perda, suspensa quer a fortificação daquelle logar, quer a marcha para outro. A final porém acordaram mandar fazer explorações, e tomar lingua na ilha grande; e para isso enviaram um batel com doze soldados e dous pilotos, indo por capitão Belchior Rangel, que por ser grande lingua entre os indios, era mui idoneo para este fim.

Entretanto, passaram quatro dias sem haver novas do batel, e isto sobresaltou de modo os animos que o capitão-mór desconfiando pela primeira vez das suas esperanças, e urgido de receios, mesmo de noute procurou o collega, e lhe communicou que estava resolvido a consentir na fortificação. Mas quando este, áquellas mesmas horas, e acompanhado do engenheiro Frias, partia n'um batel para a bocca da barra, a ver outro ponto, que tinha proxima a agua de uma lagôa, avistou-se no horisonte uma luz; reconhecida a qual, era o batel de Belchior Rangel que voltava com a noticia de não haverem visto navios, nem francezes, nem cousa alguma de que se podessem recear, havendo pelo contrario achado um sitio excellente, defronte da grande ilha, alto, sombreado, abundante de aguas, e fertilissimo para todo genero de cultura. Com estas novas alvoroçaram-se outra vez os soldados, cujo atrevimento crescia, assim pela impunidade do primeiro motim, como pelo favor do capitão-mór, sendo que este, esquecido da sua recente resolução, e volvendo ás antigas idéas, determinou promptamente de embarcar-se, dizendo que ficasse quem quizesse. E infunado com as suas esperanças, não menos que das lisonjas, no acto de embarcar, dirigindo-se a Diogo de Campos: «Apostemos, lhe disse, umas meias de seda que antes «de sabbado tenho indios do Maranhão comigo.» «Sou contente de as perder, tornou-lhe o sargento-mór, a troco de que todos tenhamos esse gosto;

«porém se as ganhar, lembro que m'as hade dar vmc.»

Depois de nove dias de demora, partiram do Preá a 22 de outubro, e esta derrota ainda foi mais penivel e trabalhosa que a de Jericoacoára. Os navios de velhos e ajoujados com a carga, não eram assás possantes para arrostar os vagalhões, e evitavam por isso de se fazer ao mar, que andava encapellado e revolto; mas quando se coziam com a terra, a coberto, e por entre uma infinidade de ilhas, (a que, por serem tantas, e o dia das onze mil virgens, pozeram este nome) ora batiam em bancos ou corôas de arêa, ora engasgavam no lodo. Succedeu uma vez que, baixando a maré, ficassem todos encalhados em uma corôa, a prumo sobre as quilhas, e sem cahirem á banda, sendo a arêa tam enxuta, que muitos saltaram, e se andaram desenfadando e passeando de uns para outros navios; e outra, atolados no lamarão iam resvalando a todo panno, podendo dizer-se que navegaram por terra mais de seiscentas braças. Houve occasião em que um dos navios esteve a ponto de ser abandonado, e para safa-lo, foi mister despeja-lo com rude trabalho de toda a artilharia e carga, e não poucas, para poderem caminhar por aquelles estreitos canaes, se atoavam ás arvores das ilhas. Neste angustioso transito se dispersaram e perderam de vista umas poucas de vezes; mas reunindo-se todos na ilha de Sancta Anna, depois de quatro dias de viagem, a 26 de outubro pelas dez horas da manhã, deram fundo em frente do sitio demandado de Guaxenduba.

As embarcações eram oito, e na travessia da ilha de Sancta Anna, postas em ala, fizeram tal apparato de bandeiras e flamulas que para logo foram avistadas da ilha que lhe fica fronteira, por cuja costa se foi immediatamente dando rebate, por meio de fumaças que se erguiam de um a outro ponto, e duraram grande espaço.

Vendo isto o sargento-mór, disse a Jeronymo de Albuquerque: «Cuido, senhor, que ganhei as meias, «e que não sómente não terá vmc. indios de paz, «mas que terá francezes de guerra; porque aquelles «fogos não são feitos acaso, nem por barbaros; pelo «que será bem que sem dilação nos fortifiquemos.»

Hoje em dia não se sabe ao certo o logar onde foi assentado o aquartelamento portuguez, pois que este nome de Guaxenduba perdeu-se de todo. Da *Jornada* de Diogo de Campos collige-se apenas que ficava entre os rios Mamuna e Muni, quatro leguas para lá da embocadura deste, fronteiro e á vista da ilha de S. Luiz, em distancia de umas duas leguas e meia. Não ha que fiar porém na indicação destas distancias, porque eram seguramente esmadas a olho, confundindo estes conquistadores a cada passo, em rasão da absoluta falta de conhecimentos dos logares, qualquer estreito ou braço de mar com rios, a ponto de pôr Diogo de Campos a embocadura do Itapucurú (Tapucurú ou

Maranhão lhe chama elle) juncto e quasi unida á do Munim!

O coronel Lago diz na sua *Estatistica* que pelas combinações, que fez, julga que a enseada de Guaxenduba é a mesma que hoje se chama bahia de Anajatuba, quasi norte-sul com a ponta de S. José, porque acha-se perto dali uma ponta, juncto da qual corre o rio Tatuaba, onde appareceram vestigios de um forte.

Qualquer que fosse, porém, a verdadeira posição do presidio, Diogo de Campos o descreve como uma vasa de lama, com algumas pedras, e a partes aréa, e todo esparcelado ao mar mais de meia legua, que de maré vasia ficava sem gota d'agua, e tam desabrigado, que refrescando a viração, não havia maneira de chegar os navios á terra, nem desembarcar cousa alguma. Era o sitio abundante de aguas, e sombreado de denso arvoredo; mas o sargento-mór o critica como pessima posição militar, pois que ficando a barra a mais de quatro leguas, era facilimo com quaesquer embarcações cortar-lhe toda communicação com a costa. Mas já descobertos, não havia remedio senão fortificarem-se ali a toda pressa.

Posta a gente em terra, abicados os navios á praia, e explorados os arredores, no que se despendeu um dia, logo se levantaram as costumadas disputas entre o sargento-mór e o engenheiro de um lado, e Jeronymo de Albuquerque de outro, porque levado este da sua indole aventurosa, e do seu conhecido systema, ora queria abalar dali para estabelecer-se mais avante,

nas bocas do Munim ou do Itapucurú, onde acharia indios em quantidade para o contentar, ora em vez de fortaleza, queria uma simples casa no mato, como as fazem os mesmos indios, que é uma cerca de mato cortado, com as ramas e folhagens para fóra, á feição de um curral de gado; e dizia elle que aquillo bastava, pois não estavam em Flandres, nem se haviam ali mister outras fortalezas mais que daquella especie. Venceu porém a opinião opposta, e feita a escolha do sitio, traçou logo o engenheiro um sexagono perfeito para a fortaleza, onde toda aquella gente se podesse alojar, e com pouca se defendesse. No dia seguinte (28) celebrou-se missa, e tirado á sorte o nome da fortaleza, que sahiu o da Natividade de Nossa Senhora, logo se deu começo á obra.

Quando estavam todos mui embebidos no trabalho, apontou uma embarcação de indios da ilha, os quaes saltando em terra, foram recebidos do capitão-mór com grande alegria e bom gasalhado; e por mais que elles na torvação e susto de que estavam tomados, dessem pouca apparencia de verdade ás vozes de paz com que vinham, e nas informações discordassem absolutamente, dizendo uns que a ilha estava cheia de francezes, e outros que os francezes já eram idos, pela qual razão vinham elles a saber quem eram os novos hospedes, pois os desejavam por seus compadres; o capitão-mór, levado sempre das suas imaginações, cuidou que já tinha feita a alliança, e os despediu a todos com muitos mimos, tomando só dous

refens, pelos cinco indios alliados que mandou com os outros a tomarem lingua, e um dos quaes era o principal Mucura-pirá, velhusco mui auctorisado por sua experiencia e mais partes. Entretanto, como depois se soube, eram estes tapuyas espias dos francezes, e vinham ver e explorar o acampamento.

Dous dias depois (30 de outubro), havendo-se derramado pelos arredores a mariscar alguns dos indios alliados com suas mulheres e meninos, foram salteados por uma partida dos da ilha, que captivaram uns, e mataram outros, mutilando os corpos com grande ferocidade, e fazendo pedaços as cabeças, o que entre estes indigenas era signal de declaração de guerra e odio irreconciliavel; mas acudindo um reforço de portuguezes, chegou ainda a tempo não só de libertar os captivos, mas de matar alguns, e de colher vivo ás mãos o capitão dos contrarios,

Este successo, como era natural, confirmou os receios nos animos dos que já os alimentavam, despertando-os em todos os outros, menos no do capitão-mór, que com os olhos cravados de continuo no horisonte, esperava que a cada momento lhe chegassem da ilha os embaixadores tupinambás a ferir pazes, e todo embebido nesse conceito, não só não soffria a menor observação que pozesse em duvida o acerto das suas idéas, como não olhava de boa sombra para o trabalho das fortificações.

Nisto o indio prisioneiro, fosse inconstancia, ou desejo de agradar o recente senhor, ou gratidão de

lhe deixarem a vida salva, revelou detalhadamente assim a occupação estavel da ilha pelos francezes, e as suas grandes forças em navios, fortalezas, artilharia, senão que mal o permittisse o tempo, demandariam aquelle ponto, e deu por signal que no dia seguinte appareceriam duas embarcações pequenas a reconhece-lo. E acrescentou que todos os portos estavam tomados, todas as canôas de indios á disposição dos francezes, e estes perfeitamente informados do estado do acampamento, pelos cinco indios mandados pelo capitão-mór, os quaes se achavam a bom recado na fortaleza de S. Luiz, e tudo haviam descoberto, obrigados das torturas.

E de feito no dia immediato (2 de novembro) appareceram as duas lanchas annunciadas, mas sendo perseguidas com força superior, recolheram-se immediatamente.

Parece incrivel que ainda depois deste successo porfiasse o capitão-mór que os indios da ilha deviam de ser por elle, e que se já não tinham vindo a busca-lo, era porque os francezes os traziam como bloqueados; mas é de crêr que fallasse assim por compostura sómente, e em obsequio ao proprio orgulho, porque nas obras já ia desmentindo a confiança que respiravam as palavras. Propondo-lhe o sargento-mór que se mandassem avisos a Pernambuco, em ordem a virem soccorros, annuiu sim a que se expedissem dous caravelões por mar, mas oppoz-se vigorosamente a que sė mandassem indios por terra, confessando

que já dos proprios alliados receava que, aberto o exemplo com a partida destes correios, todos os mais os seguissem, desemparando o forte.

Os caravelões partiram, e começou-se então a cuidar deveras nas fortificações. O caso era em verdade urgente e apertado; porque no meio de todas essas interminaveis delongas e miserias da expedição portugueza, o estabelecimento francez tinha medrado consideravelmente. As suas forças numericas haviam duplicado, com a chegada de novos soccorros, e só o capitão de Pratz, aquelle mesmo que de passagem tentára surprender o presidio das Tartarugas, havia trazido trezentos homens em uma alterosa náu. Na ilha havia já quatro fortes, bem que só nos ficassem os nomes de dous, o de S. Luiz e o de S. Joseph do Itapary. Os indios, tanto da ilha, onde havia mais de vinte aldêas populosissimas, como do visinho continente de Tapuy-tapera e Cumã, estavam todos á sua devoção. E por fim, senhoreavam completamente o mar pela superioridade da sua esquadra. Valeu aos portuguezes que a grande náu de de Pratz que se adiantára a busca-los, soffreu tamanho temporal na costa do Araçagy, (Arasanhug chama-lhe Diogo de Campos) que se viu necessitada a arribar a S. Luiz, e tiveram assim os portuguezes alguma folga para adiantar as suas obras, no que punham grande vigor e diligencia, como quem receava ser accomettido a cada instante.

«Trabalhava-se, escreve Diogo de Campos, de noite «e de dia, coisa que se não póde crer de gente tam

«cançada, e tam mal provida, e que continuamente
«andava com as armas nas mãos, e atravessando matos,
«e rondando as praias, guardando portos, fazendo
«emboscadas, batendo varedas, reconhecendo pistas;
«vigiando lanchas, e trabalhando nas obras, e na
«descarga dos navios, de sorte que não havia sahir
«de um trabalho, sem se deixar de entrar em outro:
«de todos a guarda no mar, e dos navios dava mais
«cuidado, porque por momentos as lanchas, canôas
«e patachos appareciam em diversas partes, e como
«nenhuma era segura aos novos hospedes, de todos
«se arreceavam, e convinha guardarem-se, de modo
«que descalços, despidos, rotos do mato, transidos,
«pallidos, mas mui animosos, andavam todos os sol-
«dados, e officiaes com uma conformidade grande.»

Esta triste situação, tornava-a ainda mais afflictiva á falta de boa comida, pois como a terra nada podia fornecer pelo emquanto, continuavam todos reduzidos a farinha e agua. Nestes corpos assim extenuados, as molestias começaram de prompto os costumados estragos; alguns falleciam, muitos eram os prostrados, encommodados todos. As fileiras do pequeno exercito se desfalcavam a olhos vistos, pois além dos mortos e enfermos, outros se tinham ido nos dous caravelões.

Por este theor foram as cousas até o dia 7, em que os francezes arvoraram uma bandeira branca em uma coroa fronteira ao forte. Palpitou o coração a Jeronymo de Albuquerque, que logo em altas vozes ma-

nifestou que não deviam de ser senão os seus compadres tupinambás que, fugindo á tyrannia dos francezes, ou a nado, ou por qualquer outra industria, vinham ali buscar a sua protecção. Neste presupposto mandou embarcações que os conduzissem; mas estas acharam inimigos em vez de amigos, e á fuga deveram a salvação.

No dia 10 uma partida portugueza surprehendeu uma canôa, e aprisionou todos os indios que vinham nella, á excepção de dous que, lançando-se ao mar, nadaram como golfinhos mais de duas leguas. Os prisioneiros, fazendo da necessidade virtude, e não tendo naquelle aperto outro remedio, asseguraram com intrepidez e descaramento que vinham de paz. Sahiu alegremente a recebe-los Jeronymo de Albuquerque, mas Diogo de Campos, a quem doiam estas cousas no coração, não se póde ter que lhe não dissesse: «Senhor, não sejam estes como os outros, mandem-se «pôr a recado, e saibamos o que se passa, que tanta «gente, nem tam bem concertada, não vem senão a «tomar lingua por parte dos francezes.» A isto lhe respondeu o capitão-mór publicamente: «Senhor, isto «não é guerra de Frandes. Vmc. me deixe com os «indios por me fazer mercê, que eu sei como me hei «de haver com elles, que sei que me vem buscar de «paz.» E dizendo isto, os despediu e deixou ir livremente, enchendo-os de afagos e mimos!

De maravilha um dos indios, que tinha a mãe em Pernambuco, deixou-se ficar no acampamento, e re-

velou ao padre fr. Manoel, que era mui versado nos seus dialectos, que a canôa não tinha ali vindo a outro fim senão a fazer um ultimo reconhecimento, sendo a tenção dos francezes assaltar os navios aquella mesma noite, e depois de os render e queimar, pôr cerco á fortaleza por mar e por terra.

Como isto viesse ao conhecimento de Diogo de Campos, á boca da noite, fez aviso ao capitão-mór para se precaver, e puchou elle com parte da força a guarnecer os navios, entendendo talvez, como Themistocles, que a salvação desta singular Athenas estava toda naquellas muralhas de madeira; mas sahindo-lhe o capitão-mór por diante no acto mesmo do embarque, oppoz-se a este designio, dizendo que tinham vindo ali, não a defender meia duzia de taboas podres, senão a terra que pisavam, e haviam occupado em nome d'el-rei. Tornou-lhe Diogo de Campos que contas dariam ao mesmo rei da armada, se a perdessem, sendo ella o seu unico recurso e meio de salvação? E assim continuou a disputa, vencendo a final a auctoridade de Jeronymo de Albuquerque, que mandou abicar e atoar os navios á terra, quanto fosse possivel, e deixando-lhes alguma gente para sua guarda, dispoz tudo em terra para repellir o ataque.

Na madrugada de 11 de novembro, involtos n'uma densa escuridão, chegaram os francezes silenciosamente; mas sendo em breve percebidos, travou-se a canhonada e fuzilaria de parte a parte. Entretanto a

artilharia do forte jogava com pouco effeito; e os guardas postos aos navios os abandonaram depois de uma fraca resistencia. Tres dos navios cahiram em poder do inimigo, escapando os outros tres, ou por estarem já em secco mui proximos á terra, ou por mais abrigados pela artilharia do forte.

Ficaram os francezes tam infunados com este successo, que dali por diante começaram a correr o mar livremente em face do aquartelamento portuguez, e armando as tres embarcações que haviam tomado, occupavam e enchiam o canal com as suas velas, vindo até a metter-se debaixo da artilharia do forte, e ás arcabuzadas molestavam a gente que andava pela praia, não lhes consentindo mais nem o repouso, nem o trabalho.

Nestas arriscadas conjunturas, cortados os portuguezes por mar e por terra, por um inimigo poderoso em si mesmo, e ao demais assistido de innumeravel multidão de indios, com suas immensas canôas de sessenta e setenta palmos de comprido, já os valentões do Preá se arrependiam da sua temeridade, e estimariam muito ver-se de novo naquelle ponto. Os indios amigos, esses vendo que os francezes haviam tomado os navios tanto a mãos lavadas, andavam tam encolhidos e espantados, que já lançavam novas contas; e nem acudiam mais ao trabalho como dantes, nem o capitão-mór ousava de ordenar-lhes cousa alguma, quasi certificado do pouco que podia esperar delles.

Começou-se tambem a sentir a penuria, porque os indios amigos já não ousavam alongar-se do acampamento, para colher alguma cousa, temerosos com razão dos contrarios que, em numerosas emboscadas, infestavam todos os arredores. A consternação tornava-se geral, e suggeria alternativamente, em uns projectos criminosos, e em outros pouco cordatos, sendo evidente que ninguem quasi sabia já dar-se a conselho.

Um dia teve o sargento-mór denuncia de que estava urdida uma numerosa conjuração para pôr fogo á polvora, afim que, forçados os chefes pela falta de munições, abandonassem o acampamento, e retrocedessem, fosse para onde fosse. O unico embaraço, que detinha os conjurados, era o receio de que ardendo toda a polvora dos armazens, não lhes viesse depois faltar a indispensavel para se defenderem na retirada, e por isso andavam cogitando maneira de esquivar este inconveniente. Nas criticas circumstancias em que se achavam, viu-se o sargento-mór obrigado a dissimular, sem nada fazer ostensivamente para reprimir tamanho attentado; e despedindo o conjurado delator, com palavras ambiguas, e vagas promessas de libertar brevemente a todos dos grandes vexames que estavam passando, proveu immediatamente á segurança da polvora, dobrando-lhe as guardas, escolhendo-as de toda a sua confiança, e havendo-se em tudo com tal disfarce, que ninguem suspeitasse o que elle só sabia.

Feito isto, determinaram os chefes de fazer uma

exploração, a ver se por entre as ilhas, e a coberto dos navios francezes, descobriam algum canal, pelo qual ou podessem retirar-se com segurança, ou pelo menos mandar estabelecer um presidio no Preá, onde fossem avisadas as embarcações que por ventura viessem de Pernambuco, não fossem ellas cahir nas mãos do inimigo, privando assim os portuguezes do unico soccorro de que já agora esperavam a salvação.

A este fim partiu Belchior Rangel no dia 17, caminhando pela praia, com sessenta arcabuzeiros, trinta indios e um excellente guia; mas posto fosse o caminho já d'antes frequentado, andaram elles todo aquelle dia e noite, e parte do seguinte, sem acertar por onde deveriam seguir, e depois de levar atolados algum tempo em um igarapé, que tentaram atravessar, por estar a maré vasia, voltaram ao acampamento tam descompostos e sordidos da lama, e tam quebrantados de fadiga, como se tiveram andado na vasa um anno inteiro.

Este successo que acharia a sua explicação natural no desalento e má vontade dos exploradores, se capitulou pouco depois quasi como milagroso; porque se Belchior Rangel tivesse seguido por diante, o acampamento, desfalcado de uma parte tam consideravel das suas forças, mal poderia resistir no dia seguinte ao vigoroso assalto do inimigo. Mas o sargento-mór que o não previa, tomou grave despeito daquelle mallogro, e determinou elle mesmo de resarci-lo, indo aquella noite, e mais o engenheiro Frias, a fazer a

exploração, cada um em seu batel com dez homens. Quando porém pela madrugada do dia 19 estavam a ponto de embarcar, deram vista de uma immensa multidão de embarcações de remo que, cosidas com o mangue, se vinham em grande silencio aproximando do forte. Eram os francezes que vinham a toma-lo.

Ao amanhecer, nada fizeram os portuguezes por lhes defender a desembarcação, e elles a effeituaram com tam gentil despejo e galhardia, que na competencia de quem primeiro tocaria em terra, muitos se lançaram á agua, o que foi causa de molharem frascos e bandoleiras, e talvez de se lhes estragar parte da munição. Os indios fizeram o mesmo, e saltaram cada um com uma especie de fachina na mão, cobertos de pavezes e rodellas, tinctos de variegadas côres, e arreiados de pennas a seu modo, fazendo mil tregeitos e esgares medonhos, e arrancando tam temerosa grita, que parecia estar ali o inferno todo, diz Diogo de Campos.

A armada franceza era em verdade formidavel, se a compararmos com o extenuado e desprovido destacamento portuguez, pois compunha-se de sete navios de alto bordo, e de quarenta e seis grandes canôas, com quatrocêntos soldados e para mais de dous mil indios.

Berredo e outros dizem quatro mil; mas além de que só fallam no desembarque da metade desta força, sem explicar o destino da outra, Diogo de Campos que menciona só dous mil, acrescenta que as canôas

maiores tinham setenta e cinco palmos de comprido, e eram guarnecidas com vinte cinco remos por banda, o que dá para as quarenta e seis que vieram, justamente cousa de dous mil indios, numero sem duvida muito mais provavel.

O forte da Natividade ou de Sancta Maria estava situado sobre uma pequena eminencia, arvoredo frondoso derredor, e a praia immensa na frente; mas de lado lhe ficava a cavalleiro outra eminencia mais elevada, que o descuido ou impericia do engenheiro deixou vaga e accessivel ao inimigo. Junto a esta corria um ribeiro, donde o forte se provia d'agua.

Era tal a confiança dos francezes nas suas forças que só desembarcaram os indios, e duzentos soldados, ficando á bordo das grandes embarcações outra igual porção. A mesma força desembarcada se dividiu em duas; uma foi occupar a eminencia que dominava o forte portuguez, e com as varas e fachinas que levava, em breve conseguiu levantar ali uma cerca a modo de fortificação; e outra ficou occupando a praia, onde ergueu alguns reductos que por meio de outra extensa cerca communicavam com a collina,

Diogo de Campos, antes que estas obras se fizessem e logo no acto do desembarque, veio com alguns arcabuzeiros apalpar o inimigo; mas depois de uma ligeira escaramuça, mortos dous francezes e um portuguez, acolheu-se ao forte, onde traçou rapidamente com o collega a ordenança que na defeza deviam

guardar. As suas forças eram mingoadas, e ainda assim commetteram o mesmo erro que o inimigo, dividindo-as. Jeronymo de Albuquerque devia acommetter a collina com cerca de oitenta soldados, e um numero menor de indios, e marchou primeiro rebuçado pelos matos. Diogo de Campos devia acommetter os reductos da praia com um punhado de homens quasi igual. O capitão Fragoso ficou no forte com uma pequena companhia de reserva para acudir onde a urgencia do caso o pedisse. No mesmo forte ficaram tambem de guarnição uns trinta homens, os mais delles enfermos, e marinheiros desembarcados. Os tres navios restantes estavam varados na praia, desaparelhados, e com muitas taboas arrancadas, em ordem a não se aproveitar delles o inimigo. E eis ahi tudo.

Em quanto Jeronymo de Albuquerque mettido por uma estreita vereda procurava flanquear a collina sem ser sentido, Diogo de Campos guiava silenciosamente para a praia, mascarando-se tambem com os matos quanto podia, para que não dessem fé da sua marcha. Durante ella porém percebeu que os seus soldados o seguiam remissos e descorçoados, e como pezarosos de abandonarem o abrigo do forte. Receando elle então que a tibieza e frouxidão degenerasse bem depressa em cousa peior, arrancou de uma pistola, e acceso em colera afeiou-lhes uma cobardia tam indigna, e mais em quem se havia amotinado no Preá para avistar-se com o inimigo; e acrescentando que

ao primeiro que torcesse o rosto faria saltar os miólos com um tiro, concluiu animando-os a que fizessem o que lhe vissem fazer, e certificando-os da victoria, *se por um pouco tivessem a barba teza á primeira furia do inimigo.*

Chegado a este momento supremo, que para sempre decidiu dos destinos da nossa patria, o escriptor destas memorias não póde passar adiante sem fazer algumas rapidas considerações sobre as circumstancias dos dous partidos, que promettiam resultados tam outros dos que a fortuna proporcionou. De que fios mysteriosos pende a sorte dos imperios e das nações? Os francezes senhoreavam o mar com uma possante armada; a sua superioridade em homens, armas e provimentos de todo genero era immensa, e para corôa de tudo, tinham por si o formidavel apoio de toda a população indigena. Inchados além disso com a recente victoria, e cheios, com razão, de confiança nas proprias forças, como não haviam de contar que a fortuna, que desde o principio lhes sorria, não coroasse todas as suas fadigas com o derradeiro triumpho?

É certo que os francezes accumularam faltas sobre faltas. Quando deviam atacar a expedição, antes que ella tomasse pé e criasse raizes, consumiram o tempo em repetidas explorações e reconhecimentos. Tendo depois tomado e destruido a flotilha portugueza, e senhoreando exclusivamente o mar, era-lhes bem facil interceptar todos os soccorros, e obrigar o pequeno

presidio portuguez a render-se pela fome, ou a tentar uma retirada desastrosa por terra, muito antes mesmo que taes soccorros apparecessem. E preferindo por fim jogar a sorte da colonia n'uma batalha, houveram-se com tam presumptuosa confiança que partiram as suas tropas, fazendo desembarcar metade dellas sómente, e esta mesma dividiram e encaminharam a dous pontos diversos, como já se viu. Entretanto, em nenhuma destas situações, mesmo na mais desvantajosa, eram os francezes inferiores aos seus adversarios, e mais achando-se assistidos de tam crescida multidão de indios.

Da parte dos portuguezes porém que contraste! Uma pobre expedição, fructo mesquinho de um parto laborioso de uns poucos de annos de contradicções, embaraços e miserias de todo genero, arrastando-se languidamente de estação em estação desde Pernambuco até Guaxenduba, e depondo em cada estação parte das mingoadas forças; minada e dizimada pela penuria, pelas molestias e pela insubordinação; desmoralisada e abatida pela perda da armada, e por fim de tudo, no momento supremo e decisivo, entorpecida pelo medo e cobardia, a maior degradação e infamia, a que um soldado póde chegar. E nada menos, os portuguezes venceram! Mais tarde havemos de ver que a Providencia foi justa nos seus designios.

Diogo de Campos foi o primeiro que feriu a batalha, bradando—Sanct'Iago—e arremettendo denodado contra o inimigo. Não tardaram muito, primeiro a

reserva do capitão Fragoso, e logo apoz o capitão-mór, que vendo a briga accesa, desistiu do primeiro intento de atacar a collina, e acudiu presuroso onde o chamavam a honra e o perigo. Deste geito viu-se o inimigo acommettido inopinadamente por diversos lados. Foi curta a peleja, porém vigorosa e mortifera. Que decidiu do exito? Algum imprevisto e ligeiro accidente, algum brado de terror ou de coragem solto no meio do conflicto, e por ventura a morte do general francez, Mr. de Pizieux, derribado logo ás primeiras arcabuzadas. Foram os indios os primeiros a afrouxar, exemplo que não tardaram os francezes a seguir, descorçoados a um tempo, e baldos da principal direcção, com a morte de seu chefe. Bem depressa disparou tudo em desordenada fuga, ficando o campo do combate alastrado de cadaveres e despojos.

Durante a refrega, que se concluiu em menos de uma hora, Ravardière, que do mar comtemplava a derrota dos seus, tentou com a esquadra prevenir as suas ultimas consequencias, divertindo com o fogo da sua artilharia a attenção dos vencedores; mas estando a maré baixa, os vasos maiores não se poderam aproximar, e os que o conseguiram, foram de maneira servidos pelo fogo do forte, que sem poder obstar a cousa alguma, se tornaram a fazer ao largo.

Tomado um breve descanço, guiaram os vencedores á fortificação da eminencia, donde os vencidos não receberam soccorro algum durante o primeiro

conflicto, porque Pizieux havia positivamente determinado á guarnição que por mais que visse ferida a peleja, por nenhum caso se movesse, antes se fortificasse cada vez mais, entendendo achar ali um abrigo, se fosse mal succedido. Este ataque foi o mais perigoso e difficil; a guarnição se refizera com a turbamulta dos fugititivos, e resguardada pela cerca, fuzilava os portuguezes que marchavam descobertos a metter-se na boca dos seus arcabuzes. Não poucos destes cahiram junto a fortificação, mortos ou feridos, e entre elles, um filho do capitão-mór, ferido, e Luiz de Guevara, sobrinho do sargento-mór, que ainda depois de morto, tinha as mãos ambas seguras á cerca, em posição de quem procurava vence-la de salto. Nada porém foi cabal a soster o impeto dos assaltantes; nem podia ser muito longa a resistencia dos sitiados já quebrantados pela rota lastimosa que haviam testemunhado. Os indios, que ali estavam em numero maior de seiscentos homens, foram os primeiros que afrouxaram, e retrahindo-se á retaguarda, arrojaram-se com tal impeto pela collina abaixo, que arrebataram comsigo os matos da cerca, semelhando na violencia e estrepito da fuga a queda ruidosa de uma torrente caudal. Os francezes, a quem para cumulo de infortunio se acabou a polvora, sahiram tambem em debandada pela mesma aberta.

Neste segundo ataque, em que os francezes fizeram honradamente o seu dever até á ultima extremidade, estiveram os Portuguezes a sós, porque os

seus indios se haviam desmandado pelo campo, e andavam encarniçados em despir os cadaveres dos francezes, e em quebrar os craneos aos indios inimigos.

A jornada com todas as suas phases e accidentes durou desde ás dez horas da manhã até quasi ao cahir da noite, em que todos se recolheram ao forte, sem mais perseguir o inimigo que fugia pelo bosque, *por lhe dar ponte de prata*, dizia Diogo de Campos. Este dia os dous velhos, sempre tam avessos em tudo, se mostraram perfeitamente semelhantes, no valor como na fortuna.

A perda dos francezes foi immensa, pois deixaram nove dos seus em poder do vencedor, e cento e quinze mortos no campo da batalha, entre os quaes se contavam, alem do commandante em chefe Pizieux, muitos officiaes de distincção que todos combateram até á morte, por mais que Diogo de Campos lhes bradasse em francez que se rendessem. Apenas o senhor de Pratz buscou a salvação na fuga, escapando á nado, e com a espada na boca. Entre os indios que pereceram, ficou o denominado *Mingáu*, grande inimigo dos portuguezes, a quem por quatorze vezes havia escapado desde as guerras do Rio Grande e Ybiapaba. Se a estes mortos juntarmos os que se afogaram no mar, e os que deviam de ir feridos, ver-se-ha que o desastre foi completo. E sobre isto, os portuguezes, logo depois da primeira victoria, pozeram fogo á armada das quarenta e seis canoas, que arderam todas até á ultima. A perda do vencedor foi com-

parativamente insignificante, pois não excedêu a dez mortos e dezoito feridos.

Ainda assim, como os francezes conservavam intactas as mais das suas forças, e esperavam para o dia seguinte um grande auxilio de refresco de indios do Cumã, com quem os dispersos, refazendo-se, se podiam juntar, e tentar de novo a fortuna das armas, Diogo de Campos nada quiz confiar ao acaso, antes teve toda a gente acautelada e recolhida durante a noite, descançando, enterrando os mortos, e curando os feridos. «A gente estava tal, diz elle, e havia «tanto que entender com feridos e mortos, e com vi«vos mortos de fome, que bem o haviamos mister as«sim. No quartel, a Deus louvores! não havia cirur«gião nem mezinha alguma, mais que um pobre moço, «que ainda que soubesse atar uma ferida, não tinha «coisa que lhe pôr, mais que azeite cummum ou de «copaiva, e panno d'agua com empsalmo, que para «tam terriveis feridas, como alguns tinham, era coisa «lastimosa. Somente entre os indios havia ao seu mo«do ballos e cantos toda a noite, e as mulheres apre«goando pelo quartel, andavam cantando das proezas «de seus maridos, e publicando os nomes dos ho«mens de guerra que haviam tomado nos contrarios, «quebrando-lhes as cabeças, ceremonia notavel e de «muita graça, pelo fervor com que as mulheres in«dias de aquellas partes dão á execução este rito.»

Ao amanhecer do dia 20 de novembro os do forte deram vista da armada com as vergas e bandeiras aba-

tidas e desarvoradas, em profundo silencio, sem toque de alvorada, nem os tiros do costume, tudo sem signal de dó, pela perda do general e de tantos bravos, senão é que a principal causa de afflicção estava na derrota, e mallogro de tantas esperanças. O certo é que Ravardiére, de anojado, esteve dous dias retrahido em sua camara sem fallar a ninguem, como depois se soube. Mas os vencedores nem por isso tinham grande motivo de contentamento, pois viam o mar tomado, achavam-se sem um unico batel em que navegar, e começavam a ser apertados pela fome, accrescendo a tudo os receios de algum novo ataque.

E de feito, pelas sete horas da manhã, assomaram no horisonte as preconisadas canoas dos indios de Cumã, em numero de dezeseis com seiscentos a setecentos homens, aproando para a armada e forte de Guaxenduba, e enfileiradas umas trás das outras. Estes auxiliares tentaram fazer o seu dezembarque para o lado do Munim; mas obstados por cem mosqueteiros portuguezes que lhes sahiram ao encontro, e informados um pouco além pelos extraviados, da grande róta da vespera, se deram pressa em fugir para as suas aldêas, sem fazer nenhum cabedal dos repetidos signaes da capitânia franceza, tam infieis e esquivos na presente desgraça, como promptos e dedicados na boa fortuna.

Ravardière, que sempre fôra tam mimoso della, não póde soffrer de boa sombra este estrondoso revez

que o tinha quasi derribado de suas mais charas esperanças; e elle que no momento do ataque escrevêra ao chefe portuguez uma carta arrogante e ameaçadora, a que se lhe respondera pela maneira que já fica referida, isto é, com a batalha e a victoria, exhalou agora o seu despeito e máu humor em outra não menos incongruente. Jeronymo d'Albuquerque respondeu-lhe com dignidade e moderação; e dahi estabeleceu-se essa famosa correspondencia, que Diogo de Campos nos conservou, e é um curioso monumento da petulancia como da cortezia franceza, não menos que do estylo e dos costumes militares daquelles tempos e paragens, e das importantes negociações diplomaticas que deram em ultimo resultado a evacuação dos francezes, e o estabelecimento permanente dos nossos maiores.

Essas cartas, que adiante publicamos, foram escriptas umas em francez, outras em hespanhol. Aquellas foram traduzidas por Diogo de Campos, que muito se desvanecia do conhecimento que tinha da lingua franceza, não menos que de haver frequentado a Flandres, theatro então das grandes guerras da Europa, e onde elle conhecêra e tractára a muitos homens distinctos, entre os quaes eram alguns officiaes de Ravardière. Algumas destas cartas, bem como artigos do tractado que se lhes seguiu, nos foram conservadas no original hespanhol em que talvez foram escriptas, em rasão do pouco que se conhecia a lingua portugueza no acampamento inimigo. Damo-las

agora traduzidas, mas reproduzimos com escrupulosa exactidão os originaes e traducções de Diogo de Campos, taes como os elle deixou, despresando as copias de Berredo, que sem duvida para polir e afeiçoar o estylo a seu modo, fez-lhes graves alterações, até no sentido. Eis as cartas:

I

«Senhor d'Albuquerque, eu te mando esta para «saber a verdade da guerra, que fazes, e queres fa«zer aos meus; porque atéqui não quiz praticar-te «nada de aquillo, que toca á nossa arte. Porque tu «quebras todas as Leis praticadas, em todas as guer«ras assim Christãs, como Turquesquas, ou seja «em crueldade, ou seja na liberdade das segurida«des que os homens tomam uns com os outros para «seus parlamentos; e tu, retendo os Trombetas, que «te mandam pessoas livres, pelo meio de todos os «inimigos, fazes, que em ti vejamos, e pratiquemos «Leis novas em nossos officios. Pelo que tu nunca «terás honra jámais para com pessoas de merecimen«to, nem farás mais, que abocanhar a carne Christã; «mas a Justiça Divina te castigará como tu mereces, «e me dará graça, que tu, e os teus proveis a corte«zia Franceza, cahindo nas minhas mãos, a qual eu «te prometto em vingança de tuas crueldades, que «eu poderei executar sobre ti, e sobre os teus, que «cá tenho no Forte S. Luiz, sendo doze selvagens, á

«que faço melhor tratamento, que pósso. Por tanto «não te ensoberbeças havendo espantado huns pou«cos de selvagens, os quaes te deixáram nas mãos al«guns oitenta homens dos meus Francezes, gover«nados pelo meu Tenente mancebo, e bravo capitão, «e experimentado na guerra, se jámais o houve, que «foi morto na primeira occasião em que aqui se «achou. Tambem havia outro bravo, e experimenta«do na guerra chamado *Mons du Prat,* o qual me «veio achar depois da defensa, que fez fazer aos «Francezes e Selvagens, de que não tirassem em «modo algum do mundo em quanto durava o parla«mento, e esta foi a causa, que tu a tão bom preço «os tomaste contra toda a Lei da Guerra, violando «tudo o que nella se pratica. O Senhor du Prat vi«rou o rosto á larma, e vendo a desordem, se poz a «resistir, e vendo o attrevimento dos teus, e sua au«dacia, acompanhou os seus pelejando até que te vio «senhor do campo, e depois se salvou, e está com «saude, donde me assistirá bravamente a tomar ra«zão de teus crueis effeitos. Tu tens sómente a hon«ra de ficar com a praça, a qual eu espero haver «bem cedo, porque ainda me ficou assaz gente de «bem para executar meu desenho, sem ter necessi«dade daquelles, que mandei ao Pará, os quaes es«pero cada dia, e outros muitos de França; e assim «esperarei tambem tua resposta, sobre o que acima «te digo, a qual me pódes mandar sobre minha fé, e «palavra, que eu nunca jámais quebrei, nem o fa-

«rei. Porque tenho vinte e cinco annos de Governa-
«dor de gentes, pelo que se te mostrares Christão,
«faze boa guerra aos meus, e manda-me o meu Trom-
«beta, se não queres que á tua vista te faça enforcar
«em 54 horas todos os teus assim Portuguezes, como
«Selvagens. Este teu mortal inimigo Diante do Forte
«S. Simão aos 21 de Novembro 1614.

«Ravardiére.»

II.

«Senhor Ravardière. ElRei Catholico de Hespanha,
«nosso Senhor, me mandou a este Rio Maranhão com
«o Capitão, e Sargento Mor de todo este Estado do
«Brazil Diogo de Campos, meu Collega, e muitos ho-
«mens Nobres, Fidalgos e Cavalleiros de diversas ge-
«rações de Portugal, de que realmente eu tenho mui-
«ta honra, e tanto me fio de sua companhia, que te-
«nho dois filhos commigo nesta empreza, na qual nun-
«ca me persuadi, que tinha parte o Christianissimo
«Rei de França, nem os Francezes Nobres, que se me
«nomeam. Pois é de crer, que sendo o meu Rei Em-
«perador deste novo mundo ha mais de cento e doze
«annos, que não dará parte delle a outro Principe, e
«se lha der, que lha não tornará a tirar: pelo que so-
«bre o titulo de nossa vinda não ha que disputar, que
«se os Reis o hão de averiguar, mal faz quem faz a
«guerra, e se as armas, escusadas são palavras.

«Por averiguar duvidas, e saber quem estava nessa

«Ilha, mandei os dias passados os meus Indios com a «paz á mesma Ilha, e tomarão-mos os Francezes, del«la vierão outros a buscar-me com engano, dissimu«lei, e mandei-os livres: depois disto vierão os Fran«cezes de Itapary a esta corôa de arêa, que me jaz «defronte, e pozerão bandeira branca de paz, a que «logo acudi com um barco, em que hia um filho meu, «e um Capitão da Casa Rangel para vêr sua falla: vie«rão com armas cubertas os Francezes, e tanto que «entenderão poder damnar aos meus, lhes tirárão «cruelmente muitos golpes de arcabuz, e mosquete. «Eis-aqui, Senhor Ravardière, quem por tres vezes «rompeu, e violou a lei das gentes, e do primor da «guerra, e quem se fez incapaz de fidelidade: passa«das estas coisas vierão os Francezes a tomar dois «pobres cascos de navios desarmados a meus pobres «marinheiros, os quaes estavão á boa fé no mar d'El-«Rei nosso Senhor, sem fazerem mal a pessoa, e foi «a interpreza a horas, e termos pouco valentes, em «fim ficámos lastimados de tanta ousadia, e má visi«nhança. Passado isto, Senhor Ravardière, vierão os «Francezes em numero grande com todas as forças «do Estado dos Indios destas Comarcas enganados «para nos comerem, e tirarem a vida á fome, e sede, «e ao cutelo, e andando-nos apercebendo para a nossa «defeza, mandárão hum Trombeta não sei de quem, «o qual queria que dentro em quatro horas nos «rendessemos; e em quanto fallava com meu compa«nheiro Diogo de Campos, a gente Franceza desem-

«barcava, e os Salvagens se chegavão, os Francezes «astuciosamente se fortificavam: sendo assim, que «cada crime destes he intoleravel: Pelo que, seguin«do-se o effeito pela nossa parte, começando, a Deos «graças, o Trombeta ficou salvo, e a vosso serviço, «e vos dou palavra de o mandar quando fôr tempo «por minha cortezia, e vossa boa tenção; não pelo «merecimento da causa, que já vai declarado para «diante dos que da nossa arte mais entenderem. Do «sangue, que se derramou de Francezes e Portugue«zes, Deos he testemunha; que não tenho eu a cul«pa, a quem a tiver elle dará a pena. Por tanto se «os meus que lá estão enforcardes, mal fareis aos «vossos, que cá tenho, que são nove com o Trom«beta, e um vosso Tambor, mas *il será, comme vous «plaira*.

«Todos os mortos Francezes fiz enterrar como pude, «não como merecem, se delles algum he necessario, «ou os ossos, pódem livremente vir por elle, sem ne«nhum interesse: a muitos salvei a vida, mas os Sal«vagens, que vem commigo, confesso, que são mais «crueis, que os vossos, não para comerem carne hu«mana, e assim he fabula, que faltou perna, nem bra«ço a nenhum Francez, e isto sobre minha honra, an«tes a um soldado valeroso de casaca grisante, que «morreu peleijando dentro já na cerca, os vossos Ta«puias ou Salvagens lhe cortarão um braço, e sem «elle foi á terra; nem me maravilhei disso; porque sou «velho, e ha muitos annos, que ando nestas coisas, e

«por derradeiro sei, que será o que Deos quizer. Dada «no forte Sancta Maria no Rio Maranhão, a 21 de No«vembro 1614.

«JERONYMO D'ALBUQUERQUE.

«Andava fóra á caça, por tanto não mandei a res«posta mais cedo: as cartas dos meus vi, fallão ver«dade: mas póde alguem enganar-se com ellas, tor«no-as a mandar, para que as vejam mais d'espaço.»

III.

«Senhor d'Albuquerque. Tenho visto pela tua a boa «guerra, que tens feito aos meus Francezes, que eu «governo, e assim estou mui alegre, e cré de mim hum «natural, que jámais ficará vão de cortezia, e que as«sim tudo te pagarei em dobro, quando Deos me der «occasião. Peço-te, que me mandes os nomes dos «meus, a quem tu salvaste a vida, e não creias, que se «te dará por isso hum só enojo, e assim me avisa, quan«do me dás tua palavra, e tua fé para que eu mande «hum Fidalgo dos meus a vêr o corpo do meo lugar «Tenente General, homem de Casa illustre, e se tu «m'o queres mandar buscar por alguem, eu te dou «minha fé, e minha honra, que póde vir, e tornar «seguramente; e assim se alguem dos teus Padres qui«zer vir, eu lhe farei, que veja os nossos, e respon«derei de viva voz a todos os pontos da tua Carta á «pessoa, que mandares, ou a quem lá for sobre tua «palavra, na qual me fio tanto, como tu te pódes fiar

«da minha, pois que t'a dou como Christão verdadei«ro, e servidor fiel do meu Rei, e teu amigo. Manda«me dizer, se me dás a palavra para ir lá o Capitão «Malharte, que tu já viste em Pernambuco; e assim «te rogo que me faças escrever em Francez, ou em «Hespanhol pelos teus, que tu tens, que sabem de «tudo. Dada em 22 de Novembro de 1614.

«RAVARDIÉRE.»

IV.

«Senhor Ravardière. Mais obriga aos cavalleiros «portuguezes um termo cortez do que a força das «armas, e assim dou minha palavra que afóra a guer«ra que trazemos, tudo o que fôr do gosto e serviço «do Senhor Ravardière, hei de faze-lo muito a ponto. «Logo que recebi esta segunda mensagem, enviei «dous capitães com dous Francezes, e o trombeta, «em busca do corpo de Mr. de Pizieux; e mal haja «a fortuna e desconfiança que de mim se teve, que se «elles não peleijassem tam valerosamente, e se qui«zessem render á minha pessoa, o que tanto se lhes «rogava, sostendo o impeto dos meus, todos estariam «hoje vivos; ou pelo menos, se no mesmo dia da ba«talha fosse avisado, como em taes casos se costuma, «para enterrar os mortos, podéra estar feito o que á «amisade e lealdade de taes homens se devia, e por «vida de meus filhos que os houvéra sepultado mui «de outra maneira. Porém como cousa sem noticia,

«fi-los enterrar á volta dos meus, para quem todo o «bosque é mui honrada e ditosa sepultura; e deste gei-«to, pelo que toca aos mortos, tenho feito a devida «diligencia.

«O trombeta dirá como ficamos, e eu direi que me-«lhor tractamento lhe houveramos dado, se estives-«semos na nossa patria; mas como somos homens para «quem um punhado de farinha e um pedaço de cobra «(quando os ha) é sustento sobejo, quem com isto se «não accommodar, hade certo fugir á nossa compa-«nhia,

«Com os demais prisioneiros tenho ainda que ave-«riguar certas diligencias, que fazem ao serviço d'El-«Rei meu senhor, concluidas as quaes, se tractará de «dar gosto a todos. Entretanto se parecer convenien-«te, poderá vir á terra algum Francez dos mais quali-«ficados, para que vá tambem um cavalleiro portu-«guez dos meus a tractar de viva voz os mais pontos, «como se me promette, advertindo que nisto vae a «fé de M. de Ravardière e de Jeronymo d'Albuquerque, «e não haverá quem seja capaz de nodoa-las. Feita «no forte de Sancta Maria no rio Maranhão em 22 de «Novembro de 1614. [1]

«JERONIMO D'ALBUQUERQUE.»

[1] Esta carta está em hespanhol no opusculo de Diogo de Campos.

V.

«Meu Senhor d'Albuquerque. A clemencia de aquel-
«le grande Capitão d'Albuquerque, Vice Rei da Ma-
«gestade D. Manoel nas Indias Orientaes, apparece em
«vós na cortezia, que fazeis aos Soldados Francezes
«meus, e a sepultura, que haveis dado aos meus mor-
«tos, entre os quaes tenho um que amei em vida como
«a irmão, porque era brabo, e de boa casa: eu lou-
«vo a Deos com tudo esperando que, se tornamos ás
«mãos, tomára minha justa causa, e minhas coisas nas
«suas. Para responder a vossa Carta, como vier as-
«signada, a mandarei communicar ao resto dos meus
«Capitães, e, lida, se vos dará a resposta, fiando-me in-
«teiramente na vossa fé, e palavra, tanto que vier o
«vosso signal posto assi, como vós vedes na minha:
«eu vo-la mando, e não digo por hora outra coisa, se-
«não que honrarei a casa e nome dos Albuquerques.
«Feita ante o forte de Sancta Maria a 23 de Novembro
«1614 no Maranhão.

«RAVARDIÈRE.»

VI.

«Senhor d'Albuquerque. Tenho considerado os pon-
«tos principaes da vossa Carta, e conforme aos discur-
«sos, que vós tendes feito ao meu Trombeta, parece
«que tudo não attende mais, que á paz. Por esta ban-
«da de cá, como os nossos Reis têm pela parte della

«com muito estreita liança, e como me fallaram em «Suas Magestades, logo me resolvi com meus Capi«tães, que não he possivel terdes soccorro por mar. «Todavia vos quero ouvir sobre o que me quereis «propor á cerca do de cima, e isto tanto de palavra, «como por escripto por aquellas pessoas, que me man«dardes, sejão quem forem, eu vos dou minha fé, e «minha honra em penhor, que pódem vir seguramen«te, e tornar quando quizerem; e se for servido o Se«nhor Diogo de Campos de vir, eu serei contentissi«mo, porque falla Francez, e nós havemos feito a guer«ra hum contra outro servindo nossos Reis, quando «elle andava com o Principe de Parma, segundo me «disserão. Eu lhe beijo as mãos com vossa licença, e «o mesmo faço a vós ambos. Vosso servidor

«RAVARDIÉRE.

«Peço-vos, que sempre me escrevais em Francez, ou «em Hespanhol; porque não podemos ás vezes achar «de pressa o sentido de vossas Cartas. Feita diante do «forte Sancta Maria a 25 de Novembro de 1614.»

VIII.

«Senhor Ravardière. Tenho a satisfação de vos en«viar o capitão Diogo de Campos, meu companheiro, «e outro capitão de infantaria, para tractararem dos «pontos, a que por ora não respondo, confiando que «se usará com elles a cortezia em taes casos costu«mada; mas para que guardemos os estylos da guer-

«ra, não obstante a grande confiança que tenho em «vossa fé e palavra, convém que venham á terra de «vossa parte um cavalleiro de S. João, que tendes ahi, «e o capitão Mallarte, que hade conhecer-me. O ca- «pitão Diogo de Campos, e eu, vos beijamos as mãos «uma e mil vezes: quanto á segurança da minha par- «te, sempre a darei, e dou com os termos devidos. «Dada no forte de Sancta Maria em 25 de Novembro «de 1614.

«JERONYMO D'ALBUQUERQUE.»[1]

Trocadas assim estas notas, vieram á terra no dia 26 dous officiaes francezes, e foram a bordo o sargento-mór e o capitão Gregorio Fragoso, recebendo-os Ravardière com termos mui cortezes e com todas as honras militares. Aberta a discussão sobre o assumpto a que vinham, depois de reciprocas recriminações e explicações, ficaram em que Ravardière se entendesse de novo com o capitão-mór, mandando-lhe as propostas que quizesse, e adiando-se a materia para o outro dia, pois nenhuma das partes belligerantes queria descer do seu orgulho, sendo a primeira a pedir as tregoas, posto que ambas as desejassem ardentemente. Convidado a jantar a bordo, observou Diogo de Campos que—não faltava de comer e musica naval bem concertada, mostrando Ravardière na auctoridade e no tracto um vestigio honrado, em que

[1] Esta tambem traduzimos do original hespanhol.

se enxergava despeza mais que ordinaria. Ao retirar-se o sargento-mór, salvaram os navios, e fizeram-lhe todas as mais honras do estylo.

A 27 vieram os artigos de Ravardière com recado que caso os aceitassem os portuguezes, desceria elle proprio em terra no dia seguinte a firma-los. Postos em conselho, deliberou-se que fossem aceitos, que nisso havia grandes vantagens, até que podessem ser soccorridos, pois os francezes tinham ainda dez navios de alto bordo, e passante de trezentos homens de guerra, além de muita artilharia e petrechos de todo o genero, o que não era para despresar-se, na estreiteza em que se achavam. Assentou-se porém que convinha exigir de Ravardière as suas patentes e commissões regias, não fosse elle algum pirata, banido de França como hereje, com quem não havia tractar por nenhum caso gente catholica e honrada, como eram os portuguezes.

A 28 veio emfim á terra Ravardière acompanhado de diversos outros officiaes francezes, e de tres capuchos tam venerados, e de taes mostras, (diz Diogo de Campos,) que realmente pareciam sanctos, e como taes foram recebidos dos religiosos portuguezes, havendo entre uns e outros, sobre a benção, grandes ceremonias. O commandante e os officiaes, recebidos com todas as honras militares, foram conduzidos ao alojamento que lhes estava preparado de palmas e ramos, com assentos rusticos; e havendo descançado e comido, *com mais musica que manjares*, (observa

espirituosamente o nosso singelo chronista) passaram a tractar dos artigos, que assignaram, depois de se haverem exhibido de uma e outra parte, em fórma de plenos poderes, as patentes e ordens com que os seus respectivos governos os haviam mandado áquellas paragens.

Os referidos artigos estipulavam, em substancia, o seguinte:

Suspensão de armas daquella data em diante até fins de dezembro de 1615.

Que se enviaria ás cortes de França e Hespanha dous emissarios da cada um dos lados para sollicitarem a decisão de seus respectivos soberanos, á qual d'antemão se sujeitavam reciprocamente.

A ninguem seria licito passar de um para outro ponto adverso, sem passaporte dos respectivos chefes.

Os chefes portuguezes se absteriam de entreter relações de qualquer natureza com os selvagens da ilha, Cumã e Tapuytapera, a não ser por intermedio dos linguas do commandante francez, nem consentiriam que elles se aproximassem a dez leguas de distancia do forte de Sancta Maria, sem permissão do dito commandante.

Todavia o mar ficaria livre aos portuguezes, assim para receberem quaesquer soccorros, como para se proverem das vitualhas que houvessem mister.

Que logo que chegassem as ordens que se sollicitavam da Europa, a nação destinada a partir, deveria evacuar dentro de tres mezes.

Mutua troca de prisioneiros sem resgate algum.

E concluiam com mil reciprocos protestos, em que empenhavam suas palavras de honra, ao fiel cumprimento dos ajustes.

Aos capuchinhos francezes tambem se exigiram os seus titulos, e elles de boamente os apresentaram aos padres portuguezes fr. Cosme de S. Damião e fr. Manoel da Piedade. Um desses titulos, expedidos em nome do proprio rei de França, é tam curioso, que é de razão transcreve-lo aqui no essencial. Diz assim: «Mandamos de presente á Nova-França doze «padres capuchos para nella instituirem a sancta reli«gião christã, catholica e apostolica romana; e assim «queremos e mandamos que os ditos capuchinhos le«vem um bahú de livros, dous bahús de calices, casulas, «e paramentos, e cousas de moveis da igreja; e assim «mais outro bahú de livros, e cousas de refresco para «sua embarcação; e mais uma grande caixa de esta«menhas e de lenços para se vestirem os religiosos; «e mais uma caixa de papel, e de candeias de cera, «e de bugias para serviço da missa; mais outra caixa «de coisas de refresco, e outras necessarias; tres «caixas de arcabuzes e mosquetes; e uma pipa de «bandoleiras, digo uma caixa, e assim uma caixa de «espelhos, e uma caixa para o capitão que os leva a «cargo, dentro da qual vão seus vestidos; e outra caixa «para o seu tenente do mesmo modo; mais outra «caixa para o seu alferes, na qual vão seus vestidos; «quatro ou cinco caixas para os soldados, em que

«vae o seu facto: tres caixas para os indios, e oito «almudes de vinagre, &c. (Seguem-se as formulas com «que concluem as cartas regias).»

Ajustadas por este modo as tregoas, levou ferro a armada franceza, e deixando a bahia de Guaxenduba, recolheu-se á de S. Luiz. Livres os portuguezes daquelle encommodo visinho, tractaram logo de render graças a Deus pelo seu livramento, e naquelle mesmo dia (29 de novembro) celebraram uma missa solemne, e começaram a construcção de uma igreja a N. S. da Ajuda, a cujo favor attribuiam a fortuna das suas armas; e entenderam não menos no que tocava á sua subsistencia, fazendo roças e plantações. Livres tambem os indios alliados de se derramarem desde então por aquelles contornos a colher provimentos de toda a especie, cessou a penuria que vexava o acampamento.

Cuidou-se igualmente em expedir avisos a Pernambuco, e em aviar os dous commissarios que tinham de ir á Europa. Para a viagem de Pernambuco, remendou-se como foi possivel um dos caravelões arrombados; e para a da Europa, comprou-se aos francezes uma daquellas mesmas caravelas que elles haviam tomado, pela quantia de duzentos mil reis, sendo cento e trinta mil reis em veniagas ou objectos de resgate (mercadorias), e o resto em um escripto a pagar em Lisboa.

Na náu—*Regente*—foi o capitão Gregorio Fragoso, o enviado francez que se dirigia a Paris, e muitos outros, sendo para notar entre elles o padre fr. Archangelo de Pembrok com dezesete dos seus religiosos, indicando esta subita partida como levavam já perdidas as esperanças da conservação daquella conquista. Diogo de Campos partiu na caravela, mas antes disso, sollicitado pelo chefe francez, passou á ilha de companhia com o padre fr. Manoel da Piedade para ajudar a dissuadir os Tupinambás, que andavam alterados com a noticia do tractado, em cuja conclusão suspeitavam um concerto para a sua escravisação e ruina delles.

Saltou o sargento-mór na ponta e forte de Itapary, na bahia de S. José, donde atravessou por terra para S. Luiz, salvo que ao aproximar-se deste forte, embarcou em um braço de mar, que seguramente é o rio hoje chamado do Anil. Computa elle em nove leguas toda a extenção percorrida. Guardamos para outro logar a relação das muitas cousas importantes que então viu e observou Diogo de Campos; que por agora temos pressa de concluir a historia da invasão sob o ponto de vista militar.

Em quanto os commissarios navegavam para a Europa, observavam-se nos dous campos as tregoas pacteadas com bastante frouxidão; e bem que os dous

generaes por algumas vezes se avistassem nos respectivos acampamentos para proverem sobre isso, as infracções dos artigos não eram menos frequentes, e se perpetravam por ambos os lados. Entretanto recebeu Jeronymo de Albuquerque alguns soccorros tanto de Lisboa como de Pernambuco, onde emfim haviam chegado os seus primeiros avisos; e deslembrado já da palavra de honra que solemnemente empenhára de manter as cousas no *statu quo* até decisão das duas côrtes, ou até o fim do anno de 1615, pretextando terminantes ordens de seu governo, enviou a dizer ao general inimigo que muito a seu pesar se via estreitado a denunciar as hostilidades, havendo por acabadas e rotas as tregoas; mas que sempre disposto a usar bons termos com elle e todos os seus, lhes promettia segura passagem para a Europa, com tal que lhe entregassem promptamente a ilha.

Ravardière, ou persuadido de que os soccorros ultimamente chegados a Guaxenduba eram mais avultados; ou desenganado elle mesmo de os obter, e esmorecido com os primeiros revezes; ou finalmente desgostoso com as intrigas que, para substitui-lo no commando da colonia, a pretexto de ser elle hereje, se urdiam já ainda antes da fatal jornada de Guaxenduba, não pôz nesta conjunctura toda a firmeza que era mister, e requeria a sua posição e responsabilidade; e depois de algumas dilações e conferencias com Francisco Caldeira, o futuro fundador do Pará, que o capitão-mór lhe mandára para este fim, acor-

dou em evacuar dentro de cinco mezes toda a colonia com seus fortes, fazendo entrega da respectiva artilharia, com tanto que se lhe pagasse o valor della, e se proporcionasse a elle e a todos os seus o necessario transporte para França. Como penhor do tractado, entregar-se-hia desde logo o forte de Tapary, em S. José.

A facilidade com que Ravardière veio a este acordo, tendo ainda forças incomparavelmente superiores ás dos portuguezes, foi diversamente interpretada, e deu occasião a muitas conjecturas e arguições. O seu compatriota Beauchamp o tracta severamente, arguindo-o de se haver habituado a obedecer a todas as intimações do inimigo; outros dão como causa principal da sua frouxidão o desgosto que tomára com a dimissão imminente; mas estes mesmos se contradizem, conjecturando que na dilação de cinco mezes que pedira e alcançára, só tinha por fim ganhar tempo, até que da metropole lhe chegassem soccorros. Nesta variedade de pareceres, o que se hade ter como mais provavel é que todas essas causas apontadas influiram simultaneamente, e mais ou menos, no seu animo, accrescendo que não obstante a sua preconisada habilidade de homem de mar, e os seus indisputaveis talentos de colonisador, em toda esta campanha com os portuguezes se mostrou incapacissimos como chefe militar.

Seja como fôr, Jeronymo de Albuquerque encarou a principio com máus olhos o prazo de cinco mezes

que se lhe pedia; mas attendendo por uma parte a que as suas forças ainda não eram tamanhas que o habilitassem para maiores arrojos, e attrahido pela outra com a negaça da entrega do forte, deu-se pressa em annuir a tudo, e a occupa-lo, disposto sem duvida a faltar ainda a este novo ajuste, segundo lhe soprassem os ventos. A entrega se effectuou em 31 de julho.

Antes porém que occorresse este importante successo, chegára Diogo de Campos a Lisboa, e sabidas as noticias do Maranhão, estranhou severamente o arcebispo vice-rei D. Aleixo de Menezes as tregoas concluidas com os que elle chamava piratas, como se o governo da metropole tivesse jámais feito cousa alguma a bem de uma expedição tam importante, intentada pelo Brasil, só e abandonado aos seus proprios recursos. Mas desta feita ao menos, não desmentindo as obras das palavras, despachou com presteza a Diogo de Campos com sobejas forças, e ordens expressas e terminantes a Pernambuco para que por uma vez se pozesse fim á conquista do Maranhão.

Chegado a Pernambuco, achou já Diogo de Campos o governador occupado em dispôr a expedição; e reunidas umas e outras forças, ficou a armada composta de sete navios, um caravelão e uma caravela, com novecentos homens. O commando em chefe foi confiado a Alexandre de Moura, cabendo a Diogo de

Campos o cargo de almirante da armada. Entre os commandantes dos diversos navios notavam-se seu sobrinho Martim Soares, que com elle regressára da Europa, e Bento Maciel Parente, depois tam célebre por diversos titulos.

A expedição partiu em 5 de outubro, e tirando já para o fim do mez, abicou á barra do Preá, que ainda mais esta vez deixou aberta e livre a imprevidencia dos francezes. Dentro em poucos dias mais, estava toda a esquadra fundeada na bahia de S. José, e o general transmittia a Jeronymo de Albuquerque terminantes ordens para atacar o inimigo por terra.

O capitão-mór, posto que despojado tam indecorosa e impoliticamente do commando, em uma conquista que tinha já quasi acabada, e cuja principal gloria lhe pertencia, obedeceu promptamente, e pelo interior da ilha guiou ao acampamento francez de S. Luiz, postando-se no dia 31 de outubro junto á Fonte das Pedras, que lhe ficava visinha, afim de sitia-lo pela parte de terra.

No dia seguinte, 1.º de novembro, entrou pela barra Alexandre de Moura com toda a armada, e fazendo um desembarque na ponta de S. Francisco, levantou ali ás pressas uma fortificação de páu a pique que se chamou o Forte do Sardinha.

Intimado o commandante francez para render-se, dirigiu-se no dia 2 ao Forte do Sardinha, e ali assignou immediatamente um auto de entrega dictado pela vencedor, e concebido em termos arrogantes.

Para completar porém a humilhação de Ravardière, voltando elle na manhã seguinte ao mesmo forte, Alexandre de Moura, depois de mandar lêr em sua presença o referido auto, acrescentou-lhe esta nova declaração. «Que me hade entregar o senhor de la Ra-«vardière a fortaleza em nome de Sua Magestade, «com toda a artilharia, munições e petrechos de «guerra, que nella habitam, sem por isso Sua Mages-«tade ficar obrigado a lhe pagar nada de sua real fa-«zenda; e não deferindo a isto, torno a quebrar a mi-«nha palavra, ficando elle na fortificação, e eu fazer «o que for servido; e isto será hoje quarta-feira » «Estoy por el acima declarado por el senor general «Alexandro de Moura» escreveu por baixo Ravardière; e por este modo expedito libertou-se o general portuguez da condição estipulada por Jeronymo de Albuquerque—de pagar aos francezes toda a sua artilharia e munições,

Tudo lhe foi immediatamente entregue, os fortes, como os navios da armada, bem que destes se cedessem tres aos inimigos, conforme um dos artigos da capitulação, nos quaes voltaram para a França mais de quatrocentos, deixando-se apenas ficar alguns poucos que se haviam casado com indias da terra,

As leis portuguezas defendiam então severamente a entrada e residencia dos estrangeiros nas conquistas ou dominios coloniaes; mas fez-se excepção em favor dos francezes catholicos aqui estabelecidos, em atten-

ção ao muito que podiam servir como medianeiros para a alliança e submissão dos indigenas.

Assim findou a primeira invasão estrangeira que soffreu a nossa patria. Já é tempo de passar á segunda e ultima, isto é, a dos hollandezes. Depois de narrar os successos della, faremos o parallelo de ambas nos seus fins, importancia; meios e resultados.

LIVRO III.

INVASÃO HOLLANDEZA.

O almirante hollandez João Cornelles entra no porto do Maranhão com uma armada, e á traição se apodera da cidade e fortaleza—Prisão do governador portuguez, saques, extorsões e deportação dos principaes habitantes—Insurreição popular contra o dominio estrangeiro—Surpreza e tomada dos engenhos, e do forte do Calvario no Itapucurú—Matança dos hollandezes—Combate do Oiteiro da Cruz—Os portuguezes poem cerco á cidade e depois o levantam—Guerra de excursões, surprezas e guerrilhas—Devastações, incendios, supplicios e atrocidades de todo o genero—Expulsão dos hollandezes.

A revolução de 1640 acabava de operar-se por um modo extraordinario e prompto, despedaçando em poucas horas o jugo hespanhol, restituindo a Portugal sua antiga independencia, e elevando ao throno a dynastia de Bragança.

A Hollanda que a principio combatera só pela independencia e pela vida contra os algozes que lhe enviava a tyrannia de Philippe II, cognominado o—*Demonio do meio dia*—terminára por constituir-se

potencia de primeira ordem, e da simples defensiva, passára á conquista de uma grande parte das colonias que a corôa de Portugal, então reunida á de Castella, fundára na America, Africa e Asia. Ao tempo da restauração senhoreava ella quasi todo o norte do Brasil.

Mas a guerra, como se vê, não era directamente feita a Portugal, senão a seus oppressores; de modo que, constituindo-se Portugal, pela sua revolução, inimigo da Hespanha, a Hollanda vinha a ser sua alliada natural. D'ahi succedeu que juntamente com a noticia da restauração, chegaram ordens ao governador do Maranhão para que não tractasse como a inimigos, mais que a turcos e castelhanos, no que bem claramente se lhe insinuava que poupasse os hollandezes. Crescendo estas boas disposições com a identidade dos interesses, bem depressa se estipularam tregoas, em odio e damno do inimigo commum.

Entretanto D. João IV não podia vêr de boa sombra perdidas sem regresso as suas mais florescentes capitanias, arrancadas ao dominio portuguez em uma epocha de calamidade e oppressão. Pela sua parte, a Mauricio de Nassau, principe ambicioso e emprehendedor, e governador geral das colonias hollandezas no Brasil, não lhe soffria tambem o animo deixar no ocio interrompida a carreira brilhante das suas conquistas. Assim, a amizade apparente das duas potencias rebuçava apenas intenções hostis e oppostas, momentaneamente refreadas pela necessidade, e que cada um guardava no peito para manifestar em occa-

são opportuna. Foi o conde de Nassau quem primeiro depoz a mascara apossando-se de varios estabelecimentos portuguezes no Brasil e na costa fronteira d'Africa, e mandando para o mesmo fim uma expedição ao Maranhão.

O estabelecimento portuguez de S. Luiz começado em 1615, contava então pouco mais de vinte cinco annos de existencia, e tinha por seu governador a Bento Maciel Parente, o feliz e opulento donatario da capitania do Cabo-do-Norte. O ocio e a longa paz, apenas interrompida pelas excursões de alguns ousados e cobiçosos aventureiros contra as tribus indias, tinham enervado os animos dos habitantes; a disciplina militar cahira na ultima relaxação; e póde-se dizer que falleciam quasi todos os meios de defeza, graças á politica insidiosa, senão antes á incuria e desmazelo inveterado do governo hespanhol, causa mais principal e verdadeira da decadencia e perdição de uma grande parte das colonias portuguezas.

Na cidade de S. Luiz, que devia de ser povoação ainda mui acanhada e miseravel, corriam vagos rumores dos projectos de invasão dos hollandezes; mas ao governador nada despertava da sua inercia; ou porque confiando nas tregoas pacteadas, desejasse executar á risca as ordens do seu governo, ou porque, frouxo e alquebrado com o peso dos annos, e vindo-lhe, com a velhice, a avareza, se sentisse menos cioso da honra, e da gloria militar, que da conservação e meneio das muitas riquezas que possuia, se-

gundo affirmam os escriptores que o accusam. A falta de forças para uma seria resistencia é nada menos a principal explicação do seu procedimento, pois na fortaleza não tinha mais que setenta soldados, (Berredo diz cento e cincoenta) sendo metade, escreve o conde de Ericeira no seu—*Portugal Restaurado*—meninos de mui pouca idade que o governador fizera recrutar, para supprir outros tantos homens que mandára a guarnecer a sua capitania do Cabo-do-Norte, igualmente infestada e ameaçada dos inimigos.

Entretanto teve elle avisos certos de que a armada hollandeza fôra vista primeiro no Preá, e logo depois na costa do Araçagy; e bem que já não podesse escusar-se com a falsidade da noticia, continuou ainda pelo mesmo theor na sua estranha indifferença.

No dia 25 de novembro de 1641 assomou emfim na barra a esquadra hollandeza, composta de dezoito velas, com dous mil homens de desembarque, e trazendo por general e almirante a João Cornelles Lichthart. [1] A principio foram os hollandezes recebidos com as salvas e cortezias do estylo entre nações amigas; mas vendo o governador que sem correspon-

[1] O senr. P. N. Netscher na sua excellente e bem documentada obra—*Les Hollandais au Brèsil* (Haye—1853)—escreve Jon Cornelliszoon Lichthardt, dando como a verdadeira orthographia, baseado no proprio fac-simile do almirante: e em vez de dezoito velas, diz que a expedição constava de quatorze, sendo as tropas de desembarque confiadas ás ordens do coronel Koin (*obra cit. pag.* 123).

(Dos EEDD.)

der a ellas, transpunham o ancoradouro, e procuravam occupar o porto, disparou-lhes toda a sua artilharia. Sem fazer cabedal do fogo imbelle das baterias portuguezas, de que aliás quasi nenhum damno recebeu, seguiu a armada pelo Bacanga acima, e foi dar fundo junto á ponta do Desterro, onde sem estorvo algum desembarcou logo metade dos soldados, em numero de mil.

Dispunha-se o general hollandez a investir a fortaleza, quando Bento Maciel lhe enviou a dizer que estranhava muito aquella violação de um territorio pertencente a el-rei seu amo. João Cornelles tornou-lhe que não vinha de animo hostil, e que avistando-se ambos, melhor se entenderiam. Bento Maciel obedeceu promptamente a esta ordem disfarçada em convite; e como o almirante lhe fizesse saber que a trazia expressa do conde de Nassau para occupar a ilha, e que j'agora não largaria mão della, sem resolução superior dos estados geraes, e da côrte de Lisboa, a quem era mister deferir o conhecimento do negocio, ficou entre ambos assentado que no entanto continuaria Bento Maciel no governo, assignando-se um alojamento dentro da cidade aos hollandezes, que pagariam a dinheiro de contado todos os provimentos de que se utilisassem. Guiou então a tropa do Desterro para a cidade, depois de alguns desacatos e sacrilegios perpetrados na ermida; e desmandando-se os soldados no breve transito que tinham a fazer, saquearam a povoação, e taes attentados e ultrajes praticaram contra

os habitantes, que estes fugiram espavoridos para o interior, sem opporem a menor resistencia. Bento Maciel, mais por compostura e obrigação official do cargo, que por esperar bom resultado das suas reclamações, notou ainda esta nova violação da fé publica, e da tregoa recente; mas o commandante inimigo, respondendo-lhe que aquelles actos de indisciplina, aliás desculpaveis, se haviam praticado sem seu conhecimento, e que seriam cohibidos, fez recolher os soldados desmandados no roubo, pô-los em ordem, e marchou a occupar a fortaleza, como desd'o principio foi seu intento.

Alguns soldados e officiaes portuguezes mais bravos votaram ainda que se resistisse, por ser preferivel uma morte honrosa a tam ignominiosa entrega; mas o sacrificio era inutil, Bento Maciel abriu as portas, o inimigo entrou livremente, e abatendo a bandeira portugueza, arvorou a hollandeza, Subjugado tudo por este modo, foi a cidade posta de novo a saco, não respeitando a soldadesca infrene nem sagrado, nem profano,

Colhido este ignobil triumpho, e regressando, passado o primeiro susto, muitos dos habitantes a seus lares, obrigou-os João Cornelles a prestar juramento de fidelidade ás Provincias-Unidas; e querendo precaver todo o futuro perigo, prendeu e deportou cento e cincoenta dos mais notaveis d'entre elles, que fez embarcar em um navio podre e mal aparelhado, presumindo de entrega-los a uma morte certa, na appa-

rente liberdade que lhes deu de seguirem para onde mais lhes conviesse. Os desterrados porém conseguiram arribar a uma das Antilhas; e acolhidos ali com generosa hospitalidade, poderam depois com os soccorros que obtiveram seguir felizmente até Lisboa.

Entre estes desterrados ia tambem Pedro Maciel Parente, sobrinho do governador, o qual achando-se em Tapuytapéra, em viagem para a capitania do Pará, (de que acabava de ser despachado capitão-mór) ao tempo em que a cidade se rendeu, em vez de seguir para o seu destino, e não obstante ter ás suas ordens trinta portuguezes, e trezentos indios de guerra, veio metter-se nas mãos do inimigo, com não pequeno cabedal em generos e fazendas que se lhe havia confiado para commercio.

João Cornelles assenhoreou-se immediatamente depois das nascentes povoações de Tapuytapéra e Itapucurú; fintou os proprietarios dos cinco engenhos que havia neste rio em cinco mil arrobas de assucar; e reedificou e alargou o forte do Calvario ou Vera-Cruz, que Bento Maciel levantára, havia muitos annos, á boca do mesmo rio, e já então se achava em grande estado de ruina, sobre inteiramente desguarnecido.

Depois do que, fez-se á vela para Pernambuco, no dia 31 de dezembro, deixando ao governador que nomeou á sua conquista uma força de seiscentos homens e quatro navios, e levando comsigo, como para honrar-lhe o triumpho, o governador portuguez, victima a um tempo da propria fraqueza, e da perfidia ini-

miga. O infeliz velho, recebido com dureza pelo conde de Nassau, foi incontinenti remettido para o Rio-Grande, e aferrolhado ali n'uma fortaleza, acabou em poucos dias miseravelmente a longa e agitada existencia, na idade de setenta e cinco annos, exemplo memoravel da inconstancia da fortuna! [1]

A generalidade dos escriptores portuguezes, e os mais dos estranhos que os seguiram, vituperam a memoria do desditoso velho, accusando-o de avareza e cobardia, senão mesmo de traição. Berredo sustenta até a possibilidade de uma defeza feliz, contando uma historia ridicula de um artilheiro de nome Mathias João, o qual carregou de bala miuda trinta canhões que se achavam fóra do recinto do forte, e depois de os cobrir de rama, os assestou á praça de armas, para dar cabo de todos os hollandezes com uma só descarga inopinada, no momento em que elles se viessem aproximando descuidosos; sendo que uma tam estupenda façanha não teve o exito desejado, porque Bento Maciel recusou auxiliar o plano, fazendo na mesma occasião uma sortida.

É certo que ao governador restava o supremo recurso de sepultar-se honradamente nas ruinas da sua fortaleza; mas a historia imparcial, sem absolve-lo plenamente, deve consignar todos as considerações e circumstancias que o desculpam.

[1] Morreu no principio do mez de fevereiro de 1642.

Bento Maciel não era um cobarde. Simples capitão de um dos navios da expedição de Alexandre de Moura, o seu valor nos combates, não menos que uma actividade devoradora revelada em multiplicadas expedições contra indios e hollandezes, o foram cada dia acrescentando em honras e postos, primeiro commandante do forte de S. José de Itapary, depois do do Calvario, capitão-mór da capitania do Pará, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e governador emfim do estado do Maranhão. Taes e tantos foram os seus serviços, e em tam subida conta tinha o seu merecimento o governo da metropole, que não só lhe doou ainda a vasta capitania do Cabo-do-Norte, como lhe fez a singular mercê de determinar que todos os seus descendentes acrescentassem ao do Maciel o appellido de—Parente—com que significasse cada um que pertencia a tam nobre tronco, perpetuando assim a memoria do seus feitos.

Mas alquebrado dos annos, era bem de presumir que com tam adiantada velhice, tambem lhe viesse a fraqueza, sua companheira quasi inseparavel. A côrte lhe havia dado ordem indirecta para não hostilisar os hollandezes, e era de resto permittido suppôr que toda a resistencia seria vã, e aggravaria inutilmente a situação da colonia, quando para oppôr a tam formidavel armada, e a dous mil homens de desembarque, não havia mais que algumas dezenas de soldados imberbes e bisonhos, e uma população tam pouco numerosa, como enervada e imbelle. Os que da

resistencia que foi depois empregada com exito tam feliz e prodigioso, argumentam para a que se podia fazer então, não advertem que foi mister uma oppressão odiosa e absurda de dez mezes para despertar no coração ulcerado dos colonos portuguezes esses brios innatos, sim, mas á principio adormecidos.

Durava já a usurpação hollandeza cerca de um anno; e cada um póde imaginar a que excessos se não demasiariam uns conquistadores que haviam estreado o seu dominio com a perfidia, a violencia, a extorsão, e o roubo. Os colonos soffriam igualmente nos seus haveres, na honra, e na liberdade. Os proprietarios dos engenhos de assucar no Itapucurú, despojados delles, foram para cumulo de oppressão encarregados de os administrar como feitores, vigiados, não obstante, por destacamentos militares, hospedes tam pesados como ruins de aturar. As affrontas ás mulheres, e ao culto estabelecido no paiz, eram frequentes, e taes como se podiam esperar de soldados licenciosos e insolentes. O soffrimento tocou a mèta, e a sua intensidade poderá medir-se pelo vigor com que os opprimidos accommetteram os oppressores, e os apertaram até lança-los fóra.

Não passavam de cincoenta, segundo Berredo, os conjurados que primeiro se empenharam nesta arriscada facção, e elegeram por seu commandante a An-

tonio Moniz Barreiros, sujeito em verdade mui cabal para tira-la a prospero fim. Filho de outro do mesmo nome, morador de Pernambuco, e a quem se déra o despacho de provedor-mór da fazenda real no Brazil, sob o cargo de fundar dous engenhos de assucar no Maranhão, Antonio Moniz viera para aqui nesse intento, que realisou, e no exercicio de varios cargos de importancia, inclusive o de capitão-mór, soube acarear de maneira a estima e consideração geral, que quando a honra e o perigo sollicitaram um chefe capaz, todos á uma voz o designaram. Antonio Moniz, que tinha que vingar com as da patria as proprias injurias, pois era um dos proprietarios transformados em feitores de seus mesmos engenhos, respondeu dignamente á confiança dos seus concidadãos.

Na noite de 30 de setembro de 1642, pouco mais de dez mezes depois da aleivosa invasão, foram successsivamente atacados e rendidos os cinco engenhos do Itapucurú, dous dos quaes pertenciam ao referido Antonio Moniz, um a dous filhos naturaes de Bento Maciel, e outro a Antonio Teixeira de Mello, segundo commandante dos insurgentes. O inimigo que não aventára nem levemente a conjuração, foi por toda parte surprehendido, e sem custo algum desbaratado. Quasi ao amanhecer foi atacado o forte do Calvario, onde havia setenta homens com oito peças de artilharia. Foi igual o successo, posto que maior a resistencia. De cerca de trezentos hollandezes derramados por toda aquella ribeira, nem um só escapou, sendo

os mais delles mortos e degollados, e ficando o resto prisioneiro. Em um dos engenhos succedeu acolher-se o destacamento dentro da casa, e fechar-se como em uma fortaleza; mas como a sua cobertura fosse de pindobas, os assaltantes a incendiaram, «e os inimi-«gos, (observa Berredo triumphante) morreram abra-«zados como hereges, justo castigo de seus abominaveis erros!»

Dado este primeiro passo com tanta audacia como boa fortuna, determinou Antonio Moniz de passar promptamente á ilha, presumindo achar em igual descuido os hollandezes da cidade, e leva-la de assalto com a mesma facilidade. Assim o pôz por obra, deixando uma pequena guarnição no forte do Calvario; mas depois de algum tempo de marcha, as suas avançadas toparam com um destacamento de quarenta homens que o inimigo, já prevenido por um negro que se evadira no ardor do ultimo combate, mandára tambem a explorar o terreno. Todo este destacamento foi feito em postas.

Entretanto parece que Antonio Moniz, que não contava mais de sessenta soldados e oitenta indios, suspendeu então a sua marcha, porque passou-se algum tempo sem que nada occorresse de notavel. Para os fins de novembro estava elle com o grosso de suas forças acampado em um sitio, a tres leguas de distancia da cidade, fazendo porém avançar um pequeno destacamento até o rio Cotim, a pouco mais de uma. Informado o commandante hollandez desta divisão de

forças, assentou de tirar partido della, mandando atacar os portuguezes de tal modo separados, por uma partida de cento e vinte homens escolhidos. Mas advertido Antonio Moniz tambem de que no dia seguinte seria buscado, reuniu toda a sua gente, postou-a de emboscada em uma posição vantajosa, e desfechando uma descarga geral sobre os inimigos que passavam a descoberto, cahiu inopinado sobre elles, e desbaratou-os de maneira que só escaparam seis com vida, mediante uma prompta fuga. No mais acceso da refrega offereceram os vencedores a vida ao commandante Sandalim, escocez de nação, se quizesse render-se; mas elle rejeitando briosamente a offerta, peleijou até cahir ao lado de seus companheiros.

O logar deste pequeno combate suppõe-se geralmente que foi na chapada do denominado—Oiteiro-da-Cruz—no logar onde ainda hoje effectivamente se conserva uma cruz, erigida para perpetuar a memoria do successo; porém Berredo dá o sitio da emboscada e do combate além do Cotim.

É certo entretanto que o rio *Coty* a que elle se refere, não parece ser o pequeno ribeiro de agua doce que corta o Caminho-Grande pouco além do Oiteiro-da-Cruz, senão o igarapé salgado, a que hoje chamamos Anil. Assim, apesar da tradição, e da cruz que ali existe, e que naturalmente terá sido renovada muitas vezes, não ha completa certeza acerca do local em que se deu este pequeno combate de guerrilha, cujas proporções, de resto, se hão estranhamente exagerado.

Posto que melhor armados com os despojos da victoria, hesitaram todavia os vencedores em vir immediatamente sobre a cidade, partindo-se a tal respeito os votos no conselho; mas depois de um dia e uma noite de demora junto ao campo da batalha, abalaram cheios de enthusiasmo, e como tocados de subita inspiração, e guiaram a investir a cidade. Os hollandezes tinham cahido em tal abatimento com este, e os outros revezes que haviam successivamente experimentado, que Antonio Moniz, já engrossada a sua tropa com a adhesão de muitos habitantes da ilha, atravessou sem a menor resistencia os arrebaldes até o convento do Carmo, posição eminente, que ficava a um tiro de mosquete das muralhas da cidade, e onde se fortificou, estendendo depois gradualmente as suas obras avançadas até á distancia de cento e cincoenta passos da fortaleza.

Debalde os inimigos, vendo-se estreitados de tam perto, pretenderam desafrontar-se por meio de frequentes sortidas; pois os portuguezes sempre lhes levavam a melhor, e afinal lhes foi forçoso encurralarem-se na sua fortaleza, até que lhes chegassem os soccorros instantemente reclamados ao conde de Nassau. Assim se foi passando o tempo sem acção alguma decisiva, quando no dia 2 de janeiro de 1643 chegou aos portuguezes um soccorro expedido do Pará, possante em força numerica, pois era de cento e trese soldados, e seiscentos indios, mas pobrissimo em munições, que não excediam a quatro quin-

taes de polvora, e muito poucas balas, quando no acampamento era grande a falta que dellas sentiam. Vinham por commandantes desta expedição João Velho do Valle e Pedro Maciel, sobrinhos ambos elles do ex-governador Bento Maciel; o primeiro capitão-mór de Cametá, e o segundo do Pará. Esta circumstancia exige para sua maior clareza uma breve digressão.

Com a noticia da invasão hollandeza no Maranhão, o capitão-mór Francisco Cordovil, e o intitulado senado da camara da cidade de Belem, vendo-a tam desprovida das forças indispensaveis á sua defeza, cuidaram de precaver-se, sollicitando o auxilio de João Velho, que em Cametá algumas tinha á sua disposição. Acudiu elle com effeito ao chamado; mas em vez de prestar-se desinteressado ao que exigia da sua pessoa o serviço publico, procurou ao contrario do aperto das circumstancias tirar occasião e partido para apossar-se do commando de toda a força militar da cidade; originando-se dahi interminaveis disputas entre João Velho e a camara, até que se elle retirou para fóra da cidade, abandonada assim a sua defeza, e frustrado todo o projecto de soccorro ao Maranhão.

Por outra parte, seu primo Pedro Maciel, que fôra um dos cento e cincoenta deportados por João Cornelles, achando na ilha de S. Christovam um navio mercante que se offereceu a conduzi-lo ao Pará, voltou effectivamente para aquella cidade com quarenta homens, recusando seguir os mais companheiros a Lisboa.

Restituido ao Pará, quiz fazer valer a sua antiga patente de capitão-mór, que aliás deslembrára quando de Tapuytapéra se foi tam indignamente metter nas mãos dos hollandezes com todos os cabedaes que se lhe haviam confiado; mas as auctoridades de Belem, escarmentadas no seu anterior procedimento, e justamente prevenidas contra a sua capacidade pessoal, refusaram annuir aos seus desejos, o que deu causa a novas disputas e perturbações, com grave detrimento da causa publica, e mais sendo as circumstancias tam criticas. Unidos então os dous primos se foram para a ilha do Sol, esperando opportunidade para lograrem seus ambiciosos intentos, e utilisando entretanto o ocio de seus indios nas lavouras de tabaco, como era naquelles tempos de uso entre os governadores e capitães-móres, os mais delles grandes chatins e mercadores de seu mister.

Com a noticia da arrojada tentativa dos maranhenses, e mediando novas instancias da camara do Pará, resolveram-se estes dous homens a partir em soccorro dos sublevados; mas sempre incapazes ou mal-intencionados, gastaram muito mais de dous mezes em uma viagem que já naquelle tempo, segundo observa Berredo, folgadamente se podia fazer em menos de vinte cinco dias, por ser toda á força de remos, atravessando-se trinta e tres bahias, que se communicam umas com as outras por meio de braços ou canaes mansos, vulgarmente chamados rios.

Foi este o soccorro a que nos referimos, e que

chegaria muito a ponto, se uma enfermidade mortal não viesse surprehender no meio da sua gloriosa carreira ao commandante Antonio Moniz, já firmemente resoluto a levar de assalto a fortaleza inimiga, bem que guarnecida ainda de mais de quatrocentos soldados, e de uma formidavel artilharia.

Antonio Teixeira de Mello, que o substituiu no commando, participava, é certo, do seu ardor generoso, e dos seus projectos; mas viu-se impedido de os pôr por obra com a presteza que cumpria, pela opposição dos seus emulos, que despeitados com a sua eleição, não podiam soffre-lo de boa sombra.

Nestes embaraços e hesitações gastou-se um tempo precioso, cuja perda foi irreparavel e fatal, porque no dia 15 do mesmo mez de janeiro chegou ao inimigo o soccorro ha muito esperado de Pernambuco, e que constava, segundo Berredo, de setecentos e setenta soldados, além de copioso numero de indios, bem que o conde de Ericeira o reduza a tresentos e cincoenta soldados, e outros tantos indios.

Um official de nome Anderson, que os commandava, determinou de atacar incontinenti os portuguezes, e sahindo da praça logo no dia immediato ao da sua chegada, com mil e quatrocentos homens, entre indios e hollandezes, accommetteu tam impetuosamente os contrarios, que conseguiu ganhar as obras avançadas; mas nas trincheiras do Carmo, e no valor dos seus defensores, encontrou afinal uma barreira insuperavel, O combate durava havia duas horas,

quando Anderson, descorçoado, ordenou a retirada, tendo perdido cento e sessenta mortos, e duzentos feridos. A perda dos portuguezes não se elevou a mais de dezesete homens entre mortos e feridos, sendo a mais sensivel a do seu antigo commandante Antonio Moniz Barreiros, que expirou immediatamente depois desta assignalada victoria, quasi embalado pelo ruido das suas acclamações.

Entretanto se tornára a guerra meramente defensiva, de offensiva que havia sido até então; e desenganados os insurgentes de que já lhes não era possivel levar a praça de assalto, e mingoando por outro lado as munições, entraram a mostrar-se frouxos e remissos, não sendo poucos os que abandonaram o acampamento immediatamente depois do dia 16. Nestas circumstancias resolveu Antonio Teixeira abandona-lo tambem, o que fez na noite de 25 de janeiro, depois de haver mandado para Tapuytapéra as mulheres, e toda mais gente inutil para a guerra.

Evacuada a cidade, tornou o commandante portuguez pela mesma estrada por onde viera, e atravessado o rio Cotim, emboscou-se na mesma paragem onde havia muito pouco tempo fôra derrotado Sandalim, conjecturando que o inimigo, como désse fé da sua retirada, buscaria picar-lhe a retaguarda, ou pelo menos, explorar os arredores. Não se enganou;

e uma partida de trinta soldados, e cento e vinte indios, que se encaminhava a um engenho no Araçagy, veio dar na emboscada, e pereceu toda inteira.

Daqui por diante a guerra toma um caracter de violencia e ferocidade sem igual, e não offerece mais que o espectaculo continuo e monotono de emboscadas, guerrilhas, assaltos, surprezas, marchas, contramarchas, incendios e devastações. Antonio Teixeira discorreu ainda por toda a ilha cerca de tres mezes, mas não podendo já manter-se nella, incendiou todas as fazendas e plantações de que o inimigo se poderia aproveitar, e passou a Tapuytapéra, onde entrou a 2 de maio.[1]

Neste logar lhe sobreveio um contratempo tal, que um animo menos esforçado que o seu teria sem duvida sossobrado. João Velho do Valle e Pedro Maciel, pretextando falta de munições, desertaram para o Pará, com a maior parte dos auxiliares que haviam trazido! Dir-se-hia que a cobardia attribuida ao velho governador Bento Maciel, como molestia contagiosa, iscára tambem os sobrinhos que aliás não tinham,

[1] Entre os nomes de diversos logares, em que os portuguezes combateram ou acamparam durante esta guerra, conservam-se ainda hoje os do Cotim, Arassagy ou Araçagy, e Nhaúmas ou Inhaúmas. Perdeu-se porém o de Mornapy*, ou Mornapy, dado a uma posição que ficava fronteira ao rio Itapucurú, e onde Antonio Teixeira se deteve por muito tempo. Será o local a que talvez por isso se ficou chamando—*Arraial?*

* Foi o auctor mal informado. Ainda existe com o nome de MORUAPY um logar na bahia do ARRAIAL.

(DOS REDD.)

como o tio, a escusa dos annos e de uma posição desesperada.

Neste desamparo, reduzidas todas as suas forças a sessenta portuguezes e duzentos indios, e estas mesmas extenuadas e baldas de todo o necessario, lutou Antonio Teixeira entre as inspirações da prudencia que o aconselhava a retirar-se para o Pará, e os generosos estimulos do patriotismo e do valor, que o impelliam á continuação da guerra até de todo libertar a terra da patria do inimigo que a opprimia.

Para mais aggravar a situação, já tam desesperada, destes bravos insurgentes, veio a fatalidade reunir-se á cobardia e vileza dos homens. Pedro de Albuquerque, nomeado governador do estado, sahiu de Lisboa com um soffrivel soccorro em soldados, armas e munições; mas passando pelo Maranhão, já a tempo que os insurgentes haviam abandonado o acampamento de Tapuytapéra e não sabendo parte alguma delles, continuou a descer até o Pará, em cujos baixos naufragou o navio que o conduzia, salvando-se apenas elle, e poucas pessoas mais.

Parece que dispunha assim a Providencia dar maior lustre á gloria dos restauradores do Maranhão, que reduzidos a tam debeis recursos, viram a final coroados de successo os seus longos e peniveis esforços. O partido da guerra havia sido preferido, ainda antes do abandono de Tapuytapéra, com a só chegada do capitão Antonio de Deus, que do Pará trouxera al-

gumas arrobas de polvora, com murrão e bala em proporção. Antonio Teixeira continuou no seu systema de excursões, guerrilhas e surprezas. O forte do Calvario, tomado em fins de setembro do anno anterior, foi abandonado pelos portuguezes, occupado, e evacuado de novo pelo inimigo; a ilha foi successivamente invadida, evacuada e tornada a invadir; mas em todos os recontros, quer entre as partidas, que discorriam por terra, quer entre os pequenos barcos que navegavam os rios e bahias, sempre a victoria se declarou pelos insurgentes, a quem estimulava o odio da oppressão, e favorecia o perfeito conhecimento das localidades. Afinal já os hollandezes se viam estreitados ao recinto da cidade e fortaleza; e um só não sahia fóra um pouco além, que não cahisse para logo victima dos indios e partidas que infestavam os arredores.

Na successão destes revezes o animo se lhes azedava, e o seu furor desabafou por vezes em vexações e atrocidades inuteis. Havendo os portuguezes em um recontro passado á espada todos os hollandezes, deixaram mui de industria a vida salva a alguns francezes que vinham em seu serviço, imaginando fomentar deste geito as suspeitas e as discordias entre elles. E com effeito, o commandante hollandez fez immediatamente enforcar a dez destes desgraçados, que fugitivos da rota que haviam soffrido, se acolheram á fortaleza.

Em outra occasião, recebida a noticia de um

desastre, lançaram os hollandezes afrontosamente da povoação a algumas mulheres, despidas e núas; entregaram vinte e tantos homens á ferocidade de uns selvagens anthropophagos, seus alliados, vindo das capitanias que tinham conquistadas ao sul, e mandaram uns quarenta a cincoenta para a ilha das Barbadas, a fim de se venderem como escravos. O commandante inglez porém, homem justo e humano, attrahindo-os á terra sob côr de negociação, fê-los immediatamente pôr em liberdade, com grande confusão do commissario hollandez. [1]

Finalmente chegaram a pôr bando para que se não désse quartel a prisioneiro algum portuguez; declaração a que respondeu Antonio Teixeira com outra igual, explicando-se dahi esses combates mortiferos, em que ordinariamente de mais de cem combatentes apenas escapavam com vida cinco ou seis.

Mas estes actos odiosos e crueis já não podiam salvar da ultima perdição aos ferozes conquistadores, a quem, para cumulo de males, começavam tambem a escacear os viveres, pois tinham defesa toda a communicação por terra, e de Pernambuco lhes fallecia, havia muito, todo o soccorro. Nesta situação difficil, senão desesperada, apoderaram-se de uma embarca-

[1] Se o facto é verdadeiro, é de crer que os moradores de S. Luiz, enviados para se venderem como escravos, eram pardos ou mestiços, pois apesar da raiva de que andavam eivados os inimigos, bem deviam comprehender a difficuldade, senão impossibilidade de achar compradores a homens brancos.

ção portugueza que forçada do máu tempo se lhes veio metter nas mãos; e em mais duas outras, velhas e mal aparelhadas que ainda acaso conservavam, se fizeram á vela no dia 28 de fevereiro de 1644, deixando a artilharia encravada, e a cidade em um lastimoso estado de ruina, pois nos ultimos momentos, entendendo vingar a sua desgraça, destruiram um grande numero de edificios.

Os hollandezes, que embarcaram, andavam por trezentos, segundo o conde de Ericeira, e por perto de quinhentos, segundo Berredo, afóra oitenta indios. Ambos porém são acordes em afirmar que mais de mil e quinhentos hollandezes, e quinhentos indios pereceram devorados pela terra que com tanta perfidia tinham violado e usurpado.

Mas estas asserções sobre a importancia relativa das duas forças inimigas, e dos mortos e feridos nos diversos combates, não se hão de acolher sem restricções, porque os escriptores portuguezes exageravam naturalmente as cousas, em ordem e no sentido de mais exaltar a gloria, aliás incontestavel, com que algumas dezenas de colonos mal armados, sem soccorro algum da metropele ou das capitanias visinhas, sacodiram em poucos mezes um jugo tam pesado como odioso.[1]

[1] João Cornelles deixou no Maranhão seiscentos homens. Depois trouxe Anderson mais setecentos, como quer Berredo, ou trezentos e cincoenta, segundo o conde de Ericeira. Nenhum delles tracta de mais soccorro algum hollandez que entrasse

Os hollandezes, ao retirar-se, abandonaram nas praias do Camossi as reliquias dos seus indios auxiliares; mas estes vingaram-se cruelmente deste indigno tractamento, surprehendendo diversos presidios do Ceará e entregando-os ás forças portuguezas, depois de passarem á espada as respectivas guarnições.

Assim terminou o dominio hollandez no Maranhão, como havia começado—por um acto de má fé e de perfidia—e depois de haver durado mais de vinte sete mezes, dezesete dos quaes se haviam passado em uma guerra incessante e implacavel.[1]

no Maranhão. E' impossivel pois que ficassem mil e quinhentos mortos, e ainda se fossem embora trezentos ou perto de quinhentos.

[1] Veja-se nota A no fim do volume.

LIVRO IV.

PARALLELO DAS INVASÕES FRANCEZA E HOLLANDEZA.

Á quem estuda a historia do Maranhão, e compara as duas invasões estrangeiras, que logo nos seus começos se succederam uma á outra com tam pequeno intervallo, não é possivel que escape o pronunciado antagonismo do caracter, fins, meios e resultados de ambas ellas.

A physionomia da invasão hollandeza é toda militar; a guerra com todo o seu cortejo de horrores, aggravados pelas paixões ruins dos conquistadores, eis ahi o unico quadro que temos a observar nesse periodo fatal de vinte sete mezes que vae de 25 de novembro de 1642 a 28 de fevereiro de 1644.

Em plena paz, e abusando da fraqueza de um povo imbelle e desarmado, não menos que das irresoluções de um velho septuagenario, esses soldados-merca-

dores, por um acto de perfidia sem igual, surprehendem a nascente cidade de S. Luiz, e logo assignalam a sua presença, pelas profanações e sacrilegios, pelos saques e contribuições forçadas, pelos attentados e ultrages emfim á honra e liberdade dos pacificos e descuidados habitantes. E mal paga ainda desses actos de violencia que infelizmente deshonravam então a maior parte das guerras, já de si odiosas e crueis, a sua cobiça infrene e insaciavel decreta a desapropriação dos engenhos de assucar, e juntando ao roubo a humilhação e o escarneo, transforma os proprietarios despojados em feitores, e os obriga a cultivar em proveito alheio, uma terra que haviam desbastado com suas mãos, e regado com o suor de seu rosto.

Quando mais tarde o excesso da oppressão, exasperando os animos, produziu a sublevação; as devastações, incendios, matanças e supplicios são o unico espectaculo que offerece a historia da occupação hollandeza.

As tentativas dos francezes para se estabelecerem quer no Rio de Janeiro, quer no Maranhão, se mallograram successivamente, já pela debilidade dos meios que empregava a metropole, já pelos azares da guerra e incapacidade dos chefes; ou já finalmente pelas divisões e discordias que entre elles rebentavam, e valeram a Villegaignon o cognome odioso de Cain do Novo-Mundo. Os seus estabelecimentos nunca chegaram a criar raizes, e nem passaram

jámais de alguns fortes com meia duzia de casas derredor. Os hollandezes, muito ao revez disto, invadiram o Brasil com esquadras formidaveis, e muitos mil homens de desembarque, e senhorearam mais de trezentas leguas de costa desde Pernambuco até o Maranhão, perdurando o seu dominio cerca de um quarto de seculo. E não obstante foram expulsos do paiz, pelos proprios recursos dos colonos seus habitadores, a quem em geral a metropole ou abandonou de todo, ou ajudou mui frouxamente.

Suspeitam muitos que os escriptores portuguezes, obcecados pelo seu odio contra estrangeiros, calumniaram os hollandezes. Não duvidamos que exagerassem, e carregassem as côres do quadro, mas o certo é que tanto Berredo que narra as atrocidades da segunda invasão, como sobretudo Diogo de Campos que combateu em pessoa contra os francezes, tractam a estes com singular benevolencia. Donde se hade concluir, á vista do resultado que acabamos de assignalar, que as mais das arguições feitas aos hollandezes são veridicas, no essencial, nem é possivel explicar o grandioso esforço dos colonos que sacodiram o seu jugo, a não ser pela pressão de um governo iniquo e insupportavel,

De resto, não são os escriptores portuguezes somente, mas os mesmos estranhos que formam este conceito dos hollandezes; e senão, ouçamos a Fernão Denis, que segue elle mesmo a Pedro Moreau, testemunha ocular do que narra na sua—*Relação verda-*

deira do que aconteceu na guerra feita no Brasil entre os portuguezes o hollandezes.

—«Elevado D. João IV ao throno em 1640, (escreve «Fernão Deniz) e restaurada a nacionalidade portu«gueza, ficou entre ambas as potencias assentado que «desde então partilhariam ellas em boa paz o immenso «territorio do Brasil. Mas para que este acordo po«desse vingar, fôra preciso mudar as idéas religiosas «dos dous povos, não menos que o seu caracter na«cional; porquanto talvez nunca houvesse duas nações «mais avessas em costumes e sympathias, que os por«tuguezes e hollandezes. Cada dia suscitava um novo «motivo de odio; hoje procuravam os conquistadores «insinuar no espirito dos escravos e dos indigenas as «doutrinas do lutheranismo, e proporcionavam aos «judeus uma opulencia, insultante para a miseria dos «christãos; amanhã obstavam a que o pastor catholico «desempenhasse as funcções do seu sagrado ministe«rio, e o forçavam, para esse fim, a acolher-se aos «bosques, onde nem sempre podiam acompanha-lo «as suas ovelhas da cidade. Eram continuas as extor«ções e pilhagens nas habitações indefesas e isola«das, e não muito raras, sanguinolentas orgias, em «que os conquistadores calcavam aos pés todas as «idéas de honra e religião, tam poderosas entre os «portuguezes. O luxo insolente dos novos habitantes «do Recife, contrastava da maneira mais odiosa com «a simplicidade dos primeiros colonos. *«Em todos «esses signaes* (diz uma testemunha ocular, que traça

«um quadro energico da situação do paiz) *devia a «collonia hollandeza reconhecer os agouros sinistros «da sua proxima ruina, semelhantes a essas tochas que «nunca esparzem um clarão mais luminoso, que quando «estão prestes a apagar-se.»*

Os hollandezes não deixaram entre nós rasto ou memoria alguma que denunciasse intenções beneficas. Ainda em Pernambuco deram elles vigoroso impulso ao commercio e á agricultura, e foram parte para que o Brasil, até então completamente ignorado, se revelasse de algum modo á Europa; mas aqui a sua presença foi assignalada somente pelos estragos e ruinas que fizeram.

Gayoso diz, é certo, que além dos cinco engenhos de assucar que acharam no Itapucurú, os hollandezes estabeleceram uns seis ou sete mais—mas apenas (acrescenta elle) se conhecem *hoje* os logares onde foram situados—[1] Contando de guerras e combates escapou acaso a Berredo o dizer-nos que um delles foi levantado no Araçagy. Mas todos deviam de ser obras muito imperfeitas, e porventura apenas começadas; pois os hollandezes não podiam, mesmo nesta materia, prefazer cousa melhor, divertidos o mais do tempo em vexar e opprimir os colonos, e em reprimir a sublevação que a sua oppressão suscitou. Entretanto, ainda na erecção destes engenhos não fi-

[1] Compendio-Historico § 142, pag. 169.

zeram elles mais do que mostrar o espirito mercantil que exclusivamente os dominava. Calcularam friamente os milhares de florins que poderia fundir o seu assucar, e nada mais. Assim, abstrahi deste resultado da sua cobiça, e não achareis mais acto algum que revele essas idéas de religião, humanidade e civilisação, sempre inherentes ás emprezas dos primeiros povoadores.

Se olhamos porém a expedição franceza, que contraste! Esta não se dirigia a surprender perfidamente uma cidade edificada por outra nação amiga, senão a cultivar uma terra abandonada e deserta, pois os seus unicos habitadores, os selvagens tupinambás, precisavam elles mesmos de mais cultura que a terra que pisavam. Esses titulos provenientes das doações papaes, sobre absurdos e vãos em si mesmos, póde com justiça dizer-se que tinham caducado, incorrendo os regios donatarios nas penas de commisso, pela falta de effectiva occupação e cultura, em um lapso maior de cem annos.

Sem duvida, os interesses mundanos tambem foram parte mui principal nesta expedição, e os francezes, como os outros, levavam a mira nas riquezas que deviam produzir o commercio e a grossura natural da terra; mas é impossivel desconhecer o zelo e fervor religioso que os animava, se attentarmos para o grande

e dispendioso apparato de missionarios que trouxeram, e para os importantes trabalhos que estes emprehenderam, não menos que para os resultados conseguidos.

Á volta dos catholicos, vinham tambem muitos protestantes no intento de dispôr e proporcionar nestas apartadas regiões um asylo seguro aos seus co-religionarios perseguidos então na Europa; e não é este certamente o lado menos tocante da empreza.

Para não interrompermos a narração dos successos militares, pospozemos no Livro II a da parte religiosa e civilisadora da expedição; mas já é tempo de enceta-la, e de dar noticia do estado da nossa ilha naquella epocha.

Mal aportaram na de Fernando de Noronha, começaram logo os missionarios a fazer o seu officio, e com quanto apenas se demorassem ali uns quinze dias, baptisaram alguns indios, e casaram dous.

Não se deixaram tambem ficar ociosos na breve demora que tiveram na ilha de Sancta Anna, a qual consagraram com varias ceremonias do culto, erigindo no dia 29 de julho de 1612 a primeira cruz que viram aquellas paragens, e sendo os pesados madeiros que serviram á sua fabricação carregados ao hombro pelos cabos e senhores mais principaes.

A ilha do Maranhão era então exclusimente senhoreada pelos tupinambás emigrados do Sul. A sua população se elevava a cerca de doze mil almas, divididas em vinte sete aldêas, segundo affirma Claudio

d'Abbeville, escriptor contemporaneo, e testemunha ocular, bem que Berredo, sem duvida muito menos competente, as reduza a vinte tres. Só nos ficaram os nomes de quatro de entre ellas, Juniparan, a principal de todas, Januarém, Timbohú, e Mayóba.[1] A dos indios chamados—Pedras-Verdes—foi estabelecida posteriormente, e junto ao forte de S. Luiz, por suggestão dos francezes, que queriam te-los assim visinhos, afim de serem por elles auxiliados nas suas obras e trabalhos.

Em Tapuytapéra havia dez aldêas; em Cumã onze; o numero dellas porém crescia prodigiosamente á medida que se caminhava na direcção do Pará.

Os cabos e soldados francezes precederam os missionarios na entrada da ilha, onde foram recebidos e festejados ao modo patrio por um corsario seu conterraneo, chamado Dumanoir, que acaso ali estava ancorado com dous navios. Os missionarios vieram por ultimo, e só depois de bem certificados de que seriam acolhidos com a reverencia devida ao seu caracter. Desembarcaram com pompa e apparato na praia chamada do Javiree, (nome que se perdeu) e desfilaram em procissão, entoando canticos sagrados,

[1] Claudio d'Abbeville no cap. 32 da sua interessante e curiosa *Histoire de la Mission des Frères Capucins* (1614), obra seus hoje mui rara, traz os nomes de todas essas aldêas e com os de *muribixábas*.

(DOS EEDD)

e seguidos de grande multidão de indios, surpresos e enleados do que viam.

As primeiras noites passaram-n'as todos, os padres como os soldados, sob frondoso arvoredo que sombreava a beira-mar, até que se erguesse o forte e armazem de que já fallámos, trabalho a que os indios ajudaram, derribando e transportando troncos e madeiros enormes. A mil passos de distancia do forte, em um sitio aprazivel, e refrescado por nascentes d'agua pura, traçou-se recinto para o convento dos capuchinhos, que para logo se ergueu sob a invocação de S. Francisco; humilde e modesta habitação coberta de palha, com paredes de páu á pique e barro, que mais tarde devia ser substituida pelo actual convento de Sancto Antonio, edificado no mesmo local, como é bem manifesto, pelas circumstancias que indicámos. As primeiras missas foram ditas em 12 de agosto, disposto para esse fim um altar portatil.

Por esse theor procediam sempre os primeiros povoadores catholicos; junto ao forte, a igreja; e aos pés da cruz cingida do pavilhão nacional, a espada, o mosquete e o canhão.

Os padres acompanhados de poucos soldados se derramaram incontinenti pelas aldêas visinhas, e mediante a discrição, prudencia e sabedoria com que se houveram, entraram logo a fazer numerosas conversões. Todos os dias eram missas, sermões, baptisados e casamentos. Para conseguirem dos selvagens que se abstivessem do costume abominavel de comer

carne humana, e reduzirem-n'os manso e manso á fé christã, respeitavam os padres com grande aviso os seus outros usos, simplesmente absurdos e rediculos, como o de pintarem os corpos, e mutilarem os labios e orelhas.

Á sombra e á volta dos missionarios, prégavam tambem os soldados e officiaes, bem que sobre assumpto inteiramente profano, avivando nos selvagens o odio immortal que consagravam aos portuguezes.— Mas estando elles um dia em Juniparan, que era como a povoação capital da ilha, e onde se reuniam os chefes das tribus, [1] a encarecer na fórma costumada as vantagens da sua alliança, e a maldade dos portuguezes, um velho quasi centenario, chamado Monborré-assú, sahiu-lhes inopinadamente com razões que os embaraçaram, e que seriam proprias a inspirar-lhes serios receios, se os selvagens, de levianos, não fizessem tam pouco cabedal da experiencia e desconfianças do velho. D'entre os diversos discursos que recolheu o padre d'Abbeville, e Beauchamp reproduziu, o do selvagem Monborré é tam notavel e picante, que não é bem que privemos o leitor do prazer de conhece-lo. «Eu vi, «disse elle, os portuguezes, ao tempo da sua che-

[1] Fernão Denis e Diogo de Campos referem os nomes de alguns destès chefes, que por serem assaz esquipaticos, merecem reproduzidos—Japy-assú, ou Japy-guassú, Tatú-guassú, Jacúpema, Tecoare-Oubouih (Rio de Sangue), Paca-rabehu (Paca-prenhe—barriga-d'agua), Caranguejo-Branco, etc.

«gada a Pernambuco e outros logares. A principio «procederam exactamente como vós outros france«zes, limitando-se a traficar comnosco, fornecendo«nos machados, fouces, facas e outras mercadorias, «sem formarem estabelecimento de qualidade, que «podesse inspirar-nos receio. Mas depois nos disse«ram que lhes era mister edificarem fortaleza para «sua guarda, e grandes cidades para morarem junta«mente comnosco, como uma só nação. Então commu«nicavam elles com nossas filhas, no que recebiamos «nós outros grande honra e mercê. Com o andar dos «tempos nos deram a entender que essas relações eram «criminosas e reprovadas pela divindade; e que lhes «não era licito ligarem-se ás nossas filhas em casamen«to, sem que ellas primeiro abraçassem a religião chris«tã. Para esse fim mandaram vir padres, que planta«ram cruzes, prégaram a doutrina, e baptisaram al«guns dentre nós. Por derradeiro já nos diziam os «portuguezes que lhes era absolutamente impossivel «passarem sem escravos, assim para o serviço domes«tico, como para a cultura das terras; e não contentes «de captivarem os prisioneiros de guerra, cobiçavam «tambem os nossos filhos, e remataram por fazer pe«sar sobre a nossa nação uma tam incomportavel ty«rannia, que os que podemos escapar á escravidão, «nos vimos obrigados a abandonar a terra dos nos«sos maiores, para nos abrigarmos nestas regiões.»

É para ver como o nosso Berredo, referindo-se a estes e outros discursos, clama contra a falsidade e

escandalosa má fé de Claudio d'Abbeville que os inventou para illudir á Europa, esquecido elle mesmo de haver tambem nos *Annaes* posto outros taes e quejandos na boca dos seus heróes, compostos e afeiçoados á maneira de Tito Livio, para o fim de ornar e tornar mais apparatosa a sua historia.

Mas verdadeiros ou suppostos estes discursos, o certo é que os francezes iam sempre levando por diante os seus intentos. O superior Claudio d'Abbeville voltou dentro em pouco para a França, acompanhado de seis indigenas, tres dos quaes falleceram logo á sua chegada, e os outros, recebidos em pomposa ovação, foram solemnemente baptisados, sendo padrinhos os reis de França, e casaram com raparigas francezas, que em verdade o digamos, não deviam de ser da primeira nobreza, nem porventura de uma pureza immaculada. Estes pobres selvagens, que com os padres seus conductores, cuidaram de abafar no apertão dos parizienses curiosos, que acudiam a vê-los, se lhes perguntassem o que mais os maravilhava, entre tantas riquezas e raridades do Louvre e da grande capital, bem podiam responder como o doge genovez na côrte de Luiz XIV: *O vermo-nos aqui!*

Quando o sargento-mór Diogo de Campos, depois do tractado das tregoas, atravessou a ilha para ir ao forte de S. Luiz, passou, diz elle, por aldêas tam povoadas,

que a cada passo lhe parecia vêr indios aos milhares. E em cada aldêa encontrou um francez nobre com quatro ou seis soldados que assistiam nellas como salva-guardas dos indios ou *seus Encommendarios*, tendo todos por obrigação e regimento juntarem-se ao menor rebate, e guiarem armados a S. Luiz. «Nesta povoação «(continúa elle, a quem ora copiamos textualmente) «foram-nos apresentados muitos principaes da ilha, «Topinambás, vestidos de roupas francezas azues de «pano fino, coalhadas de flammas de veludo, folha «morta brosladas de troçaes de seda, e nos vazios, «cruzes do mesmo veludo, como as de monteza; e en-«tre elles vinham dous Indios vestidos á franceza, de «calções e casacas curtas de veludo carmesim, guar-«necidas de passamanes de ouro fino, e gibões de «tela de ouro fino leonada, e suas espadas douradas, «e dargas com talabartes de veludo carmesim lavra-«dos de ouro, sapatos, meias de seda, e ligas com «ouro, e tudo o demais nesta conformidade, até cha-«peos de castor com muitas plumas brancas, e bandas «de pariz de resplandor de prata lavradas, e cruzes «de ouro fino ao pescoço como homens do habito de «S. Luiz. Traziam comsigo suas mulheres moças Fran-«cezas brancas, vestidas de damas, com taes cotas, «vestidos e adereços, que tudo era sedas, guarnições «e ouro, em que se manifestava a tenção com que «estas despezas ditas eram feitas: e assim, depois de «fazerem os seus comedimentos, disse o senhor de la «Ravardière ao sargento-mór: «Estes dous Indios, e

«outro que falleceu, Topinambás, são desta ilha, os «quaes Mr. de Rasilly, meu companheiro, levou á «França, e os aprazentou a Suas Magestades da rainha «regente, e d'el-rei Luiz, meu senhor, os quaes lhes «fizeram tantas mercês e honras, que vos não saberei «dizer o numero dellas: sómente digo que custaram «mais de dez mil cruzados, os favores, vestidos, bap«tismos, casamentos, até os fazerem cavalleiros, dan«do-lhes habitos da nova ordem de S. Luiz, que ago«ra instituiu este rei; os demais Indios das roupas «azues, são principaes desta ilha, a saber, o Brazil e «o Xapiasú, homens que, para Indios, acho de gran«de entendimento, e assim elles, como os demais, «vos vem ver como a homens, que nos feitos lhes ha«veis parecido serpentes, e assim ainda hoje se não «asseguram, e temem de vós.»

Indo dahi o sargento-mór visitar o novo convento dos capuchinhos, o superior, padre Archangelo de Pembrok, depois de dizer missa, e de o apresentar a todos os seus companheiros, lhe andou mostrando o refeitorio, as cellas, o sitio do mosteiro, a fonte de agua viva que haviam descoberto, e antes da sua vinda não era conhecida, e um seminario em que os mancebos indios e francezes aprendiam as linguas uns dos outros, encarecendo o padre nesta occasião o grande cabedal, passante de vinte mil cruzados, que com este estabelecimento de instrucção, e com ornamentos, calice, e outras cousas da igreja haviam gasto o cardeal de Joyeuse e a rainha regente.

Foi durante este passeio e conversação que o bom padre não pôde acabar comsigo, que não mexericasse seu tanto contra o chefe da colonia, alardeando a opposição que fizera á jornada de Guaxenduba, e o como logo previra os funestos resultados della, sendo tamanha a desconsolação que tomou com a morte de tantos nobres, e em particular, com a de Mr. de Pizieux, catholico, de grande casa, e de maiores esperanças, que estava de continuo a suspirar pela hora em que deixaria uma terra, *a que todos tinham vindo enganados a estar debaixo da mão de um herege, que ainda que era bom companheiro, e governava com quietação, que todavia era mal soante.* Acrescentou que por este motivo, e segundo as ordens de França, Ravardière devia retirar-se, ficando em logar delle no governo o seu tenente Pizieux; mas que, pois Deus havia disposto de outro modo, estava elle resoluto a partir com todos os seus frades, deixando só dous para remedio de mais de vinte mil indios que tinham convertido. Estavam no meio desta interessante pratica, quando foram atalhados pela subita apparição de Ravardière, que os obrigou a variar de assumpto.

De companhia com este commandante visitou e examinou Diogo de Campos successivamente o porto, os fortes, a artilharia, a aldêa dos Pedras-Verdes, os navios, as terras de Tatuytapéra e Cumã, *e as ilhas que jazem sobre o porto, fortes em sitio,* (diz elle) *e povoadas de mato, mas sem agua.* E á medida que as examinava e observava, as ia o sargento-mór apon-

tando no seu livro de lembranças, previamente alcançada a permissão de Ravardière, o qual notando o fervor com que elle nisto procedia, lhe disse: «Vejo-«vos tam curioso, que me parece por vos livrar de «trabalho que vos hei de dar o desenho que fiz de «tudo isto até o Pará, em que me aventurei, e traba-«lhei muito, e se não fôra a vinda de vosso sobrinho «Martim Soares, que me inquietou, e fez acudir a «este forte, cuidando serdes já todos vindos, certo «tivera feito grandes descoberturas; mas espero que «Mr. de la Blanjatierra, que deixei em meu logar, «me trará grandes novas, e mostras de coisas estra-«nhas, de que á vossa vinda de Hespanha vos mos-«trarei tudo: com este fidalgo ficaram quarenta sol-«dados francezes para melhor se seguirem nossos «bons intentos.»[1]

Aceitou Diogo de Campos o offerecimento, e entrando depois no gabinete de Ravardière viu globos, livros, planispherios, quadrantes e muitas armas, com que (nota elle) parecia estar naquelle deserto gente de valor e de sciencia.

Eis ahi os francezes antes da guerra que os expulsou;—explorações scientificas por todo o littoral até o Pará, e pelo Itapucurú acima até cinco gráus de latitude austral, assim como pelo Mearim, até oito gráus;—politica consummada na conversão e civilisação dos indios;—verdadeiros colonisadores emfim,

[1] Veja-se a nota—B—no fim do volume.

tam cheios de humanidade e philantropia, como de intelligencia. Depois da guerra, e do immenso revez de Guaxenduba, quasi nenhum azedume ou ressentimento;—as suas relações com os portuguezes são, pelo contrario, nobres e cavalleirosas em todo o extremo; e a mais depurada cortezia brilha com todo o lustre na correspondencia que já publicámos. Além disso, sabendo o chefe francez que os portuguezes feridos na batalha pereciam á mingoa de remedios, e de quem lh'os applicasse, envia incontinenti ao forte de Sancta Maria o cirurgião de Laistre com medicamentos em abundancia. Este cavalheiro salva os doentes, e refusa toda e qualquer retribuição pelos cuidados que generosamente prodigalisa, donde tomou o sargento-mór occasião para citar em acção de graças o versiculo: *Dedit salutem ex inimicis nostris et de manu omnium, qui oderint nós,*

Mas não ficou aqui a sua galhardia, pois ao retirar-se para a Europa o mesmo sargento-mór, deu Ravardière liberdade a todos os marinheiros portuguezes que os seus haviam aprisionado de muitos annos atraz, e viviam na ilha trabalhando nas roças, acorrentados como escravos, para que não fossem, fugindo, dar avisos aos portuguezes do estado da colonia; mandou prover a caravela que o devia conduzir de todo o necessario para a viagem; e enviou tambem aos do forte Sancta Maria feijões, milho e favas em quantidade para plantarem as suas roças.

Ao registrar aqui todos estes rasgos de nobreza e

generosidade militar, uma approximação vem natural e espontanea ao nosso espirito. ¿Como procediam os hollandezes, em identicas circumstancias, e depois dos seus revezes? Declaravam os seus inimigos fóra da lei, ultrajavam e expulsavam as mulheres, e arremettiam furiosos até contra os edificios inanimados e inoffensivos.

Ha outra differença entre as duas invasões, não de todo indigna de reparo, e vem a ser, que a franceza é apenas conhecida dos homens de letras, e, como a hollandeza, não vive na memoria do povo. A causa disso é porque os francezes occuparam um paiz vago, e sempre intretiveram relações benevolas com os seus unicos habitadores, isto é, com as raças selvagens, de resto extinctas hoje, que nelle encontraram então; ao passo que os hollandezes, invadindo um paiz já povoado, feriram de um modo violento os costumes, interesses e idéas do povo opprimido, transmittindo-se por isso de geração em geração, sénão o odio, certamente a recordação do mal. Dahi sem duvida aconteceu tambem que a invocação de Nossa Senhora da Victoria, tomada em acção de graças, segundo refere Berredo, pela que as armas portuguezas alcançaram em Guaxenduba no dia 19 de novembro de 1614, entrou mais tarde a servir na commemoração religiosa e militar do combate do Oiteiro-da-Cruz, havido como o mais importante, e succedido, dizem, a 21 de novembro de 1642.

Na sua—*Introducção aos Annaes*—diz da expulsão

dos francezes o sr. Gonçalves Dias—que levou comsigo muitas esperanças;—e da invasão dos hollandezes—que estragou muitas fortunas.

Sem duvida, os hollandezes fizeram todo o damno possivel, e estragaram tudo quanto suas mãos tocaram. Porém naquelles tempos, e ainda mais de oitenta annos depois da sua expulsão, como opportunamente se hade ver, a riqueza da nossa patria era cousa de mui pouca valia.

O que era então a cidade de S. Luiz, e até onde se estendia? Da narração de Berredo vemos que os hollandezes *marcharam* do Desterro para a cidade, e atacaram e tomaram uma das portas, que em vão tentou defender o capitão Paulo Soares de Avellar, inferindo-se tambem de outras passagens que a cidade era um recinto cingido de muros, a menos que Berredo não confunda *cidade* com *cidadella*, o que não é de presumir em um official tam instruido e letrado como elle era. Esse recinto comprehendia provavelmente o espaço que se estende desde a Rampa até o Largo-do-Carmo, e talvez se alargasse para o lado do Rosario. Os arrabaldes, sim, derramavam-se um pouco além, inferindo-se ainda de Berredo que o convento do Carmo ficava fóra das muralhas, logo á frente dos mesmos arrabaldes.[1]

[1] Se o auctor tivesse conhecimento da *Istoria delle Guerre del Regno del Brasile*, do padre José de S. Thereza, para a qual remettemos o leitor, n'ella encontraria um mappa topographico da cidade de S. Luiz e da fortaleza, como então eram.

(DOS REDD.)

Bem entendido, todas estas noticias nos transmittiu elle sem intenção, e á volta das suas narrações de combates, pois nem sequer pela imaginação lhe passou dar-nos uma descripção da cidade naquella epocha.

Podem os leitores por aqui avaliar que taes seriam os edificios em numero, elegancia e solidez.

Segundo o conde de Ericeira, a agricultura naquelle tempo só produzia tabaco, mandioca e assucar. Diogo de Campos vira tambem algumas roças de algodão no tempo dos francezes. Mas o commercio era nullo, que os mais destes generos mal bastavam ao consumo da terra. Essa enorme contribuição forçada de cinco mil arrobas de assucar que então devia arruinar toda a lavoura do paiz, apenas fundiria hoje com que sortir uma ou duas das duzentas lojas e tabernas que conta a nossa capital.

Fóra dos muros de S. Luiz, havia as duas nascentes povoações de Tapuytapéra e Itapucurú, com os cinco engenhos já sabidos, e pequenas roças esparsas aqui e acolá. O Icatú, posto que villa antiquissima, não figura em nenhuma das chronicas desta guerra.

Assim, é evidente que os hollandezes deviam de estragar pouco, posto que estragassem tudo; nem á mesquinheza da terra se hade attribuir á sua invasão somente, porque ella continuou pobre e miseravel até á instituição da companhia do Grão-Pará e Maranhão, que se estabeleceu mais de um seculo depois.

Pelo que toca aos francezes, as apparencias ao

menos eram especiosas, e os começos que tiveram induziriam naturalmente a que se lhes augurassem resultados prosperos e brilhantes. Mas cumpre notar que os francezes foram em geral infelizes em todos seus projectos de conquistas coloniaes, na America como nas mais partes do mundo, e decididamente muito inferiores nesta parte aos proprios hollandezes. Estes se mantiveram no Brazil vinte cinco annos; os francezes no Maranhão, apenas tres; e a colonia fundada no Rio de Janeiro sob a denominação pomposa de —*França Antarctica*,—acabou tam ephemera, quanto menos honrada. As suspeitas que os indios de S. Luiz conceberam contra os proprios francezes, só por causa das tregoas estipuladas depois da derrota de Guaxenduba, não obstante a grande e nunca desmentida lealdade do seu proceder para com elles, até aquella epocha; bem como as divisões e malquerenças que fermentavam entre catholicos e huguenotes, e que tam indiscretamente revelou o padre Archangelo a um official inimigo, podiam em breve termo produzir resultados tam funestos como a perfidia e apostasia de Villegaignon.

De resto, não nos compete a nós outros chorar e lastimar essas esperanças mallogradas. Uma tam estranha abnegação nos parece até contraria á natureza. Os sentimentos mais obvios do patriotismo, ou se o quizerem, do egoismo nacional ou pessoal, nos devem persuadir e encaminhar a outras idéas e propositos. Se vingasse o estabelecimento francez, não existiria

hoje esta nação brasileira a que pertencemos; ou pelo menos, não fariamos parte della, nós, os *actuaes* maranhenses, que certamente nunca teriamos aberto os olhos á luz.

Sem duvida, o leitor ganharia com isso alguns momentos ora perdidos com estas paginas frias, descoradas e enfadosas; mas em desconto, tambem, nunca em seus ouvidos eternamente surdos e cerrados, soaria tam branda e maviosa a voz sublime do auctor dos—*Primeiros, Segundos* e *Ultimos Cantos*

não sabidos
Das orgulhosas bocas dos Sycambros.

Os portuguezes, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantoada nos extremos confins occidentaes do velho mundo, podem com razão ufanar-se de ter fundado no novo, em um paiz, ou deserto ou infestado de hordas ferocissimas, um imperio tam vasto como compacto, o segundo por ventura deste continente, onde sómente aos Estados-Unidos cede a primazia. Nisto sem duvida mais dignos de admiração e louvor que os seus visinhos hespanhoes, os quaes com recursos mui superiores, e encontrando uma civilisação adiantada no Mexico e Perú, alcançaram e deixaram todavia resultados comparativamente inferiores.

E a que destinos teria sido conduzida pela victoria das armas francezas, esta terra que hoje habitamos—

nós grande familia de um grande povo—a quem o porvir reserva sem duvida uma grandeza maior ainda? Talvez, nova Cayenna, obscuro presidio de degradados, acolhesse no seio as victimas que a raiva das facções ephemeras da metropole alternativamente lhe arremessasse; ou como a Luisiana, objecto vil e despresivel de mercancia, posta na feira das nações em publico leilão, fosse vendida a troco de alguns milhões.

Eis-ahi porque adoramos os designios profundos da Providencia quando em Guaxenduba assellou com o triumpho os esforços dos nossos maiores. Eis-ahi porque os portuguezes, sobre todos, lhe devem render graças infinitas—porquanto, no imperio americano, se o reino europeu fôr alguma hora extincto, absorvido, ou transformado, se hade a antiga nação perpetuar por muitos seculos mais, na linguagem, religião, idéas, usos e costumes dos seus descendentes.

LIVRO V.

INDIOS.

I

Admiração dos primeiros exploradores á vista das costas do Brazil—Aspecto primitivo do paiz—Infinidade de tribus errantes—Indole e costumes—Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Vaz de Caminha, Fernão Denis—Diversas questões acerca dos aborigenes e dos invasores europeus—¿Qual era a população indigena provavel no tempo da descoberta?—¿Como definhou e se extinguiu emfim?—Legislação portugueza e bullas papaes acerca dos indios—Os selvagens na America septentrional.

Os sentimentos que experimentavam os primeiros exploradores do Brazil, ao darem vista das suas costas, eram ordinariamente os da surpreza e admiração; e a tal ponto os maravilhava o aspecto pomposo desta terra inculta e selvagem, que a todos elles acudia espontaneo o pensamento—de que sem duvida nesta abençoada região estivera outr'ora situado o paraiso terreal.

As idéas religiosas, então muito em vóga, concorriam não pouco para esta estranha conjectura, aliás debatida durante largo numero de annos com uma gravidade incrivel.

O que feria quasi exclusivamente a attenção dos viajantes eram as grandezas e magnificencias da natureza; e dahi, os historiadores e chronistas das expedições, reproduzindo aquellas primeiras ingenuas impressões, abriam a veia fecunda de louvores, e tudo era encarecer e exaltar os primores e excellencias da terra, deixando-se sempre para o segundo plano quanto podesse ser desagradavel, ou empecer ao effeito das narrações,—os milhões de insectos damninhos, por exemplo, os hediondos e infindos reptis, os brejos insalubres e mortiferos, e os certões inhospitos e desertos.

O leitor o julgará melhor á vista das seguintes passagens, que preferimos copiar por inteiro, porque, substancia-las, seria enfraquece-las.

«Quanto á vista exterior aos que vem de mar em «fóra, diz o padre jesuita Simão de Vasconcellos, (*No-«ticias Curiosas*, L. 1.º) depozeram os capitães e cos-«mographos, que não viram cousa igual, no universo «todo, á perspectiva desta nova terra, porque ao «longe parece uma gloria o avultar dos montes e ser-«ranias, com tal compostura e altura, que representam «fórmas muito pera ver, e sobem, parece, á região «segunda do ar, levando comsigo os olhos e os co-«rações ao céo. Á meia vista, começa a apparecer o

«alegre dos bosques, campos, e arvoredos, verdes «sempre, e sempre apraziveis. Mais ao perto, alvejam «as praias fermosas, e vão logo apparecendo nellas «uma immensidade de portos, barras, enseadas, rios, «ribeiras despenhadas, e com tam grande variedade, «que é um espanto da natureza. De tudo disseram «alguma cousa, que tudo não lhes era possivel.

«Por conclusão deste livro (continúa elle no 2.º) e «descripção do Brazil, em que temos escripto as qua«lidades da terra, o temperamento do clima, a fres«cura dos arvoredos, a variedade das plantas e abun«dancia de fructos, as hervas medicinaes, a diversi«dade dos viventes, assim nas aguas, como na terra, «e aves tam perigrinas, e mais prodigios da natu«reza, com que o auctor della enriqueceu este novo «mundo: poderiamos fazer comparação ou semelhança «de alguma parte sua, com aquelle paraiso da terra, «em que Deus nosso senhor, como em jardim, poz o «nosso pae Adam, conforme a outros diligentes au«ctores, Horta, Argençola, Ludovico Romano, e o «nosso padre Eusebio Nieremberg nas suas *Questões* «*Naturaes*.

«Porèm remettendo os curiosos a varios auctores, «ainda escholasticos, deixo a seu juizo considerem a «vantagem que fazem algumas terras do mundo novo «aos fabulosos campos elysios, hortos pensiles, ilha «de Atlante; e a semelhança com o melhor clima da «terra, e avantejada á ilha Tapobrana, cujo clima é «tam infesto á saude dos homens.»

«Do novo mundo (escreve Rocha Pita, auctor bahia«no, na sua—*Historia da America Portugueza*) do novo «mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios «calumniado, onde não chegaram, Hannon com as «suas navegações, Hercules Lybico com as suas co«lumnas, nem Hercules Thebano com as suas em«prezas, é a melhor porção o Brazil; vastissima re«gião, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo «são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em «cujas montanhas e costas tudo são arômas; tribu«tando os seus campos o mais util alimento, as suas «minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais «suave balsamo, e os seus mares o ambar mais sele«cto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde pro«digamente profusa a natureza, se desentranha nas «ferteis producções, que em opulencia da monarchia, «e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as «suas canas espremido nectar, e dando as suas fructas «sasonada ambrozia, de que foram mentida sombra o «licor e vianda que aos seus falsos deuses attribuiu «a culta gentilidade.

«Em nenhuma outra região se mostra o céo mais «sereno, nem madruga mais bella a aurora: o sol em «nenhum outro hemispherio tem os raios tam dou«rados, nem os reflexos nocturnos tam brilhantes: as «estrellas são as mais benignas, e se mostram sem«pre alegres: os horisontes, ou nasça o sol, ou se se«pulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem «nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações

«nos aqueductos, são as mais puras: é emfim o Brazil «Terreal Paraiso descoberto, onde tem nascimento e «curso os maiores rios, domina salutifero clima, in-«fluem benignos astros, e respiram auras suavissi-«mas que o fazem fertil e povoado de innumeraveis «habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida «zona, o desacreditassem, e dessem por inhabitavel «Aristoteles, Plinio, e Cicero, e com gentios, os pa-«dres da igreja, Sancto Agostinho e Beda, que a terem «experiencia deste feliz orbe, seria famoso assumpto «de suas elevadas pennas, aonde a minha recea voar, «posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua «grandeza me dilate a esphéra.

«A sua costa é a mais fermosa que cursam os na-«vegantes, pois em toda ella, e em qualquer tempo, «estão as suas elevadas montanhas, e altos arvoredos «cobertos e vestidos de roupas, e tapeçarias verdes, «por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que «em copiosas e diaphanas correntes precipitam cris-«taes nas suas ribeiras, ou levam tributo a seus ma-«res, em que ha grandes enseadas, muitos e conti-«nuados portos capacissimos dos maiores baixeis, e «das mais numerosas armadas.

«Este famoso continente é tam digno das suspen-«sões humanas, pelas distancias que comprehende e «pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas «que mostra; porque até em algumas partes, em que «por aspero parece impenetravel, aquella mesma ru-«deza, que o apresenta horrivel, o faz admiravel! A

«fermosa variedade das suas fórmas na desconcerta-
«da proporção dos montes, na conforme desunião das
«praias, compõe uma tam igual harmonia de objectos,
«que não sabem os olhos onde melhor possam em-
«pregar a vista.

«Com inventos notaveis sahiu a natureza na com-
«posição do Brazil; já em altas continuadas serras,
«já em successivos dilatados valles; as maiores por-
«ções delle fez fertillissimas, algumas inuteis; umas,
«de arvoredos nuas, expoz ás luzes do sol; outras co-
«bertas de espessas matas, occultou aos seus raios;
«umas creou com disposições em que as influencias
«dos astros acham qualidades proporcionadas á com-
«posição dos mixtos; outras deixou menos capazes
«do beneficio das estrellas. Formou dilatadissimos
«campos; uns partidos brandamente por arroios pe-
«quenos, outros utilmente tyrannisados por caudalo-
«sos rios. Fez portentosas lagôas, umas doces, e ou-
«tras salgadas, navegaveis de embarcações, e abun-
«dantes de peixes; estupendas grutas, asperos domi-
«cilios de feras; densos bosques, confusas congrega-
«ções de caças, sendo tambem deste genero abun-
«dantissimo este terreno; no qual a natureza por va-
«rias partes depositou os seus maiores thesouros de
«finos metaes e pedras preciosas, e deixou em todo
«elle o retrato mais vivo, e o mais constante testemu-
«nho daquella estupenda e agradavel variedade, que
«a faz mais bella.»

«Nada ha hi comparavel (diz Claudio d'Abbeville,

«fallando particularmente da nossa ilha do Maranhão) «á belleza e ás delicias desta terra, bem como á sua «fecundidade e abundancia, em tudo quanto o homem «possa imaginar e desejar, assim para o contentamen-«to e regalo do corpo, em relação á temperatura do «ar, e amenidade do sitio, como para a acquisição de «riquezas, com que cada um, pelo andar dos tempos, «possa voltar á França abastado e honrado.

«São muito para vêr as campinas matisadas de bel-«las e variegadas côres, flôres e hervas, sendo que «em tamanha diversidade e cópia dellas, não encon-«trareis uma só que semelhe as nossas, senão a bel-«droega, a qual brota espontanea, sem haver mister «de cultura alguma. Não ha palavras que possam con-«tar os simplices raros e preciosos que a cada passo «se encontram nos bosques, campinas, valles e mon-«tanhas. E nada menos, não ha em todo este paiz «outro jardineiro, mais que Deus, e a natureza só-«mente, para dispôr, podar, e enxertar estas ar-«vores.»

E o moderno Beauchamp, bem que desça um pouco deste tom elevado do panegyrico e do hymno, nem porisso emprega côres menos graciosas e risonhas na sua descripção: «Debaixo do céo puro e sereno da «ilha do Maranhão, (escreve elle) não se conhece nem «frio, nem secca, nem espessos nevoeiros, nem va-«pores malignos; as tempestades e ventanias furio-«sas é cousa em que nem ao menos se falla; e o in-«verno, desde fins de fevereiro até junho, apenas se

«assignala pela presença das chuvas. A proximidade «do equador torna as noites quasi iguaes aos dias em «duração, e a temperatura, apenas sujeita a insensi«veis variações.

«Abunda a ilha em nascentes d'agua doce, e tal é a «sua fertilidade, que a terra se cobre espontaneamen«te de ricas mésses de milho, de raizes e fructos de «toda casta. Não se encontram ali nem altas monta«nhas, nem campinas demasiadamente vastas, por «maneira que a terra é por toda parte bem sombrea«da e regada, o que a constitue por certo um dos «mais formosos sitios do mundo. As suas plantas e «animaes pouco differem do mais que neste genero «se encontra no resto do Brazil; e para o commercio, «fornece a ilha em abundancia diversas madeiras de «tinturaria, açafrão, cánhamo, urucú, tabaco, cristal, «ambar-gris e varias especies de gommas e resinas. «Não faltam tambem, para as construcções solidas, a «argila, o cimento e a cal.[1] »

---

[1] Laërt, Lery, Pinçon e outros escriptores, que visitaram o Brasil ainda em tempos pouco posteriores á sua descoberta não têm limites nos louvores aos dotes naturaes do paiz; e Simão Estacio da Silveira na sua *Relação Summaria das cousas do Maranhão* (impressa em 1624) diz, tractando da salubridahe do céo da ilha do Maranhão:

«A excellencia desta terra, consiste em muitas cousas noto«rias. A primeira, no amenissimo Céo, e saluberrimo ar, de «que góza, ahonde sempre he verão, e sempre está o campo, «e arvoredo verde, cargado de infinita diversidade de fructas, «cujos nomes, sabores, feições, excedem á toda a declaração «humana.»..

No artigo sobre a fertilidade da terra accrescenta:

Por experiencia propria sabem os mais dos nossos leitores a que ater-se ácerca da verdade ou exageração destas diversas descripções. Seja como fôr, nesta vasta região denominada a principio—Terra de Sancta Cruz—, e pouco depois—Brazil—erravam alguns centos de mil selvagens, que constituiam uma infinidade de tribus, hordas ou nações, e fallavam, uns dizem cem, outros mais de cento e cincoenta linguas ou dialectos differentes.

Estas hordas, sem excepção das que deviam de andar mais conjunctas e ligadas pela communidade de origem, viviam não obstante em estado de permanente e feroz hostilidade entre si, dilacerando-se por tal modo que, segundo a opinião de alguns escriptores, ainda sem o descobrimento da America pelos europeus, ellas viriam a final a extinguir-se, exterminando-se completamente umas ás outras.

Só no territorio que hoje constitue a provincia do Maranhão vagueavam as nações diversas e inimigas dos Tupinambás, Tapuyas, Tabajáras, Taramambézes, e outras cujos nomes nos conservaram—o *Summario* de Ravardière, e outras chronicas do tempo, cumprin-

....

«A terra é chan, pouco montuosa, e tão branda, que por viço «se póde andar descalço. Deste clima, e deste terreno debaixo «da Zona torrida, despois que a experiencia mostrou o desen-«gano, houve authores, que imaginarão, que aqui devia ser o «Parayso de deleites, honde nossos primeiros Paes forão ge-«rados.»........

(Dos REDD.)

do todavia notar que o termo *Tapuya,* como hoje o de *Tapuyo,* servia então para designar genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa.

Entretanto, a sciencia moderna, procedendo em suas investigações pela analyse rigorosa das linguas, usos, costumes e tradições, conseguiu reduzir essa infinda turba-multa de pequenas tribus, a duas unicas grandes raças distinctas—a tapuya, e a tupica.

Aos que desejarem mais amplos esclarecimentos ácerca de tudo quanto diz respeito aos antigos habitadores do Brazil, remettemos para o importante trabalho de Fernão Denis, que adiante damos vertido em portuguez.[1] Porquanto o nosso intento é aprecia-los aqui, sómente naquillo que possa servir á solução das seguintes importantes questões.

¿Os selvagens que os primeiros exploradores encontraram no Brazil, eram um povo bruto e feroz, destituido de toda e qualquer virtude, ou degeneraram da primitiva grandeza e magnanimidade ao contacto da escravidão a que os sujeitaram? Eram elles proprietarios da terra que pisavam, e—com direito exclusivo á sua posse,—tinham por ventura o de repellir os invasores europeus que pretendiam turba-la? Foi devéras uma desgraça para estas regiões que na luta travada entre uns e outros, a victoria se declarasse

[1] Vejam-se as notas C e D no fim do volume.

pelo arcabuz e pela espada, contra a flecha e o tacape? Qual era a população indigena provavel do Brazil, e especialmente do Maranhão, ao começar a colonisação portugueza? Podia ella computar-se por milhões? Foram os Portuguezes que a ferro e fogo aniquilaram tantas e tam florescentes aldêas? A nação brazileira actual de quem descende, dos portuguezes, ou dos selvagens? Foram estes os que deram a base para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvolvido? E será com effeito a corôa da nossa prosperidade o dia da sua inteira rehabilitação?

A natureza mesma destas questões nos arrasta para est'outras considerações. Sem duvida, os indigenas foram victimas de grandes atrocidades. Prescindindo mesmo do mal que os invasores foram obrigados a fazer-lhes, em legitima defeza, e a bem da propria conservação, sabida cousa é que tribus inteiras foram exterminadas, ou pela guerra, ou pela escravidão, igualmente iniquas. A raça, que por ser civilisada, tinha mais estreita obrigação de dar o exemplo da moderação, abusou muitas vezes por um modo indigno, da sua immensa superioridade; os selvagens eram havidos em conta de brutos, estranhos ao gremio da humanidade, e effectivamente tractados como taes, sendo mister para rebater estas estranhas e odiosas pretenções, que por bulla do papa fossem elles declarados verdadeiramente descendentes de Adão e Eva, e com igual direito aos fóros dos mais homens.

Mas por aquella instabilidade e reacção natural ás

cousas humanas, hoje se manifesta uma tendencia absolutamente contraria. O nosso actual Imperador, dizem, mostra grande interesse e curiosidade por tudo quanto diz respeito ás raças aborigenes que antigamente senhoreavam o seu vasto imperio. Um grande poeta (e os poetas tambem são reis e imperadores a seu modo, e dentro da sua esphéra) no primeiro ardor de uma imaginação ainda virgem, e longe da patria ausente, cantou, envernisou, amenisou, poetisou emfim os costumes ingenuos, as festas innocentes e singellas, as guerras heroicas, a resignação sublime, e a morte corajosa, bem como os trajos elegantes, e as decorações pomposas dos nossos selvagens. E eis ahi todo o mundo a compôr-se e menearse a exemplo e feição dos reis, e aturdindo-nos em prosa e verso com tabas, mussuranas, yverapemas, janubias e maracás. Tal propõe que nos actos officiaes e no parlamento não se use de outra lingua, senão da geral ou tupica; este lastima que todas as nossas villas e cidades conhecidas por nomes portuguezes, ou de sanctos, se não baptisem desde já, e como principio de rehabilitação, com termos e vózes tupinambás; est'outro clama emfim que esses bons e veneraveis antepassados viviam aqui felizes e tranquillos até a epocha da conquista, e que já é tempo de fazer-se grande e solemne reparação ás iniquidades della. Ora, se tudo isto não constitue uma eschola organisada para a completa rehabilitação das raças vencidas—melhor diriamos, quasi extinctas—dos antigos

selvagens, revela ao menos uma tendencia e reacção formal, não menos exagerada que indiscreta, contra as idéas outr'ora dominantes.

O Instituto Historico e Geographico do Brazil, que foi fundado, vive e prospéra sob a immediata protecção do Imperador, nada recommenda tam sollicitamente aos seus socios correspondentes, como a remessa de noticias circumstanciadas sobre os costumes dos indios,—a significação em vulgar do nome de cada nação ou tribu—como traziam elles o cabello—se dormiam em redes ou no chão—se de lado ou resupinos—se traziam os beiços, ventas e orelhas furadas—de que eram os batóques—como expressa ou expressava cada uma das tribus as palavras—*sol, lua, fogo, agua, peixe, mel, pé, mão, cabello, boca, nariz, olhos* &—quaes os numeros emfim até onde podiam contar?[1]

Todo o mundo comprehende certamente o alcance, utilidade e deleite destas curiosas e laboriosas investigações. Mas o que não podemos soffrer de boa sombra, na nossa qualidade de grego, do mais puro sangue de Athenas, é que nos queiram obrigar a volver trezentos annos atraz, passando-se as ficções do romance e da poesia para a historia e vida real. O perigo está tam imminente, que Timon recêa a cada instante lêr nos annuncios do—*Diario do Piága*—a noticia de haver desembarcado em Javireé o excellentis-

[1] Vejam-se as *Revistas Trimensaes do Instituto Historico.*

simo presidente Ararigboia, vindo de Guanabára, a bordo do vapor imperial—Tupan.

O sr. dr. Antonio Gonçalves Dias escreveu o seguinte na sua—Introducção aos *Annaes de Berredo.*

«Dos portuguezes vinham para o Brazil só os que «não tinham sufficiente coragem para se lançarem so«bre a Asia e Africa, cujos campos, cujas cidades, «cujos imperios tantas vezes repetiram com terror o «nome portuguez. Foi esta a rasão, por que os reis «de Portugal tiveram sempre os olhos cravados n'a«quellas partes do Oriente onde a sua gloria se plei«teava, deixando por tanto tempo o Brazil á mercê dos «seus deportados e dos seus aventureiros.

«Para Asia e Africa mandava Portugal a flôr da sua «nobresa; para o Brazil vinha o rubute da sua popula«ção: havia excepções: mas estes vinham por engano, «como veio Pedro Alvares Cabral. Os de lá adquiriam «gloria,—os daqui lucravam fortuna: aquelles eram «heróes, estes commerciantes. De volta á metropole «trocavam-se as partes; os primeiros que só podiam «mostrar as cicatrizes, morriam nos hospitaes,—os se«gundos que só tinham fortuna, construiam palacios.— «Como pois não haviam de buscar o Oriente as almas «grandes de Portugal, que as houve sempre e muitas; «e como não haviam as almas interesseiras de affluir «para onde se descobriam minas de oiro e diamantes?

«Eis porque as primeiras paginas da historia do «Brazil estão alastradas de sangue, mas de sangue in«nocente vilmente derramado. O unico motivo de quasi «todos os factos que aqui se praticaram durante tres «grandes séculos foi a cobiça,—cobiça infrene, insa«ciavel, que não bastavam fartar os fructos de uma «terra virgem, a producção abundantissima do mais «fertil clima do Universo, e as mais abundantes minas «de metaes e pedras preciosas.

«Se vos perguntam porque tantos riscos se corre«ram, porque se affrontaram tantos perigos, porque «se subiram tantos montes, porque se exploraram tan«tos rios, porque se descobriram tantas terras, por«que se avassallaram tantas tribus: dizei-o—e não «mentireis:—foi por cobiça!

«Era por cobiça que os governadores vinham a estas «terras tam remotas, onde nenhuma gloria os espera«va; [1] era por cobiça que os proprios missionarios dei«xavam a frisa e a orla das roupetas nestas florestas «sem caminho,porque tantas privações passaram, por«que soffreram tantos martyrios. Um delles escrevia «a D. Affonso VI, encarecendo as obras da Compa«nhia:—«Assim que, Senhor, vamos tomando conta «destas terras por Deus e para Deus.»—

[1] Não exageramos; o Padre Antonio Vieira escrevia ao Rei de Portugal:—Peço a V. M. que os Governadores e Capitães-móres que vierem a este estado sejam pessoas de consciencia, e porque estes não costumam a vir cá... *Carta de 20 abril de 1657.*

«O primeiro topico de que havemos de tractar na «historia do Brasil é dos indios.—Elles pertencem «tanto a esta terra como os seus rios, como os seus «montes e como as suas arvores; e por ventura não «foi sem motivo que Deus os constituiu tam destin«ctos em indole e feições de todos os outros povos, «como é destincto este clima de todo e qualquer outro «clima do Universo.

«Não digamos, como diz Berredo, que era um povo «bruto e feroz; nem o apreciemos pelo que hoje co«nhecemos. Não degeneraram ao contacto da civili«sação, porque esta não póde invilecer, mas embru«teceram á força de servir, perderam a dignidade e ca«racter proprio e o heroismo selvagem que tantos «prodigios commetteu e prefez.—Vede o que fizeram «e dizei se não ha grandeza e magnanimidade nessa «luta que sustentam ha mais de tres seculos, oppondo «a flecha á bala, e o tacape sem gume á espada d'aço «refinado.

«Elles foram o instrumento de quanto aqui se pra«ticou de util e de grandioso,—são o principio de «todas as nossas coisas;—são os que deram a base «para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvol«vido, e será a coroa da nossa prosperidade o dia da «sua inteira rehabilitação.

«O indio primitivo n'aquellas festas de sangue, que «eram o enlevo das suas tabas, [1] quando prisioneiros

[1] Aldéa.

«entoavam com voz segura o seu canto de morte, e «cahiam impavidos e ameaçadores sob os golpes da «iverapema, [1]—eram verdadeiros heróes.

«Quando no meio das matas procuravam debalde «alimento para matar a fome, quando depois das fa-«digas talvez de tres dias consecutivos desesperavam «do successo da sua empreza, deitavam-se tranquillos «á sombra de alguma arvore, esperando resignados «que Tupan lhes mandasse ali o de que careciam.

«Quando prisioneiros, manietados, arrebanhados, «são conduzidos para as cidades, quando os querem «fazer mudar de vida,—quando lhes não dão os ali-«mentos a que estão acostumados, quando lhes não «permittem os exercicios a que estão affeitos,—quando «lhes prendem os membros nestes nossos prosaicos «vestidos tam mesquinhamente talhados—quando os «encerram entre as paredes de uma casa—a elles cuja «vida e desejos cifram-se todos no gozo de uma liber-«dade incircumscripta,—tornam-se indifferentes aos «carinhos e ás ameaças, aos mimos e aos máus tratos, «resignam-se e morrem.

«Improvidencia, resignação, heroicidade: eis o in-«dio.

«E ao nosso homem do povo que lhe importa a «vida? Se estende o braço, encontra fructos com que «matar a fome; se dá um passo, encontra um regato «onde apague a sede, para que pois curar do dia

[1] Maça do sacrificio. H. Stadt.

«d'amanhã? As fontes não seccam nunca, e os fructos «são de todo o anno. São por isso improvidentes.

«Se olhando para cima vêm que os que lhes estão «superiores abusam; se olhando para baixo vêm que «os que lhe são inferiores soffrem, não murmuram de «uns, nem defendem aos outros, e todavia conhecem «o que é bem e o que é mal. Mas que lhes importa «isso? Se a sua vida é miseravel, se a sua condição é «triste, se os vexam, se os perseguem, se os maltratam, «mesmo se os despresam—soffrem e procuram es«quecer-se: por tanto resignam-se.

«Se porèm a esses homens tam descuidados, tam re«signados, tam improvidentes, podeis dar um motivo, «um incentivo qualquer,—se nessas almas que tam «facilmente se afinam, se inflamam, se electrisam, «transbordando os mais generosos sentimentos, podeis «derramar uma faisca de enthusiasmo, vereis o que «são, o que fazem, e de que são capazes: serão co«rajosos e infatigaveis, pertinazes no seu proposito, «atilados na sua execução—quasi sempre poetas, he«róes algumas vezes.

«Tudo isto é indio, tudo isto é nosso, e tudo isto «está como perdido para muitos annos.

«Sim, a escravidão dos indios foi um grande erro, «e a sua destruição foi e será uma grande calamidade. «Convinha pois que alguem nos revelasse até que «ponto este erro foi injusto e monstruoso; até onde «chegáram essas calamidades no passado; até onde «chegarão no futuro: eis a historia.

«Convinha tambem que nos descrevesse os seus «costumes, que nos instruisse nos seus usos, e na «sua religião, que nos reconstruisse esse mundo per«dido, que nos iniciasse nos mysterios do passado «como caminho do futuro, para que saibamos donde «viemos e para onde vamos; convinha emfim que o «poeta se lembrasse de tudo, porque tudo isto é poe«sia, e a poesia é a vida do povo como a politica é «o seu organismo.

«Que immenso trabalho não seria este! mas tam«bem quantas licções para a politica, quantas verda«des para a historia, quantas bellezas para a poesia!»

Quando os talentos elevados se apoderam de quaesquer assumptos importantes, ainda que não acertem com a verdade, fazem sempre o assignalado serviço de os entregar á discussão, abrindo o exemplo della, suscitando idéas novas, e illuminando os tempos e as cousas, por certas faces até então obscuras e mal distinctas. Eis o que succede com o pequeno trabalho do sr. Gonçalves Dias—acanhado sem duvida em extensão—mas substancial e rico de idéas e reflexões.

Não temos a orgulhosa pretenção de sustentar que elle errou, e só nós acertamos. Dizemos apenas que as nossas idéas sobre o assumpto discordam em grande parte das suas. Talvez a nossa humilde controversia, desafie a attenção do illustre poeta; e talvez,

instituido o debate, vingue e triumphe facilmente a boa razão, e se descubra emfim a real verdade das cousas.

Comecemos por averiguar o que eram os selvagens—e pelo em quanto só no que importa ao exame das questões que estabelecemos.

Segundo Claudio d'Abbeville, «havia na ilha do Maranhão cerca de doze mil selvagens tupinambás, distribuidos em vinte sete aldêas, composta cada uma dellas de quatro cabanas oblongas, de vinte e seis a trinta pés de largura, e de duzentos a quinhentos passos de comprimento, conforme o numero dos que nellas habitavam, dispostas todas em fórma de claustro,isto é, em quadrado, de tal modo que lhes ficava no meio uma praça grande e bella, á feição da Praça-Real de Pariz. As quatro cabanas ordenadas a este modo constituiam uma aldêa, e dellas havia maiores e menores.»

Ao que diz Claudio d'Abbeville, que preferimos nesta parte, porque habitou algum tempo a nossa propria ilha, e inspeccionou por si mesmo tudo quanto narra, cumpre acrescentar que essas cabanas oblongas eram cobertas de palha ou folhas de pindova, chegando ordinariamente esta cobertura até o sólo, e sendo o tecto, na sua parte superior, de fórma arqueada, á feição de algumas latadas dos nossos sitios,

ou do toldo, tambem de pindova, que usam os botes e igarités da navegação interior dos nossos rios. Na extremidade de cada cabana é que ordinariamente se rasga a pequena porta ou entrada.

Em tempos de guerra e má visinhança, fortificavam os selvagens algumas aldêas, circulando-as de fójos e estrepes, e de uma cerca de páu a pique solidamente construida, atravez da qual os inimigos se frechavam reciprocamente. A' frente, na grande entrada, arvoravam-se como trophéus, em póstes mais elevados, as caveiras dos prisioneiros devorados.

Em cada uma dessas compridas cabanas viviam pouco mais de cem tupinambás, homens e mulheres, velhos e meninos, todos promiscuamente, e sem que a vista e presença de cada um e de todos tolhesse a ninguem a pratica de qualquer acto e necessidade corporal e natural. Ali, dormindo ou velando, jaziam o mais do tempo deitados em redes ou macas de algodão ou de embira, atadas e pendentes do tecto e de estacas, e suspensas sobre fogões que, dispostos no solo, traziam afumada e denegrida a palhoça inteira. Ali tinham comsigo todo o seu mesquinho cabedal—as armas de guerra, os instrumentos musicos, os sagrados maracás, alguns moveis raros e toscos—facas e machados de pedra ou de madeira—jarras para guardar o cáuin ou aguardente nacional—balaios—panacús—cabaças em que bebiam—macas em que dormiam—os collares e plumagens com que arreavam o corpo—e outras cousas a este modo

insignificantes.—Dos tectos pendia a caça, moqueada e curada ao fumo, ou fresca e escorrendo sangue; e sobre as brazas do chão a preparavam para a comida, senão é que a devoravam inteiramente crúa. Na mesma casa enterravam muitas vezes os seus mortos, e ali os tinham comsigo debaixo dos pés.[1]

Em uma passagem por nós transcripta da—*Introducção aos Annaes*—desdenhou o nosso distincto poeta dos nossos trajos prosaicos e tam mesquinhamente talhados, seguramente para contraste e encarecimento da amplidão pomposa e elegante dos ornatos selvagens. E essa pompa, e graciosa elegancia o poeta effectivamente lhe dá...... nos seus versos harmo-

[1] «É gente pauperrima, diz o padre Simão de Vasconcellos, «cuja mesa é a terra, cujas iguarias pendem de seu arco; e «neste são tam destros, que parece que obedecem ás suas fre«chas não somente as féras da terra, mas tambem os peixes «da agua: com ellas caçam, juntamente pescam, ellas lhe ser«vem juntamente de laços, redes, e anzóes.

«Fóra deste, seu maior enxoval vem a ser uma rede, um «patiguá, um pote, um cabaço, uma cuya, um cão. Serve-lhe «a rede pera dormir no ar, atada de tronco a tronco: o pati«guá (que é como caixa de palhas) pera guardar pouco mais «que a rede, cabaço, e cuya: o pote, que chama igaçába, pera «seus vinhos; o cabaço, pera suas farinhas, mantimento seu «ordinario; a cuya, pera beber por ella; e o cão, pera descu«bridor das feras quando vão a caçar. Estes somente vem a «ser os seus bens moveis, e estes levam comsigo onde quer «que vão: e todos a mulher leva ás costas, que o marido só «leva o arco.

«Estas são todas as suas alfaias, sem cuidado de mais outra «cousa; porque vestidos, sobejam-lhes os de Adão, e Eva: e os «campos, os bosques, e os rios lhes dão de graça o comer e «beber.»

(*Noticias Curiosas*, L. 1. n. 120 e 121.)

niosos. Em verdade, deviam de ser mui vistosos esses selvagens todos sarapintados de amarello, negro e encarnado, os beiços, ventas e orelhas furadas e pendentes ao peso de enormes batoques, com seus cocáres e saiotes de plumas, e sobretudo com suas gargantilhas de dentes humanos! Estes eram todavia os trajos de ceremonia nos dias festivos, e nas occasiões solemnes; pois quanto ao ordinario, trajavam á feição dos nossos primeiros paes quando foram expulsos do paraiso terreal, menos todavia as folhas de figueira que os selvagens dispensavam de muito bom grado.

Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedralves Cabral, tractando de dous indios que vieram á bordo da náu *Capitánia*, nos conta ingenuamente—«que «elles não estimavam em nenhum modo cobrir ou «deixar á mostra as suas vergonhas, e acerca disso «estavam com tanta innocencia como em mostrar o «rosto, e quando se estiraram de costas na alcatifa a «dormir, o que trazia cabelleira de pennas procurava «assaz pela não amarrotar, mas nada lhe importava «o não terem nenhuma maneira de cobrirem suas «vergonhas, as quaes não eram *fanadas*.»

A proposito destes trajos poeticos, lembra-nos ainda uma anedocta assaz picante, que lemos ha alguns annos em um jornal litterario. «Ao partir certa «vez o principe de Joinville para uma das suas nu«merosas viagens, a princeza Clementina sua irmã, «tomada subitamente de um desses caprichos tam fre«quentes em moças e princezas, pediu-lhe que na sua

«volta lhe trouxesse um trajo completo de princeza «selvagem, com o qual desejava ella ataviar-se. Re«gressando o illustre viajante, e passada a primeira «effusão de sentimentos, perguntou-lhe logo a irmã «pela encommenda. O principe, tirando da algibeira «um collar de conchinhas, lh'o entregou em silencio, e «com malicioso sorriso. E o resto? inquiriu a prin«ceza. Nunca vi princezas selvagens, tornou-lhe o ir«mão, que trouxessem alguma outra vestidura, além «de collares como este.

Não diz o jornal que citamos, se depois desta explicação, a princeza perseverou ainda na sua phantasia.

Os costumes destes selvagens, fetidos, enojosos, sinistramente pintados, e horrivelmente mutilados, eram, uns simplesmente ridiculos e burlescos, mas outros abominaveis e atrozes. Não obstante as copiosas noções que a respeito delles se encontram no trabalho de Fernão Denis, julgamos util ouvir a outros escriptores, dos primeiros tempos da conquista e descobrimento, que por muitos annos, e mui de perto, os observaram, e estudaram. E consultemos principalmente a Gabriel Soares, no seu *Roteiro*, cuja phrase, tam singela como energica e pittoresca, dá a tudo quanto o auctor narra e pinta, muito mais vida e relevo que todos esses periodos tam sabiamente ordenados e elaborados dos modernos escriptores. E se a nimia delicadeza e melindre do leitor quizer escandalisar-se de uma ou outra expressão

ou pintura um pouco mais livre, ou ainda algum tanto cynica, fique desde agora advertido, para nossa desculpa, que não fizemos mais do que reproduzir o que já passou pela censura e cadinho do—Instituto Historico.[1]

«Para se os tupinambás fazerem bizarros (diz o «auctor no cap. 155) uzam de muitas bestialidades «mui estranhas, como é fazerem depois de homens, «tres e quatro buracos nos beiços debaixo, onde «mettem pedras, com grandes pontas para fóra; e «outros furam os beiços de cima, tambem como os «debaixo, onde tambem mettem pedras redondas, «verdes e pardas, que ficam ingeridas nas faces, como «espelhos de borracha, em as quaes ha alguns que «tem nas faces dous e tres buracos, em que met«tem pedras com pontas para fóra; e ha alguns que «têm todos estes buracos, que, com as pedras nel«les, parecem os demonios; os quaes soffrem estas «dores, por parecerem temerosos á seus contrarios.

«Uzam tambem entre si umas carapuças de pennas «amarellas e vermelhas, que põem na cabeça, que «lh'a cobre até ás orelhas; os quaes fazem collares «para o pescoço de dentes dos contrarios, onde tra-

[1] O—*Roteiro*—de Gabriel Soares foi impresso na *Revista do Instituto*, em 1851—sob o titulo de—*Tractado Descriptivo do Brazil*.—Já anteriormente o havia sido por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

«zem logo juntos dous, tres mil dentes, e nos pés
«uns cascaveis de certas hervas á feição de castanhas,
«cujo tenido se ouve muito longe. Ornam-se mais
«estes indios, para suas bizarrices, de uma roda de
«pennas de ema, que atam sobre as ancas, que lhe
«faz tamanho vulto que lhe cobre as costas todas de
«alto abaixo; e para se fazerem mais feios se tingem
«todos de genipapo, que parecem negros do Guiné,
«e tingem os pés de uma tinta vermelha muito fina,
«e as faces; e poem sobraçadas muitas contas de
«buzios, e outras pequenas de pennas nos braços, e
«quando se ataviam com todas estas peças, levam
«uma espada de páo marchetada com casca de ovos
«de passaros de cores diversas, e na empunhadura
«umas pennas grandes de passaros, e certas campai-
«nhas de pennas amarellas, a qual espada lançam,
«atada ao pescoço, por detraz; e levam na mão es-
«querda seu arco e flecha, com dentes de tubarão;
«e na direita, um maracá, que é um cabaço, cheio
«de pedrinhas, com seu cabo, com que vae tangendo
«e cantando; *e fazem estas bizarrices, para quando na*
«sua aldêa ha grandes vinhos, ou em outra, onde vão
«folgar.

«Este gentio (cap. 158) é muito amigo de vinho, as-
«sim machos como femeas, o qual fazem de todos os
«seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu
«vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim,
«que se coze, e depois pisam-n'a, e tornam-n'a a cozer,
«e como é bem cosida, buscam as mais formosas mo-

«ças da aldêa para expremer estes aipins com as mãos,
«e algum mastigado com a boca, e depois expremido
«na vasilha, que é o que dizem que lhe põe a virtude,
«segundo a sua gentilidade; a estas agua e sumo des-
«tas raizes lançam em grandes potes, que para isso têm,
«onde este vinho se cose e está, até que se faz azedo;
«e como o está bem, o bebem com grandes cantares,
«e cantam e bailam toda uma noite, ás vesperas do vi-
«nho, e a outro dia pela manhã começam a beber,
«bailar, e cantar; e as moças solteiras da casa andam
«dando vinho em uns meios cabaços a que chamam cuias,
«aos que andam cantando, os quaes não comem nada
«em quanto bebem, o que fazem de maneira, que vêm
«a cahir de bebados por esse chão; e o que faz mais
«desatinos nessas bebedices, esse é mais estimado dos
«outros, em os quaes se fazem sempre brigas, porque
«aqui se lembram de seus ciumes, e castigam por isso
«as mulheres, ao que acodem os amigos, e jogam ás
«tiçoadas uns com os outros.»

Tractando do mesmo assumpto; diz Claudio d'Abbe-ville: «Nunca espectaculo algum me maravilhou tanto,
«como o que me offereciam as suas cabanas, se eu
«entrava nellas em occasião de estarem os selvagens
«*cáuinando*, pois logo do primeiro lanço via postos
«ao fogo, e cheios de cáuin, esses grandes vasos que
«fumegavam como caldeiras a ferver; de redor esta-
«vam os barbaros em grande numero, homens e mu-
«lheres, delles nús em pello, outros arreados de plu-
«magens, e as mulheres desgrenhadas; uns deitados,

«e exhalando o fumo do petume[1] pelas ventas e pela «boca; e outros dançando, saltando, cantando e gri«tando, tendo todos a cabeça tam esquentada pelo cáuín, «que reviravam os olhos de um modo, que me parecia «a mim que ali estava a imagem de um pequeno in«ferno. E em verdade, se o diabo se apraz com as «folias de Baccho, creio bem que devia de receber «com estas grande recreação e contentamento.»

«Alguns destes barbaros (continúa o—*Roteiro*—Cap. «168) são tam carniceiros que cortam aos vencidos «nas batalhas, depois de mortos, suas naturas, assim «aos machos, como ás femeas, as quaes levam para «darem ás suas mulheres, que as guardam depois de «mirradas no fogo, para nas suas festas as darem a co«mer aos maridos por reliquias, o que lhes dura mui«to tempo; e levam os contrarios, que não mataram «na briga, cativos, para depois os matarem em terreiro «com as festas costumadas.

«Estes captivos (Cap. 171) mettem-n'os em prisões, «as quaes são cordas de algodão grossas, que para «isso têm mui louçãs, a que chamam muçuranas; e «com ellas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde «lhe dão muito bem de comer, e lhe fazem bom tra«ctamento, até que engordam, e estão estes captivos «para se poderem comer, que é o fim para que os en«gordam; e como os tupinamhás têm estes contrarios

[1] Tabaco.

«quiétos e bem seguros nas prisões, dão a cada um
«por mulher a mais formosa moça, que ha na sua casa,
«com quem se elle agasalha todas as vezes que quer,
«a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar
«o necessario para comer e beber, com o que o cevam
«cada hora, e lhe fazem muitos regalos. E se esta
«moça emprenha do que está preso, como acontece
«muitas vezes, como páre, cria a criança até idade que
«se póde comer; que a offerece para isso ao parente
«mais chegado, que lh'o agradece muito, o qual lhe
«quebra a cabeça em terreiro com as ceremonias, que
«se adiante seguem, onde toma o nome; e como a
«criança é morta, a comem assada e com grande festa,
«e a mãe é a primeira que come desta carne, o que
«tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa
«nenhuma criança que nasça destes ajuntamentos,
«que não matem; e a mãe que não come seu proprio
«filho a que estes indios chamam *cunhambira*, que
«quer dizer filho do contrario, tem-n'a em ruim
«conta, e em peior, se o não entrega a seus irmãos
«ou parentes com grande contentamento.

«Acabado de morrer o cativo (Cap. 174), espeda-
«çam-n'o logo as velhas da aldêa, e tiram-lhe as tripas
«e freçura, que, mal-lavadas, cosem e assam para
«comer; e reparte-se a carne por todas as casas da
«aldêa, e pelos hospedes que vieram de fóra ver estas
«festas e matanças, a qual carne se coze logo para se
«comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito
«afastada do fogo de maneira que fica muito mirrada,

«a que este gentio chama moquem, a qual se não «come por mantimento, senão por vingança; e os «homens mancebos e mulheres moças provam-n'a «somente, [1] e os velhos e velhas são os que se met- «tem nesta carniça muito, e guardam alguma da as- «sada do moquem por reliquias, para com ella de «novo tornarem a fazer festa, se se não offerecer «tam cedo matarem outro contrario. E os hospedes «que vieram de fóra a ver esta festa, levam seu qui- «nhão de carne, que lhe deram do morto, assada do «moquem, para suas aldêas, onde como chegam fazem «grandes vinhos para com grandes festas, segundo «sua gentilidade, os beberem sobre esta carne hu- «mana, que levam, a qual repartem por todos os da «aldêa, para a provarem e se alegrarem, em vingança «de seu contrario que padeceu, como fica dito.

«Quando morre algum principal da aldêa em que vive, «(cap. 175) e depois de morto alguns dias, antes de o «enterrarem, fazem as ceremonias seguintes. Primei- «ramente o untam com mel todo, e por cima do mel o «empennam com pennas de passaros de côres, e põem- «lhe uma carapuça de penna na cabeça, e todos os

[1] Hans-Stade, allemão prisioneiro dos tupinambás de S. Vicente (S. Paulo) em 1550, refere todavia que durante uma viagem um menino de pouca idade vinha roendo noite e dia, como um cão faminto, o osso de um prisioneiro recentemente sacrificado. Em outras relações temos lido que a viuva do prisioneiro, depois de verter ex-officio algumas lagrimas sobre o cadaver do esposo, prestava-se de bom grado a beneficia-lo, e saboreava o seu quinhão de carniça como qualquer outra.

«mais enfeites, que elles costumam trazer nas suas «festas; e têm-lhe feito na mesma casa e lanço onde «elle vivia, uma cova muito funda e grande, com sua «estacada por derredor, para que tenha a terra que «não caia sobre o defuncto, e armam-lhe sua rede em «baixo de maneira que não toque o morto no chão; «em a qual rede o mettem assim enfeitado e põem-lhe «junto da rede o seu arco e flechas, e a sua espada, «e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe «fogo ao longo da rede para se aquentar; e põem-lhe «de comer em um alguidar, e agua em um cabaço, co«mo gallinha; e como esta matalotagem está feita, lhe «põem tambem sua cangoeira de fumo na mão, lan«çam-lhe muita somma de madeira igual no andar da «rede de maneira que não toque no corpo, e sobre «esta madeira, muita somma de terra, com rama de«baixo primeiro, para que não caia terra sobre o de«functo; sobre a qual sepultura, vive a mulher como «d'antes. E quando morre algum moço, filho de al«gum principal, que não tem muita idade, mettem-n'o «em cocaras, atados os joelhos com a barriga, em um «pote em que elle caiba e enterram o pote na mesma «casa debaixo do chão, onde o filho e o pae, se é morto, «são chorados muitos dias.

«São tam desamoraveis estes tupinambás (Cap. 176) «que quando algum está doente, e a doença é compri«da, logo aborrece a todos os seus, e curam delle muito «pouco; e como o doente chega a estar mal, é logo «julgado por morto; e não trabalham os seus mais

«chegados por lhe dar a vida, antes o desamparam, «dizendo que pois ha de morrer, e não tem remedio, «que para que é dar-lhe de comer, nem curar delle; «e tanto isto é assim que morrem muitos ao desam- «paro, e levam a enterrar outros ainda vivos, porque «como chega a perder a falla, dão-n'o logo por morto.

«Quando as indias entram em dores de parir, (cap. «154) não buscam parteiras, não se guardam do ar, «nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos, «e em qualquer outra parte, como uma alimaria. e «em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde «se lavam, e as crianças que pariram, e vêm-se para «casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está «muito coberto, até que sécca o embigo da criança; em «o qual logar o visitam seus parentes e amigos; e lhe «trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe «faz muitos mimos, em quanto o marido está assim «parido, o qual está muito empanado para que lhe «não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar, que fará «muito nojo á criança; e se se erguerem e forem ao «trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles que «serão doentes da barriga; e não ha quem lhes tire «da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão «da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que «ellas não poem da sua parte mais que terem guar- «dada a semente no ventre onde se cria a criança.

«As femeas destes gentios (Cap. 159) são muito affei- «çoadas a criar cachorros, para os maridos levarem á «caça, e quando ellas vão fóra, levam-nos ás costas,

«as quaes tambem folgam de criar gallinhas, e outros «passaros em suas casas. As quaes, quando com seu «costume, alimpam-se com um bordão que tem sem«pre junto de si, que levam na mão quando vão fóra «de casa; e não se pejam de se alimparem diante de «gente, nem de as verem comer piolhos, o que fazem «quando se catam nas cabeças umas ás outras; e como «os encontra a que os busca, os dá a que os trazia na «cabeça, que logo os trinca entre os dentes; o que «não fazem pelos comer, mas em vingança de as mor«derem.

«São os tupinambás tam luxuriosos, (cap. 156) que «não ha peccado de luxuria que não commettam; os «quaes sendo de muito pouca idade tem conta com «mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já deses«timadas dos que são homens, grangeam estes meninos, «fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer «o que elles não sabem, e não os deixam de dia nem «de noite. É este gentio tam luxurioso que poucas vezes «têm respeito ás irmães e tias, e porque este peccado «é contra seus costumes, dormem com ellas pelos «mattos, [1] e alguns com suas proprias filhas; e não se «contentam com uma mulher, mas têm muitas, pelo «que morrem muitos de esfalfados. E em conversação «não sabem fallar senão nestas sujidades, que commet-

[1] Estes *rendez-vous* no mato, aliás tam simples e prosaicos em si mesmos, deram não obstante assumpto a uma das mais bellas e graciosas composições do Sr. Gonçalves Dias. É a que elle intitulou—*Leito de folhas verdes*.

«tem cada hóra; os quaes são tam amigos da carne que «se não contentam, para seguirem os seus appetites, «com o membro genital, como a natureza o formou; «mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um «bicho tam peçonhento, que lh'o faz logo inchar, com «o que tem grandes dôres, mais de seis mezes, que «lhe vão gastando, por espaço de tempo; com o que se «lhe faz o seu cano tam disforme de grosso—que os «não podem as mulheres esperar, nem soffrer; e não «contentes estes selvagens de andarem tam encarniça-«dos neste peccado, naturalmente commettido, são «mui affeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes «se não tem por affronta; e o que serve de macho, «se tem por valente, e contam esta bestialidade por «proeza; e nas suas aldêas pelo certão ha alguns que «têm tenda publica a quantos os querem como mulhe-«res publicas.

«Como os paes e as mães vêm os filhos com me-«neios para conhecer mulher, elles lh'a buscam, e os «ensinam como a saberão servir: as femeas muito me-«ninas, esperam o macho, mormente as que vivem «entre os portuguezes. Os machos destes tupinambás «não são ciosos; e ainda que achem outrem com as «mulheres, não matam a ninguem por isso, e quando «muito, espancam a mulher pelo caso. E as que que-«rem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-«lhes moças, com que elles se desenfadem, as quaes «lhes levam á rede onde dormem, onde lhes pedem «muito que se queiram deitar com os maridos, e as

«peitam para isso; cousa que não faz nenhuma nação «de gente, senão estes barbaros.»

Estes costumes são em geral os dos tupinambás, bem que o sejam igualmente de algumas outras tribus; mas segundo o testemunho do proprio Gabriel Soares, dellas ha ainda muito mais barbaras e ferozes.

Dos goianezes por exemplo, diz elle, que «não são «maliciosos nem refalsados, antes simples, bem acon-«diçoados, e amigos dos brancos, dado que de pouco «trabalho, folgasãos, e preguiçosos. Não vive este «gentio em aldêas, nem casas arrumadas; mas em có-«vas pelo campo, debaixo do chão, onde têm fogo de «noite e de dia, e fazem suas camas de rama, e pelles «de alimarias, que matam.

«Os aymorés são tam barbaros, que alguns que se «tomaram vivos em Porto-Seguro, se deixaram morrer «de bravos, sem quererem comer.

«Não vivem em aldêas nem casas como o outro «gentio, nem ha quem lh'as visse, nem saiba, nem «désse com ellas pelos matos até hoje; andam sempre «de uma parte para outra pelos campos e matos, dor-«mem no chão sobre folhas, e se lhes chove, arri-«mam-se ao pé de uma arvore, onde engenham as «folhas por cima, quanto os cubra, assentando-se em «cocaras; e não se lhe achou até agora outro rastro «de gasalhado.

«Não costumam estes alarves fazer roças nem plan-«tar alguns mantimentos. Mantêm-se de fructas e caça, «que comem crua, ou mal assada quando tem fogo;

«machos e femeas andam todos tosquiados; a voz «é rouca e arrancam-n'a da garganta, com muita força.

«Não andam mais que vinte ou trinta juntos, a sal«tear, não pelejam rosto a rosto, senão atraiçoada«mente. Não sabem nadar, qualquer rio os embaraça. «Comem carne humana por mantimento, ao revez dos «outros gentios, que o fazem por vingança.»

Como complemento destas noticias, cabe aqui acrescentar que os nossos selvagens não só abandonavam os enfermos e velhos inertes e inuteis, como já fica dito, senão que algumas vezes lhes apressavam a morte, a pretexto de poupar-lhes soffrimentos inuteis; e tribus havia onde os que eram assim mortos serviam aos banquetes de familia, sob o fundamento de que não se lhe podia dar mais honrada e agradavel sepultura, do que o estomago de seus proprios parentes. Era quasi geral o costume de enterrar vivos os *marabás*, isto é, os mestiços nascidos do ajuntamento de mulheres indias com homens brancos.

Quanto ao caracter e mais dotes do animo, sustentam alguns que os nossos indigenas eram bravos, hospitaleiros e agasalhadores dos estranhos, e de uma lealdade sem igual no cumprir e guardar a palavra dada e os tractados. É de notar porém que a sua bravura mal póde resistir a algumas centenas de colonos que desd'os tempos primitivos os afugentaram por toda a parte do littoral; e pelo outro lado, Timon não desejaria a nenhum dos seus leitores a boa fortuna de go-

-sar da hospedagem de barbaros anthropophagos, nem a de pôr á prova a sua fé singella e antiga.

Eram indolentes por natureza, e muito inimigos do trabalho, que em grande parte faziam pesar sobre as mulheres, sujeitas quasi á condição servil; e se a espaços se entregavam a algum rude labor, o mais do tempo passavam na inercia e ociosidade. Tam improvidos como indolentes, devoravam, esperdiçavam e estragavam em poucas horas, os alimentos que acaso colhiam, e que poupados e regados dariam para largos dias, passando assim da glutoneria e da fartadella para a penuria e a fome.

«Os americanos (diz o padre Ayres do Casal, na sua «*Corographia-Brazilica,* citando por seu turno outro «auctor) são glotões em extremo, quando têm com «que se saciar; sobrios em a necessidade, até nem «ainda desejar o necessario; pusilanimes e poltrões, «em quanto a bebida os não faz enfurecer; inimigos «do trabalho; indifferentes a qualquer motivo de honra, «gloria, ou reconhecimento; unicamente occupados «do presente sem cuidado do futuro; incapazes de «reflexão; passam a vida e envelhecem, sem sahirem «da infancia, da qual conservam todos os defeitos.»

Nos costumes são como as féras, escrevia o padre «Simão de Vasconcellos, sem policia, sem quasi rasto «de humanidade, preguiçosos, mentirosos, comilões, « lados a vinhos, e só nesta parte esmerados, porque «os fazem de castas innumeraveis. Parece que destes «fallava S. Paulo, quando dizia: *Quorum Deus venter*

«*est: semper mendaces, malæ bestiæ, ventres pigri,* &c.»

O nosso poeta apellida de Judéa do Novo-Mundo a estas tribus errantes, isto é, compara o povo mais theocratico do universo com o povo onde por ventura menos noções se encontravam da divindade— movido sem duvida pelo facto de haverem ambos emigrado, atravessando immensos desertos. Mas isto nos faz lembrar que Simão de Vasconcellos tambem os compara aos judeus, bem que a outro proposito, e para conclusões muito diversas. Fazia elle resenha dos differentes póvos donde se conjecturavam oriundos os nossos indigenas; e pesando as diversas probabilidades que se offereciam, inclina para a origem judaica—«porque, diz elle, muito grande prova faz por «esta parte a semelhança que ha de costumes entre «estes indios, e aquelles antigos judeus: como é o «serem medrosos, covardes, supersticiosos, menti«rosos, conservadores da geração de seus irmãos, «casando-se com as cunhadas, quando aquelles mor«rem; lavarem-se a cada passo nos rios, e outros «usos em que conformam com esta nação.»[1]

Vimos em Gabriel Soares que os indios se entretinham a maior parte do tempo nas *sujidades* da luxuria; outros, como Simão de Vasconcellos, pensam que o que mais os occupava era o vinho. Mas estudando-

[1] *Noticias Curiosas*. Liv. 1.º n.º 22. Veja-se a nota—G—no fim do volume.

se attentamente os seus costumes, conhecer-se-ha que de todos elles o mais preponderante era o dos banquetes de carne humana, sendo tambem o seu principal, quasi unico e continuo pensamento o exterminio completo dos inimigos. A este costume, e a este pensamento se referiam uma infinidade de outros.

Quando iam á guerra, não levavam ordinariamente em vista nem a gloria, nem a conservação do territorio e dos lares patrios, ou novas conquistas onde se estabelecessem, porque em geral a propriedade não tinha para elles grandes attractivos, e a gloria se adquiria menos nos combates, que no sacrificio dos prisioneiros; iam pois principalmente a colher prisioneiros, [1] especie de caçada que tinha sobre as ordinarias, o enlevo do odio e da vingança, paixões que os indios exageravam até ao furor e á insania. No sacrificio do prisioneiro é que o matador adquiria os seus gráus de nobreza, mudava o nome, e era como armado cavalleiro com muitas e ridiculas ceremonias. O banquete se dispunha de longos tempos antes, e a elle acudiam todas as tribus amigas. Aos que não podiam vir, presenteavam com uma posta ou um membro qualquer da victima, e porque um tam modico bocado não bastasse a tantos monstros esfaima-

[1] Encasquetados os tupinambás por diversos motivos, de que o seu prisioneiro Hans-Stade era grande adivinho, pediram-lhe, por occasião de uma expedição, que consultasse os astros para ver se seriam felizes e—se apanhariam muitos prisioneiros. Este era o seu principal cuidado.

dos, cosinhavam-n'o, e o caldo abominavel se repartia então liberalmente por todos.

Quanto maior era o numero dos inimigos mortos e comidos, tanto maior o gráu de nobreza do sacrificador. O famoso Koniam-Bébe, um dos mais auctorisados e temiveis chefes dos tupinambás de S. Vicente, gabava-se de haver elle só provado de mais de cinco mil prisioneiros!

Morto e devorado o infeliz, o osso da canella se transformava em instrumento de musica, os dentes enfiados serviam a ornar o collo do algoz, e as caveiras se alçavam sobre os porticos, dignos e horridos trophéus de tam infame victoria.

E para que em ponto algum fallisse esta infernal sollicitude, os pobres e innocentes cunhãbiras e marabás eram, quasi ao nascer, afogados e devorados, para que nelles se não perpetuasse uma raça odiosa e inimiga.

E quando, mais tarde, os missionarios portuguezes, não podendo libertar da morte os desditosos prisioneiros, procuravam ao menos aproveitar os seus ultimos dias, doutrinando-os, e regenerando-os pelo baptismo, os selvagens fizeram grandes alvorotos, e quizeram expulsar e matar os padres, porque, diziam elles, as aguas do baptismo estragavam a carne dos prisioneiros, dissaboreando-a.

Timon conclue, á vista de tantos factos, attestados

por tantos e tam auctorisados escriptores, que os nossos antigos selvagens eram não sómente um povo bruto, feroz, cruel e sanguinario, senão tambem indolente, inerte, profundamente corrompido, dado á crapula e á devassidão, e já entregue no meio daquella bronca barbaria a todos os vicios e torpezas da mais refinada civilisação tiberiana.

Objectar-nos-hão talvez a parcialidade e má fé dos escriptores jesuitas e portuguezes; mas a generalidade dos testemunhos antigos e modernos, (a estes veremos brevemente) o caracter insuspeito de alguns delles, como o do capuchinho Claudio d'Abbeville, os escoimam evidentemente d'aquelles vicios. Além de que, os jesuitas no tempo do padre Simão de Vasconcellos, e sobretudo nos anteriores, nenhuma razão tinham para calumniar os indios, antes, muito ao revez disso, eram os seus mais ardentes e zelosos protectores.

Esta conclusão nos conduz necessariamente a outra—os selvagens não degeneraram nem podiam degenerar dessa supposta primitiva grandeza e magnanimidade—porque se com a civilisação contrahiram alguns vicios, não perderam certo nenhumas virtudes, senão horridos e abominaveis costumes. Isto teremos de ver quando para o diante houvermos de apreciar os que hoje se podem ter como seus descendentes, quer os meio-civilisados que vivem em povoações estaveis—quer os que ainda vagueam errantes pelas florestas—menos temiveis hoje que então, senão moralmente melhorados.

Mas é tempo de passarmos á solução das outras questões. *¿Eram os aborigenes proprietarios das terras que pisavam, e tinham direito exclusivo a possui-las, repellindo os invasores europeus? E foi devéras uma desgraça para estas regiões, que na luta travada a victoria se declarasse pelo arcabuz e pela espada contra a flecha e o tacape?*

A generalidade dos publicistas reconhece como um direito formal e positivo o denominado de *primi occupantis,* isto é, da primeira occupação de um terreno vago; e alguns delles, tractando especialmente da America, opinam que os indigenas encontrados nas suas diversas regiões foram injustamente esbulhados da propriedade das terras que habitavam, não podendo produzir direito em contrario a favor dos invasores europeus, nem as bullas dos papas, nem esses padrões que os seus capitães erigiam aqui e acolá nas praias desertas.

Mas segundo o direito, tanto civil como das gentes, a propriedade, fundada na posse e occupação, se hade legitimar sómente pelos caracteristicos assim da habitação estavel e permanente, como da cultura e aproveitamento das terras; e se um titulo vão e um simples padrão não a asseguravam aos europeus, menos poderia assegura-la aos selvagens a occupação ephemera e passageira das suas tribus quasi nómadas, sendo bem sabido que as mais dellas não conheciam especie alguma de cultura, e outras a faziam limitadissima, barbara e volante, pois não demoravam em

ponto algum mais que o tempo da duração dos seus grosseiros tectos de palma—dous ou tres annos quando muito.

Se considerarmos por outro lado que a sua possessão tambem se fundava no esbulho que uns contra os outros praticavam quotidianamente, e que todo o seu direito repousava na violencia, na conquista e na guerra, ordinariamente deliberada no meio de brutaes orgias de sangue e vinho, então o abuso da espoliação, de que os europeus são accusados, ficará immediatamente attenuado.

É tambem materia muito para se estudar e averiguar se á conta desse pretendido direito de primeira occupação, o resto do genero humano devia ficar eternamente confinado nos limites do antigo mundo, para que os selvagens que empachavam e pejavam o novo, em detrimento da civilisação, continuassem a lograr a liberdade de caça e pesca, errando á larga, e desafogadamente de uma parte para outra.

Sem duvida, por mais barbaros que fossem, tinham os indigenas direito á propria conservação, por meio dos dons que a terra fornece, ou espontaneos, ou sollicitados pelo trabalho. Mas esse direito se podia conciliar, e tornar-se até mais amplo, real e efficaz, com a occupação simultea dos europeus; porque a civilisação, sobre melhorar a condição moral dos selvagens, devia tornar-lhes mais faceis ao mesmo tempo todos os gosos e commodos da vida. A iniquidade pois consistiu, não na occupação da terra

vaga e inculta, mas no abuso da oppressão e das vexações exercidas contra as hordas errantes. Nós veremos de resto mais adiante, assim a occasião, e a intensidade do abuso, como os resultados que delle se seguiram.

Os portuguezes pela sua parte comprehenderam, por ventura instinctivamente, todo o alcance daquella profunda verdade que depois do descobrimento do Brazil, disse o seu grande poeta:

Que toda terra é patria para o forte.

Não forte simplesmente pelas armas, pela guerra, e pelos estragos e ruinas que a acompanham, senão pelas artes da paz, pelo trabalho e pela industria, com que se vence um inimigo de certo mais poderoso que os homens—a natureza rude e inculta, e com que se fecundam e aperfeiçoam os dons variados, que a Providencia por toda a parte franquêa ao homem, desafiando a sua innata actividade.

Abstrahindo porém do direito e do abuso, e considerando só os factos em seus resultados geraes, fica manifesto—e é quanto basta—que a victoria do arcabuz e da espada, exterminando, transformando, ou internando os gentios, fez surgir florescentes cidades onde outr'ora apenas se viam miseraveis aldêas, e substituiu por uma nação grande, civilisada e hospitaleira, algumas centenas de tribus ferocissimas.

Qual era a população indigena provavel do Brazil,

e especialmente do Maranhão, ao tempo da conquista? podia ella computar-se por milhões? Á primeira interrogação, é impossivel dar resposta alguma directa e positiva; mas ella se inclue necessariamente na da segunda, que não póde ser senão negativa.

O padre Antonio Vieira nas suas—*Vozes Saudosas*—falla-nos em mais de quinhentas aldéas que havia do Maranhão até o Gurupá, todas mui numerosas, e algumas dellas tanto que deitavam quatro e cinco mil arcos, e n'uma das muitas cartas que escrevia ao rei—em mais de dois milhões de indios, com quinhentas povoações e *grandes cidades;* contando que tudo isso se destruiu e acabou em menos de quarenta annos, por maneira que ao governador André Vidal de Negreiros nunca foi possivel juntar mais de oitocentos indios de guerra.

Mas nestas asserções, aliás um pouco vagas, é mui facil reconhecer assim a exageração palpavel do prégador, como a céga parcialidade do jesuita, fogoso adversario dos colonos, a quem queria fazer carrego de todo o mal, e a quem evidentemente calumniava, senão de má fé e animo deliberado, certo arrastado pela paixão, e pelo ardor da controversia. E em verdade, só um jesuita de imaginação tam exaltada como o padre Antonio Vieira ousaria apregoar a existencia de *grandes cidades* de selvagens nos desertos do Pará e Maranhão! Mas note-se bem, se essas quinhentas aldêas (*mais* de quinhentas, diz elle) deitavam quatro e cinco mil arcos, o que se segue é que os dous mi-

lhões eram só de guerreiros, devendo a população total deitar a cinco, seis ou oito milhões! Esta innumeravel gentilidade occupava apenas a costa até o Gurupá, duzentas leguas quando muito; e pelos sertões a dentro, devia de ser o dobro ou o triplo. Seria em verdade uma população á italiana ou á hollandeza; e teriam feito vinte ou trinta vezes mais para tam espantoso incremento della esses seculos obscuros e ignotos de barbaridade e anthropophagia, que os dous seculos de cultura e civilisação que conhecemos.

Porém absurdos tam monstruosos não pódem resistir ao mais ligeiro raciocinio, e menos ainda á constante observação dos factos.

Os povos nómades e selvagens que vivem da caça e da pesca necessitam derramar-se por vastas superficies. A condensação é para elles a penuria, a fome e a morte. Onde acharia de que alimentar-se essa immensa população quasi sem agricultura, e de todo sem industria e sem commercio? Entretanto é sabido que a caça, abundantissima nos tempos da conquista, e no meio dos milhões de caçadores de Vieira, hoje vae mingoando e desapparece a olhos vistos, no meio de uma população de quinhentas a seiscentas mil almas apenas, e que pela maior parte tem outros meios de subsistencia.

Outros muitos escriptores, como este jesuita, por simples imitação e repetição, por exageração ou leviandade, ou finalmente por falta de critica, vão repetindo sem cessar que os indios se contavam por

milhões, e que todos ceifou o ferro da conquista. Entretanto se descemos aos factos e ás particularidades, nunca acharemos entre esses mesmos escriptores quem faça menção de mais que de algumas centenas ou milhares de indios, de oito a dez mil, quando muito, postos em campanha e debaixo das armas. Isto depõe por um modo peremptorio contra essa pretendida população de milhões, tanto mais attendendo-se á indole bellicosa, e á extraordinaria mobilidade dos povos selvagens, com a qual lhes é facilimo pôr em campo toda a sua gente de guerra.

Que população encontrou aqui Claudio d'Abbeville? doze mil almas na ilha, e cerca de dez mil em Tapuytapera e Cumã. Quantos póde mover Ravardière contra os seus figadaes inimigos, os portuguezes? dous mil da ilha, e seiscentos de Cumã. Assim, se quarenta annos mais tarde, André Vidal de Negreiros, portuguez inimigo dos tupinambás, ao revez de Ravardière que era seu grande amigo, apenas póde pôr em campo oitocentos homens, segundo affirma Vieira, o facto é muito natural, e conforme á população anterior, nem ha mister para ser explicado, que se admitta a hypothese absurda e monstruosa de uma matança annual e regular de cincoenta a cem mil indios, durante o espaço de quasi meio seculo.

Mas ainda admittindo que o ferro e o fogo os dizimou pelo littoral, porque razão são ainda hoje tam raros nesses vastos sertões por onde vaguêam livremente? Apenas um ou outro viajante transita a espa-

ços, e sob sua tolerancia, pelo meio delles, sem de nenhum modo os molestar; e não consta todavia que alguem os visse e contasse jamais senão por centenas, e a muito estender, por alguns milhares.

É tambem manifesto que as emigrações frequentes e forçadas a que andavam afeitos, a penuria e a fome a que tantas vezes se viam expostos, e sobretudo a guerra incessante e encarniçada que uns aos outros se faziam, nem só eram um obstaculo permanente a que a população podesse medrar e florecer, senão que viriam a final a ser causa de sua total extincção, como já tivemos occasião de observar.

Mas poucos ou muitos os indios do Brazil, foi o ferro iniquo dos portuguezes que os exterminou? e deve-se isso á circumstancia de que para estas plagas só vinha o rebute da população de Portugal, vis degradados vasados das sentinas, ávidos de ouro e sangue, em quanto a nobreza e o verdadeiro valor iam buscar a gloria e a honra nas partes do Oriente?

Nas diversas asserções do Sr. Gonçalves Dias sobre estas questões, ha, em nosso modo de entender, erros evidentes e palpaveis, nascidos, ao que tambem nos parece, do *systema* que adoptou acerca de indios, e do modo de ver que elle forçosamente lhe impõe.

Em primeiro logar não ha essa grande differença

nem na qualidade da população que de Portugal affluia para o Oriente e para o Brazil—para o Oriente a flor—e para o Brazil o rebute e a escoria sómente,—nem nas paixões que determinavam essas duas emigrações.

O que attrahia os portuguezes ao Oriente era o commercio, e a conquista, isto é, o ouro, os diamantes, os estofos, as especiarias, as riquezas emfim, alcançadas por meio da espoliação, da violencia e do sangue, se por meios mais brandos não fosse possivel. Ninguem ignora,—e os historiadores todos o affirmam á uma voz—que descoberto o caminho do Oriente por Vasco da Gama, el-rei D. Manuel expediu immediatamente uma poderosa armada sob o commando de Pedr'alves Cabral a estabelecer amisade e tractado de commercio com o Çamorim de Calecut, e uma feitoria na mesma cidade, onde o feitor tivesse as mercancias europeas de melhor gasto no paiz, e com o seu producto carregasse de especiarias as náus que cada anno navegariam para aquellas partes; levando o almirante por instrucção e regimento especial, que se o Çamorim não viesse nisso por bem, que lhe declarasse a guerra.

Camões, esse magnifico historiador, quando nos refere o discurso que põe na boca do Gama, ao dar este heróe a sua embaixada ao Çamorim, falla-nos, é certo, em *gloria ingente*, e doura toda a scena com as suas tintas brilhantes e immortaes; porém atravez da linguagem pomposa, deixa-se vêr patente o assum-

pto immensamente prosaico da mercancia e amor do ganho.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo,
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda
Até bem donde o sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente da Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

—

E se queres com pactos e lianças
De paz, e de amisade sacra e núa,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra, sua e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e súa)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

O simples bom senso inculca que os milhares de soldados portuguezes que foram á India não deviam de ser todos sanctos e virtuosos; e bem que no meio da turba brilhem a espaços grandes nomes, e grandes caracteres, é innegavel que para se estabelecer o commercio, e se alcançarem as riquezas, moveu-se porfiada guerra a nações pacificas e civilisadas, pondo-se todo aquelle Oriente a ferro e fogo, e perpe-

trando-se muitas vezes crimes odiosos e infames, e taes que por elles muito se abate e desdoura a gloria dos Gamas, Cunhas, Castros e Albuquerques. Esses pobres prisioneiros, tomados em flagranti delicto de defeza da patria—enforcados ou passados á espada; esse rei das Molucas, justiçado ás mãos do algoz, como um vil malfeitor; esse sultão Badur, atraiçoadamente apunhalado na camara de uma náu portugueza, e tantas outras victimas da perfidia, da crueldade ou da cobiça, são factos que todos conhecem e ninguem desculpa.

E se pelas obras se hade julgar o auctor—a arvore pelos fructos—será forçoso concluir que para o Brazil não era possivel que viesse geração mais perdida que essa que pilhou, devastou e ensanguentou o Oriente.

Houve já tempo em que Timon, como tantos outros, encarando esses feitos monstruosos pelo seu lado odioso somente, stygmatisou e condemnou os portuguezes. Para o seu juizo de então deviam de concorrer tambem as antipathias do espirito de partido, inflammado pelas lutas ainda recentes da independencia, e das facções que se lhes seguiram. Mas hoje que o tempo e a experiencia vão acalmando as paixões, já é possivel apreciar os acontecimentos com mais sangue frio, e por consequencia com mais criterio.

Os portuguezes descobriram os caminhos do Oriente, e chegados á terra desejada, postas face a face

as raças e os interesses contrarios, era natural que brevemente viessem ás mãos. Dahi as guerras e os crimes, onde innocentes e culpados, oppressores e opprimidos, victimas e algozes, eram todos instrumentos cégos e inscientes dos designios da Providencia, á qual muitas vezes apraz mudar a face das cousas, e os destinos das nações, no meio destas tempestades, em que o mal inherente á natureza do homem parece exercer o papel preponderante, mas onde tambem, do choque das paixões e dos antigos costumes desfeitos, vibra a luz, e nasce o bem, que em largos seculos de duração, compensa esses breves instantes de convulsão e dôr.

É assim que nas guerras das cruzadas a philosophia da historia vae rastrear a civilisação da Europa, e nos horrores da revolução de 93 vê a subsequente regeneração da França. A descoberta do Oriente pelo Gama assignala uma das phases mais brilhantes da historia moderna, e teve não pequena influencia nos novos destinos do genero humano.

O feito arrojado e gigantesco foi seguido de crimes e atrocidades, que desbotam e marêam a sua gloria; mas não é possivel negar que em quanto os portuguezes, nação pobre e pequena, alternavam assim as acções heroicas e gloriosas com feitos mesquinhos e apoucados; as grandes nações da Europa, divertidas em guerras quasi intestinas, civis e religiosas, faziam menos e peior. Foi isto o que comprehendeu e declarou o cantor dos *Lusiadas*, nessas immortaes estan-

-cias, em que fez o panegyrico dos seus, e arremessou tam eloquentes invectivas á face do resto da Europa.[1]

A civilisação porém desta vasta região da America foi serviço maior e mais arduo que a descoberta da India, assim como mais importante em seus resul-

[1] Vós, portuguezes, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vós que, á custa de vossas varias mortes,
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do céo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

—

Vede-los allemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feias guerras occupado,
Que inda co'o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

—

Vede-lo duro inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima cidade,
Que o torpe ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tam longe da verdade!)
Entre as boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

—

....
....
Pois de ti, gallo indino, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

—

tados—ao menos para nós; e os crimes aqui commettidos—menos estrondosos, e certamente remidos por actos tam meritorios, como a luta com uma natureza rude e selvagem, e a fundação de um novo reino florescente.

E em verdade, as ricas minas do Brazil nada fundiram durante muitos annos, e os que aportavam a esta terra, ou haviam de rasgar-lhe o seio, não para

....
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

—

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos do seu valor antiguo?
....
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de si mesma adversa.

—

Ó miseros christãos! Pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

—

Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais do vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana
De Africa tem maritimos assentos;
É na Asia mais que todas soberana;
Da quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegara.

(Camões. Lusiadas. Canto VII.)

extrahir della o ouro, mas para viverem dos productos da agricultura; ou se haviam de limitar ao pequeno commercio com os indigenas, e ao córte do páu-brazil. Eram tam mingoados os proveitos, ao menos em relação aos que se tiravam do Oriente, que o governo portuguez, que havia em pouco tempo dilatado os seus dominios da Asia de um modo prodigioso, mandando para ali armadas sobre armadas, deixou passar um grande meio seculo sem tentar estabelecimento algum solido no Brazil, até então quasi exclusivamente explorado por aventureiros, e repartido por donatarios particulares.[1]

As grandes riquezas, pois, assim como a gloria dos combates só se alcançavam no Oriente: o Brazil apenas offerecia aos primeiros povoadores os rudes trabalhos do campo, e combates sem gloria com obscuros e miserrimos selvagens. Não havia deste modo o incentivo poderoso do ouro que attrahisse de preferencia para este paiz a escoria da população portugueza. Pelo contrario nos theatros sanguinolentos da Asia e Africa, essas almas pervertidas, porém fortes, deviam de achar occasiões mais frequentes e maior copia de alimentos em que cevar a sua energia e actividade.

A rasão porque geralmente se presume o primitivo Brazil povoado quasi exclusivamente de malfeitores,

[1] Thomé de Souza, o primeiro governador geral madado ao Brazil, veio fundar a Bahia em 1549.

é porque a legislação da metropole o havia declarado presidio de degradados. E com effeito, dos duzentos e cincoenta seis casos, em que a famosa Ordenação do Livro V fulmina a pena de degredo, em oitenta e sete é o Brazil designado para o logar delle.[1]

Afóra esta rasão, segundo o proprio testemunho dos escriptores portuguezes contemporaneos, a immoralidade dos primeiros colonos era espantosa, e excedia toda a medida. «Os costumes dos portugue-«zes (escrevia o padre Simão de Vasconcellos), mo-«radores que então se achavam nestas villas, vinham «a ser quasi como os dos indios; porque, sendo «christãos, viviam a modo de gentios. Na sensuali-«dade, era grande a sua devassidão, amancebando-«se ordinariamente de portas a dentro com suas mes-«mas indias, ou fossem casados ou solteiros. Não se «estranhava transgressão dos preceitos da igreja, «nem havia fallar em jejum, nem em abstinencia de «carne, e muito pouco nos sacramentos necessarios «pera a salvação: homens havia que desde que en-«traram na terra, se não tinham confessado nem com-«mungado. Vivia-se de rapto dos indios, e era tido o «officio de assaltea-los por valentia, e por elle eram «os homens estimados; e sobretudo sem prelado,

[1] Ha na *Ordenação do Livro V*, duzentos e cincoenta e seis casos de degredo, sendo cento e quarenta e dous para Africa, oitenta e sete para o Brazil, e os mais para Castro-Marim e outros logares. A analyse que fizemos della não foi nem podia ser rigorosamente exacta; mas os algarismos que indicamos muito pouco se afastarão da verdade.

«sem pregador, e sem quem zelasse da parte de «Deus tantos males.»

«Chegaram a ter pera si muitos daquelles primei«ros povoadores (continúa elle em outra parte) não «só idiotas, mas letrados, que os indios da America «não eram verdadeiramente homens racionaes, nem «individuos da verdadeira especie humana, e por con«seguinte, que eram incapazes dos sacramentos da «sancta igreja: que podia toma-los para si qualquer «que os houvesse, e servir-se delles da mesma ma«neira que de um camello, de um cavallo, ou de um «boi, feri-los, maltracta-los, mata-los, sem injuria «alguma, restituição, ou pecado. E o peior é que poz «o interesse dos homens em praxe usual tam deshu«mana opinião.»

Seria certamente assim, e bem se vê que nada pretendemos attenuar. Mas os costumes dos povoadores de então orçam pelos deste tempo, em que não ha degradados; e as iniquidades e cruezas que se usavam naquelle tempo com os pobres indios, usam-se hoje em maior escala contra outra raça muito mais opprimida e desamparada. É força portanto procurar as causas da progressiva decadencia das raças aborigenes em outra parte, que não na qualidade da população que demandava o Brazil, pois embora inçada de grande copia de degradados, não era todavia peior que a de hoje, como sem duvida reconhecerá quem desapaixonadamente comparar a immoralidade de então com a actual.

É sabido que a transplantação de um para outro sólo reforma em geral os homens viciosos, e a historia attesta que por diversas vezes certas aggregações de criminosos, banidos do seio da antiga patria, foram em logares mais ou menos remotos crear outra nova. Ninhos de piratas se converteram por este theor, e com o andar dos tempos, em florescentes cidades commerciaes; e Roma, que foi depois o primeiro povo do universo avassallado ás suas leis, deveu a origem a um bando de malfeitores, capitaneados por certo engeitado, que fôra lançado ao rio, e uma loba amamentára.

Além de que, os mais desses degradados deviam de ser ou inteiramente innocentes, ou apenas culpados de simples venialidades, e delictos que hoje caberiam quando muito na alçada da policia correccional. Duzentos e cincoenta casos de degredo accumulados em um codigo, já attestam só de per si a monstruosidade da legislação; e ainda aqui não attendemos á espantosa penalidade esparsa nas leis ditas extravagantes. A legislação portugueza punia com a prisão, com o degredo, com açoutes e com a morte, não os crimes somente, mas tambem os peccados, os máos costumes, a simples immoralidade, as opiniões e os pensamentos, e até o exercicio de qualquer industria honesta e pacifica, por isso só que o individuo de um sexo se applicava a alguma que parecia mais propria do sexo differente. Bem se póde julgar á vista disto que o numero dos condemnados era consideravelmente superior ao dos verdadeiros culpados.

Assim, nem a penalidade portugueza, e as sentenças dos seus juizes e tribunaes, podem infamar os primeiros tempos da existencia destas colonias, nem são explicação sufficiente do facto da extincção dos indigenas, que se attribue á perversidade da população.

Por outra parte, bons ou máos, simples emigrados, ou degradados por sentença, os colonos portuguezes encontraram sempre formidaveis obstaculos á perseguição que exerciam contra os indios, nos sentimentos de humanidade em geral, no poder temporal e espiritual, nas bullas dos papas, nas leis dos monarchas desde D. Sebastião até D. José, e no zelo ardente dos religiosos durante os primeiros seculos.[1]

É ainda para notar que as primeiras relações dos europeus com os selvagens foram quasi sempre, e por toda parte benevolas e pacificas. É o que se póde ver em Pero Vaz de Caminha na carta que escreveu a elrei sobre o successo inopinado do descobrimento da terra de Sancta Cruz, pela armada de Pedr'alves Cabral.[2] E é o que tambem succedeu com os portuguezes que vieram a restaurar o Maranhão do dominio francez.

Não era ao exterminio dos indios que aspirava Jeronymo de Albuquerque, quando nas instrucções que deu a Gregorio Fragoso, fazia representar ao embaixador hespanhol em Pariz—«que se parecesse á sua senho-

[1] Veja-se a nota—F—no fim do volume.
[2] Veja-se a nota—C—no fim do volume.

«ria, que os pobres francezes, catholicos e mecanicos, «que aqui estão casados, com mulheres e filhos que «de França trouxeram, e alguns solteiros e nobres «accommodados na terra, que fiquem os que quizerem, «possuindo o que têm, como vassallos de el-rei catho-«lico, nosso senhor; e os que não tiverem terras, que «possam dar-se-lhes, sem embargo da prohibição feita, «que tracta dos estrangeiros; estes taes sempre serão de «grandissimo effeito; porque como tam praticos em to-«das as cousas desta conquista, e nas execuções de de-«senhos dos seus maiores; *e juntamente alliados e «avindos com os indios, de que não temos ainda hoje «noticia alguma, ficarão entre nós outros fazendo um «effeito maravilhoso; e os indios, que dependem da sua «linguagem e promessa, não terão alteração alguma.»*

Pero Vaz de Caminha, notando a facilidade e boa graça com que os selvagens se prestavam a imitar todos os actos e ceremonias religiosas que viam praticar aos portuguezes, e o pouco que se lhes dava de andarem inteiramente nús, diz com toda a ingenuidade— «E segundo o que a mim, e a todos pareceu, a esta gen-«te não lhes fallece outra cousa pera ser toda christã, «que o entender-nos; porque assim tomavam aquillo, «que viam fazer, como nós mesmos: por onde pare-«ceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração tem; «e bem creio que se V. A. aqui mandar quem mais en-«tr'elles devagar ande, que todos serão tornados ao «desejo de V. A. E pera isso, se alguem vier, não «deixe logo de vir clerigo pera os bautisar; porque já

«então terão mais conhecimento da nossa fé, pelos dous «degradados, que aqui entr'elles ficam, os quaes ambos «hoje tambem commungaram!»

Estranhos missionarios sem duvida, mas a verdade é que até nesta circumstancia tam singular revela-se o pensamento de paz que animava a todos nos primeiros encontros e entrevistas.

Mais tarde vieram as desconfianças, a má vontade, as offensas, as guerras, as devastações, e os exterminios; porém o mal era completamente reciprocado. Se hoje era salteada e destruida uma aldêa de indios, amanhã succedia o mesmo á povoação ou plantação portugueza; se taes indigenas são agora mortos e escravisados, pouco depois o primeiro bispo do Brazil, D. Pero Fernandes Sardinha, e mais cem companheiros, naufragando á vista da costa, em vez de encontrarem nella o abrigo e salvação que esperavam, são todos, do primeiro até o ultimo, devorados pelos ferocissimos cahetés. E nas variadas alternativas dessa luta feroz e sanguinaria, nem sempre o combate se dava sómente entre o europeu de uma parte, e o selvagem da outra: os mesmos indios se prestavam muitas vezes, em alliança com os invasores, a fazer a guerra aos seus conterraneos, e não só os indios aborigenes, senão os mestiços seus descendentes, sendo sobre todas assignaladas na historia as formidaveis depredações praticadas pela raça famosa dos paulistas.

A historia registrou e registrará todos esses hor-

rores e desgraças. Mas donde partiu a aggressão? É ponto em que ella não poderá achar a *certeza*, e se hade contentar com a simples *probabilidade*, a menos que se não tenha como primeira aggressão a mera apparição dos europeus nestas plagas, e o seu proposito de occupar e lavrar a terra inculta. Ora a *probabilidade* é que as aggressões foram simultaneas, nascidas de paixões individuaes, não raras vezes devidas ao acaso, e a rixas inopinadas—bem poucas talvez a plano e concerto deliberado. Se aqui, a bala do arcabuz foi varar o indio que errava descuidoso no centro da espessura; além, á mesma hora, veio a frecha traiçoeira cravar-se nas espáduas do navegante que prendia delingente o seu batel á praia arenosa e deserta.

A causa verdadeira, principal, preponderante da decadencia e extincção das raças aborigenes é outra, e sem grande medo de errar, poderemos dizer que se acha toda inteira no invencivel antagonismo que existiu sempre entre a civilisação e a barbarie. Aproximae esses dous elementos oppostos, e vereis que um destruirá immediatamente o outro, ou absorvendo-o e transformando-o, ou aniquilando-o de todo em todo. De ordinario vence a civilisação na luta, como o sol que, assomando no horisonte, espanca e desfaz as trevas, e inunda de luz o universo inteiro. Debalde um povo barbaro invade, conquista, e senho-

rea um paiz civilisado; porque se nos primeiros tempos barbarisa algum tanto os vencidos, a reação sem muita demora se faz sentir, e por derradeiro é o povo vencido, porém civilisado, quem pole, instrue, doma e vence o conquistador inculto e rude.

A sorte dos indios na parte da America septentrional, occupada pela raça ingleza, confirma plenamente estas idéas. Ali, como em todas as outras regiões do Novo-Mundo, a só apparição dos europeus desafiou reciprocas hostilidades entre elles e os selvagens, que não soffriam ver-se despossuidos de porção alguma do sólo sagrado que lhes haviam legado seus maiores; os conflictos, as surprezas, as matanças, e as devastações se renovavam cada dia em prejuizo das duas raças, e a aggressão partia alternadamente, ora de um, ora de outro lado. Afinal, e como era provavel, venceu a raça civilisada.

Mas essa luta feroz e exterminadora não pertence aos nossos tempos, e cessou desde que os estabelecimentos europeus se consolidaram de um modo definitivo. Modernamente tem havido algumas guerras, porém raras;—regularmente declaradas e sustentadas pelo governo da união;—restrictas nos seus fins e meios;—completamente alheias a qualquer pensamento de exterminio;—e dirigidas sómente a rebater as aggressões dos selvagens, que ora fundadas em aggravos recebidos dos americanos, ora destituidas de qualquer fundamento, necessitavam em todo caso de repressão mais ou menos forte.

A luta se tem travado em outro terreno, e côm outras armas, e deriva toda da indole, não menos que da posição dos selvagens. Repellidos quasi geralmente da beira-mar, foram elles occupar os vastos desertos do sertão; mas a população branca, crescendo sempre como uma inundação, lá mesmo os tem ido buscar e molestar. Bem que os poderes supremos da União, e os homens eminentes do paiz ergam incessantemente a voz, e envidem todos os esforços a bem dos pobres selvagens, os interesses privados não recuam nos meios costumados, e buscam satisfazer-se a todo custo. O homem branco precisa da terra para cultiva-la, e viver dos seus fructos; e o selvagem é infallivelmente victima da espoliação.

A violencia e a usurpação cessam todavia, desde que o selvagem se resigna a vender e abandonar a terra de seus maiores, e a ir occupar novos territorios. Mas ou resista, e se exponha ás espoliações e vexações inherentes á visinhança dos brancos; ou venda as terras, e emigre para estabelecer-se em novas paragens; ou finalmente, aceite uma meia civilisação, que os deixa encravados no centro da população européa, o certo é que em todas essas diversas situações as raças aborigenes definham, e se extinguem lentamente, sem causas violentas, e pela só incompatibilidade da barbarie com a civilisação.

Quanto aqui escrevemos, escreveu primeiro que nós Mr. de Tocqueville no seu bello livro da—*Democracia na America*—com admiravel eloquencia, e rasão superior. Ouçamo-lo:

«Os europeus nunca poderam modificar inteira-«mente o caracter dos indios; e com o poder de «destrui-los, jámais tiveram o de policia-los e sub-«mette-los. O negro acha-se collocado nos extremos «confins da escravidão, o indio nos da liberdade. E «certo, a escravidão não produz no primeiro resul-«tados mais funestos, que a independencia no se-«gundo.

«O negro perdeu até a propriedade da sua pessoa, «e mal poderia dispor da propria existencia, sem com-«metter uma especie de furto contra o senhor.

«O indio é senhor de si desde que é capaz de obrar. «Póde-se dizer que nunca conheceu a auctoridade da «familia. A sua vontade nunca dobrou-se ante a von-«tade de nenhum dos seus semelhantes; e ninguem «pôde jámais ensinar-lhe a distinguir a obediencia «rasoada e voluntaria, d'uma vergonhosa sujeição. «Até o nome de—lei—ignora, e em seu conceito a li-«berdade é a isenção de todos os vinculos sociaes. «Nesta barbara independencia se apraz, e mais qui-«zera perecer, que sacrificar a minima parte della. «A civilisação pouco ou nada poderá com um homem «desta tempera.

«O indigena da America do Norte conserva as suas «opiniões, e até as praticas mais minuciosas dos seus «antigos costumes com uma inflexibilidade que não «encontra exemplo na historia. Ha cousa de duzentos «annos que as tribus errantes entretêm relações dia-«rias com a raça branca, sem adquirir comtudo uma

«só das suas idéas ou de seus usos. Entretanto é ine-
«gavel que os europeus tem exercido não pequena
«influencia sobre os selvagens; mas se hão conse-
«guido tornar o caracter do indio mais desregrado,
«não o tornaram por certo mais europeu.

«Á perfeição das nossas artes tenta o indio oppor
«os recursos do deserto; á nossa tactica, a sua cora-
«gem desordenada; á profundeza dos nossos designios,
«os instinctos espontaneos da sua natureza selva-
«gem.... É claro que nesta luta desigual hade ne-
«cessariamente succumbir.

«Bem desejaria o negro confundir-se com os bran-
«cos, mas não póde consegui-lo. E o indio que até
«certo ponto tinha isso em suas mãos, desdenha ten-
«ta-lo. O servilismo do primeiro, o entrega á escra-
«vidão; o orgulho do segundo, á morte..........
«...

«Todas as tribus indias que habitavam outr'ora o
«territorio da Nova-Inglaterra, os Narragansetts, os
«Mohikanos, os Pecots, já não vivem senão na memo-
«ria dos homens. Os Lenapios que, ha cento e cin-
«coenta annos, acolheram a Guilherme Penn nas mar-
«gens do Delaware, desappareceram tambem. Eu
«mesmo encontrei os ultimos Iroquezes a pedir es-
«molas. Todas essas nações que acabo de nomear
«dilatavam outr'ora o seu dominio até ás margens do
«Oceano; hoje, para encontrar-se um indio, é mister
«caminhar cem a duzentas leguas pelos sertões a den-
«tro. Estes selvagens não recuaram simplesmente, fo-

«ram destruidos. Á medida que os indios se vão apar-«tando e perecendo, rebenta e cresce incessantemente «em logar delles um povo immenso e innumeravel. «Nunca se tinha visto entre as nações um desenvolvi-«mento tam prodigioso, e uma destruição tam rapida.

«Facil é indicar a maneira porque esta destruição «se opera.

«Quando os indios senhoreavam exclusivamente o «deserto, de que hoje são desterrados, poucas e limi-«tadas eram as suas precisões. Com as proprias mãos «fabricavam as suas armas, a agua da fonte era a sua «unica bebida, vestiam-se de pelles dos animaes que «caçavam, e mantinham-se da sua carne.

«Os europeus lhes deram a conhecer o ferro, as ar-«mas de fogo, a aguardente, e ensinaram-lhes a sub-«stituir pelos nossos estofos as barbaras vestiduras de «que até então se dava por bem paga a sua simplici-«dade. Contrahiam, sim, novos habitos, mas não ti-«nham os indios maneira de satisfaze-los, sendo-lhes «dahi forçoso recorrer á industria dos brancos; e em «troco de todos esses objectos que as suas mãos não «sabiam fabricar, apenas podiam offerecer as ricas pel-«leterias que os seus bosques ainda encerravam. Des-«de então a caça não teve por fim satisfazer as suas pri-«meiras necessidades somente, senão ainda as paixões «frivolas do europeu. Já não perseguiam as alimarias «só para se alimentarem, mas tambem para adquiri-«rem os unicos objectos que podiam escambar com-«nosco.

«Ao passo que as necessidades dos selvagens cres-«ciam por este modo, os seus meios de vida mingoa-«vam na mesma porporção. Antigamente vagueavam «milhares delles sem morada fixa, por um territorio «immenso, e todavia a caça se não espantava; mas forme-«se um estabelecimento europeu na visinhança do mes-«mo territorio, e para logo o bulicio continuo da in-«dustria a assusta e afugenta, e a caça busca as bandas «do oeste, onde o seu instincto lhe indica que achará «ainda amplos desertos.

«Asseguraram-me que este effeito da aproximação «dos brancos se fazia ás vezes sentir a duzentas leguas «da sua fronteira. *A sua influencia pésa por este modo «sobre hordas cujos nomes elles mal conhecem, e que «soffrem os males da usurpação, muito antes de conhe-cerem os auctores della.*

«Ousados aventureiros se dão pressa a entranhar-«se pelos sertões indianos, e avançando quinze ou «vinte leguas além da ultima fronteira dos brancos, «vão levantar a habitação do homem civilisado no co-«ração mesmo da barbarie. Então fogem de todo, e «sem regresso, os animaes bravios que occupavam os «espaços intermediarios; e os selvagens que até esse «tempo tinham vivido n'uma especie de abundancia, «já encontram difficuldades na acquisição da subsis-«tencia, e sobretudo, na dos objectos de escaimbo «de que hão mister. Afugentar a sua caça tanto monta «como sterilisar o campo do agricultor civilisado. «Bem depressa a fome os saltêa com todos os seus

«horrores, e estes infelizes vagueam então como lobos «esfaimados no meio dos seus desertos. O amor instin-«ctivo da patria os prende longo tempo ao sólo que «os viu nascer, e onde só encontram a miseria e a «morte. Afinal lhes é forçoso decidir-se; partem, e «seguem na fuga o bufalo e o castor, a quem deixam «o cuidado de guia-los a uma nova patria. A fallar «com propriedade, não são pois os europeus que «expulsam os indigenas, é a fome; feliz distincção, «que escapara aos antigos casuistas, e que os doutores «modernos descobriram!»

Aqui desdobra o auctor o quadro afflictivo de todas as desgraças e miserias que sóem acompanhar estas forçadas emigrações, cujo resultado é muitas vezes a aniquilação quasi completa das tribus que as emprehendem; e enumera largamente todos os meios, seducções, e artificios de mercador que empregam os brancos para induzi-las a vender, e despejar a terra dos seus maiores.

«Acabei de esboçar grandes miserias, continúa o «auctor, *porém devo acrescentar que ellas me parecem «irremediaveis*. Creio que a raça indiana da America «do Norte está irremessivelmente condemnada a pe-«recer; e na minha opinião a sua hora derradeira «soará no dia em que os europeus se estabelecerem «nas plagas oppostas do Pacifico.

«Os selvagens só tinham duas vias de salvação: a «guerra ou a civilisação; em outros termos—ou des-«truirem os europeus, ou igualarem-n'os. Nos come-

«ços da colonisação podiam ter-se descartado facil-
«mente do mingoado numero de estrangeiros que
«abordavam ás praias do continente, se a esse fim
«tivessem unido todas as suas forças; porém hoje se-
«melhante empreza excede visivelmente as suas fa-
«culdades. *Quanto á civilisação, é bem facil de pre-
«ver que os indios nunca se accommodarão com ella*; e
«por ventura será tarde de mais, quando alguma
«hora intentem recebe-la.

«A civilisação é o resultado de um longo trabalho
«social que se opera em um só e mesmo logar; e que
«as diversas gerações por vir se legam successiva-
«mente umas ás outras. Os povos dados á caça são
«aquelles onde mais a custo a civilisação póde criar
«raizes. As tribus de pastores mudam, è certo, de
«logar, mas seguem nas suas emigrações uma certa
«ordem, e voltam de continuo sobre os seus passos;
«em tanto que a morada dos caçadores é tam varia-
«vel e incerta como a das alimarias que acoçam.

«Tentou-se por vezes civilisar os indios, respeitando
«todavia os seus costumes vagabundos, como fizeram
«os jesuitas no Canadá, e os puritanos na Nova-Ingla-
«terra. Uns e outros baldaram o intento, e não con-
«seguiram fundar cousa alguma estavel. Brotava a
«civilisação sob a choupana, mas ia pàra logo fenecer
«no seio das florestas. O grande erro destes legisla-
«dores era não comprehenderem que para conseguir-
«se a civilisação de um povo, cumpre primeiro que
«tudo persuadi-lo a que se fixe e torne estavel, cousa

«que aliás só se póde alcançar por meio da agricul-«tura. Era preciso pois transformar os indios em «lavradores.

«Ora não só não possuem os indios este preliminar «indispensavel da civilisação, mas além disso lhes é «mui difficil adquiri-lo. Os homens que uma vez sa-«borearam a vida ociosa e aventurosa do caçador, «experimentam uma invencivel repugnancia para os «trabalhos constantes e regulares que a agricultura «exige. Isto é cousa que se conhece mesmo no centro «das nossas sociedades; porém é muito mais patente «entre povos para quem o habito da caça é um ver-«dadeiro costume nacional.

«Prescindindo desta causa geral, outra ha não me-«nos poderosa, e com a qual só entre os indios se «depara. Já a indiquei, e insistirei nella. Os indige-«nas não consideram o trabalho como um mal só-«mente, senão como um opprobrio; e deste geito «luta o seu orgulho contra a civilisação, tam obstinado «como a sua preguiça.

«Não ha hi indio tam miseravel que sob o seu tecto «de palha, não tenha de si para si que é um grande «personagem. Os cuidados da industria tem-n'os como «aviltantes: compara o agricultor ao boi que traça «um sulco com o arado; e em cada uma das nossas «artes, não enxerga senão trabalhos de escravos. Não «quer isto dizer que o indio não faça alta idéa do «poder e da intelligencia dos brancos; mas se elle «admira o resultado dos nossos esforços, despresa os

«meios porque os alcançamos, e apesar da eviden-
«cia contraria dos factos, tem-se por mui superior
«aos mesmos brancos. A caça e a guerra são em seu
«conceito as unicas occupações dignas do homem.

«Todavia, por mais que os vicios e os preceitos ar-
«redem o indio da agricultura e da civilisação, a ne-
«cessidade ás vezes os arrasta para ellas. Muitas
«nações consideraveis do Sul, e entre outras, os
«Cherokezes e os Creeks, quando deram por si, esta-
«vam como torneadas e bloqueadas pelos europeus,
«que desembarcando nas praias do Oceano, descendo
«o Ohio, e remontando o Mississipi rebentavam a
«roda dellas, e as cingiam de todos os lados.

«Estas não foram repellidas de um logar para outro
«como as tribus do Norte; senão apertadas pouco a
«pouco, dentro de estreitos limites, assim como usam
«os caçadores de redor de uma selva, e antes de pe-
«netrarem no coração della. Collocados então entre a
«civilisação e a morte *viram-se os indios obrigados a*
«*viver ignominiosamente do seu trabalho, como qual-*
«*quer branco*. Tornaram-se assim cultivadores, e sem
«descartar-se inteiramente nem dos habitos nem dos
«costumes avitos, apenas os modificaram no que lhes
«foi absolutamente indispensavel para não perecerem
«de todo.

«Os Cherokezes fizeram mais, crearam uma lingua
«escripta, estabeleceram uma fórma de governo assaz
«regular, e, como tudo marcha precipitadamente no
«Novo-Mundo, publicaram tambem um jornal, antes

«de terem todos elles a roupa necessaria para cobrir «a nudez.

«O successo dos Cherokezes prova que os indios «possuem a faculdade de civilisar-se, mas de nenhum «modo que elles possam consegui-lo cabalmente. A «difficuldade que encontram em submetter-se á civi-«lisação, deriva de uma causa geral a que lhes é quasi «impossivel subtrahir-se.

«Se estudarmos a historia com alguma attenção, «havemos de ver que em regra as nações barbaras, «á custa dos proprios esforços, lentos mas perseve-«rantes, se elevaram per si mesmas á civilisação. «Sempre que succedeu irem ellas beber a luz entre «outros povos estranhos, é porque occupavam para «com elles a posição de vencedores, nunca a de ven-«cidos.

«Se acontece porém que o povo conquistado é o «povo culto, e o povo conquistador, meio-selvagem, «como se viu na invasão do imperio romano pelas «hordas do Norte, ou na da China pelos tartaros, «o poder que a victoria assegura ao barbaro sobra «para conserva-lo ao nivel do homem civilisado, como «igual, até que possa tornar-se emulo; se um tem a «força, o outro possue a intelligencia; o primeiro «admira a sciencia e as artes dos vencidos; o segundo, «a força e poderio dos vencedores. A final os bar-«baros admittem o homem civilisado nos seus pala-«cios, e este lhes franquea por seu turno as suas «escholas. Mas quando aquelle que dispõe da força

«material, gosa ao mesmo tempo da preponderancia «intellectual, o vencido raras vezes se civilisa, e de «ordinario, ou se afasta ou morre.

«É por isso que podemos dizer genericamente que «os selvagens procuram a civilisação por meio das «armas, mas não a encontram. Toda a desgraça dos «indios vem de estarem elles em contacto immediato «com o povo mais civilisado, e digamo-lo tambem, «mais avido do universo ao passo que ellas permane«cem n'um estado de quasi completa barbaridade. Os «seus mestres são tambem seus dominadores, e é por «isso que recebem a um tempo a policia e a oppressão.

«Livre e isento no meio de seus bosques, era o In«dio miseravel, mas não reconhecia superior; se quer «porém tomar logar na hierarchia social dos brancos, «hade forçosamente accommodar-se com o ultimo «na escala, pois entra pobre e ignorante em uma so«ciedade em que reinam a sciencia e a riqueza. Depois «de uma vida agitada, cheia de miserias e perigos, mas «de emoções e de grandeza tambem, lhe é forçoso «submetter-se a uma existencia monotona, obscura e «aviltada. Ganhar o pão de cada dia por meio de um «trabalho penoso, e cheio de ignominia, tal é a seus «olhos o unico resultado dessa civilisação que lhe ga«bam tanto.

«E este mesmo resultado, nem sempre o Indio o «alcança. Quando os selvagens tentam imitar os seus «visinhos Europeus, cultivando a terra como elles, «acham-se immediatamente em luta com uma funesta

«concorrencia. Tem o branco uma pratica consumma-«da da agricultura; o Indio começa ás apalpadelas uma «arte que lhe é inteiramente estranha. A um medram «as colheitas quasi espontaneas; o outro mal póde la-«boriosamente arrancar á terra alguns fructos enfeza-«dos e mesquinhos. O Europeu vive no meio de uma «população cujas necessidades conhece e comparte; o «selvagem está como isolado entre inimigos, sem os «quaes não póde viver, mas cujas leis e costumes des-«conhece inteiramente. Por maneira que quando o «Indio quer vender os fructos que colheu, quasi nun-«ca se lhe depara o comprador que o Europeu acha «sem custo, porque este vende barato aquillo que o «outro só pôde colher á poder de mil esforços.

«Assim que, se o Indio subtrahiu-se aos males a «que andam expostas as nações barbaras, foi para «submetter-se ás miserias dos povos cultos; e dahi «lhe fica sendo tam difficil viver no seio da nossa abun-«dancia como na penuria das suas florestas.

«Ao demais, o Indio, agricultor forçado, não per-«deu de todo os habitos da vida errante; a inclinação «á caça não se extinguiu, as tradições conservam todo «o seu imperio. A sua imaginação traça então com «vivas cores o quadro da ventura selvatica que outr'o-«ra desfructara no fundo dos bosques, attenuando ao «mesmo tempo as privações e perigos, encontrados e «soffridos. A independencia que lograva no meio dos «seus, contrasta sobretudo com a posição servil que «occupa na sociedade estranha.

«De outro lado, aquella vasta solidão onde por tan-«to tempo viveu livre, ali está, diante delle, a alguns «passos e a algumas horas de distancia! O branco vi-«sinho offerta-lhe um preço que se lhe afigura eleva-«do pelo campo mal roteado de que á custo arranca-«va a mesquinha subsistencia. Quem sabe se este di-«nheiro com que lhe acenam os Europeus, lhe não «dará para viver tranquillo e feliz longe delles? Des-«tes raciocinios e pensamentos, a abandonar a char-«rua, a retomar as armas, e a penetrar para sempre «no deserto, não vae de ordinario mais que um mo-«mento, e um passo.........................

«Washington havia dito em uma das suas mensa-«gens ao congresso:—Nós somos mais illustrados e «poderosos que as tribus indianas; devemos pois tra-«cta-las com doçura, e até com generosidade, que «vae nisso a nossa honra. Mas esta politica nobre e «virtuosa não foi seguida.»

Neste ponto expõe o auctor as mil vexações exercidas contra os Indios, quer pelos particulares, quer pelos Estados, até obriga-los a desoccupar qualquer territorio, por bem ou por mal, sendo a frouxa benevolencia da União impotente para preserva-los dessa incessante e vasta espoliação collectiva e individual. E depois continúa, não sem alguma eloquencia: «Por «qualquer face que encaremos o destino dos indige-«nas da America do Norte, não vemos senão males «irremediaveis; se elles permanecem selvagens, o eu-«ropeu os impelle adiante de si na sua marcha; e se

buscam civilisar-se, o contacto dos homens mais civilisados que elles, os entrega sem recurso á oppressão e á miseria. Se continuam a vaguear de deserto «em deserto, vão acabando lentamente; mas nem por «isso escapam á destruição, se tentam fixar-se. Sem «o auxilio dos europeus, não podem civilisar-se, mas «ao mesmo tempo a visinhança dos europeus, os de«prava e repelle para o deserto. Elles refusam emfim «mudar de costumes; em quanto os deixam nos bos«ques; mas quando se vêm obrigados á mudança, já «é passado o tempo della.

«Os hespanhóes açulavam os seus cães contra os «indios, como se estes fossem animaes ferozes, e sa«quearam o Novo-Mundo, como uma cidade tomada «de assalto; mas a destruição e o furor tem um ter«mo; e as reliquias da raça indiana, escapas da matan«ça, se confundiram porfim com a raça vencedora, «esposando os seus costumes e religião. Por isto não «se hade comtudo dar honra e louvor aos hespa«nhóes, porque se, ao tempo da sua chegada, essas «tribus já não estivessem como adstrictas ao sólo pela «agricultura, teriam sido todas extinctas na America «do Sul, como o foram na America do Norte.

«O procedimento do americano dos Estados-Uni«dos para com os indios respira pelo contrario o mais «puro amor das fórmas e da legalidade. Com tal que «os indios permaneçam no estado selvagem, os ame«ricanos se não intromettem com os seus negocios, e «os respeitam como a povos independentes; ninguem

«cousa de occupar as suas terras, sem previa acquisi-«ção por meio de contracto; e quando acaso alguma «nação selvagem já de todo não póde subsistir no seu «territorio, elles a tomam com fraternal charidade pela «mão, e levam-n'a a morrer fóra da patria dos seus «maiores.

«A despeito de monstruosidades sem exemplo, e «do indelevel opprobrio de que se cobriram, nunca «poderam os hespanhóes exterminar as raças indige-«nas, e nem ainda estorva-las de participarem dos «seus direitos; mas os americanos alcançaram este «duplo resultado, com uma pasmosa facilidade, tran-«quillamente, legalmente, philantropicamente, sem «verter sangue, e sem violar um só grande principio «de moral. Cumpre confessar que não é possivel des-«truir os homens com um respeito mais profundo das «leis da humanidade!»

Eis como pensa este distincto escriptor; mas é innegavel que atravez dessas invectivas eloquentes contra a avidez e duplicidade da raça vencedora, transluz e apparece em toda a sua força a verdadeira causa do mal. E' o proprio Tocqueville quem o diz e reconhece no meio das notas elegiacas que sólta sobre os infortunios das raças vencidas:—os indios nunca se hão-de resolver a civilisar-se—a solidão das florestas, a caça, a vida errante tem para elles attractivos e encan-

tos irresistiveis, ao passo que o trabalho se lhes afigura aviltante e proprio só de escravos—o orgulho e a preguiça concorrem a um tempo para alimentar estas estranhas idéas—só quando a civilisação os aperta, e em desespero de causa, para não perecerem de todo, é que se sujeitam a viver ignominiosamente do suor do seu rosto, como os brancos. Tudo isto diz o auctor, e ainda acrescenta que as desgraças dos indios lhe parecem *irremediaveis*, e que a sua ultima hora soará quando os europeus se estabelecerem nas margens do Pacifico, por quanto, e notae-o bem, se na America do Sul os povos aborigenes escaparam á uma destruição total, sob o dominio hespanhol, feroz e exterminador em todo extremo, foi isso devido a terem esses povos alguns elementos de civilisação, a agricultura e a estabilidade, por exemplo, circumstancia que não milita a favor das tribus do Norte.

Entretanto, cousa singular! o auctor parece culpar o europeu dessa incompatibilidade e antagonismo fatal dos dous elementos collocados em face um do outro, e culpa-o formalmente, assim de ir estabelecer uma pobre choupana no centro dos desertos, como de espantar e afugentar a caça, pelo ruido importuno da industria! Dir-se-hia que a civilisação devera cruzar os braços diante da barbarie, sem abater uma arvore, sem abrir um sulco, sem erguer uma casa, sem fundar uma cidade, para não perturbar os senhores feudaes das florestas, no exercicio do direito de caça, dentro desses parques immensos

e sem muros que por toda a eternidade lhes havia destinado a Providencia!

De resto, o que se observa na America do Norte, o que se observou nos primitivos tempos da conquista, observa-se ainda hoje, e entre nós, isto é, a invencivel antipathia dos selvagens para com a vida sedentaria e civilisada.

«As idéas de sujeição e dependencia, diz Gayoso, «que entre nós procedem dos principios do estado «social, e dos preceitos evangelicos, são totalmente «desconhecidas entre estes barbaros. Os seus desejos «formam a sua lei; o logar que lhes deu a existencia «não lhes merece particularidade alguma. Eis ahi «porque a sua vida é pouco sedentaria, e porque não «se lhes dá que os afugentem, ou queimem as suas «habitações. Vão trabalho é tractar pazes com elles, «e destinar-se-lhes terras para sua pacifica habitação; «repentinamente, no meio do maior socego, a um «toque do seu *boré*, todos desapparecem.»

«Os indios, escreve o coronel Lago tambem, são «naturalmente fracos, frouxos e timoratos, e por «isso atraiçoados, indolentes e não emprehendedores; «vivem aldeados, porém pelo mais insignificante mo«tivo mudam de logar, chamando sempre *seu* aquelle «que habitam e occupam, sendo isto causa de conti«nuadas mortes: nenhuma caridade nelles se observa;

«insensiveis a todos os sentimentos de humanidade, «presenceam as dores, e a morte de seus visinhos e «parentes, com a maior indifferença, sem que se «dêm ao menor trabalho e soccorro: tremem e até «cahem só ao ouvir o estrondo de um tiro de fuzil; «comer, e gosar brutalmente, é a sua lei; por um «prego, ou por um machado, por um papagaio ou «por um veado, ha as mesmas mortes, e despovoa-«se uma aldêa.

«Em uma dellas de indios já domesticados, junto «a Monção, estivemos nós em novembro de 1820, e «vimos um desgraçado indio cego a expirar, entre-«tanto que os outros da sua mesma aldêa, sem ao «menos o recolherem do ardor do sol, se occupavam «em comer melancias verdes, e outros entretidos com «macacos, guaribas, e varios bichos. São estes por «quem MM. Raynal e Du Prat, esperavam grandes «fortunas ao Brazil?....

«É necessario viaja-lo pelo interior, e não á beira-«mar, e observar attentamente os costumes como «fizemos durante as nossas commissões pelo interior «de Pernambuco, nos sertões da Bahia, e dos indios «selvagens do Maranhão, para poder conhecer a ver-«dade, e formar idéas exactas, e não por singulari-«dade, ou por moda, meramente do tempo, e sem «nunca ter sahido da Europa, fazer o seu elogio,... «e delles ainda esperar cousa alguma.

«Os indios, disse finalmente o major Francisco de «Paula Ribeiro, em uma *Memoria* escripta em 1819,

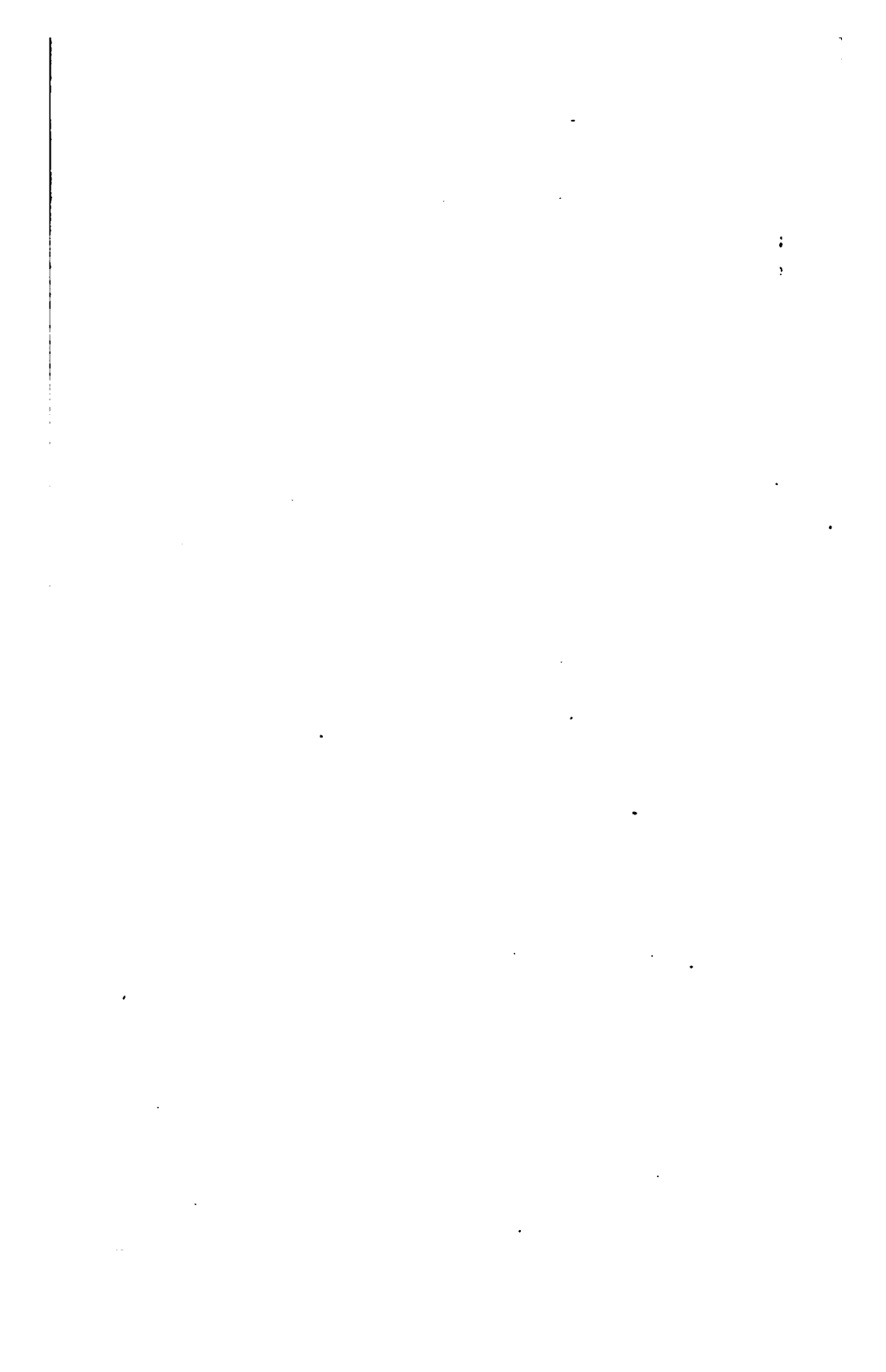
«gostam mais das caçadas e das guerras, do que da-
«quelles trabalhos proprios de grandes culturas. Du-
«ra-lhes a boa fé e amisade em quanto póde durar-
«lhes a esperança de que por ellas se lhes sigam van-
«tajosos interesses. Qualquer suspeita lhes suscita
«grandes desconfianças, e sómente a força ou temor
«é que poderá conte-los. Sua inclinação para o roubo
«é por tal fórma excessiva que rompem toda a alliança
«logo que possam furtar uns poucos de pregos velhos.»

Ser-nos-hia facil multiplicar as citações destes, e d'outros escriptores que estudaram praticamente os indios; porém não cabe tanto nas estreitas proporções dos nossos opusculos.

Podemos pois afoutamente concluir que não foi só o ferro da conquista quem ceifou essas pretendidas immensas populações; que sobre serem ellas muito menos numerosas, outras muitas causas, que ficam assignaladas, concorreram e concorrem ainda para o seu progressivo definhamento e extincção.

Pelo que toca á ultima questão—sobre a qual das duas raças que se encontraram no tempo do descobrimento, devemos nós a origem—e se será grande fortuna para o Brazil a completa rehabilitação dos indios—

reservamos o seu exame e solução para quando tractarmos das diversas classes em que actualmente se divide a nossa população, por ser essa a occasião mais azada e opportuna para o intento.

E no entanto ponhamos termo a esta parte do nosso trabalho com as seguintes reflexões. Seria elle indispensavel, necessario, util ao menos? Tal nos pareceu sem duvida. Esse falso patriotismo *caboclo*, especie de mania mais ou menos dominante, segundo as circumstancias, leva-nos a formular, quanto ao passado, accusações injustas contra os nossos genuinos maiores; desperta no presente antipathias e animosidades, que a san razão e uma politica illustrada aconselham pelo contrario a apartar e adormecer; e ao passo que faz conceber esperanças infundadas e chymericas sobre uma rehabilitação que seria perigosa, se não fôra impossivel, embaraça, retarda, e empece os progressos da nossa patria, em grande parte dependentes da emigração da raça emprehendedora dos brancos, e da transfusão de um sangue mais activo e generoso, unico meio possivel j'agora de verdadeira rehabilitação.

LIVRO VI.

INDIOS.

II.

Bullas dos papas, e legislação portugueza sobre a liberdade, e escravidão dos Indios. Substancia das leis, e abreviada noticia de sua promulgação e execução.

Acabámos de ver os indios no estado selvagem, e nas suas primeiras ingenuas entrevistas com os europeus; resta-nos considera-los tambem sob o dominio portuguez.

A raça europea actuou sobre a indigena por muitos e variados modos—pelas leis de escravidão e liberdade—e na execução dellas—por meio dos chamados resgates e descimentos—pela administração das aldêas e do trabalho—pela catechese religiosa emfim—não menos que pelas guerras incessantes e prolongadas

que se travaram desde os primeiros tempos da descoberta.

Havemos de examinar, cada um por sua vez, esses diversos meios e instrumentos de civilisação e de oppressão; e começaremos pelas leis, dando-as em substancia, e acompanhando este trabalho d'uma abreviada noticia sobre a origem, occasião e execução dellas, com que melhor sirvamos á intelligencia de suas variadas, e tantas vezes, contradictorias disposições.

As datas que se seguem indicam outras tantas providencias legislativas sobre os indios, promulgadas durante quasi tres seculos, desde D. Sebastião até os nossos dias, sob a denominação de leis, cartas regias, provisões, alvarás, edictos, decretos, regimentos e directorios, a saber: 20 de março de 1570, 22 de agosto de 1587, 11 de novembro de 1595, 26 de julho de 1596, 5 de julho de 1605, 7 de março e 30 de julho de 1609, 10 de setembro de 1611, 15 de março de 1624, 8 de junho de 1625, 10 e 12 de novembro de 1647, 5 e 29 de setembro de 1648, 12 de setembro e 21 de outubro de 1652, 17 de outubro de 1653, 9 e 14 de abril de 1655, 12 de julho de 1656, 12 de setembro e 18 de outubro de 1663, 29 de abril de 1667, 21 de novembro de 1673, 23 de janeiro de 1671, 31 de março e 1.º de abril de 1680, 2 de setembro de 1684, 21 de dezembro de 1686 (são duas as disposições desta data, uma carta regia, e o famoso regimento das missões), 24 ou 28 de abril de 1688, 6 e

17 de janeiro de 1691, 19 de fevereiro e 15 de março de 1696, 15 de janeiro de 1698, 11 de janeiro, 1 e 3 de fevereiro de 1701, 21 e 22 de abril de 1702, 3 de fevereiro de 1703, 6 de dezembro de 1705, 5 de julho de 1715, 9 de março de 1718, 12 de outubro de 1719, 12 de outubro de 1727, 13 de agosto de 1745, 13 de outubro de 1751, 4 de abril, 6 e 7 de junho de 1755, 3 de maio de 1757, 8 de maio e 17 de agosto 1758, 11 de maio de 1774, 12 de maio de 1797, 18 de agosto de 1803, 13 de maio e 2 de dezembro de 1808, e 28 de julho de 1809.

A esta immensa e complicada legislação portugueza accrescem ainda as bullas dos papas Paulo III, Urbano VIII e Benedicto XIV sobre o mesmo assumpto da conversão e liberdade dos indios. E já depois da independencia e do imperio, entre outras providencias menos importantes acerca delles, e sem fallar na legislação provincial, promulgou-se o conhecido regulamento de 24 de julho de 1845.

Das leis citadas, umas encontramos em sua integra, outras substanciadas, quer nas diversas collecções que possuimos dellas, quer em algum dos auctores que têm escripto sobre as cousas do Brazil; uma grande parte porém vem apenas citada com uma ligeira indicação da sua materia, ou nos mesmos auctores, ou nos indices e repertorios dos desembargadores Fernandes Thomaz, João Pedro Ribeiro e Borges Carneiro.

Cabe aqui notar que as datas indicadas variam al-

gumas vezes nos diversos indices e auctores, onde as encontramos. Sirva esta advertencia de anticipada solução ás duvidas que essas variantes possam suscitar.

A escravidão dos indios é contemporanea do descobrimento da America. Sendo o abuso da força, e a oppressão do fraco pelo forte, uma das faces por que mais commumente se revela o mal inherente á esta pobre natureza humana, maravilha fôra que este grande acontecimento da descoberta de um novo mundo se prefizesse pacifica e naturalmente, sem detrimento dos seus incultos habitadores, e sem desdouro dos navegantes europeus. Infelizmente para o grande nome de Colombo, foi elle o primeiro que se lembrou de prear indios, tomados em justa guerra, dizia, e de os mandar vender á Europa a trôco de mercadorias, para acudir aos gastos das armadas que levava áquellas paragens.

Um exemplo tam auctorisado, e a grande facilidade de imita-lo, prefizeram o resto; não só foram os indios reduzidos geralmente á escravidão, senão extenuados de trabalhos excessivos, maltractados em toda maneira, martyrisados, assassinados e quasi totalmente extinctos, por maneira que segundo o attesta o famoso Las-Casas, bispo de Chiapa, de um milhão e meio que habitavam a Hispaniola, á chegada dos

europeus, á final já era difficil encontrar um ou outro, reliquias da monstruosa destruição.

Para desculpar estas horriveis atrocidades, que não é, de resto, intenção nossa referir aqui largamente, inventavam-se diversos pretextos, que mais tarde veremos figurar no corpo da legislação; mas é sobre todos notavel, o de não pertencerem os indios á especie humana, pelo que era licito tracta-los como a brutos, e persegui-los não só com as armas que os homens empregam ordinariamente nas suas guerras, senão açular contra elles libreus ferocissimos e esfaimados, que os dilaceravam sem piedade, e lhes devoravam depois as carnes palpitantes.

Esses horrores, por ventura exagerados, que deshonraram logo nos seus começos a occupação hespanhola, commoveram de tal modo os animos na Europa, que já em 1537 Paulo III provia sobre elles pela bulla—*Universibus Christi fidelibus*, datada em 9 de junho do mesmo anno.[1]

Eis-ahi em substancia o conteudo da bulla.—Chegando á noticia do sancto padre que nas Indias então recentemente descobertas, tanto ao occidente como ao meio-dia, eram os respectivos indigenas tractados como brutos, e havidos por inhabeis para a fé catholica; e sob capa de que eram incapazes de recebe-la,

[1] Esta data lhe dá o P. Simão de Vasconcellos, que a transcreve integralmente na sua—*Chronica da Companhia de Jesus*—porém Benedicto XIV, citando-a na bulla—*Immensa pastorum principis*—dá-lhe a de 28 de maio do mesmo anno.

os reduziam e punham em dura servidão, affligindo-os e opprimindo-os em tanto extremo, que ainda aquella em que traziam as suas bestas, não lhe era comparavel; obra tudo do commum inimigo do genero humano, que suggeria estas doutrinas e procedimentos a ministros seus, por onde se impedisse a propagação da fé por todas as gentes sem excepção, porque todas são igualmente capazes para a receber. Em vista do que, elle sancto padre, que fazia as vezes de Deus na terra, e tinha por officio e estreita obrigação reduzir ao seu rebanho as ovelhas que andassem perdidas e desgarradas fóra delle, determinava e declarava por auctoridade apostolica que os indios eram verdadeiros homens como os mais, e não só capazes da fé de Christo, senão propensos a ella, segundo chegara a seu conhecimento; e sendo assim, tinham todo o direito á sua liberdade, da qual não podiam nem deviam ser privados, e tam pouco do dominio dos seus bens, sendo-lhes livre logra-los e folgar com elles, como melhor lhes parecesse, dado mesmo que ainda não estivessem convertidos. Pelo que os ditos indios, e mais gentes só se haviam de attrahir e convidar á fé de Christo com a prégação da palavra divina, e com o exemplo de boa vida, sendo irrito, vão, nullo, sem valor nem firmeza, todo o obrado em contrario da presente determinação e declaração apostolica:

Estes principios tam generosos, como verdadeiros, aprégoados do alto do sólio pontificio, não produziram todavia os effeitos desejados; a crueldade e a cobiça dos primeiros conquistadores continuou por diante nos seus deploraveis excessos; e dado que no Brazil nunca os crimes contra os indios fossem practicados no mesmo gráu de extensão e intensidade que em outras regiões, já em 20 de março de 1570 el-rei D. Sebastião, informado dos abusos que nessa materia se haviam introduzido, promulgava tambem uma lei, prohibindo os captiveiros que chamou illicitos, ou decretando a liberdade dos indios, com as seguintes excepções, porém, para que podessem ser captivados:

1.º Os que fossem tomados em justa guerra, feita com licença d'el-rei, ou do governador do Brazil.

2.º Os que salteassem os portuguezes ou outros gentios para os comer.

Era mister todavia que ainda nestes casos se fizesse registo dos captivos nos livros das provedorias das partes do Brazil, dentro dos dous mezes seguintes ao captiveiro, sob pena de se haver este por nullo, e de ficarem livres os gentios, como todos os mais não exceptuados. (Esta lei vem apenas substanciada na de 30 de julho de 1609).

Mais favoravel ainda á liberdade, Philippe II de Castella, e I de Portugal, por uma lei de 11 de no-

vembro de 1595, revogou a antecedente, mandando que em nenhum caso fossem os indios captivos, salvo somente os que se tomassem em guerra mandada expressamente fazer por provisões particulares assignadas por el-rei; por quanto tinham vindo a seu conhecimento os meios palliados que os moradores do Brazil usavam para os captivar sob pretexto de justa guerra.

Em provisão de 26 de julho de 1696, expedida pelo mesmo rei, se estabeleceram diversas providencias sobre os direitos dos indios, reproduzidas depois na lei de 30 de julho de 1609, onde as veremos.

Por provisão de 5 de junho de 1605, expedida já em tempo de Philippe III, attendendo el-rei a que sem embargo das declarações da lei de 1595, continuavam os captiveiros, com grave detrimento das fazendas do estado, e grandes inconvenientes contra o serviço de Deus e o seu, e consciencia dos que assim captivavam os indios, houve por bem declara-los inteiramente livres, para que em nenhum caso se podessem captivar; porque, posto por algumas rasões justas de direito fosse permittido em alguns casos introdusir o captiveiro, as rasões em contrario eram

de muito maior peso, mormente no tocante á propagação da fé, e assim se deviam antepôr a todas as mais.

A lei de 30 de julho de 1609, baseada nos principios da Ord. do liv. 4.º t. 42, tendo em vista o bom governo, e conservação do estado do Brazil, bem como atalhar os grandes excessos que poderia haver, se o captiveiro fosse em alguns casos permittido, declarou e determinou:

Que ficavam livres, segundo o direito, e seu nascimento natural, todos os indios das partes do Brazil, sem distincção alguma entre baptizados, e não baptizados que vivessem ainda como gentios, conforme seus ritos e ceremonias.

Que não eram obrigados, nem seriam constrangidos a serviço, ou cousa alguma contra sua livre vontade.

Que os moradores e fazendeiros que delles se servissem, lhes pagariam seu trabalho, como a qualquer outra pessoa livre.

Que os religiosos da companhia de Jesus, por serem os mais bem aceitos dos gentios, que delles faziam grande credito e confiança; e pelo muito conhecimento e exercicio que tinham da materia, fossem ao sertão, para os domesticar, e assegurar em sua liberdade, encaminhando-os no que lhes convem,

assim nas cousas tocantes á sua salvação, como nas da vida ordinaria e commercio, precavendo-os dos enganos e violencias com que os capitães, donatarios e moradores costumavam traze-los do mesmo sertão.

Que nas povoações portuguezas lhes seria guardado o direito de propriedade da mesma fórma que nos seus bosques—e por nenhum caso se lhes tomariam suas cousas, nem se toleraria que sobre isso se lhes fizesse molestia alguma.

Que o governador, ouvidos os religiosos, aos indios que descessem da serra assignasse terras para lavrarem e cultivarem; e que uma vez estabelecidos, não podessem ser mudados para outros logares contra sua vontade, senão quando elles bem quizessem.

Que se lhes ordenaria um juiz particular, (nas povoações onde o não houvesse d'el-rei ou dos donatarios) portuguez e christão velho de satisfação, com alçada no civel até dez cruzados, e no crime até trinta dias de prisão.

Que tambem se lhes ordenaria um curador, que sob a direcção dos padres, olhasse pelos seus interesses, quando houvessem de ser empregados no serviço real ou particular, ou no dos mesmos padres, que pelo seu trabalho lhes pagariam salario, como quaesquer outras pessoas, procedendo-se summaria e executivamente na cobrança dos ditos salarios.

Finalmente, que sobre os indios moradores nas povoações das capitanias, não tivessem os capitães e donatarios mais jurisdicção e senhorio que sobre as

outras pessoas livres, sendo absolutamente defeso lançar sobre elles quaesquer tributos reaes e pessoaes, annullando o governador tudo o que se praticasse em contrario, e fazendo restituir os tributos illegalmente cobrados.

E porquanto constára a el-rei que em tempo de alguns governadores passados se haviam captivado muitos gentios, contra a fórma, e fóra dos casos e excepções marcadas nas leis anteriores, havia elle por bem pô-los a todos em sua liberdade, para que se tirassem logo do poder de quaesquer pessoas que os tivessem, e os deixassem ir livremente, sem embargo de allegação de que os compraram, e por sentença lhes foram julgados; pois tudo se havia por nullo, por ser contra direito, resguardado sómente aos compradores o seu contra os que lh'os haviam vendido.

Termina a lei por impôr aos que captivam indios as mesmas penas que pelas ordenações se dão aos que captivam pessoas livres, procedendo-se nisso breve e summariamente, sem mais ordem ou figura de juizo, que a que fôr indispensavel para conhecer-se a verdade.

A lei de 10 de setembro de 1611 recapitulou as disposições de todas as precedentes, confirmando a liberdade já reconhecida aos indios, fazendo restitui-la aos que houvessem sido injustamente captivados, e mandando vigorar todas as providencias já

expostas sobre o seu governo. Porém acrescentou que, succedendo caso, que os gentios movam guerra, rebellião ou levantamento, convocaria o governador uma junta composta delle, do bispo, (se fosse presente) do chanceller e mais membros da relação, e de todos os prelados que presentes fossem no logar; e na dita junta se averiguasse se era justo, necessario e conveniente ao bem do estado, fazer-se guerra ao gentio, e do assento que se tomasse, dar-se-hia parte a el-rei com larga informação de todas as causas que o justificassem, e uma vez deliberada a guerra por el-rei, e effectivamente feita, seriam escravos todos os gentios que nella se captivassem.

Mas se houvesse perigo na dilação até vir a decisão, a guerra se faria desde logo, se assim fosse assentado. Todavia os gentios que entretanto se tomassem na guerra assim declarada, só ficariam captivos provisoriamente, para o que seriam assentados em um livro, com declaração dos logares donde eram, nomes, idades, signaes e circumstancias que se dessem na sua apprehensão, afim de que, sendo a guerra approvada, ficassem tambem definitivamente approvados os captiveiros.

Não sendo prehenchidas as formalidades do registo, ficariam os indios livres, inda que approvada fosse a guerra.

Desapprovando-a porém el-rei, observar-se-hia acerca dos indios provisoriamente captivados, o que elle fosse servido determinar.

Mais seriam captivos os indios que estivessem presos para ser comidos por outros que os houvessem captivado nas suas guerras intestinas, e ficariam pertencendo aos que os comprassem e resgatassem, o que era para remedio e bem seu, e salvação de suas almas.

Se o preço da compra fôr o taxado pelo governador e adjuntos, o captiveiro durará dez annos sómente, no fim dos quaes ficará o indio inteiramente livre; se exceder porém á taxa, ampliar-se-ha o tempo da escravidão proporcionalmente.

A legalidade do captiveiro, no allegado caso de resgate, depende de justificação, feita pelos compradores, das circumstancias supramencionadas, attestando as pessoas que em conformidade desta lei podem ir ao sertão com ordem do governador.

O mesmo governador, ouvido o chanceller, e o provedor-mór dos defunctos, nomeará sujeitos seculares, casados e de boa vida, e de boa geração e abastados de bens, podendo ser, e que lhe pareceram mais capazes para ser capitães das aldêas dos gentios.

Nomeará tantos quantos forem as aldêas, e por tempo de tres annos, ou mais, emquanto el-rei não mandar o contrario.

Os capitães assim nomeados irão ao sertão persuadir aos gentios desçam abaixo, usando para isso de meios e palavras brandas, afagos e promessas sem lhes nunca fazer força ou molestia alguma, por não quererem vir.

Cada capitão levará comsigo um religioso, preferindo sempre os da companhia de Jesus, pratico da lingua, com que melhor persuada o gentio a descer.

Como tenham descido, o governador os repartirá em povoações de até trezentos casaes, assignando-lhes logar conveniente, onde possam edificar a seu modo, e a tam rasoada distancia dos engenhos e matas de pau-brazil, que não possam prejudicar nem a uma, nem a outra cousa.

Ouvido o chanceller e provedor-mór repartirá com os mesmos indios terras devolutas, para as lavrarem e cultivarem.

Em cada uma de duas aldêas haverá uma igreja, e um cura ou vigario, clerigo portuguez, que saiba a lingua, e em sua falta, religiosos, com preferencia os da companhia.

O cura residirá na aldêa, e prestará os seus officios aos indios, confessando-os, sacramentando-os e doutrinando-os nas cousas tocantes á sua salvação.

Outrosim residirá na aldêa o capitão com toda sua familia.

Governa-los-ha em sua vivenda commum, e commercio com os moradores.

Promoverá a cultura das terras, e o ensino das artes mechanicas.

Apresenta-los-ha ao governador, quando forem necessarios ao real serviço.

Da-los-ha para serviço particular, pela taxa geral

que para todo o estado do Brazil fôr estabelecida pelo governador de acordo com o chanceller e relação.

Fiscalisará a exactidão dos pagamentos, não consentindo que sejam lesados.

Será juiz dos indios, esforçando-se pelos compôr. Terá a alçada civel e crime já declarada na lei anterior; e no que exceder, dará appellação para o ouvidor da capitania; e deste a haverá, se tambem exceder, para o provedor-mór dos defunctos da relação do estado; o qual será juiz de todas as appellações que houver das causas dos indios, e as despachará em relação com adjuntos, como se pratica nos mais feitos.

Terá regimento, ordenado pelo governador de acordo com o chanceller e provedor-mór, o qual logo se hade pôr em execução, não obstante ficar dependendo da approvação regia.

No regimento se determinará o modo e ordem que hãode guardar o capitão e o cura no governo temporal dos indios, bem como os ordenados que hãode vencer, pagos á custa dos mesmos indios, e não da real fazenda.

Alvará de 15 de março de 1624. Revogou todas as mercês das administrações de aldêas de indios. Trazido por Fr. Christovam de Lisboa, custodio dos frades capuchos de Sancto Antonio, foi recebido sem maior difficuldade no Maranhão, concorrendo para isso os

esforços do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros; mas no Pará, onde feria mais os interesses dos moradores, excitou tamanha opposição, que a sua execução foi adiada. (Berredo. *Annaes*, n[os] 522, 532.)

Resolução de 8 de junho de 1625. Permittiu de novo as administrações dos indios fórros, como meio de compór as duvidas e opposições supramencionadas. Porém esta resolução só foi trazida ao Maranhão, em 1638, pelo governador, então nomeado, Bento Maciel Parente. (Berredo, *Annaes*, nº 676). O nome do portador indica bem os termos em que seria concebida. Constancio na sua—*Historia do Brazil*—Tom. 1º pag. 341, diz que Bento Maciel por um edicto de 1637 obtivera a administração dos indios, fórros sim, mas adstrictos ao sólo, e sujeitos aos proprietarios. E' manifesta a confusão que faz Constancio da data, aliás inexacta, da apresentação no Maranhão do que elle chama edicto, com a data do mesmo edicto ou resolução.

Bulla de Urbano VIII de 22 de abril de 1639. Não podemos alcança-la, só sabemos pelas citações que dellas fazem as leis e a bulla de Benedicto XIV, que versava sobre o mesmo assumpto da conversão e liberdade dos indios.

Alvará de 10 de novembro de 1647.—Attendendo el-rei ao grande prejuizo que ao serviço de Deus e seu, resultava de se darem por administração os indios e gentios, pois que os portuguezes que tinham semelhantes administrações usavam tam mal dellas, que em breves dias de serviço os indios ou pereciam á pura mingoa e extenuados de trabalho, ou fugiam pela terra dentro, havendo por semelhante causa perecido e acabado innumeravel gentio no Maranhão, Pará e outras partes do estado do Brazil, houve por bem declarar, a exemplo dos reis seus antecessores:

Que os gentios eram livres.

Que não houvesse administrações nem administradores, havendo-se por nullas e de nenhum effeito todas as que estivessem dadas, de modo que nem dellas ficasse memoria.

Que os indios podessem servir e trabalhar com quem bem lhes parecesse, e melhor lhes pagasse seu trabalho.

Alvará de 12 de novembro do mesmo anno, citado apenas na lei de 6 de junho de 1755. Regulou a taxa do serviço dos indios.

Alvarás de 5 e 29 de setembro de 1649. Regulam a taxa e tempo de serviço dos indios. Prohibem que

trabalhem todo o anno em serviço alheio, e mandam que se lhes dêm livres quatro mezes para suas roças e culturas.

Regimento da relação da Bahia, de 12 de setembro de 1652. No titulo das—*Attribuições judiciarias do governador do estado*—vem algumas providencias acerca de indios, recommendando-se ao governador a civilisação e bom tratamento delles em termos genericos. Este regimento cita outro da mesma relação, datado em 7 de março de 1609, e da citação infere-se que continha as mesmas recommendações,

---

Balthasar de Souza Pereira, despachado capitão-mór do Maranhão em 1652, em um dos capitulos do seu regimento trouxe ordem para pôr em liberdade todos os indios que até aquelle tempo tivessem vivido como escravos. O povo desta capitania sublevou-se por tal motivo, e no Pará rompeu ainda em maiores excessos; por maneira que a providencia da liberdade ficou suspensa, e consultou-se para a côrte. Por maiores diligencias que tenhamos feito, não podemos ainda alcançar este regimento; e apenas encontramos estas noticias nos *Annaes* de Berredo, n.os 971 a 972.

Carta regia de 21 de outubro de 1652, dirigida ao

padre Antonio Vieira, com ampla auctorisação para levantar igrejas, estabelecer missões, descer indios ou deixa-los em suas aldêas, tudo segundo julgasse mais conveniente, podendo requisitar dos governadores e mais auctoridades quaesquer auxilios de indios, guias, linguas, canôas e o mais que houvesse mister, mostrando-lhes para isso a referida carta regia, sob pena aos desobedientes e remissos, de serem castigados como parecesse justo a el-rei.

Esta carta regia excitou novos descontentamentos, mormente no Pará, onde o povo exigiu a expulsão dos jesuitas; mas intervindo o senado da camara, conseguiu serenar os animos, e o negocio se foi dilatando.

Provisão de 17 de outubro de 1653.—Constando a el-rei, por informação dos procuradores do estado do Maranhão, que da prohibição geral de se poderem captivar indios, que no anno anterior havia mandado com os capitães-móres Balthasar de Souza Pereira e Ignacio do Rego Barreto, não resultára utilidade alguma, antes grande perturbação nos moradores, promettendo maiores damnos para o futuro, por ser difficultosissimo, e quasi impossivel dar liberdade a todos sem distincção; em ordem a atalhar tudo, e considerada a materia attentamente em conselho, por ministros de letras e inteireza, determinou o seguinte,

revogadas todas as disposições anteriores em contrario.

Que os officiaes das camaras do Maranhão e Pará examinassem em presença do desembargador syndicante, que então andava naquellas capitanias, e na sua falta, perante os ouvidores dellas, quaes dos indios captivados até aquella epocha, o tinham sido legitimamente e com boa consciencia, e quaes não; e que, segundo as deliberações approvadas e julgadas pelo dito desembargador, ou ouvidores, assim fossem os indios declarados livres, ou escravos.

No referido exame observar-se-hiam as regras seguintes.

Eram casos de captiveiro justo, precedendo justa guerra:

O impedir o gentio quer livre e independente,quer vassallo e submettido, a prégação do evangelho,

O recusar-se a defender a vida e fazenda dos vassallos d'el-rei em qualquer parte.

O lançar-se com os inimigos da coróa, dando ajuda contra os vassallos della.

O exercitar latrocinios por mar ou por terra, infestando os caminhos, salteando, ou impedindo o commercio e tracto dos homens.

Seriam tambem justos os captiveiros:

Se os indios vassallos faltassem ás obrigações que haviam aceitado nos principios da conquista, negando os tributos, e não obedecendo quando chamados para o serviço real de paz ou de guerra.

Se comessem carne humana.

Seriam igualmente reputados legitimos escravos:

Os indios que estivessem em poder dos seus inimigos atados á corda para ser comidos, e pelos vassallos d'el-rei fossem remidos daquelle perigo com as armas ou por outra via.

Os que já eram legitimos escravos de outros indios de quem fossem tomados em justa guerra, ou havidos por meio de commercio e resgate.

Para este effeito far-se-hiam entradas ao sertão, com religiosos que fossem á conversão do gentio, e com pessoas escolhidas em cada capitania, á pluralidade de vótos do capitão-mór, officiaes da camara, vigario geral (onde o houver) e prelados das religiões.

Offerecendo-se casos de captiveiro licito durante as entradas, seriam justificados perante os religiosos que nellas fossem.

Ficava prohibido aos governadores, capitães-móres, e mais ministros superiores das duas capitanias o fazer lavrar tabacos ou outra qualquer cultura por si, ou por interposta pessoa, bem como occupar ou repartir indios, senão por causa publica e approvada, ou pôr capitães nas suas aldêas, antes as deixassem governar pelos seus principaes, que os repartiriam aos portuguezes voluntariamente pelo salario do estylo.

E isto para que os ditos governadores e ministros podessem com mais inteireza prover sobre a materia, livres dos particulares respeitos que sóem desvia-los dos seus deveres.

Os procuradores no Maranhão e Grão-Pará obtiveram esta provisão da côrte, sem embargo da opposição dos jesuitas; e chegaram triumphantes com ella ao Maranhão em fins de maio ou principios de junho de 1654. Tam despeitado ficou o padre Antonio Vieira com este successo, que partiu sem demora para à côrte, a 15 ou 16 do dito mez, depois de haver prégado em dia de Sancto Antonio o famoso sermão aos peixes.

Provisão de 9 de abril de 1655, alterando a de 17 de outubro de 1653.—O padre Antonio Vieira, mal que chegou a Lisboa, envidou todos os seus esforços para alcança-la, e el-rei a expediu, depois de ouvida uma junta dos principaes theologos e letrados do reino, a cujas deliberações assistia o mesmo padre, ouvindo-se tambem sobre a materia os procuradores do Maranhão e Grão-Pará, que ainda sollicitavam na côrte. Com esta lei volveu o padre ao Maranhão, e os povos se lhe submetteram a principio, mediante a grande auctoridade e respeito do governador André Vidal de Negreiros, decidido protector dos jesuitas.

Não possuimos o texto completo da lei. Berredo (nº 1000) apenas diz que ella restringiu a de 1653; porém na vida do padre Antonio Vieira, por André de Barros, cap. 96 a 106, vê-se que deliberando esta junta sobre os diversos pontos que foram submettidos, sal-

vo sempre o principio da liberdade dos indios, (*salva indorum libertate*) assentou-se uniformemente que não havia outra cousa a seguir se não o que a companhia usava no Maranhão e Pará, e que depois destas deliberações decretou el-rei:

1º Que houvesse uma junta de missões, especie de tribunal consultivo, especial e privativo para esta materia, como os havia para os negocios da fazenda, ultramar e outros.

2º Que as aldêas e indios de todo o estado fossem governados, e estivessem sob a disciplina dos religiosos da companhia; e que o padre Antonio Vieira, como superior de todos, determinasse as missões, ordenasse as entradas ao sertão, e dispozesse os indios convertidos á fé, pelos logares que julgasse mais convenientes.

3º Que os governadores dessem toda ajuda e favor aos missionarios, com que se lhes facilitasse o necessario para a conversão dos gentios que as tyrannias passadas traziam afugentados, e remontados da igreja.

4.º Que os missionarios tivessem voto nos exames dos escravos, em ordem a atalhar as violencias que se faziam aos indios do sertão; sendo o cabo da escolta das entradas, pessoa approvada pelos mesmos missionarios, e o tempo e logares das missões, marcados pelo padre superior.

5.º Que os indios christãos e aldeados não podessem ser constrangidos a servir mais que sómente seis mezes cada anno; e estes mesmos alternados de dous

em dous, e pagando-se-lhes duas varas de panno de algodão por cada mez.

6.º Que não se pozessem capitães nas aldêas, antes fossem nellas os indios governados pelos principaes das suas nações justamente com seus parochos.

Além do que diz André de Barros, e acabámos de extractar, a lei do 1.º de abril de 1680 substancía esta de 55 na parte relativa aos casos de captiveiro justo, que foram reduzidos a quatro, a saber:

1.º Quando os indios fossem tomados em justa guerra, dadas certas circumstancias, na dita lei declaradas, mas que não vem no extracto de 1680.

2.º Quando impedissem a prégação do evangelho.

3.º Quando estivessem presos á corda para ser comidos por seus contrarios, e fossem resgatados em qualquer modo pelos portuguezes.

4.º Quando fossem vendidos por outros indios, que os houvessem tomado em guerra justa.

Finalmente, o mesmo padre Antonio Vieira, em uma—*Informação sobre o modo com que foram tomados e sentenciados por captivos os indios do anno de 1655*—, impressa no T. 3.º das suas cartas, substancía estes quatro casos, quasi pelos mesmos termos empregados na lei de 1680.

Como porém nesses extractos se não diz quaes são os casos que constituem a guerra justa, e elles multiplicavam as hypotheses de captiveiro justo, póde-se dizer que esta lei de 1655 só alterou a de 53 na parte relativa ás jurisdicções e administrações, e não quanto

á materia da escravidão, sendo por consequencia fraudado o principio tam emphaticamente estabelecido no começo das deliberações: *Salva Indorum libertate.*

Regimento de 14 de abril de 1655, dado aos governadores do estado do Maranhão e do Grão-Pará. Deste regimento, expedido no tempo de André Vidal de Negreiros, obtivemos uma copia extrahida dos archivos da provincia do Pará.

No capitulo ou artigo 8.º recommenda-se o bom tractamento dos indios—que se lhes não façam vexações, e se lhes guarde sempre o que com que elles fôr pacteado.

No capitulo 19.º—que se atalhe e evite que commercêem com os estrangeiros estabelecidos intrusamente em alguns pontos do estado, chamando-os nesse intento, e com bons termos, á nossa propria communicação e commercio.

Nos capitulos 42, 43, 44 e 45—recommenda-se a fiel observancia da lei antecedente, reproduzindo-se algumas das suas disposições,—em primeiro logar para que a administração das aldêas seja confiada somente a uma unica religião, e não a muitas, pelos inconvenientes que de tal confusão resultavam; preferindo-se entre todas, a companhia de Jesus, pela muita experiencia que os padres tinham dos indios,

e grande applicação e industria com que procediam na sua conversão;—e em segundo logar para que a repartição delles fosse feita por dous arbitros, um da escolha da camara, e outro dos seus parochos missionarios, á vista de um rol organisado no principio de cada anno, contendo os nomes de todos os indios capazes de serviço, e dos moradores em circumstancias de recebe-los—por maneira que na repartição se guardasse tanta e tam perfeita igualdade, que grandes e pequenos, ricos e pobres, seculares e ecclesiasticos, todos sem excepção ficassem providos e satisfeitos, conforme suas qualidades e estados.

Os capitulos 46, 47, 48—reproduzem com pequeno desenvolvimento as disposições da lei acerca do tempo de serviço alternado, sobre salarios, modo dos pagamentos, depositos previos &.

Os capitulos 49 a 56—merecem ser aqui substanciados. Eis o que elles dispoem:

O prelado ou superior das missões marcará o tempo das entradas. O governador lhe dará a guarda militar que elle pedir, nomeando por cabo della a pessoa que lhe propozer. O cabo acompanhará a missão para onde, e pelo tempo que o missionario bem quizer e julgar conveniente; e só terá o commando militar da força, sem por nenhum caso intrometter-se a praticar nem entender por si ou por interposta pessoa com os indios, sob pena de rigoroso castigo.

Marcado o tempo das entradas, segundo parecer ao superior das missões, o governador as não dilatará ou

impedirá com frivolos pretextos, e se o fizer se lhe levará em culpa.

A religião, que fizer as missões, não poderá em tempo algum lavrar com os indios canaviaes, tabacos, nem alguma outra lavoura ou engenhos.

Reduza-se o numero das aldêas, e augmente-se a população de cada uma dellas. Sejam postas em sitios apropriados, e faça-se o possivel para que cada uma tenha ao menos cento e cincoenta casas, que muito importa assim, para serem os indios melhor doutrinados.

O governador empregará todos os meios de communicação com os indios em ordem a obter delles que declarem se querem ser vassallos, ou simples alliados d'el-rei, tomando-se-lhes de uma e outra cousa por seus chefes e principaes os competentes juramentos por termos e autos solemnes, que se archivarão. E quanto aos que não quizerem a alliança e amisade dos vassallos portuguezes, nem por isso se lhes fará damno algum, com tal que elles tambem o não façam, nem impidam a prégação do evangelho.

Os indios, não vassallos, que fizerem latrocinios e maleficios, ainda que seja em ajuntamentos, como bandoleiros, serão castigados segundo a lei commum do reino, cuja substancia far-se-ha chegar ao seu conhecimento, para saberem as penas em que incorrem por taes delictos.

Mas se os damnos forem causados por communidades com caracter de nação, e por auctoridade publica de seus principaes, que não conheçam superior,

então se guardará a lei antecedente sobre o captiveiro dos gentios.

Que cuidasse em fim o governador mui seriamente de os fazer descer dos sertões, por meio das missões, pois constava que os já descidos naquelle tempo eram bem poucos.

Alvará de 12 de julho de 1656. Dá providencias sobre serviços, e taxa do salario dos indios.—É o que indica a lei de 6 de junho de 1755, onde vem citado.

Com a substituição do governador André Vidal de Negreiros, afrouxou a protecção aos jesuitas; o povo começou a murmurar contra a abusiva accumulação que faziam os padres da jurisdicção temporal e espiritual, e por fim rompeu em revolta declarada, tanto no Maranhão como no Pará, e prendeu e expulsou os padres, sem exceptuar o proprio superior. Attingindo pouco depois a maioridade, e entrando no pleno exercicio da soberania el-rei D. Affonso VI, o padre Antonio Vieira de todo decahiu da graça, e chegou até a ser desterrado da côrte.

A provisão de 12 de setembro de 1663, precedida de outra da mesma data, que concedeu amnistia plena aos sublevados das duas capitanias, reconheceu que os

tumultos derivavam das vexações que soffriam os povos, pela maneira por que os padres entendiam e executavam a lei de 1655; e em ordem a atalhar maiores damnos, decretou:

Que nem os religiosos da companhia, nem outros quaesquer tivessem jurisdicção alguma temporal no governo dos indios,

Que a espiritual a tivessem não só os da companhia, senão os de todas as mais religiões, que residissem no estado, pois era justo que todos fossem obreiros da vinha do senhor.

Que o prelado ordinario, com os das religiões, escolhessem os religiosos que lhes para isso parecessem mais pertencentes, encommendando-lhes as parochias, e a cura das almas das aldêas do gentio, e podendo remove-los a seu arbitrio.

Que nenhuma religião podesse ter aldêas de indios fôrros de administração, visto que no temporal deviam de ser governados pelos seus principaes.

Que no tocante ao serviço das indias se guardasse o que dispoem as ordenações a respeito das orphãs do reino, pois sendo igual o perigo da honestidade, não devia haver differença no serviço.

Que para a repartição dos indios, elegessem as camaras do estado no principio de cada anno um repartidor, o qual visse o numero de indios que cada morador havia mister, apontando e designando o parocho os que deviam servir, e observando-se no seu pagamento o que dispõe o regimento dos governadores no cap. 48.º

Que elegessem outrosim um religioso, da religião a que tocar por turno, que com o cabo da escolta, sempre da escolha das camaras, fizessem as entradas ao sertão todas as vezes que as mesmas camaras as julgassem necessarias.

Que o religioso que fosse á entrada, não podesse trazer para si, nem para a sua religião, escravo algum dos que se resgatassem na mesma entrada; e que ainda dos resgatados em outras entradas, nenhuma religião podesse have-los, antes de passado um anno, sob pena de perdimento dos ditos escravos, metade para o denunciante, e metade para a real fazenda.

Que ficassem advertidos os cabos das escoltas, os governadores, capitães-móres, e mais ministros do dito estado, que lhes era absolutamente defeso fazerem resgates para si, sob pena de rigoroso procedimento.

Determinou outrosim a citada provisão que com aquellas declarações e clausulas se guardasse a ultima lei do anno de 1655, continuando os religiosos da companhia naquella missão, pela fórma que fica referida, excepto o padre Antonio Vieira, por não convir ao real serviço que tornasse a ella.

Mandou mais el-rei por postilla ou carta de 18 de outubro do mesmo anno de 1663 que fossem restituidas aos padres as igrejas e parochias que haviam fundado no dito estado com sua despesa e industria, e de

que estavam de posse, quando foram expulsos delle; e que assim o havia por bem, pela satisfação que tinha do seu bom procedimento, e do zelo com que entendiam no serviço de Deus, e no bem das almas daquella gentilidade.

A provisão de 12 de setembro desagradou não menos ao povo, que ao governador Ruy Vaz de Sequeira, cuja jurisdicção, e interesses coarctava e feria sensivelmente, por maneira que no acto da sua publicação na cidade de S. Luiz, foi ella embargada pelo senado da camara. Convocou-se depois uma junta geral do clero, nobreza e homens bons, e nella, presente o governador, deliberou-se a suspensão da mesma lei, até que por S. M. fossem resolvidas as duvidas e inconvenientes que se lhe representavam, e que de sua execução se deviam seguir.

A resolução destas duvidas veio por carta regia de 9 de abril de 1667, que apenas conhecemos substanciada nos *Annaes* de Berredo de n.º 1153 a 1155. Ratificava-se a lei de 1663, com as seguintes alterações: os missionarios e parochos eram excluidos da repartição dos indios; e os repartidores, que as camaras haviam de eleger no principio de cada anno, seriam sempre os juizes

ordinarios mais velhos, membros das mesmas camaras, sem dependencia de outra qualquer approvação.

O governador do estado, successor de Ruy Vaz de Sequeira, remettendo esta nova lei ás camaras, advertiu-lhes que tudo lhe ficaria subordinado, porque a sua jurisdicção era superior a tudo, assim para mandar dar á execução a repartição dos indios, feita pelo juiz, como para prover ás queixas dos moradores sobre ella!

Foi esta a ultima lei relativa a indios, promulgada no reinado de el-rei D. Affonso VI.

No regimento dado ao governador geral do Brazil, em 23 de janeiro de 1667, tambem se encontram algumas providencias acerca de indios e missões. Os arts. 4.º e 5.º mandam dar favor aos missionarios, e promover a propagação da fé, bem como repartir terras com os indios, protege-los, e manter os seus privilegios. Os arts. 21 e 22 recommendam a vulgarisação do conhecimento da sua lingua, fazendo-se a esse fim compôr e imprimir vocabularios.

Alvará de 31 de março de 1680.—Prohibe ao governador, e ao bispo do Maranhão, commerciarem, cultivarem, ou tomarem indios a seu serviço. É isto simples-

mente o que se collige do *Indice* de João Pedro Ribeiro, onde vem citada.

Alvará do 1.º de abril do dito anno, providenciando sobre resgates e administração dos indios do Maranhão.—Vem citado pela mesma maneira no referido *Indice*. Constancio, na sua—*Historia do Brazil*, tom. 2, pags. 28 e 29—diz que por esta lei foram os indios divididos em tres classes, e o tempo do seu trabalho, reduzido a dous mezes, sob a direcção dos jesuitas.

A lei de 6 de junho de 1755 transcreve apenas o § 4.º deste alvará, que diz em substancia o seguinte:

Que para que o gentio descido do sertão, e os mais que existiam então, melhor se conservassem nas aldêas; havia el-rei por bem que elles fossem senhores de suas fazendas, como o eram no sertão, sem que nem a elles, nem sobre seus bens, se lhes podesse fazer molestia alguma; devendo antes o governador, com parecer dos religiosos, assignar-lhes terras para suas lavouras, das quaes não poderiam ser mudados contra sua vontade, nem pagariam tributo algum, ainda que anteriormente se houvessem dado a pessoas particulares em sesmaria, porque na concessão destas se reserva sempre o prejuizo de terceiro, e de nenhum se devia reservar mais que o prejuizo e direito

dos indios—primarios e naturaes senhores das ditas terras.

Lei do 1.º de abril do dito anno. [1]—Recapitula as disposições da lei de 9 de abril de 1655, e de outras com as quaes os reis antecedentes procuraram atalhar os inconvenientes dos captiveiros illicitos; mas havendo sido inefficazes todas essas providencias, e continuando pelo contrario os escandalos e excessos, com que se impedia a conversão da gentilidade; e mostrando a experiencia de cada dia que supposto sejam licitos os captiveiros por justas rasões de direito em alguns casos exceptuados nas leis anteriores; todavia são de maior ponderação as rasões que militam em contrario para os prohibir absolutamente, cerrando-se assim a porta aos pretextos, simulações e dolos, com que a malicia, abusando dos casos em que os captiveiros eram justos, introduzia os injustos, enlaçando-se as consciencias, não sómente em privar da liberdade áquelles a quem a communicou a natureza, e que por direito natural e positivo são verdadeiramente livres; senão nos meios illicitos de que usavam para este fim; ponderada a materia

[1] Estas duas disposições do 1.º de abril, em alguns outros indices e auctores trazem a data ora de 4, ora de 10 do mesmo mez. A diversidade provém naturalmente de erros de imprensa ou de copia.

em conselho, com a madureza que pedia a importancia della, houve el-rei por bem decretar;

Que, renovada a disposição da antiga lei de 30 de julho de 1609, com a provisão nella citada de 5 de julho de 1605, dali por diante se não podesse captivar indio algum em nenhum caso, nem ainda nos exceptuados nas ditas leis, derogadas nesta parte sómente.

Que se alguma pessoa de qualquer qualidade ou condição, captivasse ou mandasse captivar indios, sob qualquer titulo ou pretexto, o ouvidor geral do estado a fizesse immediatamente prender, sem lhe conceder homenagem ou fiança, e com os autos que formasse, a remettesse no primeiro navio para o reino, afim de el-rei a mandar castigar como merecesse.

Que o dito ouvidor fizesse immediatamente pôr em liberdade os indios assim captivados, mandando-os para as aldêas dos indios catholicos e livres.

Que o governador, o bispo e os prelados das religiões do estado, déssem sempre conta a el-rei, por intermedio do conselho ultramarino, e da junta das missões, das transgressões desta lei, e de todas as noticias que sobre esta materia viessem a seu conhecimento, afim de se prover convenientemente na observancia da mesma lei.

Que succedendo mover-se guerra defensiva ou offensiva a alguma nação de indios do estado, nos casos em que é permittido faze-la; os indios que nella fossem tomados, ficariam sómente prisioneiros, como os inimigos que se tomam nas guerras da Europa,

Que sómente o governador os repartisse, como julgasse mais conveniente ao bem e segurança do estado, pelas aldêas dos indios livres, onde se podessem reduzir á fé, e servir o estado, conservando-se na sua liberdade, e com bom tractamento.

Que fossem severamente castigados os que lhes fizessem qualquer vexação, e com maior rigor aquelles que a fizessem, no tempo em que delles se servissem, por se lhes haverem dado na repartição.

Lei de 2 de setembro de 1684.—Concedia a administração dos indios descidos do sertão aos moradores do Maranhão; mas não se chegou a praticar, por se offerecer outro meio mais conveniente, segundo diz a lei posterior de 19 de fevereiro de 1696, onde vem citada. A causa real porém da suspensão desta lei foi sem duvida a revolução que no principio desse mesmo anno rebentou na capitania do Maranhão.

E com effeito, já desde 1681 o desgosto da população se havia aggravado, com uma grande distribuição de indios fôrros feita no Pará, em execução das leis de 1680 que aboliram o captiveiro de um modo absoluto, e cuja auctoridade e sancção se ia assim consolidando pela pratica. Expediram os povos novos

procuradores para o reino; e foi por ventura em satisfação ás suas reclamações que se expediu a lei, depois sustada, de 2 de setembro de 1684. Mas como a revólta do Maranhão tinha sahido das proporções ordinarias, expulsando os sublevados não sómente os padres da companhia, mas depondo o governador geral, e prendendo o capitão-mór, tomou-se afinal outro acordo, que foi o de sopear a revólta, para cujo fim veio o general Gomes Freire de Andrade com poderes extraordinarios. Vencidos os rebeldes, processados e justiçados os seus chefes, e restituidos os jesuitas aos seus collegios e missões, se recomeçou de novo a legislar sobre essa interminavel questão de indios.

Regimento de 21 de dezembro de 1686, sobre as missões do Grão-Pará e Maranhão.—Este regimento não vem em nenhuma das collecções de leis que conhecemos. Foi impresso em Lisboa, por Antonio Manescal, em 1724, em um vol. in fol. com muitas outras leis e provisões anteriores relativas a semelhante objecto. Não nos foi possivel alcançar este volume; mas do extracto que fez do dito regimento o desembargador Seabra na—*Deducção Chronologica*—Tom. 1.º, pags. 442 e 443, vê-se que os jesuitas abusaram grandemente da sua victoria, fazendo decretar em nome d'el-rei:

1.º Que os padres da companhia tivessem o governo, não só espiritual que d'antes tinham, senão o politico e o temporal das aldêas de sua administração.

2.º Que os indios teriam dous procuradores, um na cidade de S. Luiz, e outro na de Belem.

3.º Que o superior das missões proporia dous sujeitos para cada um dos ditos logares, para dos dous escolher o governador um.

4.º Que estes procuradores se haviam de regular pelo regimento que lhes faria o superior das missões com conselho dos padres missionarios das aldêas.

5.º Que nas ditas aldêas não poderiam assistir nem morar outras algumas pessoas, mais que os indios com suas familias, pelos damnos que os estranhos sempre faziam nellas, devendo o governador mandar expulsar quaesquer brancos ou mamalucos que nellas morassem ou assistissem.

6.º Que se depois desta prohibição, que se faria publica por editaes e bandos, tornassem lá a voltar, sendo peões, seriam açoitados publicamente pelas ruas da cidade, e sendo nobres, degradados por cinco annos para Angola, e em um e outro caso sem appellação.

Carta regia da mesma data (21 de dezembro de 1686) dirigida ao governador Gomes Freire de Andrade.

Mánda repôr nas suas aldêas e roças os indios que dellas foram tirados pelo levantamento da cidade de S. Luiz, e dispõe novas missões de padres da companhia, e capuchos de Sancto Antonio para o Cabo-do-Norte, com a separação necessaria (diz a carta regia) em ordem a evitar ciumes e discordias entre as duas religiões.

O alvará de 28, outros dizem de 24 de abril de 1688 revogou a lei de 1.º de abril de 1680, suscitando em parte a de 9 de abril de 1655.

Os de 6 e 17 de janeiro de 1691 prohibem captivar os indios, e dão providencias sobre o seu resgate. A respeito destas leis, é tudo quanto se collige dos indices que as citam.

Carta regia de 19 de fevereiro de 1696, dirigida ao governador do estado do Brazil, e concedendo a administração dos indios livres, que tinham descido do sertão, aos moradores de S. Paulo, e seus descendentes, sob diversas condições, das quaes as mais importantes são as seguintes:

Dos indios, em numero competente, formar-se-hão

aldêas em sitios apropriados, com terras demarcadas para suas roças e fábricas, e dentro das ditas terras não poderão lavrar nem os moradores, nem os seus familiares.

Em cada aldêa haverá uma igreja ou ermida conforme o numero de indios, e uma casa decente para moradia do parocho ou cura d'almas.

Serão livres no temporal, mas obrigados a trabalhar e servir aos administradores, dividindo-se este trabalho a semanas, de maneira que uma servirão aos administradores, e outra ficarão nas aldêas para cuidar de suas roças e familias.

Os administradores lhes pagarão seus salarios no fim de cada semana, e sem isso não os poderão occupar outras.

Se os moradores de S. Paulo tiverem de ir ao sertão, só poderão levar metade dos indios robustos e proprios para a jornada, ficando a outra metade nas aldêas para cuidarem das suas roças e familias.

Estas jornadas ao sertão nunca excedam de tres a quatro mezes; e antes da partida, os moradores depositarão em mão do parocho metade do salario, segundo o tempo calculado, para sustento das familias, e pagarão a outra metade no regresso.

As indias nunca sahirão das aldêas, salvo em companhia de seus maridos, paes, ou afins que os substituirem, ou para crearem de leite, em casa dos administradores ou de outras quaesquer pessoas, precedendo, neste ultimo caso, licença do parocho, e sob con-

dição de se lhes pagar o seu salario, e de voltarem á aldêa, acabada a criação.

Se alguns indios casarem com negras escravas, e vice-versa, algumas indias, com negros escravos, constando que foi por suggestão dos senhores, com o fim de os tirarem das suas aldêas, e de os reduzirem á escravidão, ficarão os escravos livres em pena deste delicto, e poder-se-hão ir com os indios para as aldêas; mas ainda que tal suggestão não haja, e não obstante o casamento, não poderão sahir das aldêas nem as indias, nem os indios; e para o fim do matrimonio, lhes deputará o bispo dias certos, em que se possam juntar—como é de direito.

Compete ao bispo a nomeação dos parochos, sob apresentação dos administradores. No caso porém de rejeição de duas propostas successivas por falta de idoneidade dos clerigos e religiosos apresentados, o bispo fará a nomeação directamente. Tambem poderá remover os parochos a seu arbitrio.

Faltando a descendencia dos administradores, devolver-se-hão as aldêas á corôa; e no caso de querer esta fazer nova concessão, serão preferidos os collateraes dos administradores, com tanto que sejam moradores da villa de S. Paulo, ou de suas dependencias.

Ficou a arbitrio do governador o alterar as providencias meramente administrativas, e quaesquer circumstancias não substanciaes da liberdade dos indios, segundo conviesse aos administradores.

Resolução de 11 de janeiro de 1701— endereçada ao governador e capitão-general de Pernambuco— para que se não podessem comprar nem vender indios, senão em praça publica, nas cidades e villas; no sertão porém poder-se-hão fazer as vendas em presença e com auctoridade do juiz que houver, o qual inquirirá se o escravo tem duvidas á sua escravidão, e exigirá o titulo della; e sem esta averiguação a venda se não faça. Esta lei vem substanciada nas— *Memorias Historicas da provincia de Pernambuco*— pelo tenente Fernandes Gama.

Carta regia de 6 de dezembro de 1705 sobre missões do Maranhão.—Vem impressa na já referida collecção de Manescal, e apenas citada no *Indice* de João Pedro Ribeiro, sem mais esclarecimento que possa indicar o seu conteúdo. Mas nos *Annaes* de Berredo (n. 1452) vemos que o governador do estado do Maranhão, Christovam da Costa Freire, executou logo em seguida (1707) as leis sobre a liberdade de indios com tal severidade, e excitou com isso taes clamores e tamanhos descontentamentos nos povos, que para os apaziguar e compensar lhe foi mister expedir uma grande tropa de resgates ao sertão. Talvez a execução sevéra do governador tenha relação com a lei de 6 de dezembro, que quasi immediatamente a precedeu.

As mais disposições que mencionamos no principio deste livro e vão até a data da famosa bulla de Benedicto XIV versam em geral sobre missões, resgates, captiveiros e administrações de indios, e nem outra cousa além podemos colligir dos logares em que as encontramos citadas.

Porém a provisão de 12 de outubro de 1727 é assaz notavel, porque prohibe o uso da lingua geral, e manda ensinar a portugueza nas povoações, ao revez dos jesuitas que queriam e faziam justamente o contrario d'isto.

Foi sem duvida contristado pela vergonhosa instabilidade e perpetua contradicção de tantas leis, que favoneavam ora o principio da liberdade, ora o da escravidão, e pungido pelos escandalos ainda maiores da sua execução, em que os bons principios nellas inseridos eram constantemente fraudados, quando não abertamente violados, que Benedicto XIV promulgou a bulla—*Immensa pastorum principis*—datada em 20 de dezembro de 1741, e dirigida aos bispos do Brazil, e mais dominios portuguezes na America, e Indias Occidentaes.

Depois de commemorar os grandes sacrificios e dispendios de cabedal e riqueza, e do thesouro das graças, feitos para reduzir os infieis á luz orthodoxa, acrescenta o sancto-padre que não podia ouvir sem dôr

gravissima que ainda houvesse, principalmente nas regiões do Brazil, homens que fazendo profissão da fé catholica, viviam, nada menos, tam alheios á charidade infusa pelo Espirito-Sancto em nossos corações e sentidos, qne reduziam a captiveiro, vendiam como escravos, privando-os ao mesmo tempo de todos os seus bens, não sómente os miseraveis Indios ainda não alumiados pelo evangelho, senão até aquelles que já se achavam baptisados, e habitavam os sertões do Brazil, atrevendo-se a tracta-los com uma barbaridade tal, que apartando-os de virem buscar a fé de Christo, os endurecia pelo contrario no odio que por aquelles motivos haviam contra ella concebido; e tudo isso não obstante as admoestações e constituições apostolicas dos pontifices, seus predecessores, nas quaes haviam ordenado que se soccorressem os infieis no melhor modo; prohibindo, debaixo de sevéras penas e censuras ecclesiasticas, que se lhes fizessem injurias, que se lhes déssem açoites, que fossem mettidos em carceres, que os sujeitassem emfim á escravidão, e se lhes maquinasse ou fosse dada a morte. E pois que havia a sancta-sé obtido da eximia piedade de el-rei D. João V, de Portugal, a segurança de que ordenaria a todos e a cada um dos ministros dos seus dominios que castigassem com as penas estabelecidas nas suas leis todos os que fossem culpados de exceder com os indios a mansidão e charidade que prescrevem os preceitos evangelicos; exhortava por isso elle sancto-padre os bispos a que, penetrados de nobre

emulação, buscassem exceder o zêlo e charidade dos ministros do poder secular no soccorro e protecção com que se devia acudir aos indios, e conduzi-los ao gremio da igreja catholica.

Além de que, de auctoridade apostolica, renovando e confirmando os breves de Paulo III, e Urbano VIII, e insistindo nas suas disposições, para reprimir a ousadia e impia temeridade de todos aquelles que avexavam os indios tam deshumanamente, ordenava e mandava o sancto-padre a todos os bispos, e seus successores para que todos, e cada um de per si, assistissem aos indios com o soccorro de uma efficaz protecção, mandando affixar editaes publicos, pelos quaes apertadamente se prohibisse, sob pena de excommunhão *latæ sententiæ* (da qual não poderiam ser os transgressores absolutos, senão pela sancta-sé, salvo em artigo de morte, e dando primeiro uma competente satisfação) que qualquer pessoa, secular ou ecclesiastica, de qualquer estado, sexo, condição, grau ou dignidade que fosse, se attrevesse dali por diante a fazer escravos os referidos indios, a vende-los, compra-los, troca-los, da-los, separa-los de suas mulheres e filhos, despojando-os de seus bens e fazendas, e levando-os para outras terras, e por qualquer modo priva-los da sua liberdade, e rete-los em escravidão; nem tam pouco ousasse alguem dar conselho, auxilio, favor e ajuda aos que isto fizessem, sob qualquer côr ou pretexto, ou prégar e ensinar que os referidos factos são licitos; podendo aggravarem-se as penas

aos transgressores que reincidissem, invocando-se até, se fosse necessario, o auxilio do braço secular contra elles.

Não será fóra de proposito observar aqui que posto fosse este breve expedido desde 1741, e de acordo com el-rei D. João V, não veio todavia a ser publicado senão em 1757, em pastoral de 29 de maio do bispo do Pará D. Frei Miguel de Bulhões, posteriormente á promulgação das famosas leis de liberdade d'el-rei D. José, e quando se achava já travada a luta, que deu em resultado a expulsão dos jesuitas.

Regimento de 13 de outubro de 1751, dado á relação do Rio de Janeiro.—Reproduz no § 28 T. 2º as mesmas disposições a favor dos indios, que já vimos no § 21 do regulamento de 12 de setembro de 1652, dado á relação da Bahia.

Alvará de 4 de abril de 1755.—Considerando el-rei a grande conveniencia de se povoarem os seus dominios da America, e o quanto para tal fim podia concorrer a communicação com os indios por meio do casamento, foi servido declarar:

Que os seus vassallos do reino, e da America que casassem com indias, não ficariam por isso com in-

famia alguma, antes se fariam dignos da sua real attenção.

Que nas terras em que se estabelecessem, seriam preferidos para os logares e occupações que coubessem na graduação das suas pessoas.

Que seus filhos e descendentes seriam habeis e capazes de qualquer emprego, honra ou dignidade, sem necessitarem de despensa alguma, motivadas destas allianças, gosando do mesmo favor as contrahidas antes desta lei,

Que fossem as suas disposições tambem applicaveis ás portuguezas que casassem com indios.

Que quando alguns filhos e descendentes destes matrimonios trouxessem alguns requerimentos perante el-rei, lhe fizessem saber esta qualidade, para em rasão della attende-los mais particularmente.

Que aos vassallos casados com indias, ou a seus descendentes ficava rigorosamente prohibido dar o nome de *caboucolos*, ou outro semelhante, que se podesse haver por injurioso; pena aos contraventores, precedendo queixa da parte injuriada, de desterro para fóra da comarca, dentro de um mez, sem appellação nem aggravo, até mandar el-rei o contrario.

Lei de 6 de junho de 1755.—Mandando el-rei examinar em conselho, e por pessoas doutas e zelosas, as verdadeiras causas por que, desde o descobrimento do Grão-Pará e Maranhão não se tinham multiplicado e civilisado os indios daquelle estado, desterrando-se delle a barbaridade e gentilismo, propagando-se a

doutrina christã, e o numero dos fieis allumiados pela luz do evangelho, servindo a sua prosperidade, fortuna e commodos de estimulo aos que viviam dispersos pelos matos para virem buscar na sociedade por meio dos bens temporaes a bem-aventurança eterna, unindo-se ao gremio da igreja; e muito pelo contrario se via que havendo descido dos sertões muitos milhões de indios, foram sempre mingoando, de modo que era então muito pequeno o numero das povoações e dos moradores dellas; vivendo ainda estes poucos em tamanha miseria, que em vez de convidarem e animarem os barbaros a imitarem o seu exemplo, lhes serviam de estimulo para se embrenharem cada vez mais, com prejuizo da salvação de suas almas, e grave damno do estado, e dos moradores, a quem de todo falleciam braços para ajuda-los na cultura das suas terras: foi assentado pela generalidade dos votos que a causa de tudo isso estava em não se haver mantido e guardado aos indios a liberdade que a seu favor haviam declarado os summos pontifices, e os reis passados em muitas e diversas leis; cujas disposições foram sempre cavilladas pela cobiça dos interesses particulares, até que el-rei D. Pedro II promulgou a lei do 1º de abril de 1680, cuja integra se transcreve. (Já ficou substanciada a pag. 306, e seguintes.)

E porquanto o tempo foi cada dia demonstrando os justos fundamentos desta lei, que restituiu aos indios a sua antiga e natural liberdade, fechando a porta ás impiedades e malicias com que, (sob pretexto dos

casos, em que, antes e depois della, se permittiu o captiveiro, se captivaram os referidos indios, sem mais rasão que a cobiça e a força dos oppressores, e a rusticidade e fraqueza dos opprimidos: foi el-rei servido, com o parecer das ditas pessoas e ministros, revogar todas as leis, regimentos e ordens, que desde o descobrimento até aquella data, haviam, ainda em certos casos particulares, estabelecido a escravidão dos indios; renovando e excitando pelo contrario a observancia da sobredita lei de 1680, com as ampliações, restricções e declarações seguintes:

Que á respeito dos indios que ao tempo da publicação desta lei se achassem dados por via de repartição, ou ainda por administração, se observassem as disposições do alvará de 10 de novembro de 1647; (é o que está substanciado á pag. 289) declarando-se por editaes postos nos logares publicos das cidades de Belem e S. Luiz—que os indios, como livres e isentos de toda a escravidão, podiam dispôr de suas pessoas e bens como melhor lhes parecesse, sem outra sujeição temporal mais que a que devem ter ás leis do reino, como os demais subditos delle, nos quaes ficavam encorporados os ditos indios, sem distincção ou excepção alguma, para gosarem de todas as honras, privilegios e liberdade de que elles gosam.

Que a disposição antecedente se applicasse tambem aos indios que estivessem possuidos como escravos, observando-se mais particular e inviolavel-

mente á respeito destes o § 9º da lei de 10 de setembro de 1611. (Vide a pag. 283).

Que desta generica disposição fossem sómente exceptuados os oriundos das pretas escravas, para serem conservados no dominio de seus senhores, emquanto el-rei não désse outra providencia sobre a materia.

Porém para que com este pretexto se não retenham no captiveiro os indios verdadeiramente livres, ficava estabelecido que os beneficios dos editaes supramencionados se estendessem a todos os que andassem reputados por indios, ou que taes parecessem, [1] sendo todos havidos por livres, sem mais outra prova que a que resultava em seu favor da presumpção de direito divino, natural e positivo, que está pela liberdade, emquanto por outras provas plenas e taes, que bastem a illudir esta presumpção, se não mostrasse que effectivamente eram escravos, incumbindo sempre no encargo da prova os que requererem contra a liberdade, ainda sendo réus.

Que os respectivos processos corressem breve e summariamente, julgando-se de plano, e pela verdade sabida; e que preparados os autos pelos ouvido-

[1] O P. Antonio Vieira, em carta escripta da Bahia ao marquez mordomo-mór, em data de 5 de agosto de 1654 (é a 94ª do tom. 2º) diz que—se se mostra que o indio é de cabello corredio, é posto logo em liberdade, por jurisprudencia antiquissima da relação daquella cidade, ainda que a posse do senhor seja immemorial, e transmittida de paes a filhos.

res geraes em suas respectivas jurisdicções, fossem propostos em uma junta, composta do governador, do bispo diocesano, dos quatro prelados maiores das missões, (a saber, da companhia de Jesus, do Carmo, das Mercez, e dos capuchos de Sancto-Antonio) do dito ouvidor geral, do juiz de fóra, e do procurador dos indios.—As decisões se tomariam á pluralidade de votos, não as podendo haver comtudo sem tres votos conformes pelo menos. Em caso de empate, seria a decisão pela liberdade.

Que destas sentenças só poderia recorrer-se no effeito devolutivo para o tribunal da mesa da consciencia e ordens, onde estas causas seriam vistas e sentenciadas de preferencia a quaesquer outras.

Que logo á publicação desta lei, ouvindo o governador e capitão-general do estado os ministros letrados da cidade de Belem, bem como o governador e ministros da cidade de S. Luiz, e os officiaes das suas respectivas camaras, estabelecesse aos referidos indios os jornaes necessarios para se alimentarem e vestirem, segundo as suas differentes profissões; conformando-se com o que a tal respeito se pratica em Portugal, e mais reinos da Europa, a saber, tenha de salario o indio, simples trabalhador, o dôbro do que se calcular, segundo os preços da terra, que lhe é mister para seu diario sustento; e o artifice, outro tanto, e mais metade, do que vence o trabalhador.

Que estes jornaes fossem pagos aos sabbados de cada semana, em panno, ferramenta, ou dinheiro,

como melhor conviesse ás pessoas a quem eram devidos, procedendo-se por elles verbal e executivamente:

E porque não bastaria, para se restabelecer e adiantar o estado, que os indios fossem restituidos á liberdade de suas pessoas, se com ella se lhes não garantisse tambem o livre goso e disposição de seus bens, que até então se lhes havia impedido com manifesta violencia, havia el-rei por bem que a tal respeito se executasse logo a disposição do § 4º do alvará do 1º de abril de 1680, em virtude do qual gosariam da plena propriedade de seus bens, e se lhes destribuiriam terras em logares convenientes, e ainda as já concedidas em sesmaria, vista a preferencia que lhes competia, como primarios e naturaes senhores dellas. (Vide a pag. 305).

E renovada assim a dita disposição, em toda a sua plenitude, o governador e capitão-general do estado fizesse incontinenti erigir em villas as aldêas que tivessem o competente numero de indios, e as mais pequenas, em logares: repartindo pelos mesmos indios as terras adjacentes; seguindo-se nestas fundações e repartições, quanto fosse possivel, a policia ordenada para a fundação da villa de S. José do Rio-Negro; sustentando-se os indios no dominio e posse das terras que se lhes demarcassem, para que as lograssem perpetuamente, por si e seus descendentes; e castigando-se emfim com toda a severidade das leis, os que, abusando da sua simplicidade, os perturbassem na mesma posse e cultura.

E porque os indios que ainda vagueavam pelos sertões mais remotos, difficilmente se persuadiriam a descer para as povoações já estabelecidas, mandava S. M. que mesmo a esses sertões se dilatasse a prégação do evangelho, estabelecendo-se nellas aldêas; erigindo-se igrejas, e convocando-se missionarios que os instruissem na fé, e lhes ministrassem o pasto espiritual.

E porque a experiencia de tantos annos havia mostrado que só estes meios espirituaes, desacompanhados dos recursos meramente temporaes, não bastavam para a perfeita civilisação dos indios; houvesse o governador de applicar o maior cuidado na sua instrucção civil, exhortando-os, e animando-os a cultivarem as terras, e permutarem os fructos e drogas que ellas produzem, com os habitantes dos logares maritimos, afim que, na frequencia do tracto e communicação, fossem deixando seus barbaros costumes, em proveito commum delles e dos moradores, não menos que do estado, cuja riqueza devia necessariamente medrar por meio deste commercio.

Alvará de 7 de junho de 1755.—Havendo-se restituido aos indios do Grão-Pará e Maranhão a liberdade das suas pessoas, bens e commercio, pela lei antecedente; mas não sendo possivel dar-lhe real execução, tornando effectiva a liberdade concedida

aos mesmos indios, se ao mesmo tempo se não estabelecesse para rege-los uma fórma de governo temporal, certa, invariavel e accommodada aos seus costumes, no que fosse rasoavel, licito e honesto, porque assim seriam mais facilmente attrahidos á fé e ao gremio da igreja; e sendo por outra parte prohibido por direito canonico a todos os ecclesiasticos o ingerirem-se no governo secular que, como tal, é absolutamente alheio das obrigações do sacerdocio; e ligando esta prohibição mais apertadamente os parochos das missões que eram membros das diversas ordens religiosas, sobretudo os da companhia de Jesus que, por força de voto, são incapazes de exercitar no fôro externo até a mesma jurisdicção ecclesiastica; e os capuchos, cuja indispensavel humildade é incompativel com o imperio da jurisdicção civil e criminal; não tendo podido até então, e não podendo certamente para o diante prosperar o estado no meio de uma tam desusada e impraticavel confusão de jurisdicções tam incompativeis, como o são a espiritual e temporal, seguindo-se de tudo a falta de administração da justiça, sem a qual não ha povo que possa subsistir; ouvido o parecer dos do conselho, e de outras pessoas doutas, pias e zelozas do serviço, foi el-rei servido decretar:

Que ficasse derogado o capitulo 1º do regimento das missões do dito estado, de 21 de dezembro de 1686, e todos os mais capitulos, leis, resoluções, que em contrario ás disposições canonicas, constituições

apostolicas, e ao presente alvará, permittissem aos missionarios o involverem-se no governo temporal, de que são incapazes.

E que pelo contrario ficasse em seu inteiro vigor a lei estabelecida sobre esta materia em 12 de setembro de 1663. (Vide a pag. 300)

Que outrosim nas villas fossem preferidos para juizes ordinarios, vereadores e officiaes de justiça, os indios naturaes dellas, e dos seus respectivos districtos, havendo-os idoneos; sendo as aldêas independentes das villas, governadas pelos seus respectivos principaes, e tendo estes por subalternos os sargentos-móres, capitães, alferes e meirinhos das suas nações; recorrendo delles as partes que se considerassem aggravadas para os governadores e ministros de justiça, que sem duvida lh'a fariam segundo as leis.

Alvará de 8 de maio de 1758, ampliando a todo o estado do Brazil as disposições das leis anteriores de 6 a 7 de junho de 1755, decretadas especialmente para as capitanias do Pará e Maranhão.

Alvará de 17 de agosto de 1758, confirmando o directorio dos indios do Pará e Maranhão, organisado

em 3 de maio do anno precedente de 1757, pelo governador e capitão-general do dito estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Este directorio ou regimento, com noventa e cinco artigos ou §§, é mais importante pelas noticias que ministra acerca dos costumes e do estado social dos indios naquella epocha, do que pelas disposições administrativas que encerra.

Da primeira parte faremos menção quando tractarmos das missões, e dos seus resultados; quanto á segunda, eis em substancia as disposições mais dignas de memoria:

Haverá em cada povoação de indios um director da nomeação do governador, o qual será sujeito dotado de bons costumes, zelo, prudencia, verdade, sciencia da lingua, e de todos os mais requisitos necessarios para poder desempenhar com acerto os seus importantes deveres.

Só terá a jurisdicção directiva, e não coactiva, que pertence a seus juizes, vereadores e principaes, creados pela lei de 6 de junho. O director poderá sómente admoestar estes officiaes a que cumpram seus deveres, e se forem incorrigiveis, participa-lo-ha ao governador.

Deverá auxiliar o prelado e os parochos na catechese de indios.

Haverá em cada povoação duas escholas, uma para meninos, e outra para meninas, nas qnaes se lhes ensine a doutrina christã, ler, escrever e contar, e

além disso, ás meninas, fiar, fazer renda, costura, e todos os mais misteres proprios do seu sexo. O director terá especial cuidado em vulgarisar a lingua portugueza, não consentindo que se use de outra nas escholas; e em desterrar a chamada geral, invenção verdadeiramente abominavel e diabolica, para os conservar na barbaridade.

Não havendo na povoação pessoa alguma idonea para mestra de meninas, aprenderão estas até a idade de dez annos, simultaneamente com os meninos. As escholas serão sustentadas á custa dos indios, e conforme suas posses.

O director promoverá as diversas culturas e o commercio, estimulando os indios ao trabalho e misteres da vida civilisada, excitando nelles o amor da propriedade e das riquezas, e procurando ao mesmo tempo desterrar o costume de andarem nús, e os vicios de embriaguez e ociosidade, dando conta ao governador dos que forem laboriosos, ou negligentes e preguiçosos, para serem uns e outros premiados, ou castigados, segundo os seus merecimentos e culpas, havendo-se em tudo com brandura, suavidade e prudencia, em ordem a não afugenta-los.

Manterá inviolavelmente os privilegios aos indios nobres e officiaes que exercitarem os diversos cargos nas povoações.

Cuidará em desterrar das mesmas povoações o diabolico costume de se não pagarem dizimos dos fructos da terra, que em signal de supremo dominio, re-

servou Deus para si e para seus ministros, fazendo sentir aos indios que devem pagar a decima parte de todos os fructos que colherem, e de todos os generos que adquirirem, afim de que o mesmo senhor abençôe e prospere as suas lavouras e trabalhos.

Além dos dizimos, pagarão os indios aos seus directores, em remuneração do trabalho destes, mais a sexta parte de todos os fructos que cultivarem, e generos que adquirirem, inclusive os comestiveis de que fazem venda e commercio.

Diversas providencias sobre a arrecadação dos dizimos, commettidas aos directores e outros funccionarios.

Vigiem os directores não sejam os indios lesados no seu commercio: assistam aos negocios que elles fizerem, regulando com justiça o preço dos generos, e valor das fazendas porque as trocarem, e tolhendo que as recebam, ou prejudiciaes, como a aguardente, ou inuteis, e não conformes á sua condição e geral pobreza.

Promovam o uso dos pesos e medidas.

Haverá um registro de todas as vendas e permutas que se fizerem, escripto pelo escrivão da camara, e em sua falta, pelos mestres das escholas, de que se extrahirá lista para ser annualmente remettida ao governador.

O commercio, ou a compra, transporte e venda das diversas mercadorias, será feito por pessoas para isso deputadas, attenta a notoria incapacidade dos indios

para procederem por si a quaesquer operações mais complicadas. Regras estabelecidas a tal respeito. Aos directores fica absolutamente prohibido o commercio com elles.

Serão os indios divididos em duas partes iguaes, uma das quaes se conservará sempre nas povoações, assim para defeza do estado, como para todas as mais diligencias do real serviço; e a outra, se repartirá pelos moradores, afim de esquiparem as canôas que vão buscar drogas ao sertão, e ajudarem-n'os na cultura do tabaco, assucar, algodão e mais generos.

Serão matriculados como capazes de trabalho todos os índios de treze até sessenta annos de idade, havendo para isso dous livros.

Os indios não poderão ser empregados no serviço particular dos moradores, fóra das suas respectivas povoações, sem expressa licença do governador do estado.

Os moradores, que receberem indios, depositarão immediatamente a importancia do seu salario, segundo o tempo de trabalho ajustado, nas mãos do respectivo director. Os indios porém só receberão uma terça parte adiantada, ficando as duas em deposito, para as receberem no fim do trabalho. Se porém desertarem antes de findo o tempo, restituir-se-hão as ditas duas partes a seu dono, salvo se elle houver dado causa á deserção, porque então até as pagarão em dôbro.

O director promoverá o estabelecimento de casas

de camara e cadêas, e persuadirá os indios a que levantem casas decentes.

Cada povoação deverá ter cento e cincoenta habitantes pelo menos, pois não convém á policia e civilisação dellas, que sejam demasiadamente pequenas.

Para fornece-las incessantemente de novos indios, promover-se-hão os descimentos do sertão, por via dos seus officiaes, e á custa da real fazenda, sob a inspecção superior do director.

Abolida a antiga e odiosa prohibição, serão os brancos moradores do estado admittidos a residir nas povoações indias, com tal que sejam de bom comportamento, e apresentem licença do governador. E nas mesmas povoações poderão levantar casas, e cultivar as terras que se lhes derem, sem prejuizo dos indios, primarios e naturaes senhores dellas.

O director envidará todos os seus esforços para fazer cessar a odiosa distincção até então observada entre indios e brancos, persuadindo e obrigando a estes que usem de bons termos para com aquelles, e respeitem todos os seus privilegios, sob pena de expulsão. A esse intento, promoverá os casamentos entre uns e outros.

Se porém, contrahidas estas allianças, uns conjuges despresarem os outros, por serem indios, o director participa-lo-ha incontinenti ao governador, para serem castigados os culpados, como fomentadores dos antigos prejuizos e discordias, e perturbadores da paz e união publica.

Em geral, deverão os directores considerar-se tutores dos indios, emquanto estes se conservarem na barbara rusticidade em que foram educados; e usem com elles, sempre que for possivel, da maior brandura e mansidão, mórmente no que toca á reforma dos seus vicios e costumes, não succeda que, pungidos da violencia, se façam de novo aos matos, onde renovem todos os erros e abominações do paganismo.

Carta regia de 12 de maio de 1798.—Aboliu o directorio que fica substanciado, e mandou que os indios, iguaes em tudo aos demais subditos, fossem livres de guiar-se nas suas relações civis como melhor entendessem.

Carta regia de 18 de agosto de 1803.—Isentou os indios do serviço particular, e de arrecadação dos dizimos, na capitania do Maranhão. Vem citada á pag. 337 do *Compendio-Historico* de Gayoso.

Carta regia de 13 de maio de 1808.—Declara guerra offensiva aos Botocudos de Minas-Geraes, por ser a defensiva ineficaz, para rebater ás suas aggressões.

São ferozes, anthropophagos, e até bebem o sangue aos que matam. Dure a guerra em quanto não forem submettidos. Os prisioneiros ficarão a serviço do commandante que os aprisionar, por espaço de dez annos.—Poderão ser castigados e postos a ferros.

Carta regia de 2 de dezembro de 1808, dirigida ao governador de Minas-Geraes, providenciando sobre o aldeamento de quinhentos indios Puris que se haviam apresentado, depois da expulsão dos Botocudos, e ordenando que se pratique a mesma cousa com outros quaesquer que se apresentem em grande numero. Deviam pagar o imposto do dizimo para os seus capellães durante dez annos; e dahi por diante para a real fazenda. Os que se estabelecerem nas fazendas dos lavradores, sirvam a estes.

Carta regia de 28 de julho de 1809, dirigida ao mesmo governador, com instrucções em vinte um artigos para o aldeamento dos indios Puris e Xamixunas, sob a auctoridade de um director, que os persuadisse á agricultura, e promovesse a instrucção civil e religiosa da mocidade. Não poderão os indios sahir da aldêa sem licença. Estarão sob a tutella do director e capellão. Nas faltas leves, poderão ser castigados com

penas moderadas, e brandas correcções; nos crimes mais graves, porém, serão remettidos ás justiças ordinarias. Reproduz algumas das disposições da carta regia anterior.

Não tractamos neste logar dos regimentos de 15 de janeiro de 1698, 13 de agosto de 1745, e 11 de maio de 1774, citados em uma memoria do sr. brigadeiro Machado de Oliveira, impressa em um dos numeros da *Revista do Instituto Historico* porque versam particularmente sobre a administração economica e interna das aldêas, de que pretendemos tractar em outra parte. E omittimos tambem o regulamento de 25 de julho de 1845, que creou directores geraes e parciaes, e deu outras muitas providencias sobre indios, porque, assim como varias outras medidas connexas, pertence aos tempos modernos, cuja apreciação não entra pelo emquanto no plano de trabalho que temos emprehendido.

Eis-ahi quanto nos foi possivel fazer nesta materia; e sem lisongearmo'-nos de haver pelo menos indicado todas as leis promulgadas ácerca della; é certo que nem metade destas vem apontadas nas diversas memorias e trabalhos que a tal respeito havemos visto, e tem publicado a *Revista* do nosso Instituto-Historico.

Accresce que dispozemos todas estas leis pela ordem das suas datas, quando nas collecções existentes essas datas se acham invertidas, e incluidas umas leis em outras, que as suscitam ou revogam, sem attender-se na collocação ao tempo da sua promulgação, por maneira que se tornava difficil atinar com ellas.

De resto, é bem de presumir que tanto as leis citadas que não podemos alcançar, como aquellas de que não temos noticia alguma, não sejam mais do que a expressão ou repetição das outras, attenta á pouca novidade que se nota nesta legislação durante o espaço de quasi tres seculos. Os principios eram constantemente os mesmos, e toda a variedade consistia na frequente substituição de uns por outros, segundo dictavam os interesses e paixões em vóga na corte portugueza, sempre fluctuante e incerta nos seus designios.

Na parte propriamente historica, desdobrada a longa têa dos acontecimentos, narrados os factos, e retratadas as personagens que nelles figuram, conheceremos melhor as causas dessa perpétua contradicção no espirito das leis, por meio da sua propria applicação e execução.

LIVRO VII.

INDIOS E JESUITAS.

I.

Idéa geral das missões. Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus. Theor de vida, doutrinas, e principios do mestre e dos primeiros discipulos. Missão de S. Francisco Xavier ao Oriente.

Acabámos de ver os principios que regulavam ou deviam regular a escravidão e a liberdade das raças indigenas, e traçavam as relações e condições em que ellas deviam achar-se para com a raça invasora, quer na paz, quer na guerra; para mais completa e perfeita intelligencia desses principios, cumpre agora vê-los em acção, isto é, como se executavam, embaraçavam, sophismavam e fraudavam essas innumeraveis leis, de resto tam pouco estaveis e tam repugnantes entre si, quanto infecundas, pelos germens de

morte e dissolução que a falsidade e a iniquidade introduziram desde a origem no seu seio.

Este exame é nada menos que a história do antigo regimen colonial, considerado por uma das suas faces mais notaveis e constantes; história restricta e especial, é certo, mas varia e copiosa nos successos e nos homens, abrangendo no seu plano o assumpto immenso das missões, e dos jesuitas, que no Brazil quasi exclusivamente as personificavam, e eram os missionarios por excellencia.

Comecemos pois por dar uma idéa geral das missões, e uma noticia mais ampla dessa ordem célebre, composto formidavel de vida e de morte, de luz e de sombra, que n'uma existencia quasi ephemera de dous seculos, deixou cheio o universo do ruido do seu nome e das suas obras, não menos que das suas ruinas.

Propagado geralmente o christianismo em todo o continente europeu, as diversas congregações religiosas, sentindo-se desfallecer no proprio sólo, á mingoa de elementos em que exercessem a sua vigorosa actividade, conceberam a idéa grandiosa de dilatar a fé pelas mais partes do globo, enviando seus membros a prega-la aos infieis e aos selvagens. Os cultos pagãos (diz Chateaubriand) nunca conheceram o enthusiasmo divino que abrasa os apostolos do evangelho;

e os mesmos philosophos antigos nunca deixaram as avenidas do Academo, e as delicias de Athenas, para irem humanisar o selvagem, instruir o ignorante, curar o enfermo, vestir o pobre, e trazer á concordia e á paz as nações revôltas e inimigas. Este é entretanto o officio quotidiano dos religiosos christãos, a quem nunca impediram os passos nem o mar nem a terra, nem os gelos do pólo, nem os fógos do tropico.—Não ha canto remoto e escuso nos continentes, nem ilha ou rochedo perdido no meio do Oceano que o seu zelo não registrasse; e assim como já outr'ora á ambição de Alexandre, faltou a terra em nossos dias á sua caridade immensa. Era necessario penetrar no coração da espessura, vadear brejos insalubres, atravessar rios profundos, galgar montanhas inaccessiveis; cumpria affrontar póvos crueis, supersticiosos e desconfiados, superando em uns a ignorancia da barbarie, em outros os preconceitos da civilisação. Tudo fizeram os missionarios, nenhum obstaculo foi cabal a suspende-los.

«Troca alguns dias de vida transitoria por seculos «de gloria, illustra o seu nome, e attinge ás honras «e ás riquezas o homem que á vista de um povo in«teiro, dos amigos, e dos parentes, affronta a morte «pela patria. Mas com que palavras se hão de no«mear e glorificar a morte e o sacrificio do missio«nario que ou gasta a vida na aspereza das brenhas, «ou expira nas torturas do suplicio, sem espectado«res, sem applausos, sem vantagens terrenas para «os seus, obscuro, despresado, havido talvez por

«louco e por fanatico, e tudo isto para remir da con-«demnação eterna alguns selvagens desconhecidos?»

Bellas e nobres palavras sem duvida, sahidas de uma boca formada para soar as cousas grandes, bellas e nobres, [1] como devia de ser essa republica evangelica do Paraguay, reliquia da antiguidade, modelada pelas leis de Minos e de Licurgo, surgindo á voz de Deus ou de seus ministros, das profundezas de um deserto do Novo-Mundo! Mas se estas palavras não são exageradas quando as applicamos á dedicação e aos sacrificias do homem, por outra parte os resultados sociaes e christãos alcançados pelas missões, como a seu tempo se hade ver, não corresponderam infelizmente a tanta magestade e pompa de linguagem.

Pois que fallamos em missões, e em Paraguay, o espirito nos conduz naturalmente a pensar nos jesuitas. Qual foi a origem desta ordem, quem a creou, porque occasião, com que meios, com que leis, e com que fins, como cresceu, e como cahiu emfim, depois de dominar, assombrar e perturbar o mundo?

Designios profundos e insondaveis da Providencia! N'um obscuro recanto da Hespanha vivia um obscuro

[1] *Os magna sonaturum.*

fidalgo, cavalleiro e namorado, sem outro mister que o das armas, sem outra distracção que o galanteio, sem outra instrucção e leitura que a dos livros de cavallaria. Ferido em um combate, e obrigado a uma operação dolorosa, onde mostrou não menos valor que em face do inimigo, a cura e a convalescença o retiveram longo tempo em um leito solitario e enfadonho. O ocio e inacção do corpo escandecem uma imaginação naturalmente ardente e irritavel; o enfermo procura espairecer o espirito na leitura dos seus amados livros de cavallaria; mas o tecto que o abrigava não os tinha, e força lhe foi contentar-se com vidas de sanctos, e outros livros de piedade, proprios a desligarem o homem das cousas terrenas, e a elevarem-n'o em pensamento ao ceo e a Deus.

Esta leitura, verdadeira novidade ou revelação, toca, converte e transforma para logo o antigo cortezão dissipado e peccador, em cavalleiro de uma nova dama, que nada menos era que a virgem sanctissima; e ei-lo ahi, primeiro simples devoto illuminado, depois mendigo, peregrino, theologo, doutor; e afinal beato e sancto, como foi successivamente declarado pela curia romana.

Este homem extraordinario era Ignacio de Loyola; e desta forçada residencia no castello de seu pae, data a primeira entre as diversas grandes phases da sua vida que o deram a conhecer ao universo, por esse padre S. Ignacio, chefe da mais poderosa confraria religiosa do seu tempo.

Invalido desde então para a galantaria e para à guerra, a sua vida passa toda nos jejuns e macerações, nas leituras asceticas, nos extasis e nas visões; no meio das quaes, opprimido de delirios nervosos, e suffocado em lagrimas e suspiros, praticava longamente com a virgem. Estes excessos e excitações physicas e moraes o levaram quasi a um estado de demencia; mas não é impossivel que por entre tam estranhas aberrações de espirito começassem já a despontar aquell'outras qualidades, que mais tarde se desenvolveram em alto grau, e lhe deram tamanho poder e nomeada—a profundeza, a reflexão, a observação, a astucia, a dissimulação, a paciencia e a longanimidade. Parece cousa averiguada que a fraude e o embuste, ao menos em toda sua nudez, não foram jámais o movel das acções deste homem; julga-se pelo contrario que sorteado com os dons mais disparatados, alliava as operações de uma razão superior aos sonhos enfermos de uma imaginação ardente e desregrada, de cuja fallacia era victima. Macaulay, historiador inglez protestante de um grande merito, faz esta justiça á boa fé e sinceridade do sancto catholico; e acrescenta que não sabía a glória que os reformadores podiam alcançar, deprimindo o nome do seu mais illustre antagonista; e rebaixando o merito do homem que, mais que nenhum outro, soube oppôr resistencia efficaz á propagação dos novos dogmas, e conseguiu salvar o edificio romano de uma ruina imminente.

Mendigo não só humilde, mas sordido, começou Ignacio a peregrinar de uma terra para outra, esmolando o pão de cada dia, e abrigando cada noite o corpo extenuado e flagellado pelos cilicios e disciplinas na primeira caverna que encontrava. Mas bem depressa as inspirações do genio, e talvez uma forte previsão dos seus futuros destinos, lhe fizeram comprehender a necessidade do estudo. Na idade de trinta annos, entrou Ignacio para uma eschola de latim frequentada por meninos!

Aqui foram novas difficuldades e trabalhos; a intelligencia e a memoria o não ajudavam nesta rude tarefa; custava-lhe ainda mais a soletrar o latim que os seus antigos romances, a ponto tal que Ignacio bem conheceu andar nisso empenho formal do demonio para atravessar os seus sanctos designios. Felizmente (e é elle proprio quem o diz) as disciplinas do pedagogo eram um excellente remedio para afugentar aquelle impertinente e cruel inimigo do genero humano.

Concluidos estes rudimentos, Ignacio de Loyola entrou a fazer de doutor, e a prégar e ensinar uma tal theologia da sua invenção; até que a inquisição hespanhola, a cujos ouvidos chegara a noticia do caso, lhe poz a mão, e o aferrolhou nos seus carceres. Por este successo bem se vê quam cedo os reverendos padres de S. Domingos começaram a dar signal da má vontade que sempre guardaram depois aos seus irmãos da companhia. Conduzido Ignacio entretanto

á presença do tribunal, com tal segurança e dexteridade se houve nos interrogatorios, que não foi possivel acharem-lhe culpa, se bem que, como medida de cautela, sempre lhe ficou prohibido continuar no ensino da sagrada sciencia, antes de aprende-la elle mesmo por um modo regular, e durante quatro annos, em alguma das universidades estabelecidas.

Ignacio antepoz Pariz a Salamanca e Alcalá; e guiou para França, guardando no porte e no trajo o antigo humilde theor da sua vida de peregrino, mas descartando-se já da sordidez e dos andrajos que a principio alardeara. Ali não tardou muito que entre os companheiros de estudo não entrasse a fazer proselytos e discipulos, sobre os quaes exerceu desde logo essa influencia decisiva, que soube sempre conservar depois o seu genio superior e predestinado ao imperio. Esses discipulos eram homens ardentes e dedicados, e promptos a segui-lo na vida e na morte, até os confins do mundo. Naquelles tempos, e sobretudo n'um paiz aventuroso como a Hespanha, patria de Cortez e de Pizarro, não faltavam soldados dispostos para as conquitas dos reinos da terra ou do céo.

Anteriormente, na sua peregrinação a Jerusalem, ajoelhado sobre o sancto-sepulchro, e vendo com seus olhos carnaes o Deus vivo que a sua piedade invocara, Ignacio fizera voto solemne de dedicar a vida toda inteira ao serviço daquelle cujo nome devera servir de estandarte ao instituto que meditava; e á sua fé ardente foi então dado descobrir em uma visão

beatifíca a longa serie de trabalhos gloriosos, qué os missionarios da companhia, movidos do seu exemplo, haviam de acabar e prefazer em todo o orbe.

Este voto foi renovado em 1534, sob as abobadas de S. Diniz, depois de celebrado o sancto sacrificio da missa, e de haverem commungado Ignacio, e os nove fieis discipulos que por então o acompanhavam. Quando se deu este successo não havia bem nove annos que o futuro chefe da ordem, impellido por uma especie de loucura raciocinada, singular mixtura de exaltação e de calculo, havia começado a sua vida de contemplação, de torturas e até de milagres, cuja existencia todos os chronistas da mesma ordem attestam, e foi de resto solemnemente reconhecida e consagrada na sua canonisação.

Dous annos mais tarde, e depois de uma nova peregrinação á Hespanha em busca de proselytos, Ignacio e a sua pequena esquadra guiaram para Roma por differentes vias; e não foi sem difficuldade, e sem grande despeza de tempo e trabalho que conseguiram ali do sancto padre o consentimento necessario para a existencia legal da ordem. Com um instincto admiravel presentiu a curia os embaraços e perturbações que o porvir desta ordem tinha de trazer á igreja; e foi só depois de mil sollicitações, empenhos e promessas [1], em que se moveram as potestades do céo

[1] Ignacio fez promessa de dizer tres mil missas, se conseguisse a sua pretenção.

e da terra, que Paulo III resolveu-se emfim a promulgar a bulla—*Regimini*—a 27 de setembro de 1540.

Considerações de uma ordem superior venceram as hesitações do Vaticano. Nesta epocha as mais das ordens religiosas andavam em grande decadencia e descredito; e aos vicios, á corrupção e incapacidade da immensa maioria dos seus membros, tam devassos e avidos como ignorantes, se attribuiam em grande parte os formidaveis progressos da reforma protestante. Duvidava por isto tambem, e agitava o papa em seus conselhos se devia acrescentar a já numerosa e inutil cohorte dos regulares, quando novas e recentes tentativas de dissidencia no coração mesmo da Italia, fizeram pender a balança em favor dos jesuitas, esperando-se que ao enthusiasmo e dedicação viçosa e ardente do novo instituto sería dado conseguir, o que já não podia a inerte decrepitude dos antigos.

E com effeito, aquelles mesmos que sustentam a inutilidade, ou antes a absoluta impossibilidade da restauração da companhia em nossos dias, reconhecem todavia que ella veio á proposito na epocha do seu nascimento, e como suscitada para fazer frente ao protestantismo victorioso, que acabava de conquistar todo o norte da Europa, a maior parte da Allemanha, a Inglaterra, e a Suissa, e ameaçava já invadir a mesma França. Esses homens possantes e energicos pozeram o peito a represar a torrente, e se não conseguiram faze-la recuar á sua origem, poderam ao menos suspende-la em seu curso impetuoso.

Veio tam de molde para o espirito do tempo, tam favoraveis achou as circumstancias, e tam cabalmente desempenhou os seus fins o instituto, que ao cabo dos dezeseis annos do governo de Loyola, contava elle já quatorze provincias com mais de cem collegios; e para os fins do seculo, vinte uma casas professas, e duzentos e noventa e tres collegios na Italia, França, Hespanha, Portugal, Allemanha, Polonia, India e Brazil. A habilidade consummada do chefe principal, e dos seus cabos immediatos devia de ser parte essencial nestes gigantescos resultados.

«Se applicarmos a successos já tam distantes a lin-«guagem que hoje fallamos, (diz o protestante Ma-«caulay) havemos de considerar a Ignacio como o «chefe dos conservadores do seu tempo, e o campeão «do *statu quo* papal contra as invasões do espirito «novador. A apparição de um novo Brenno contra a «Roma dos papas, necessitava a de um Camillo para «defende-la; e sendo o grito de guerra dos sitiantes a «isenção do pensamento, a senha dos sitiados foi a «submissão espiritual, cega e sem limites. Quem ia «apoz o allemão, chegava áquella sagrada solidão, onde «nenhum intermediario perburba as relações do ho-«mem com a divindade; o hespanhol, pelo contrario, «guiava os sectarios para aquella innumeravel multi-«dão, cuja voz se ergue a compasso, e para quem as «doutrinas das gerações extinctas são a regra immu-«tavel das gerações futuras. Dirigiam ambos a guerra «mais importante que tem revolvido o mundo depois

«da quéda do paganismo; e seja em capacidade, seja «em valor, seja em desinteresse, ou no amor da ver«dade, eram ambos dignos rivaes um do outro. E to«davia, que maravilhoso contraste!

«Luthero foi procurar mulher no interior de um «convento; durante o espaço de trinta annos, jámais «ousou Loyola levantar os olhos para uma só que «fosse destas frageis e feiticeiras creaturas. O refor«mador pôz toda a sua gloria em destruir as casas da «ordem a que pertencera; a do sancto consistiu na fun«dação de uma nova ordem solidamente organisada. «A vida do primeiro começou em uma cella, e aca«bou nos palacios dos grandes da terra; a do segundo, «iniciada nos combates, e absorvida em occupações «terrenas, terminou porfim em longos annos de ora«ções e contemplações extaticas. Coração cheio de «simplicidade e lealdade germanica, Luthero só aspi«rou a uma perfeição compativel com os cuidados «domesticos, com os deveres universaes, e os pra«zeres innocentes da vida social; heróe na sua em«preza, porém homem, e *bem* homem na sua vida «privada; agora opprimido de uma vaga melancolia, «d'aqui a pouco entregue aos intimos jubilos do co«ração, e cheio de gratidão pelos beneficios abun«dantes que lhe dispensava o céo. Amante e amado, «troca de contínuo os mais ternos cuidados com a «esposa que escolhera, e as práticas mais suaves e «innocentes com os filhos que lhe ella déra; busca e «acha alívio para os pezares da vida em mil prazeres

«mundanos, nos encantos da musica, no aspecto sim-
«ples da natureza, e em um sem conto de commoções
«sensuaes que sabía receber e gosar como poeta.
«Ignacio, esse não, que vive só, estranho ao resto dos
«homens, ebrio de jubilos a que ninguem se associa;
«sevéro e reportado até no enthusiasmo; mudo na dôr,
«e indifferente a qualquer sympathia; sempre grave e
«austero, sempre isolado, e bem que accessivel á ter-
«nura, sempre esquivo e remontado della, como se
«fôra um crime; humilde, despotico, ambicioso, e ao
«mesmo tempo limpo de egoismo.

«Destes dous homens é todavia o protestante que
«nós preferimos. Se a sabedoria humana busca exce-
«der a do creador, não fica sendo mais do que uma
«loucura disfarçada. Quem presume de aperfeiçoar
«uma parte do seu ser, annullando ou matando a
«outra, apenas consegue tornar-se um monstro dis-
«forme e sem proporção. Por mais que se annuvie e
«tolde a verdade, quem lhe acertar com a porta, sa-
«berá facilmente a conta em que deve ter o stoicismo
«christão ou pagão, ambos filhos impuros de um im-
«menso orgulho, perpétuo adorador de si mesmo. As
«noções universaes porém daquella que se póde cha-
«mar a perfeição humana, estão ao alcance dos mais
«simples e dos mais ignorantes. Sem embargo dos
«preceitos didacticos, das sentenças imperiosas, dos
«canticos inspirados e solemnes, das instituições civis
«ou ecclesiasticas, das lendas e das biographias sagra-
«das, uma vóz eterna e unanime diz ao homem que o

«mundo, no meio do qual elle existe, e o mundo que «traz dentro de si mesmo, foram feitos e adaptados «um para o outro; que para conservar a sua força e o «seu equilibrio, a sua vida interior ha mister reno«vada e nutrida em certo modo por contínuas rela«ções com a vida exterior; e que attingirá emfim aos «supremos limites da elevação que lhe é permittida, «se todo entregue aos jubilos e aos desgostos da exis«tencia, andar sempre preparado a renunciar uns, «e a soffrer os outros de boa sombra, satisfeito sem«pre, e submisso á vontade de Deus.

«Todavia, bem que pouco seductora pelos seus at«tractivos, a grande figura que acabamos de esboçar não «tem menos direito ás homenagens do universo. Nem «antes, nem depois de Loyola conhecemos homem «algum, que, sem inspiração divina, sem auxilio mi«litar ou civil, sem appellidar as paixões tumultuosas «da plebe, tenha sido capaz de comprehender uma «obra politica tam fecunda em resultados habilmen«te previstos, reunindo á idéa e ao pensamento a co«ragem da execução, e a gloria do successo. Á des«peito das suas loucuras asceticas, das suas morbidas «visões, e do verniz grosseiro com que os seus chro«nistas de milagres o desfiguraram, o todo do seu «caracter não carece, nem de graça, nem de subli«midade. Baste dizer-se que vivendo elle no meio de «homens eminentes, todos lhe consagravam um res«peito quasi sem limites. De todos os angulos da ter«ra os devotos lhe pediam conselho e guia; os infe-

«lizes, soccorros; os sabios, doutrina; e os senhores «do mundo, auxílio; adevinhando deste geito todos «os seus contemporaneos que havia no meio delles «surgido um desses homens que reinam em virtude «de certo direito innato de supremacia, e aos quaes «todas as vontades vulgares devem curvar-se de bom «ou de máu grado. Estes reis do acaso dão-se a co«nhecer pelo genio com que traçam de um só lanço «os seus planos maravilhosos, e pela paixão com que «os executam, e põem por obra.»

Mas de que meios poderosos se serviram este homem e os seus discipulos para elevarem a companhia a esse gráu de prosperidade e grandeza que o mundo contemplou admirado? Cumpre vê-los primeiro que tudo nos seus preceitos, constituições e institutos; e como nenhum de seus livros póde chegar ás nossas mãos, é força que continuemos a consultar os auctores que os apreciaram, Macaulay e Edgard Quinet principalmente, a quem já devemos em grande parte as breves notícias que ficam expostas.

Os *Exercicios espirituaes*, primeiro livro de Loyola e que, segundo elle asseverava, lhe fôra dictado pela propria virgem sanctissima, encerram um plano ou manual completo de disciplina, com que o mais endurecido peccador possa dentro em quatro semanas converter-se no mais ardente servidor de Jesu-Christo. Para isso apresenta o auctor o apparato de certas machinas ou espectaculos, já temerosos, como o inferno e os seus tormentos, já sem significação ou ainda

pueris, como um jardim ou uma casa, uma caverna, um caminho, com cuja contemplação excite alternativamente os sentimentos do terror, da humilhação, do pasmo, e do arrependimento no indivíduo submettido a esta singular experiencia. O paciente, segundo os casos, devia tambem traçar linhas em um papel desta ou daquella maneira, encerrar-se em uma casa, passear nesta ou naquella direcção, ter as janellas fechadas ou abertas. Todos estes objectos, e todas estas acções tinham mais ou menos relação com os fins sanctos da conversão. Porém, observou-se com sobrada rasão, não importava isto materialisar completamente a religião, e transformar o christão n'um automato, por esse processo mechanico que modéla uma revolução de consciencia pelo curso de uma revolução lunar?

Destes meios materiaes, mais absurdos e ridiculos talvez que perigosos, e antes dictados pelo visionario hallucinado, que pelo ambicioso profundo e sagaz, passemos aos principios ou regras moraes de conducta. A obediencia illimitada, cega e constante é o preceito capital. O candidato deve observar esta virtude, transformando-se, se tanto for mister, em um cadaver, *ut cadaver*, ou no bordão de um velho, *senis baculus*, proprio a servir a vontade alheia, sem vida

nem movimento proprio. O superior que manda, pensará e obrará pelo subdito, que obedece.

Non intueamini in persona superioris hominem obnoxium erroribus atque miseriis, sed Christum ipsum.

Superioris vocem ac jussa non secús ac Christi vocem accipite.

Ut statuatis vobiscum quidquid superior præcipit ipsius Dei præceptum ac voluntatem.

Si quid, quod oculis nostris apparet album, nigrum definierit ecclesia, debemus itidem quód nigrum sit pronunciare.

«Não devemos ver na pessoa do superior um homem «ordinario, sujeito aos erros e miserias communs, «senão o proprio Jesu-Christo.—A voz e as ordens do «superior, tomae-as como de Jesu-Christo.—Assentae «com vosco que tudo o que o superior preceitúa, é von«tade e preceito do proprio Deus.—Se a igreja disser «de algum objecto que é negro, e os vossos olhos virem «que é branco, repeti todavia que é negro.»

Eis-ahi a mais completa abdicação que saibamos de toda rasão e vontade humana! «A religião de «Loyola, diz a este proposito Edgard Quinet, não é «a religião de Jesus—porque este arrancava os La«zaros do sepulchro, e os resuscitava á vida;—e Loyo«la quer fazer de todos os seus adeptos outros tan«tos Lazaros, mudos e immoveis no sepulchro que «lhes cava.»

Esta virtude sem igual da sancta obediencia, que

Ignacio recommendava ainda no seu leito de morte, devia andar de companhia com a virtude não menos preciosa de saber mandar; e todos a uma voz confessam que ninguem a comprehendeu e praticou melhor que elle, nos dezesseis annos em que dirigiu o governo da companhia com mão tam habil, como firme e despotica.

Depois dos *Exercicios espirituaes (Exercitia spiritualia)* veio o *Directorium*, escripto já por um dos discipulos, o famoso *Aquaviva*. Os preceitos dos novos douctores eram bebidos na vida e nos exemplos do mestre, e recommendavam as virtudes verdadeiramente jesuiticas da dissimulação, da astucia, da sagacidade, da paciencia, das reticencias e das restricções mentaes, que nelle haviam admirado. Era mister que o bom jesuita se amoldasse a tudo, sem nada perder todavia da sua intima rigidez; que buscasse o seu fim atravez de mil rodeios; que encaminhasse as idéas, as palavras e os habitos em ordem a auxiliar os planos que tivesse; que não deixasse escapar uma só circumstancia sem tirar della todo o partido; que não perdesse a menor parcella de tempo; que procurasse ganhar a confiança do povo, insinuar-se no seio das familias, e attrahir os mancebos ricos ou talentosos, havendo-se nisso com prudencia e cautela, espreitando as occasiões favoraveis, a de um desgosto, por exemplo, e a de máus negocios, e explorando emfim os proprios vicios, se tanto fosse mister. Devia-se sempre empregar os afagos e as caricias:

os dotes dispensavam-se. Para entrar na ordem era todavia mister que o candidato nunca tivesse pertencido a outra alguma; por este modo obter-se-hiam sempre dedicações fortes e viçosas, e o que mais é, virgens de todo o contacto estranho, faceis e maleaveis a todos os fins da ordem. E uma vez admittidos, já lhes não era licito aceitar mais cargo algum fóra della; matava-se assim toda a pessoal ambição; obtinha-se uma abnegação completa, e accendia-se uma immensa e devoradora ambição collectiva.

Vejamos agora o que fazia a sociedade destes instrumentos, quasi cadaveres, cuja respiração, e pulsação se modelava toda pela dos chefes. «Concluia o padre «(diz Chateaubriand) estudos profundos ou brilhantes. «Não tinha elle mais que aquella graça e elegancia que «tanto praz á sociedade e ao mundo? mettiam-n'o á «cara em alguma grande capital, introduziam-n'o na «côrte, ou nas casas dos grandes. Se era amigo da «solidão, ia para as bibliothecas, ou ficava no inte«rior da companhia. Se era bom orador, subia aos «pulpitos para mostrar a sua eloquencia; se tinha o «entendimento claro, recto e paciente, assentava-se «em uma cadeira de professor. Se era ardente, in«trepido, cheio de fé e de zelo, ia converter selvagens, «ou morrer no meio dos infieis. Se mostrava emfim «talentos proprios para dirigir os homens, o Paraguay

«o convidava para o seio das suas florestas; e a or-«dem o punha á frente das suas casas e provincias.»

Era com esta tactica habil, e com este conhecimento profundo do coração e das paixões humanas que a companhia attrahia e absorvia os grandes talentos, e os applicava ao seu fim grandioso e constante de subjugar o universo, não por certo pela força, mas pela astucia e dissimulação, affectando as apparencias da humildade e da mais perfeita abnegação.

Mais tarde havemos de ver as incriveis aberrações em que se transviaram os doutores e commentadores da primitiva doutrina; e a mesma ordem em acção, proseguindo esse grande proposito de dominação universal, desenvolver os germens do mal encerrado nas suas leis, exceder o alvo, cahir e desapparecer; pelo emquanto porém, para que possamos melhor apreciar a instituição, cumpre-nos estuda-la parcialmente em algumas das suas mais poderosas e brilhantes personificações, ou em alguma das suas façanhas, limitadas e restrictas a certas épochas e theatros.

S. Francisco Xavier, o primeiro na serie dos missionarios jesuitas, um dos poucos eleitos, que em 1534, assellaram com a communhão e com o juramento o voto solemne feito em Pariz, será documento sobejo e illustre para mostrar o que podiam, naquelles primitivos tempos da companhia, as doutrinas, os preceitos

e os exemplos do mestre sobre as almas simples e apaixonadas.

Xavier era nobre, nascido e creado em um castello dos Pyrineus. A sua indole bellicosa o inclinava á carreira das armas; mas os paes o obrigaram a seguir a das letras, fiados n'uma predicção de que ainda o menino viria a ser um grande sancto, honra da sua casa e da igreja.

Posto no collegio de Sancta Barbara em Pariz, mostrou-se logo Xavier não só bom estudante, senão excellente mestre, ensinando aos outros a philosophia que aprendera, e continuando ao mesmo tempo os estudos theologicos. Foi durante o curso destes estudos que Ignacio o conheceu, acariciou e attrahiu para a sua nascente congregação. Não que Xavier se deixasse fascinar pelo primeiro olhar, como a tantos outros succedeu; pelo contrario, vão, dissipado e amigo dos prazeres, zombava até do theor de vida do futuro mestre, não menos que dos seus conselhos e palavras repassadas de mysticismo, não sendo isto parte todavia para que o não estimasse muito, e lhe não désse agasalho e sustento em sna propria casa. Afinal a perseverança, a gravidade, a verdadeira superioridade em summa, que estavam da parte de Ignacio, venceram a facilidade e leviandade de Xavier; e tanto maior fôra a resistencia, quanto mais rendido e submisso se mostrou dali por diante.

Feito o voto que já vimos, guiaram os piedosos companheiros á capital do orbe catholico caminhando

pela França, e Alta-Allemanha até Veneza, onde fizeram uma primeira estação. Neste longo trajecto, feito no coração do inverno, atravessaram os Alpes a pé, carregando os seus livros aos hombros, vestindo os trajes humildes dos peregrinos, (pendentes do pescoço os longos rosarios da virgem, com que se distinguissem dos hereges); celebrando diariamente os que já eram sacerdotes, e commungando os que o não eram ainda; esmolando o pão indispensavel ao quotidiano sustento, sempre alegres, conformes e perseverantes na meditação, na oração, nas praticas e canticos espirituaes, sem que jámais lhes fossem estorvo as chuvas, os frios e as neves perpétuas d'aquellas montanhas.

Foi durante esta viagem que Xavier se assignalou por façanhas superiores a toda humana admiração. Entendia que o corpo e a carne, como inimigos mais proximos, se deviam domar e vencer primeiro que tudo; e imbuido nestas idéas, os cilicios, as disciplinas, as vigilias e os jejuns a pão e agua eram já para elle exercicios e privações usuaes. Quando fez os exercicios espirituaes, passou d'uma vez quatro dias inteiros sem comer um bocado. Estas obras porém já não tinham grande merito a seus olhos; e porque, no seu tempo de estudante, fôra de grandes forças, destro e gentil no exercicio de correr e saltar, muito usado entre os mancebos seus companheiros, imaginou uma traça com que castigasse o gosto e vaidade que dantes tivera com aquellas prendas. Tomou

uns cordeis delgados, e cheios de nós, atou com elles em muitas voltas os braços e as pernas, e apertou-os de modo, que entrando os cordeis pela carne, não só debilitavam as forças, e impediam a ligeireza, que outr'ora correndo e saltando profanamente exercitara, senão que a todo o corpo eram tormento insupportavel. Muitas jornadas não eram feitas, quando um dia viram-n'o os companheiros desfallecer e cahir subitamente. Acudiram a soccorre-lo e a inquirir-lhe a causa do mal. Em sua profunda humildade e modestia, bem a quizera Xavier recatar, dissimulando; mas não lh'o consentiu a dôr extrema. Viu-se então que trazia os membros chagados e de tal modo inchados, que os cordeis, mettidos pela carne, mal se podiam ver, e menos tocar, havendo consideravelmente concorrido para aggravar o mal, o violento exercicio da viagem. Conduzido á villa mais proxima, e chamado um cirurgião, repugnou este fazer a operação de cortar os cordeis, não succedesse perigar o paciente ainda mais, cortando-se alguma veia; e apartando-se descorçoado declarou que naquelle estado o seu remedio, só Deus lh'o podia dar. Magoados ficaram os companheiros com esta decisão, não menos que do lastimoso estado de Xavier; mas recorrendo ao verdadeiro medico, que lhes apontara o cirurgião, e passando em oração toda a noite, como foi manhã viram os cordeis fóra, e feitos mil pedaços, as chagas sãs, a carne desinchada e igual, e quasi sem vestigios do que passara, e sobretudo, o enfermo com

as forças tam inteiras, que logo no mesmo dia se pozeram de novo a caminho, rendendo infinitas graças a Deus por tam singular, e assignalado beneficio!

Chegados a Veneza, e não lhes sendo possivel continuar logo a viagem para Roma, assentaram de encher o tempo, repartindo-se a servir pelos hospitaes. Nesta repartição pretendeu e alcançou Xavier o hospital dos incuraveis, «no qual (diz o P. João de Lucena, historiador da sua vida) foi cousa maravilhosa a diligencia com que procurou a cura ou remedio das almas, (que estas sempre o tem) e o alivio e refrigerio dos corpos daquella affligida gente, consolando com incançavel caridade os tristes, enchendo de esperanças do ceo aos desanimados, ajudando na morte os que acabavam. A todos era presente, nenhum sem S. Francisco passava suas dôres, achava-se aos queixumes e lagrimas de todos. E quanto ao serviço corporal, elle varria as enfermarias, fazia as camas, amortalhava, enterrava os mortos, curava os vivos, alimpava, servia nos officios mais baixos com mór gosto, mostrando em todas estas obras uma tam notavel devoção, modestia e respeito no rosto e nos olhos, que era facil de ver como trazia nelles a Christo, senhor nosso, e que assim o servia em seus pobres, como se o fizera a elle em pessoa.»

Acreditará agora o pio leitor que o infatigavel inimigo da nossa salvação vir-se-hia collocar entre Francisco e as suas boas obras, tentando este servo de Deus, e buscando maneira de o fazer afrouxar na sua

ardente caridade? Pois foi nem mais nem menos o que aconteceu. Ouçamos ainda ao seu chronista, que continúa por este meio: «Havia no hospital entre «outros um pobre homem, a quem o mal que os «hespanhoes chamam francez, assim tinha podre, «feio e nojento, que nem os olhos se atreviam a pôr «nelle os enfermeiros; este tomou D. Francisco todo «á sua conta, visitava-o mais frequentemente, deti-«nha-se com elle mais tempo, e mostrava mais gosto «em o alimpar, curar e servir: aos quaes effeitos da «graça encontravam todavia outros da natureza, que «eram um desgosto, um asco e um horror grande da «vista e máu cheiro daquella podridão; e valendo-se «grandemente o inimigo destas fraquezas tam na-«turaes, começava-se e sentia-se D. Francisco esfriar «na caridade, até que determinando tirar de todo «aquelle mimo á carne, se chegou um dia ao enfermo, «e pera o curar com mais brandura, lhe expremeu «as chagas, já não com os dedos, mas com os beiços, «recolhendo na boca a materia, a qual, por se vencer «e triumphar inteiramente do inimigo, bebeu e levou «algumas vezes para baixo, como se não fôra peço-«nha, mas um suave leituario. Consta-nos que depois «desta assignalada victória, que aqui alcançou de si «mesmo, pondo a boca á chaga enojosa do enfermo; «como se fôra uma fresca fonte, nunca mais sentiu «D. Francisco por toda a vida em casos semelhantes «repugnancia ou pejo algum da natureza.»

É em verdade, seria mister que o diabo fosse bem

pertinaz e desenvolto para depois de uma tal derrota, atrever-se a investir de novo com um homem desta témpera!

Alludindo rapidamente, e como assustado, a esta repulsiva anecdota, escusa-se Macaulay de a particularísar, porque, diz elle, não tinha missão para provocar repugnancias physicas em seus leitores; e contra estes e outros semelhantes excessos levanta a voz eloquente, mas não sabemos se inspirada por uma rasão verdadeiramente esclarecida, se pelos erros funestos do protestantismo, em que andava transviado e perdido. «O ente divino, escreve elle, cujo nome «Ignacio e seus adherentes adoptaram, igualmente «victorioso das illusões do stoicismo, e das tendencias «materiaes que degradam a natureza humana, não «repellia nem o repouso no seio da vida domestica, «nem as consolações innocentes que o homem accur«vado ao peso da existencia póde acaso encontrar du«rante a sua trabalhosa peregrinação neste mundo. «Nem ha hi cousa menos logica, e mais avessa á do«çura e serenidade inalteravel de Jesu-Christo, que «esse refinamento de commoções vehementes, esses «habitos de sordidez, essas torturas inuteis, tanto em «vóga nos primeiros membros da companhia, e que «o proprio Loyola era o primeiro a tolerar, animar e «compartir, pois como elles andava sempre desalinhado «e desfeito, dormia em um leito durissimo, cingia-se «de agudos e penetrantes cilicios, e guardava rigo«rosamente um regimen severo e repulsivo.»

Entretanto, se o mestre e seus primeiros adeptos procuravam edificar a terra e ganhar o céo por meio destas incriveis façanhas, que por vezes pozeram alguns delles ás portas da morte, é nada menos certo que o mesmo Loyola, tam profundo conhecedor da miseria humana, já nas suas primeiras regras insinuava a maneira de illudir as demasias do rigor, mandando usar de disciplinas brandas e flexiveis, que, fazendo alguma molestia á flor da pelle, não affectassem todavia o interior nem arruinassem a saude. *Quare fragillis potissimúm utemur ex funiculis minutis, quœ exteriores uffligunt partes, non autem adeó interiores, ut valetudinem adversam causare possint.*

Este preceito, bello ideal do jesuitismo, deu logo causa, como bem se póde crer, a vehementes accusações de hypocrisia, de fraude e simulação, injustas e mal cabidas aliás em soldados tam aguerridos, e que tam galhardamente pagavam de suas pessoas. Nos successores porém dos primeiros jesuitas, e antes mesmo que começasse a degeneração da ordem, nunca se viram esses excessos; pelo contrario, em taes materias e outras semelhantes, os padres se mostravam mais desabusados que nenhuns outros. E a verdade requer se diga que neste particular nos ultimos tempos, não só os jesuitas, senão em geral todos os regulares, eram mais fervorosos em observar a regra, do que em seguir o exemplo de Loyola.

Com a empreza das descobertas e conquistas do Oriente e do Novo-Mundo, andava sempre de companhia o piedoso intento da propagação da fé, e conversão dos idólatras e infieis. Este pensamento acudia de contínuo a Xavier, e o trazia oppresso e desvelado, mesmo durante o somno, pois em sonhos se lhe representava frequentemente que tomava e trazia aos hombros um indio possante e negro, como os da Ethiopia, tam pesado, que mal lhe deixava levantar a cabeça; e ainda depois de acordado e esperto, sentia-se tam cançado e alquebrado, como se realmente andara assoberbado daquelle peso enorme.

Assim, quando o papa, á requisição de el-rei D. João, o terceiro de Portugal, o nomeou para a missão da India, foi prostrado, rendido, desfeito em lagrimas, e com uma voz abafada de soluços e suspiros que agradeceu a mercê, primeiro a Jesu-Christo, e depois ao seu vigario na terra. O júbilo ineffavel, e o zêlo ardente que lhe inundaram e abrazaram o coração, não soffriam delongas;—arrimado ao seu bordão de peregrino, com os alforges ás costas, e o breviario na mão, Xavier começou a sua viagem para a India, atravessando á pé a Italia, a França e a Hespanha toda, até vir embarcar-se em Lisboa,

No seu penoso trajecto teve de atravessar tambem a terra que lhe dera o berço, e por ventura do alto dos Pyrineus avistaria as antigas torres do solar paterno, onde ainda vivia sua velha mãe, e aquella boa irmã que tam cedo vaticinara os seus gloriosos desti-

nos. Em vão porfiaram com Xavier para que fosse dar os ultimos osculos e abraços naquelles entes charos e veneraveis que nunca mais talvez houvesse de ver. Mas aquelles olhos, cravados no Oriente, nada mais viam derredor de si; e aquelle coração, exclusivamente entregue a Deus, havia banido todos os affectos terrenos. Xavier recusou. «Não torceu (diz «o P. João de Lucena) nem um passo do caminho, «não visitou nem viu um só parente, e deu-nos a nós «um grande e memoravel exemplo daquelle sancto «odio á carne e ao sangue, em que Christo poz uma «parte tam principal da sua divina philosophia!»

Xavier partiu emfim para a India. Não nos é possivel acompanha-lo passo a passo nesse immenso labor em que despendeu dez annos de tempo e a propria vida. Referi-lo-hemos em substáncia apenas, que temos pressa de passar a outras regiões. Chegado a Gôa, o espectaculo da depravação universal o escandalisou e affligiu. Aquelles portuguezes do Oriente, que se nos pintam como a flor de toda a nobreza e cavallaria da metropole, não valiam mais que os malfeitores e degradados do Brazil. Lede os seus chronistas, e vereis ali a cada passo esses actos de crueza e brutalidade que por toda parte characterisavam os conquistadores civilisados nas suas relações com as raças que haviam vencido, e traziam subjugadas. «Rei«navam naquelle tempo (escreve Lucena) grandes «desordens e corrupção de costumes nos homens da «India. Bastam-me poucas regras para dar aqui exem-

«plo das forças da cobiça, ambição e largueza da «carne. Quebrantam as delícias e os vicios sensuaes «o valor, abatem o esfôrço, escurecem a razão, negam «o respeito á honra e á nobreza; e não o tem o in«teresse nem ás leis, nem ao primor, nem á verdade «e primeiro que tudo o perde ao mesmo Deus. É a «ambição falsa, desleal, cheia de inveja, vingativa e «atraiçoada. Pois qual destas boas qualidades faltaria «onde tudo se vendia por dinheiro? onde se casti«gavam desafios com mercês? onde matar homens, «por ter que gastar, era vantagem? Vivia o senhor «com suas escravas, cinco e seis, de portas a dentro, «como se com cada uma se recebera, e nem isso se «estranhava em Goa, mais do que em Berberia. A «outras obrigavam sob pena de tormento a lhes res«ponder cada dia com tanto de ganho, que não o po«dendo ellas ajunctar pelo seu trabalho, traziam ven«dida a propria castidade pelo haver, sabendo-o e «consentindo-o os senhores. Nos tractos e contractos «o de mais proveito, era o mais licito. As culpas pri«vadas em juizo serviam somente de pesos de pesar «dinheiro, ou conforme ao termo da sagrada escri«ptura, de pão e sustentação dos juizes. Nem do re«medio de tam grandes males havia algum cuidado «ou lembrança. Quantos, nem depois de muitos annos, «se chegavam aos sacramentos da confissão e sanctis«sima communhão? Estando a fé tam morta naquel«les em quem devia resplandecer por obras, pera ser «conhecida e abraçada dos infieis, que conversões se «podiam delles esperar?»

Assim, o apostolo das Indias tinha uma duplicada tarefa a desempenhar, combatendo por um lado os vicios e os crimes dos seus compatriotas europeus, e convertendo do outro a innumeravel gentilidade daquellas vastas regiões. Trovejou contra os primeiros, arrostou-se com o viso-rei, denunciou á côrte o seu zelo frouxo e tibio em reprimir o mal, e em ajudar a propagação da fé; e devassou os mares, ilhas e continentes, o Malabar, Cambaya, Ceylão, Malaca e as Molucas; bateu ás portas de bronze do imperio de Confucio, e chegou a penetrar nesse mysterioso Japão, ainda hoje mesmo mal decifrado. Converteu setecentas mil almas, tanto populares humildes e pobres, como principes, rajahs, reis e imperadores. Assim como soffria o entono da magestade, e entrava desassombrado pelos palacios cosidos em ouro e scintillantes de pedraria, assim passava o mais do tempo nas humildes choças do miserrimo Pariá, a quem vertia o nectar da doutrina em troca do grosseiro sustento que esmolava á mesma penuria delles. E ou nas côrtes, ou nas aldêas, era sempre o mesmo Xavier, flagellando-se até escorrer sangue, pungindo-se com agudos cilicios, mal tomando o alimento indispensavel para soster a vida, dando ao somno e ao repouso tres horas cada dia somente, apenas involto na sua andrajosa roupeta, sempre desalinhado, sordido e até, dizem, inçado de insectos e bichos immundos.

Tudo isto soffria de boa sombra o sancto missionario, por amor do proximo; ou antes a tudo era indiffe-

rente, e nada via na sua profunda humildade; todo entregue á unica luz, unica alegria, e unica paixão que lhe abrazava o peito, o desejo immenso de dilatar o reino de Christo na terra. E no curso desta tarefa prodigiosa, e não obstante a larga distáncia, nunca lhe esqueceu cultivar a virtude da sancta obediencia, entretendo uma correspondencia seguida com o seu amado P. Ignacio, a quem sempre tractou com reverencia e piedade de filho.

«Nobre enthusiasmo! (exclama o protestante Ma«caulay) abnegação rara e sublime, diante da qual po«demos abater-nos no pó, sem temor de lhe suscitar«mos por isso imitadores numerosos. O enthusiasmo «dos tempos de agora, inda mal! não é mais que um v«ão phantasma, contra o qual se evapora a eloquen«cia tambem vã, arida e insipida dos nossos gelados e «inertes predicantes.»

E depois, que empreza nobre e gigantesca proseguiam estes homens simples e energicos, movidos de um impulso divino, e por ventura sem a si mesmos se proporem, em consciencia clara e liquida, todo o alcance della! Nada menos que a unidade da fé, e a solidariedade moral de todas as familias do genero humano, dispersas sobre a face do globo. Digamo-lo ainda uma vez, se resultados duradouros não responderam ao esforço e ao zelo empregados para conseguilos, a só tentativa basta para immortalisar esses homens de eleição, grandes e verdadeiros horoes, se este nome compete de preferencia á dedicação e ao sacrificio.

Era quasi escusado dizer que os milagres brotavam sob os passos de Xavier, por onde quer que os elle encaminhasse; não que o sancto, em sua grande modestia, os recebesse por taes, pois a muito conceder os imputava, não aos seus fracos merecimentos, senão á graça infinita de nosso senhor Jesu-Christo. Não o entendeu porém assim a curia romana, que cincoenta annos mais tarde, e sob o pontificado de Urbano VIII, poz a causa em conferencia, contrariada e replicada por um dos letrados mais sabedores, que effectivamente defendia assim as partes do diabo contra as da igreja, sempre glorificada no maior numero possivel de seus sanctos. Apurou-se a verdade dos milagres, de modo a arredar todas as dúvidas presentes e futuras; o padre Francisco Xavier foi canonisado, e a mesma igreja o celebra hoje um dos mais dignos servos do senhor.

Mas já é tempo de arredarmos os olhos fascinados desse Oriente quasi fabuloso, para os descançarmos sobre as regiões que hoje são a nossa patria; se o espectaculo que ora se vae desdobrar diante delles não é tam grandioso e phantastico, hade ser ao menos mais veridico, e mais conforme ás proporções da humana natureza, que o apostolo collossal das Indias ultrapassou; e ainda sobre isso offerecerá o interesse que naturalmente se liga á história das raças indigenas, e da infancia da nossa existencia colonial.

II

Primeiros jesuitas no Brazil—Contemporaneos da fundação da cidade do S. Salvador—Missões pelos arredores da Bahia, e por outras capitanias visinhas—Primeiras lutas com os colonos pela liberdade dos indios—Collegio de Piratininga—Nobrega e Anchieta—Guerra com os francezes e tapuyos—Trabalhos sublimes dos missionarios—Catastrophe em que pereceram o P. Ignacio de Azevedo com mais trinta e nove padres—Idade de ouro da companhia de Jesus, maculada por um crime atroz—Supplicio do protestante João Bolés.

Os primeiros cincoenta annos depois do seu casual descobrimento, esteve o Brazil como desamparado da corôa portugueza, objecto apenas das explorações dos navegantes, e de algum limitado commércio de drogas e páu-brazil; ou simples dom para se repartir em capitanias, com que a munificencia de el-rei premiava aos seus nobres e capitães os serviços prestados e recebidos. Este estado de cousas não podia entretanto durar eternamente: em 1549 veio o governador Thomé de Souza com uma armada fundar a Bahia. Á volta da organisação civil e politica, proveu-se tambem á moral e religiosa. Com Thomé de Souza

vieram logo seis jesuitas; no anno seguinte mais quatro; e em 1553, com o novo governador D. Duarte da Costa, outros sete. Não era possivel que a companhia mentisse á sua vocação, e deixasse de acudir promptamente ao reclamo de um imperio virgem e recente, que se offerecia quasi expontaneo a uma conquista não menos gloriosa á religião em geral que aos filhos de Sancto Ignacio em particular. Já se vê que o Brazil e os padres são coévos; e quando isto succedeu, mal contava a ordem dez annos de existencia no antigo continente.

Todos estes homens se assignalaram por um zelo mais ou menos ardente, e por serviços mais ou menos importantes; porém Nobrega e Anchieta, esses dous tomaram para logo proporções colossaes, e os seus nomes, gloriosamente identificados á grande história do Brazil, não ficaram encerrados em chronicas particulares e obscuras.

Apenas esboçamos traços rapidos e geraes, e reproduzimos alguns successos de maior valor historico, com que possamos encaminhar o leitor mais facilmente á apreciação do nosso assumpto e intento principal. Não podemos nem devemos pois gastar o tempo e encher o espaço com notícias particularisadas sobre as minimas circumstancias da vida destes sanctos varões, que os curiosos acharão de resto, amplas e copiosas, nas antigas chronicas da companhia, e n'alguns artigos biographicos publicados nas *Revistas* do nosso Instituto-Historico.

Era o P. Manoel da Nobrega, portuguez, e filho de paes qualificados por sua nobreza. Fez estudos brilhantes em Salamanca e Coimbra, tomou o gráu de bacharel em canones, e ordenou-se presbytero; oppondo-se porém a uma collegiatura da universidade de Coimbra, succedeu ser-lhe preferido outro sujeito que lhe era somenos em capacidade. Do revez e da injustiça lhe veio grande pezar e desgosto do seculo.

Já vimos como uma das regras primitivas da companhia era explorar a irritação, e os desgostos que produzem os máus negocios e os azares e infortunios da vida. Cederia Nobrega a suggestões estranhas, ou á propria e intima vocação? Nós o ignoramos, e sabemos só que por occasião deste successo entrou para a companhia em todo o viço e flor dos annos.

Fôra repetição molesta e enfadosa dizer aqui os successos da sua vida o tempo que passou na Europa depois da profissão; o leitor poderá avalia-los pelo que já ficou escripto dos fundadores da ordem. São os mesmos exercicios espirituaes, os mesmos flagicios á carne, as mesmas peregrinações e prédicas, a mesma fé, enthusiasmo e zelo ardente.

Atravessemos rapidamente o Oceano, e nem nos detenham a missão que Nobrega fez a bordo da náu do governador, e os fructos copiosos que della colheu, nem o estupendo milagre de uma cabeça de peixe que se pescou, a cabeça só sem mais corpo, e com que alcançou elle desviar o mesmo governador de certa superstição que usava de não comer cabeça de peixe

ou de outra alguma alimaria, por devoção á cabeça de S. João Baptista, cortada em odio da castidade que o sancto defendia. O que nos importa é vê-lo no Novo-Mundo.

Mal desembarcam na capital do futuro imperio, logo começaram a levantar com as proprias mãos a sua primeira igreja, sem que para isso recebessem a minima ajuda da mais gente, toda divertida e occupada pelo governador na edificação da cidade, e nas fortificações que aconselhava a visinhança do gentio. Iam os padres ao mato, derribavam as arvores, carregavam aos hombros, afeiçoavam e collocavam a madeira, e amassavam a taipa, sempre esforçados e diligentes, apesar da falta de alimentos, que esmolavam de porta em porta, sem todavia colherem muito, por que a penuria era geral. Iam á fonte pela agua, ao mato pela lenha, com o corpo um pouco á ligeira, descalços, sem camisa talvez, que onde era tamanha a pobreza, não havia que apurar requintes de decencia, mal cabidos nas circumstancias. Dentro em pouco largaram esta primeira igreja a um vigario vindo de Lisboa, e foram erguer com igual trabalho nova habitação fóra da cidade, em um logar elevado, onde era o assento de muitas aldêas do gentio.

As mesmas difficuldades que encontrou Xavier na India, se pozeram diante dos seus companheiros na

Bahia; de um lado os portuguezes atolados nos vicios; e do outro os naturaes esquivos, rudes, ferozes e crueis. A situação era perfeitamente identica, e a ponto tal, que a descripção que nos fazem da depravação dos costumes dos europeus os padres Lucena e Vasconcellos, e nós transcrevemos a paginas 244 e 365 se pódem substituir uma por outra, sem differença sensivel, e sem a menor alteração da verdade historica. Para vencer este inimigo bifronte empregaram-se as mesmas armas que no Oriente, o trabalho, a paciencia, o zelo constante e indefesso, e uma fé superior a todos os obstaculos.

Mas que rudes e gigantescos obstaculos, cabaes a descorçoar outros quaesquer combatentes que não fossem os jesuitas dos primeiros tempos do Brazil! A ignorancia absoluta dos numerosos dialectos dos indios, os seus ritos barbaros e grosseiros, o predominio de paixões sem freio, como o amor da multidão de mulheres, as demasias nos vinhos, as guerras, os odios, a vingança nunca saciada! Tudo alfim se venceu, senão que, quanto ao vicio abominavel e torpe da gula, no comer a carne humana, lidaram e suaram os padres sem pode-lo refrear de todo durante longo tempo. Viam os padres a cada passo diante dos seus olhos aquella infanda carniçaria nos terreiros, e as festas e solemnidades com que, sacrificadas as victimas, retalhavam e repartiam as carnes como em açougue, e não tinham maneira de atalhar o mal. A razão era, segundo o P. Simão de Vasconcellos,

que tinham os indios aquella comida pela mais saborosa e substancial de quantas havia na terra; não havendo carne de fera, veado, porco montez, tatú, paca ou preá, que podesse chegar a uma só posta de carne humana. Com ella criavam os meninos mais regalados, e entendiam que era superlativa para tirar o fastio aos enfermos. A este proposito, refere o chronista um exemplo espantoso, provavel sim, mas cuja authenticidade não ousaremos garantir de um modo absoluto. Penetrando uma vez um missionario pelo sertão, em certa aldêa achou uma india velha prestes a despedir-se da vida. Acudiu-lhe primeiro com os soccorros espirituaes, como o requeria a urgencia do perigo; mas attendendo depois na extrema debilidade e abatimento em que estava: Avó, disse-lhe, fallando-lhe ao modo costumado da terra, se vos eu désse agora um torrãozinho de assucar ou outro algum conforto de lá das nossas bandas do mar, não o tomarieis por me dar gosto?—Ai! meu netinho, respondeu a velha, já catechizada e convertida, cousa alguma da vida já desejo, tudo me despraz: só uma me podéra agora abrir o fastio; se eu tivera uma mãozinha de um tapuya de pouca idade, tenrinha, e lhe chupasse aquelles ossinhos, então me parece que tomaria algum alento; mas eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um destes!

De excessivo transpunha ás vezes o zelo dos padres o alvo a que fitavam. Um dia, sacrificado quasi á sua vista um misero prisioneiro, não se poderam ter que

o não arrebatassem da mão das furias que se dispunham a retalha-lo. Os selvagens attonitos não souberam a principio dar-se a conselho; mas passada a primeira surpreza, e pungidos dos insultos das mulheres, que, furiosas de se lhes haver arrancado a presa, os affrontavam, chamando-os de covardes, vieram em grande alvoroço e ardendo em raiva accommetter a cerca dos padres, e ninguem sabe o que teria succedido, se o governador, advertido a tempo, os não fizesse recolher á cidade, e não acudisse com toda a força á defeza della, pois os barbaros, no impeto com que vinham, chegaram até aos seus muros.

Os moradores da sua parte murmuravam deste zelo indiscreto, que não só punha suas vidas em perigo, como estorvava o commércio e os resgates, unico remedio da nascente povoação.

Poderam os padres fazer emfim uma especie de compromisso com os indios, em virtude do qual, sem ficar tolhida a morte dos prisioneiros, seria aos mesmos padres permittido catechiza-los na sua hora derradeira, ministrar-lhes as ultimas consolações, e regenera-los pelo baptismo. Mas dentro em pouco rompeu aquella gente bronca e inconstante o pacto convindo, porque começaram a persuadir-se que a agua regeneradora tirava o sabor á carne das victimas.

Então a infatigavel piedade dos missionarios ideou uma traça com que se baldasse este novo capricho. Acudiam ás aldêas em occasião de carnificinas, simulando curiosidade de as observar, como se fossem

grandes proezas, com o que ficavam os indios inchados de vaidade; e como vissem a estes de todo enfrascados nos vinhos e folías do costume, aproveitavam os padres a distracção, chegavam-se ao prisioneiro, sopravam-lhe rapidamante ao ouvido algumas das palavras consagradas, e espargiam-lhe sobre a fronte votada á morte algumas gotas da agua regeneradora, de que sempre traziam, por precaução, os lenços impregnados.

Era isto empalmar literalmente as almas ao diabo, que já quasi folgava de as ver nas garras; e o artificio, concebido em um espirito verdadeiramente jesuitico, faria honra á propria agudeza do padre mestre Sancto Ignacio. Talvez o sacramento, bem que reduzido a fórmas externas e incompletas, produzisse todos os effeitos da graça, em consideração á pia intenção com que era administrado.

E isto não era tudo. Lavrou uma grande peste com fatal estrago dos indios convertidos; e ainda as aguas do baptismo levaram a culpa desta nova calamidade. O leitor talvez já tenha penetrado que estes devaneios dos barbaros não deixavam nunca de attribuir-se ás suggestões do demonio, exasperado com os progressos da fé.

E em verdade, a fé progredia, apesar de tudo, e os trabalhos apostolicos prosperavam a olhos vistos, estendendo-se as missões desde Pernambuco até S. Vicente, e comprehendendo no centro S. Salvador, Porto-Seguro, e Espirito-Sancto. Aprendia-se a lingua

dos barbaros, ensinava-se-lhes a portugueza, e facilitava-se por este theor a prégação e a doutrina. Fundavam-se escholas e collegios para os orphams portuguezes, e meninos indios, e por estes domavam-se e convertiam-se os paes, que depunham toda a esquivança, vencidos da innocencia daquelles pequenos e gentis missionarios, transformados pela religião em mestres dos grandes.

Esses collegios, que por uma approximação tocante se chamavam do menino Jesus, não passavam em verdade de humildes choças, ou na cidade, ou já no campo entre as aldêas dos cathecúmenos. Os meninos, além de transmittirem o conhecimento da lingua e da doutrina aos gentios adultos, exercitavam certos officios religiosos, ajudando ás missas, assistindo aos moribundos, e convertendo-os até algumas vezes. Sabiam tambem em procissões, entoando ladainhas e outros canticos sagrados, com que levavam apoz si os olhos, os ouvidos e os corações. «Assim, diz Chateaubriand, «cantam tambem os passarinhos adestrados para at«trahir ás redes do caçador os ariscos e bravios.»

Aos meios brandos e suaves, juntavam-se os meios violentos e terriveis. Se não bastavam para prender as almas as pompas e apparatos das ceremonias, as graças ingenuas da infancia, e os encantos da musica, travavam dellas com espectaculos de outro genero, disciplinando-se os missionarios até tingirem as vestes, e ensoparem a terra com o proprio sangue. Combatidos incessantemente, e por todos os lados, abran-

dava-se e rendia-se emfim o endurecido selvagem. Foi com espantosas flagellações destas que o P. João de Aspicuelta Navarro conseguiu desterrar d'entre os indios já christãos o costume de comerem carne humana, em que estavam tam enraizados.

A liberdade dos indios desafiou tambem a attenção e zelo dos padres, e lhes foi occasião de não pequenos trabalhos desde os primeiros tempos.

Achamos escripto em algumas memorias que a escravidão legal dos indios no Brazil data do anno de 1557, no qual por uma provisão régia foram os cahetés, e seus descendentes, sem distincção de sexo ou idade, condemnados a perpetuo captiveiro, em vingança da guerra encarniçada que haviam feito aos portuguezes, e da fereza com que devoraram o primeiro bispo D. Pero Fernandes Sardinha, e mais cem desgraçados companheiros que com elle haviam naufragado em uma costa deserta.

Não podemos achar o texto desta lei; mas já antes dessa épocha, a escravidão existia de facto, e á chegada dos primeiros jesuitas, já elles a encontraram estabelecida, bem como o commércio denominado de—resgates—que era a tróca de índios prisioneiros e destinados á morte, por objectos de infimo valor. Posto não houvesse leis escriptas para regular a materia, contudo por uma especie de consenso, e convenções tacitas, de que em 1558 fez o governador

Mem de Sá um règulamento, já se distinguiam os captiveiros justos dos injustos. Acudiam os padres não só pela liberdade dos indios injustamente captivados, senão em defeza dos escravos maltractados. Bem cedo rebentaram as desavenças por esta causa, mormente em S. Vicente; e houve tal senhor, duro e deshumano que, impacientado e mal soffrido das rasões dos padres, chegou a levantar um páu para maltractar o P. Leonardo Nunes. Este, porém, com mais serenidade e galhardia que Themistocles, ajoelhou-se, offereceu a cabeça ao golpe, e continuou a afear e exprobrar o crime e o vicio. Corrido de vergonha, o aggressor sosteve o braço, e retirou-se.

Estes actos de violencia se repetiram por vezes, e algumas degeneraram em motins. Entre os inimigos da companhia assignalou-se um João Ramalho, antigo morador de S. Vicente, onde cobrara fama assim pelas riquezas como pelos vicios, sendo que por viver amancebado cerca de quarenta annos, andava de ordinario excommungado, e tolhido de frequentar as igrejas. Este costumava sahir á rua seguido da numerosa caterva dos filhos, bastardos mamelucos, gente ruím e desalmada, que se derramavam a fazer alvorotos, e a injuriar e calumniar os padres.

A maioria porém da população os amava e defendia, pois se por uma parte os missionarios reprehendiam e reprimiam os vicios e os crimes com inteireza e energia, pela outra procuravam desarmar as paixões irritadas, com a brandura e humildade das palavras e

maneiras, e com a alta prudencia e desinteresse de todo o seu procedimento.

Á proporção que crescia o numero dos operarios, alargavam-se os trabalhos da missão. Em 1553 chegara ao Brazil como já dissemos, a terceira cohorte desta sancta milicia, pequena e debil, se attendermos só ao numero, mas grande e poderosa pelo esforço e pela dedicação. O P. Nobrega foi então nomeado, por patente, provincial do Brazil, separado da provincia de Portugal, dando-se-lhe por collateral no governo o P. Luiz da Grãa, que viera na mesma occasião com o veneravel Anchieta.

Com a chegada deste poderoso soccorro intentou Nobrega a fundação de um collegio nos campos de Piratininga, situação vantajosa a muitos respeitos; pela visinhança do mar e do porto de S. Vicente, distante apenas umas dez ou doze leguas; pela salubridade do clima; e pela fertilidade do terreno; e não menos por ser ali o centro das aldêas de innumeravel gentilismo. Ouçamos a descripção que destas campinas e serranias faz o P. Simão de Vasconcellos, se exagerada, talvez por isso mesmo mais brilhante e encantadora. Estes padres, a tantos outros dons do ceo, reuniam ás vezes o da poezia.

«Estes campos (diz no L. 1.º da *Chronica da Com«panhia*) merecem o nome de elyseos ou bem afor«tunados, assim pela ventura que lhes coube de que

«fossem elles o primeiro seminario da conversão da «gentilidade daquellas partes, e o maior de toda a «provincia do Brazil; como porque partiu com elles a «natureza do melhor do mundo. De toda a abundan- «cia de cousas necessarias para uso da vida, são ca- «pazes; e ainda para recreação e delícia, a quem a «procurar. Ficam quasi na segunda região do ar de- «pois de atravessada aquella notavel serrania, que «sempre vae subindo, accumulando montes sobre «montes, e tem bem que suar os que houverem de «vence-los, pera chegarem a gosar do raso das cam- «pinas... O caminho com ser em parte escolhida, e «feito por arte, é tal, que põe assombro aos que hão «de subir ou descer. O mais do espaço não é cami- «nhar, é trepar de pés e de mãos, aferrados ás raizes «das arvores, e por entre quebradas e despenhadeiros «taes, que confesso de mim que a primeira vez que «passei por aqui, me tremiam as carnes, olhando pera «baixo. A profundeza dos valles é espantosa, a diver- «sidade dos montes, uns sobre outros, parece tirar a «esperança de chegar ao fim, quando cuidaes que «chegaes ao cume de um, achaes-vos ao pé de outro «não menor. Verdade é que compensava o trabalho «desta subida de quando em quando, porque assen- «tado sobre algum daquelles penedos, lançando os «olhos pera baixo, me parecia que olhava do ceo «da lua, e que via todo o globo da terra posto «debaixo dos meus pés; e com notavel fermosura, «pela variedade das vistas do mar, da terra, dos

«campos, dos bosques, e serranias, e tudo vario e aprazivel.

«Se houvera de medir o grande diametro desta serra, «acharia talvez o melhor de oito leguas, porque sup«posto que vae fazendo em paragens, algumas chans «a modo de taboleiros, sempre vae subindo e tor«nando á mesma aspereza, até chegar ao raso dos «campos, e segunda região do ar, onde corre tam «delgado, que parece se não podem fartar os que de «novo vão a ella. A grande copia de alagôas, fontes «e rios, a fermosura de bosques, brutescos, e arvo«redos, a diversidade das hervas e flôres; a variedade «de animaes, terrenos e voadores; as apparencias admi«raveis da compostura da penedia posta em ordem «desigual desde o principio da creação do mundo; a «riqueza dos mineraes emfim; tudo isto, se se hou«vera de escrever em particular, pediria leitura mui «diffusa.

«Aqui, no mais patente destes campos, junto a um «rio, e perto da vivenda dos indios, escolheram os «padres o sítio pera seu collegio, e por bom annún«cio do futuro, disseram nelle a primeira missa aos «25 de janeiro de 1554, dia da conversão do apostolo «S. Paulo, de cujo nome quizeram todos se denomi«nasse o sítio, e depois se denominou a villa e terri«torio todo.»

Este collegio fundou-se com treze missionarios, sob a direcção do P. Manoel de Paiva, e aqui con-

tinuou Joseph de Anchieta aquelles memoraveis trabalhos, começados na Bahia, que mais tarde lhe valeram o cognome glorioso de—apostolo do Novo-Mundo.

«Desde janeiro até agora (escrevia elle em agosto «de 1554 ao padre Ignacio de Loyola, que estava a «duas mil leguas, em Roma) que aqui vivemos, não «menos de vinte pessoas, (contando os meninos ca«thecúmenos,) em uma pobre casinha feita de ma«deira e barro, e coberta de palha, com uma esteira «de canas por porta, a qual nem chega a ter quatorze «passos de comprimento com dez de largura. Este «estreito local serve de eschola, enfermaria, dormi«torio, cozinha e refeitorio; mas nem por isso cobi«çamos habitação mais folgada e agasalhada, conso«lando-nos a idéa de que por nos remir, N. S. Jesu«Christo submetteu-se a maiores estreitezas e apêrtos, «querendo nascer n'um humilde presepio entre dous «animaes, e soffrendo ser pregado em uma cruz.» E continuando a particularisar as cousas, acrescentava que aquelle apêrto era ajuda contra o frio, assaz intenso na terra, com muitas e grandes geadas. As camas eram redes, das que usavam os indios; e em falta de cobertores, aqueciam-se ao fogo, para o qual, acabada a lição da tarde, iam os irmãos ao mato por lenha, e a traziam ás costas, para passar a noite. O vestido de panno de algodão, era pouco e humilde, sem calças nem sapatos. Serviam-lhes de meza e toalha folhas largas de arvores; mas bem podiam escu-

sa-las, onde faltava o comer, o qual não tinham donde lhes viesse, a não ser alguma farinha, e ás vezes alguns peixinhos do rio, ou caça do mato, que de esmola lhes davam os indios.

Aqui nesta pobreza e desamparo abriu o irmão Joseph de Anchieta a segunda classe de grammatica que houve no Brazil (a primeira se estabelecera na Bahia). Molestado do fumo que enchia a exigua habitação, muitas vezes vinha ler fóra ao ar livre as suas lições, exposto a todo o rigor do frio. Como lhe faltavam livros, copiava de sua letra com insano trabalho e heroica paciencia tantos cadernos quantos eram os discipulos que lecionava, gastando nisso as noites sem dormir, porque os dias lh'os levavam obrigações mais severas.

Applicou-se tambem a ensinar a lingua latina, e a aprender a brazilica, servindo-se uns aos outros reciprocamente de mestres e discipulos; e taes progressos fez em pouco tempo no idioma dos barbaros, que compoz delle grammatica e vocabulario, que se imprimiram, e foram por muito tempo de grande proveito. Compoz na mesma lingua catechismos para a instrucção religiosa, manuaes para guia dos que houvessem de administrar os sacramentos, e hymnos sagrados que fazia entoar em vez das canções lascivas que até então andaram em voga.

Ás privações, e aos trabalhos do entendimento, se reuniam os mechanicos, desempenhando os padres por suas proprias mãos todos os misteres da vida, e

alcançando a sua engenhosa industria supprir a falta de sapatos com alpargatas que fabricavam de cardos bravos.

Foram os indios acommettidos da peste. Acudiu-lhes á imaginação perturbada e aterrada a mesma idéa que aos da Bahia: o mal não podia derivar senão das aguas do baptismo. Mas a charidade dos missionarios conseguiu desterrar esta absurda supposição. Além das preces publicas em procissões, e de disciplinas até o sangue, a que recorreram para aplacar a colera divina, e apartar o flagello com que á Providencia aprazia visitar os peccadores, serviam os padres de enfermeiros e medicos, e como não havia lancetas, aguçaram os seus canivetes de aparar pennas, e começaram a sangrar os indios com tam maravilhoso effeito que raro foi o que dali em diante morreu; e já porfim diziam elles que a doença trazia-a o diabo, e a saude davam-n'a os padres.

Um facto nos dá idéa de toda a ingenuidade destes homens simples e de boa vontade; entraram a escrupulisar se, derramando sangue pelas sangrias, não incorreriam por isso no perigo de irregularidade, e consultaram para Roma, afim de socegarem as consciencias assustadas. O patriarcha Sancto Ignacio respondeu por estas palavras: *Quanto ás sangrias, digo, que a tudo se estende o bojo da charidade.* Dáli em diante, ninguem mais duvidou.

Os padres se assignalaram tambem por trabalhos de outra natureza. Nobrega ajudou a expulsar os francezes do Rio de Janeiro, trazendo muito a ponto aos portuguezes um grande reforço de indios de S. Vicente, além de mantimentos de que careciam. É certo porém que este serviço não ficou sem o merecido galardão, como tantos outros; porque, quando mais tarde se fundou a cidade do Rio de Janeiro, mandou el-rei levantar no centro della um collegio para cincoenta padres, ordenando-lhes ao mesmo tempo uma larga dotação para sua subsistencia.

Aconteceu tambem que os gentios visinhos de Piratininga, ou movidos das suggessões dos mamelucos Ramalhos, ou da propria inconstancia e fereza, ou já finalmente de alguns aggravos que tinham recebido dos portuguezes, entraram a ver com máus olhos o estabelecimento christão, e afinal, resolutos a destrui-lo, vieram sobre elle em crescido numero, e com grande furia; mas os cathecúmenos, dado que poucos, esforçados pela religião, se houveram com tal gentileza que desbarataram e puzeram em fuga os inimigos.

Estes comtudo, e os tamoyos especialmente, perseveraram nas suas disposições hostis; e com tal poderio de gente de guerra se preparavam a vir sobre as colonias portuguezas de S. Vicente, que a ruina destas seria infallivel, se o acommettimento se realisasse. Nestas criticas circumstancias, o P. Manuel da

Nobrega, que por mais de dous annos meditára este projecto ousado e sublime, metteu-se desassombrado por entre os inimigos, acompanhado só do P. Anchieta, e sem mais guarda e defeza que a fé, esperança e charidade que guiavam todos os seus passos.

Esta determinação heroica paralysou á principio os barbaros, a ponto de consentirem em abrir negociações, que os padres tractavam, prégando ao mesmo tempo, e celebrando os officios divinos em altares erguidos á pressa, sob humildes tectos de palha, no coração daquellas brenhas. Mas cançados das dilações, assanhavam-se os indios em novos furores, e por muitas vezes esteve em risco imminente a vida dos dous missionarios diplomatas. E a salvação della sem duvida a deveram a favor especial da Providencia, que permittiu-lhes alguns milagres, como a realisação de varias prophecias, certas curas extraordinarias, e outras cousas a este modo maravilhosas e incriveis.

Crescia entretanto a impaciencia dos barbaros, e foi forçoso aos padres tomarem um novo acordo. Nobrega partiu para S. Vicente a dar pressa á conclusão da paz, e Anchieta ficou como em refens. Tam multiplicadas e rapidas viagens fazia Nobrega, em proveito commum, que os indios admirados lhe pozeram o nome — *Abaré-Bebe, padre voador*. Mas nesta ultima demorou-se, e excedeu tanto o prazo marcado, que entraram elles a conceber vehementes suspeitas de traição, e a vida de Anchieta e mais outros prisio-

neiros correu novos perigos. Naquelle angustioso trance, não havendo mais industria humana que os podesse salvar, encheu-se de fé o sancto missionario, e prophetisou ousadamente que no dia seguinte a taes horas, que designou pela altura do sol, chegaria sem falta o companheiro com a nova das pazes. A prophecia cumpriu-se muito a ponto, e a auctoridade dos padres ganhou com isso ficar mais assentada e robustecida.

Naquelles tempos de fé singela e ardente, quasi tudo se afigurava milagroso aos animos prevenidos e enthusiasmados; assim as caprichosas combinações do acaso, como os successos mais ordinarios e naturaes; porque a natureza real andava como toldada e involta n'uma miragem phantastica e prestigiosa, e os homens a contemplavam, não com os olhos corporaes, mas com os da alma, commovida e arrebatada por sentimentos sublimes. De modo que, ainda quanto aos successos extraordinarios, e humanamente impossiveis, não é licito acolher a idéa de impostura em homens que assim expunham à vida a perigos immediatos e temiveis, ou a despendiam lentamante em assombrosos e quotidianos sacrificios; devemos antes crer que a Providencia os permittia algumas vezes, em favor e graça especial a tamanhos servidores da fé; ou que naquellas imaginações exaltadas até o delirio, os sonhos e as visões tomavam as proporções da realidade. Póde ser tambem que escrevendo os chronistas cincoenta

e cem annos depois dos acontecimentos, adoptassem os contos e lendas populares sem escolha alguma, podendo com elles menos a critica que a piedade.

O perigo não ameaçára sómente a vida dos padres durante a residencia que fizeram entre os tamoyos; pois tambem a sua castidade andou exposta a tentações de tal natureza, que o inimigo houvera certamente triumphado, se não encontrasse campeões tam esforçados. Os principaes das aldêas, como é de uso entre aquellas gentes, lhes offereciam as mais formosas d'entre suas filhas e irmãs; e pasmando de verem como os padres as refusavam, inquiriam curiosos de que natureza estranha eram elles, que assím menospresavam aquillo que todos os mais homens tanto cobiçavam? Mostrava-lhes Nobrega então umas disciplinas ensanguentadas, e lhes dizia que macerando com ellas o corpo, asseguravam a continencia, e se defendiam dos impetos lascivos.

Mas a este, velho e alquebrado, era a virtude mais facil, ao passo que Anchieta, vigoroso e na flor dos annos, era preciso esforço mais que humano para poder domar as rebelliões da carne. O perigo cresceu quando o piedoso mancebo, que não tinha bem trinta annos, viu-se de todo solitario pela ausencia do companheiro, entre aquella turba de selvagens. «Especta«culo digno de Deus, dos anjos e dos homens, (diz

«o P. Simão de Vasconcellos) era vê-lo mettido em «terra barbara, entre homens feras, e mulheres núas, «elle comsigo só, sem quem pudesse notar-lhe exces-«sos, em combates continuos e quasi necessarios, de «olhos, de ouvidos, da carne, dos homens, do diabo, «e do proprio inferno. Para poder guardar-se a si, «havia-se como morto ao tropel de objectos torpes, «que eram inevitaveis, onde a natureza não conhe-«cia pejo, e a honestidade não era conhecida. Era «contínua sua penitencia, cilicio, jejum, contempla-«ção, que divertiam a alma a Deus, e apoz ella os «olhos e desejos. Em semelhantes exercicios passava «a mór parte das noites, porque os dias podesse «gastar em bem dos homens. Tomou em primeiro «logar por advogada da empreza, e muito em espe-«cial de sua castidade, a virgem senhora nossa, no «meio deste incendio de Babylonia. E era tal o effeito «de sua protecção, que não chegou a elle o minimo «calor, nem ainda fumo daquelle fogo infernal.»

No meio destas tribulações, entre a vida e a morte, as tentações e as penitencias, a oração e o trabalho, fez Joseph voto á senhora de escrever a sua vida em versos latinos. Nem papel, nem tinta, nem pennas tinha; mas a falta mais sensivel era a dos livros. Não obstante tudo isso, deu principio á obra; e seguiu todos os passos da vida da senhora, desde a concei-ção até á assumpção, sem que ficasse passagem al-guma das escripturas e prophecias, ou dito célebre de sanctos, relativo ao assumpto, que não inserisse

no poema. Compunha-o elle a passear nas praias do mar visinho, ao ruido solemne das ondas; e á proporção que os compunha, ia traçando os versos na areia, para mais facilmente rete-los na memoria. Conta-se que vivera muito tempo na tradicção dos indios—que em quanto Joseph assim passeava e compunha, com os olhos erguidos ao ceo, uma avesinha graciosamente pintada, ora o rodeava e festejava com brando vôo, ora lhe pousava nos hombros, na cabeça ou nas mãos, como para mostrar-lhe o cuidado que o ceo tinha delle, trazendo-lhe o despacho do que pretendia da virgem, que era o dom da confirmação da pureza, em galardão do seu trabalho e amor.

Este poema sem igual pelas circumstancias extraordinarias em que foi composto, verdadeiro prodigio de memoria e devoção, acha-se no fim da—*Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil,* pelo P. Simão de Vasconcellos. Consta de pouco mais de 5900 versos, e termina com a seguinte dedicatoria, pela qual poder-se-ha fazer algum conceito da obra inteira. «Eis-aqui, mãi santissima, os versos que offereci «a vossos louvores, ao ver-me cercado de inimigos, «quando socegava com minha presença os tamoyos «irritados, e desarmado tractava pazes entre armados «barbaros. Aqui teve vossa benevolencia com amor «de mãe cuidado de mim; e á sombra do vosso am«paro vivi seguro no corpo e n'alma. Muitas vezes «desejei com divinas inspirações, padecer dores, pri«sões e morte; porém não foram acolhidos os meus

«votos, porque glória tamanha só cabe aos verda-«deiros heroes.»[1]

Se as aspirações de Anchieta ao martyrio não foram satisfeitas, é porque a sua vida sem duvida servia os interesses da religião melhor que a sua morte; porém com outros muitos membros da ordem não foi o ceo tam avaro deste raro favor. Dous irmãos, de nomes Pedro Corrêa, e João de Souza, metteram-se animosamente pelas brenhas com intento de converter os carijós. Bem recebidos a principio, logo depois entraram a ser objecto da desconfiança dos barbaros. Conhecendo que se lhes dispunha o martyrio, pozeram-se de joelhos com os olhos e as mãos erguidas ao ceo, e nesta attitude tam humilde como heroica receberam immediatamente a morte, trespassado o corpo de innumeraveis frechas. Uma circumstancia digna de memoria é que este Pedro Corrêa, antigo morador do Brazil, tivera em seus principios por officio andar salteando e captivando indios. Convertido depois pelo P. Leonardo Nunes, e abraçando o instituto, deu-se todo, em desconto dos seus peccados, ao serviço e conversão dos mesmos indios, a cujas mãos veio a acabar.

Mas a todos sobreleva, pela immensidade do sa-

[1] Constancio dá á este poema 7500 versos, e o P. Vasconcellos 4172. Se estes escriptores leram, como é de presumir, parece comtudo que não contaram os versos.

crificio, o martyrio do P. Ignacio de Azevedo e seus companheiros.

Este padre havia já visitado o Brazil, e regressando á Europa, foi á Roma, onde o seu geral S. Francisco de Borja lhe deu missão para tornar com quantos companheiros pudésse congregar afim de empregar-se na conversão dos gentios. O mesmo papa animou esta sancta empreza com dons numerosos e singulares,—indulgencias plenarias, reliquias de sanctos, e até uma copia do retrato da virgem, tirado por S. Lucas. Este ultimo favor nunca fôra concedido, afim que, pela raridade, fosse maior a veneração e o culto da sagrada imagem.

Partiu o P. Ignacio para o Brazil, em 1570, com mais sessenta e nove companheiros, na frota em que vinha o governador do estado D. Luiz de Vasconcellos, a saber o P. Ignacio com mais trinta e nove, na náu *San'Thiago,* vinte na *Capitánia,* e os mais repartidos pelos outros navios. Detida a frota na ilha da Madeira, foi a náu *San'Thiago* a de Palma, uma das Canarias, largar parte da carga, e tomar outra para o Brazil. Como aquelles arredores eram infestados de corsarios, pelejaram com o provincial para que se passasse para a *Capitánia,* mas elle, refusando-se a isso, deu entretanto liberdade aos que a quizessem para ficarem. Alguns noviços usaram della, mas foram para logo substituidos por outros padres, que só parece que andavam todos apostados, a quem primeiro alcançaria a palma do martyrio.

Jacques Soria, corsario calvinista, que commandava cinco embarcações, encontrou effectivamente a náu *San'Thiago*, atacou-a e rendeu-a. Durante o terrivel conflicto, os padres animavam os soldados com a voz e com o exemplo. Foram todos mortos, á excepção de um noviço, e o cruel vencedor arrojou os corpos sangrentos ao mar. Conta-se que o P. Azevedo, tendo nas mãos aquella milagrosa imagem da virgem, de que ha pouco fallámos, ficára suspenso sobre as ondas com os braços abertos em attitude de crucificado;—que os hereges em vão forcejaram por lhe arrancar da mão o retrato;—que o P. emfim só desceu ao fundo, quando a frota inimiga começou a afastar-se, mas que tornára a subir á flôr d'agua quando acertou de passar por aquellas paragens um navio catholico—que este tomára a imagem, já sem resistencia, e a levára á Bahia, onde os jesuitas a expozeram á veneração dos fieis, ainda toda assignalada dos dedos sangrentos do martyr.

Pouco tempo depois, e durante o curso desta mesma desastrosa viagem, o governador, reduzido só á náu *Capitânia*, foi atacado por outro corsario chamado Capdeville, que vinha com forças mui superiores. Foi o successo igualmente infeliz, e o governador morto com todos os seus, e quatorze padres que ainda o acompanhavam. De toda esta gloriosa phalange de setenta soldados de Christo, só um chegou são e salvo ao Brazil, onde deu a fatal nova.

Mais de um seculo depois, estando o P. Antonio

Vieira em Roma, continuou a sollicitar a canonisação do P. Ignacio de Azevedo, e seus trinta e nove companheiros martyres, que já de alguns annos atraz se havia intentado. A curia mandou examinar o negocio, e correndo o processo os devidos termos, chegou a ser sentenciada a verdade do martyrio. A averiguação porém do milagre ficou para mais tarde, e nunca chegou a ter logar. Vieira escrevia para Portugal com o costumado espirito e agudeza que a maior difficuldade do negocio era o grande numero dos sanctos. E com effeito, o breve de canonisação teria muitos ares de semelhança com os decretos das modernas monarchias constitucionaes, em virtude dos quaes se cream de tropel esses esquadrões de pares, a que a malignidade publica tem dado o nome de *fornadas*.

O P. Manoel da Nobrega falleceu cerca de quatro mezes depois deste immenso desastre, de que não chegou a ter noticia, menos adiantado em annos (pois apenas contava cincoenta e tres) que exhausto e rendido de trabalhos e fadigas. Mas ficaram o seu nome, a sua doutrina, e sobretudo o seu grande exemplo. Segundo a carreira por elle aberta, Anchieta e os seus outros discipulos, continuaram a conversão dos gentios, e não obstante a gradual diminuição da população indigena, devida ao contacto fatal da civilisação, ás fomes e ás pestes, em uma das quaes fo-

ram arrebatados mais de trinta mil indios, tal foi o ardor do seu zelo que em menos de meio seculo quasi todo o maritimo do Brazil, desde Pernambuco até S. Vicente, se via povoado de aldêas de selvagens domesticados e reduzidos á fé.

Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da companhia de Jesus no Brazil. Quasi tudo quanto se offerece ás vistas do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda parte senão dedicação, sacrificio e trabalho abençoado com fructos copiosos. Os padres ajudam a expulsar os invasores estrangeiros, catechizam os selvagens, preservam as aldêas christãs da ruina, e abrigam os fracos da oppressão. Algumas lutas se travam por esta causa; mas a sua humildade as desarma, e esses breves tumultos compoem-se, sem tomarem o caracter funesto da guerra civil. Nunca a ambição politica de mando e de poder vem aggravar o mal, e afastar o bem, como nos tempos posteriores tantas vezes se viu. Diz-se que os jesuitas fomentaram a discordia entre o primeiro bispo e o governador Mem de Sá; mas ainda que o facto fosse incontestavel, não vemos que avultasse em consequencias por extremo nocivas.

Dissemos que nesta primeira idade *quasi* tudo, não tudo, era puro e sem mancha; porque infelizmente parece não ser dado ao genero humano atravessar periodo algum da história, sem tropeçar em crimes,

e cadaveres. A destes tempos dourados encerra tambem uma pagina negra e ensanguentada.

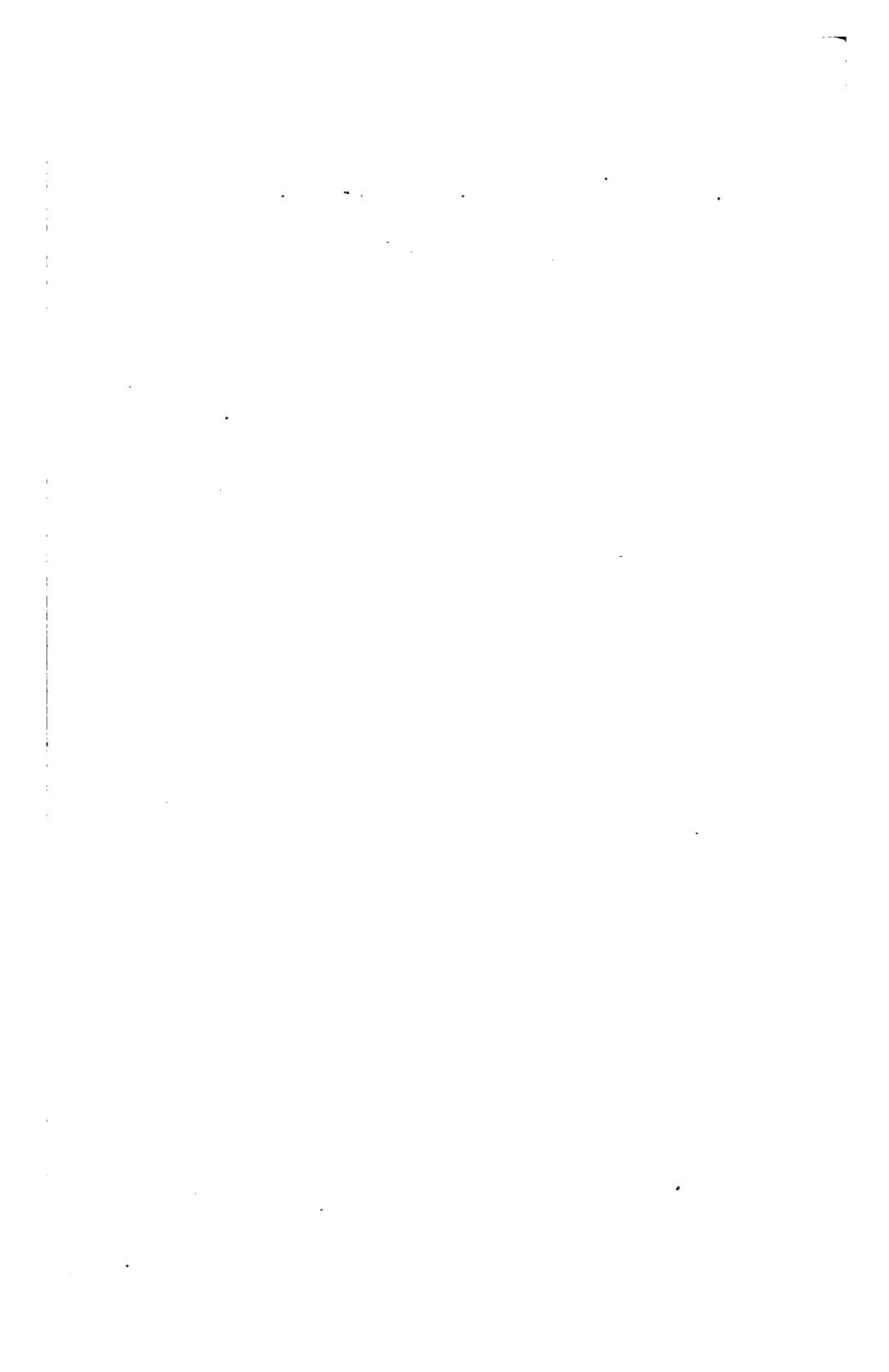
Alguns francezes protestantes, fugindo á perseguição do traidor Villegaignon, vieram buscar asylo ás povoações portuguezas de S. Vicente. Era um delles, de nome João Bolés, homem instruido e versado nas sagradas escripturas, possuia perfeitamente o latim, o grego e o hebraico; e era sobretudo isso, discreto e insinuante no dizer. Comoquerque, ennobrecido e rico com tantos dótes do engenho, armasse algumas disputas e controversias com o P. Luiz da Grãa, accusou-o este de andar inficionando as suas ovelhas com a peçonha da heresia, e com tal pretexto fe-lo prender e remetter para a Bahia, onde jazeu n'um carcere oito annos. Os companheiros, fallecendo-lhes o coração ante o soffrimento e o perigo, abraçaram ou fingiram abraçar o catholicismo; João Bolés, porém, espirito tam cultivado, como animo firme e resoluto, perseverou na sua fé, e affrontou a morte. Depois da restauração do Rio de Janeiro, o governador Mem de Sá o reenviou para ali, afim de que padecesse, dizia-se, no mesmo logar onde havia dado escandalo. Foi condemnado a morrer como herege obstinado!

Não nos podemos subtrahir a um sentimento de dor e de tristeza vendo o veneravel Anchieta figurar na execução desta iniqua sentença. A pretexto de salvar o infeliz das garras do demonio, a principio dilatou-lhe a agonia, fazendo demorar o tempo do supplicio, para que elle o tivesse de converte-lo: e

depois, no momento fatal, como o algoz inexperiente não soubesse abrevia-lo, e com a dilação lhe aggravàsse o soffrimento; vendo Anchieta a impaciencia do condemnado, que era homem colerico, e receando que d'ali resultasse a perda daquella alma (tal era a confiança que tinha na pretendida conversão) entrou em zelo, reprehendeu o algoz, e ensinou-lhe elle mesmo como havia de fazer o seu officio!

«Ó charidade admiravel e engenhosa! (exclama o «P. Vosconcellos). Bem sabia Joseph que segundo as «leis ecclesiasticas incorria na suspensão das ordens «todo o sacerdote que accelera a execução da morte «em qualquer occasião, inda que movido de causa pia; «porém mais podia com elle a charidade e amor que «devia ao proximo, que outro qualquer respeito e «consideração » E nós dizemos: abominavel fanatismo que assim perverte e transforma um missionario sublime em miseravel ajuda do algoz! triste e eterna contradicção do espirito humano! Estes padres que vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens canibaes, agora o derramam de um irmão innocente, e quando muito transviado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade, e atanazando-o na sua hora derradeira com torturas moraes, mais crueis e incomportaveis porventura que as da corda e do cutello!

E pois que a Providencia, em seus designios profundos e insondaveis, permitte que andem assim alternados e fronte a fronte o bem e o mal; levantem ao

menos a voz sempre e por toda parte, as almas bem nascidas onde o amor do bem prepondera, e votem ao opprobrio e á execração do genero humano essa abominavel justiça politica e religiosa, fonte perene, de crimes, e desdouro eterno da historia.

III[1]

Missões dos capuchos, carmelitas e mercenarios ao Maranhão—Desavenças de Fr. Christovam de Lisboa, custodio dos capuchos, com o povo—Difficuldades que encontram os primeiros jesuitas para se estabelecerem em S. Luiz e em Belem—Anníem ás condições impostas pelo povo com restricções mentaes—Primeiros tumultos por causa das leis de liberdade de indios—Chegada do P. Antonio Vieira em janeiro de 1653—Posto que nascido em Portugal, passou este homem extraordinario mais de metade da sua vida no Brazil, e pertence á nossa historia.

Vamos entrar na segunda idade dos jesuitas no Brazil. Foi aquella em que floreceram no Maranhão, e em que, ás antigas virtudes individuaes, juntaram em alto gráu a ambição collectiva da influencia politica e poder temporal.

Todas as mais ordens religiosas forneceram missionarios ás conquistas, nenhuma porém como a companhia de Jesus, cujos membros eram os missiona-

[1] Pertencia este capitulo ao livro VIII; mas tendo deslocado os que se lhe seguem, e respeitam a vida do padre Antonio Vieira, para passa-los para o volume IV, annexamo'-lo ao livro VII como convinha.

rios por excellencia. Mas assim como entre as diversas ordens avultava e sobresahia a de S. Ignacio, assim entre todos os jesuitas realçava a grande figura do P. Antonio Vieira, brilhante personificação do instituto, em quem se resumiu todo o lustre e interesse daquelles tempos.

Escreveremos pois succintamente o que constar das diversas ordens—com mais largueza dos jesuitas—e porfim, quanto soubermos, do seu grande superior Antonio Vieira, em cuja vida encontrará o leitor o espirito, a ambição, a grandeza, os trabalhos, os sacrificios e a dedicação da ordem; como a historia toda inteira das raças indigenas sob a denominação portugueza, nas diversas relações com a liberdade, escravidão, catecheze e administração dos indios, ou consideremos essas relações em these, e involtas em fórmas legislativas; ou nos variados e infindos accidentes da acção e execução.

Os missionarios associavam-se a todos as explorações e expedições, se não eram elles mesmos que as emprehendiam e guiavam. Já vimos (a pag. 73) como em 1605 os padres Francisco Pinto, e Luiz Figueira, ambos jesuitas, tentaram chegar até a serra de Ybiapaba na esperança de converterem os selvagens que a povoavam, e como foram victimas da sua feresa, morto um, e outro afugentado.

Logo no anno seguinte (1606) alguns outros jesuitas, da provincia de Quito exploraram o Alto-Amazonas, penetrando no territorio chamado de Cofanes, junto á nascente do rio Coca, no mesmo piedoso intento de conversão, que custou a vida ao P. Ferrier, sendo os outros obrigados a fugir. Estas explorações duraram até 1611.

Em 1637 o capitão João de Palacios desce da mesma cidade para explorar o grande rio. Não logrou o intento, que os selvagens o mataram; mas uns frades capuchos, de que se acompanhava, poderam vir até o Pará. Este successo accendeu no governador do Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, o desejo de tentar a mesma empreza; o capitão Pedro Teixeira, por ordem sua, subiu pelo Amazonas até Quito; e o collegio daquella cidade fe-lo acompanhar na volta por dous padres de muitas letras, que escrevessem a derrota, e as notícias que fossem colhendo daquellas regiões novas e desconhecidas, e dos gentios que as habitavam.

O nome dos jesuitas tambem se encontra nos descobrimentos das nações fabulosas das Amazonas, Pés-virados, Gigantes, Pygmeus, Barbados ou Ibirajáras, descendentes dos antigos naufragos de Ayres da Cunha; e dos Amanajós, de cabellos louros e olhos azues, oriundos dos hollandezes. Posto que, fallando dos descendentes dos Perós, (os barbados do Itapucurú) diga André de Barros que a sua fama é mais plausivel que averiguada; quanto á nação dos gigantes, afirma

desenganadamente que um missionario a descobriu em 1721 no rio Tocantins.[1]

Com a mesma intrepidez assevera este escriptor (Vida do P. Antonio Vieira, tom. 1.º, cap. 170 a 178) que a restauração do Maranhão do jugo hollandez, foi devida, não a Antonio Moniz Barreiros e a Antonio Teixeira de Mello, senão principalmente aos jesuitas Lopo do Couto e Benedicto Amodei; á industria daquelle, que foi quem deu o plano do levantamento, e animou a elle Moniz Barreiros, seu sobrinho; e ás orações e penitencias deste, conhecido e venerado por sancto, e que, como tal, fôra quem abrandára e dobrára o ceo, antevira com prophetico espirito o fim do successo, e nos casos mais desesperados promettia aos indios e portuguezes a felicidade e o triumpho, com que vieram a ser vencidos os hereges. Se isto calaram os historiadores, (conclue o chronista da ordem) deixou-o ao menos em memoria n'uma certidão jurada o capitão-mór Antonio Teixeira de Mello.

Foi ainda um jesuita, Francisco de Vilhena, quem veio á Bahia com a nova da restauração de 1640, e com ordens e instrucções para faze-la aceitar dos povos do Brazil. Deixemos porém estes factos, ou duvidosos, ou isolados, para seguirmos as ordens nas suas obras mais serias e duradouras.

---

[1] Veja-se a nota G no fim do volume.

Já vimos que logo no principio da conquista vieram com Jeronymo de Albuquerque dous capuchos que se apossaram do convento dos capuchinhos francezes. Acrescentemos agora que com Alexandre de Moura, e por capellães da sua armada, vieram dous carmelitas, que em um sitio elevado da recente povoação levantaram seu convento, o primeiro que aqui houve de portuguezes. Alexandre de Moura lhes concedeu mais a ilha do Medo, e duas leguas de terra na de S. Luiz.

Tambem vieram na sua armada quatro jesuitas, a saber, os dous já mencionados Lopo do Couto, e Benedicto Amodei, pretendidos restauradores do Maranhão, outro cujo nome nos não foi conservado, e por superior de todos, o P. Luiz Figueira, que mais tarde veremos figurar nas perturbações civis. A estes, pelo emquanto, não se permittiu estabelecimento algum, e muito tardou primeiro que a côrte de Madrid lhes levantasse a prohibição. Por isso lhes foi forçoso seguirem para uma grande aldêa do Monim a prégar a fé aos selvagens.

Os capuchos e carmelitas tomaram a si a conversão dos tupinambás, uns e outros, escreve Berredo, com grande fructo, Não foi isso parte todavia para que dentro em pouco não rebentasse a formidavel sublevação dos de Cumã, que se estendeu até o Pará; e para que se lhes não fizesse uma guerra de exterminio, começada por Mathias de Albuquerque, e continuada por Bento Maciel.

Em 1617 quatro religiosos capuchos chegam ao Pará, e fundam o hospicio de Una, o primeiro que ali houve.

Em 1620, Fr. Antonio de Merciana, commissario ou custodio dos mesmos religiosos, faz-se eleger adjunto de um capitão elevado ao governo, por deposição do capitão-mór.

Em 1622, reinando uma grande peste no Maranhão, o capitão-mór Domingos da Costa, para aplacar a colera divina, fez levantar á sua custa a igreja matriz, e deu grande auxílio ás obras do convento do Carmo, que ainda continuavam.

No mesmo anno veio por capitão-mór do Maranhão Antonio Moniz Barreiros, nomeado pelo governador do Brazil, o qual, em attenção á sua pouca idade, lhe deu por assessor aquelle mesmo P. Luiz Figueira, jesuita, que, já aqui estivera, e se vira obrigado a voltar, por lhe haver negado Filippe III a permissão de estabelecer tambem uma missão nestas paragens. Veio na mesma occasião mais outro jesuita italiano; e tal era já naquella epocha o poder e influencia desta ordem célebre, que o povo, alimentando as mesmas desconfianças que a côrte de Madrid, e receando além disso, a sua intervenção nas questões de escravidão dos indios, começou a alvorotar-se, e exigiu por intermedio do senado a immediata expulsão dos padres. O P. Luiz Figueira, deposta então a mansuetude apostolica de que inculcára vir animado, e anticipando um dito célebre de Mirabeau, declarou perante o senado

que só feito em postas se apartaria dos exercicios da sua vocação de converter e salvar os infieis. Mas afinal os dous capitães-móres, usando da sua influencia, conseguiram pacificar a porfia por meio de um compromisso. Os padres ficaram, porém assignaram termo de que nunca se intrometteriam com os indios domesticos ou escravos, sob pena de expulsão, e de confiscação de todos os bens que viessem para o diante a possuir. Talvez o P. Figueira applicasse então a doutrina das restricções mentaes, e se reservasse a faculdade de proceder no futuro como julgasse mais opportuno e conveniente, sem embargo da obrigação apparente a que se sujeitava pelo termo.

Em 1625 chegou de Pernambuco o capucho Fr. Christovam de Lisboa, com os cargos de 1.º custodio da sua religião nestas conquistas, de visitador ecclesiastico, e de commissario do sancto-officio, trazendo comsigo dezeseis missionarios da sua ordem, e mais dous carmelitas. Os capuchos hospedaram-se provisoriamente em uma casa particular; porque o antigo conventinho francez, depois de haver successivamente hospedado os primeiros capuchos, jesuitas, e carmelitas portuguezes, viera a arruinar-se inteiramente. Os dous primeiros capuchos, Fr. Cosme de Damião, e Fr. Manoel da Piedade, companheiros de fortuna de Jeronymo de Albuquerque, tinham-se já restituido á

sua provincia de Pernambuco, mas antes da partida, estiveram morando em outra casa religiosa, chamada o—Carmo-Velho—junto ao muro do collegio da companhia, hoje da sé.

Fr. Christovam deu pressa á erecção do novo convento, construido solidamente de pedra e cal, quando os primeiros domicilios eram de páu a pique e barro, e cobertos de palha. Parece que esta obra é a que ainda hoje perdura dentro do actual moderno edificio, levantado, sem prévia demolição do antigo, que por isso só serve ali de empachar o pateo interior, e dar-lhe um aspecto desagradavel.[1]

Fr. Christovam foi quem apresentou o alvará de 15 de março do anno de 1624, de que viera munido, abolindo, ou removendo dos particulares para os religiosos todas as mercês de administrações de indios; e não obstante ferir esta lei os interesses da colonia, foi a principio executada, mediante a influencia do capitão-mór Moniz Barreiros, desviada por então a tormenta que mais tarde estalou com mór fracasso.

Mas no Pará, onde os interesses ligados ás administrações eram muito mais avultados, encontrou a lei uma opposição viva e formal; e o senado pôde adiar a sua execução, pretextando que como a mesma lei

[1] De tudo isto infere-se que as casas dos nossos conventos mudaram de local, e foram completamente reformadas por mais de uma vez. A tal respeito consulte-se Berredo. *Ann.* n. 521, e *Claustro Franciscano*, por Fr. Apolinario da Conceição, Lanço 2°, Cap. 23—Lisboa, 1740.

se dirigia ao governador do estado que já se achava em Pernambuco, e era esperado sem muita demora, só a elle competia a decisão das duvidas occorridas. Contentou-se por emquanto Fr. Christovam destas razões, temeroso de que a sua obstinação não désse causa a mais serios disturbios; mas o curso dos acontecimentos fará ver que elle só aguardava occasião mais azada para executar os seus intentos.

Acompanhado de mais tres padres da sua ordem, subiu Fr. Christovam em missão pelo Tocantins, e dizem que fez copioso fructo entre os selvagens. De volta á cidade, entrando de novo no exercicio de visitador, e insistindo no antigo proposito, mandou em um domingo, 21 de dezembro, afixar na porta da matriz uma pastoral, fulminando excommunhão maior contra todos os que, estando de posse das administrações de indios, as não largassem sem detença.

Esta violação da promessa solemnemente feita, não havia mais de sete mezes, causou grande agitação na cidade; o senado da camara convocou para uma reunião geral toda a nobreza civil e militar, e homens bons do povo; e posto o assumpto em deliberação, além de afear-se o procedimento do padre, fizeram-se valer naquella occasião os sophismas que em todas as outras da mesma natureza sempre se empregaram depois—que a extincção das administrações era contraria aos interesses dos mesmos indios, porque soltos daquella sujeição, far-se-hiam para logo aos matos, onde perderiam as almas com a falta de doutrina, e

as vidas, nas contínuas guerras a que eram avezados;—que demais era grande sem razão privar daquelle seu unico remedio os moradores da capitanía, que a tinham descoberto, conquistado e povoado á custa de seu sangue e suor, e agora a sustentavam sem mais auxílio d'el-rei que a sua propria lealdade para com elle;—e que tudo isto desattendia Fr. Christovam, sem lhe lembrar a justiça e boa igualdade que tinha havido na distribuição das administrações; podendo mais com elle a ambição do dominio temporal das aldêas que o respeito á boa rasão e á propria palavra dada. Em conclusão, assentou-se em representar ao padre que retirasse as suas censuras, e que caso não viesse elle nisso, se appellasse dellas, protestando-se por todos os damnos que se seguissem.

Fr. Christovam recuou mais esta vez, retirou-se immediatamente para o Maranhão, e seguindo daqui para o Ceará, foi no trajecto acommettido pelos tapuyas de corso, a quem com os seus pôz em fuga, combatendo armado de espada e rodella, e mostrando-se em tudo, diz Berredo, tam bom capitão como religioso.

Em principios de 1626 os carmelitas fundaram o seu convento em Belem; e requerendo pouco depois os jesuitas permissão para fundarem tambem uma casa sua, oppoz-se-lhe o procurador da camara, em nome do povo, fazendo ver que a terra era nova e

pequena, e tendo já dous conventos (de capuchos e carmelitas) mal poderia com terceiro. E assim se decidiu. Os jesuitas resignaram-se, appellando para melhores tempos.

Em 1652, vindo Balthasar de Souza Pereira por capitão-mór do Maranhão, com regimento especial, e apertadas ordens para pôr em sua liberdade todos os indios que até então se tinham como escravos; e querendo dá-las á execução, excitou com isso tam declarada sedição no povo, que este veio em tumulto occupar a praça de armas da cidade. O capitão-mór flanqueou-a de toda a artilharia disponivel, e marchou para ella á frente da pequena infantaria da guarnição, com mostras de quem queria decidir a contenda pelas armas; mas, depois desta demonstração, recuou sem nada fazer, cedendo, segundo se diz, ás representações dos jesuitas. Como objecto mais principal do odio popular, receiavam os padres soffrer mais das consequencias do conflicto, e procuraram por isso compô-lo a todo custo, o que se conseguiu, expedindo-se de parte a parte procuradores e cartas para a côrte em ordem a obter-se a solução das duvidas que a nova lei suscitára, e empenhando-se cada qual no sentido das suas opiniões e interesses.

A mesma tentativa feita no Pará pelo capitão-mór Ignacio do Rego Barreto, abortou com successo igualmente infeliz, senão é que, como fosse alli maior a

quantidade de escravos, e consequentemente, dos senhores prejudicados em seus interesses, seria maior o perigo, se Ignacio do Rego não desistisse immediatamente da execução do seu regimento.

Os procuradores enviados do Maranhão reuniram-se em Belem ao da capitanía do Pará, Manoel Guedes Aranha, celebre pelo cynismo das suas opiniões a respeito da escravidão dos indios, e partiram todos juntos para a côrte no começo do anno de 1653.

Por este mesmo tempo os jesuitas conseguiram fazer-se receber nesta ultima capitanía, mas não sem condições que bem deviam custar ao padre reitor João de Souto-Maior, e lhe foram duramente impostas pelas cautelosas desconfianças dos habitantes, ainda escarmentados da recente tentativa em favor dos indios escravos. Essas condições constam do seguinte termo, que é um documento da mais alta importancia, assim pelo facto historico que attesta, como pela flexibilidade que revela nos jesuitas, sempre promptos a dobrar-se ás circumstancias, e a soffrer humilhações momentaneas, uma vez que por ellas conseguissem dispôr grandes vantagens futuras. Ei-lo:

«Aos 26 dias do mez de janeiro de 1653 annos, «nesta cidade de Belem, capitanía do Grão-Pará, es«tando presentes os officiaes da camara, e o P. reitor «João de Souto-Maior, *que vinha fazer casa para en«sinar doutrina e latim aos filhos dos moradores;* pelo «procurador do conselho foi dito ao dito padre reitor «que havia de assignar um termo, em que não havia

«de entender com escravos dos brancos, a que o dito «padre reitor disse que elle queria assignar o dito «termo de em tempo nenhum entender com escravos «de brancos, *nem ainda queria administração de in-«dios fôrros, mais que ensinar-lhes a doutrina, e que «para isso levára muito em gosto* que este termo se «fizesse; *e declarou mais que esta obrigação ficava nos «mais que viessem succeder-lhe.* E assignou com os «ditos officiaes.»

Não passaram mais de dez mezes, sem que os padres faltassem redondamente a esta solemne estipulação. Antes e depois disto, sempre procederam pelo mesmo theor; quando quizeram mais tarde erigir uma casa em Alcantara, renunciaram da mesma fórma a todas as suas outras pretenções, e inculcando que só os levava ali o desejo de doutrinar a mocidade, alcançaram porfim vencer as velhas desconfianças dos habitantes. [1] Não anticipemos porém os acontecimentos, e observemos aqui sómente que esta insigne má fé que caracterisava quasi todos os seus actos, foi parte

[1] Não temos podido encontrar documento algum que indique de um modo positivo a data em que os jesuitas se estabeleceram definitivamente na cidade de S. Luiz. Pelo que fica exposto parece que foi em 1622 O hospicio de Alcantara foi erigido um seculo depois da conquista. A provisão régia de 12 de fevereiro de 1716 o permittiu, sob condição de não haver nelle mais de seis padres que ensinassem a ler, escrever, latim e doutrina christã; e não excedendo as rendas ao restrictamente necessario para a subsistencia dos mesmos padres. Esta provisão acha-se registrada em um dos antigos livros da camara municipal.

mui principal para os embaraços e perturbações que se seguiram.

Até esta epocha, (1653) que vae ser assignalada por um acontecimento da primeira ordem, nada encontramos de assaz notavel na vida das ordens religiosas e missões destas capitanías do norte, a não ser a tenacidade com que os jesuitas desde 1615 procuraram estabelecer-se nellas, já sollicitando em Madrid e Lisboa, já acompanhando os governadores e as expedições, e já intrigando, humilhando-se e insinuando-se pelo modo que acabamos de ver. Os livros impressos não dizem mais nada além do pouco que acabamos de substanciar; e foi debalde que tambem interrogamos o archivo da camara, aliás falto quasi inteiramente de livros e documentos anteriores a esta epocha, provavelmente extraviados ou destruidos durante a invasão hollandeza.[1]

Porém neste anno de 1653, justamente quando Manoel Guedes Aranha com seus companheiros partia de Belem para Lisboa, desembarcava o P. Antonio Vieira nas praias de S. Luiz.

Este homem extraordinario nasceu, sim, em Portugal, mas passou a maior parte da sua vida no Brazil,

[1] O monumento mais antigo que encontrámos no archivo da camara municipal é um livro truncado de termos de vereação, começado em 1616. Nada contem sobre o presente assumpto.

já na Bahia, já no Maranhão e Grão-Pará. [1] Durante quasi oito annos que demorou entre nós, resumiu na sua pessoa toda a existencia politica e religiosa desta obscura colonia, cujo nome, associado ao seu, fez resoar na Europa. E elle mesmo escrevendo ao marquez das Minas, em 1673, diz em proprios termos: *Que pelo segundo nascimento devia ao Brazil as obrigações de patria.* [2] No Brazil emfim viveram e morreram com elle seus paes, irmãos e parentes. De modo que é a vida de um verdadeiro compatriota nosso que vamos escrever; e esta tarefa seria já de si grata ao auctor, quando não fosse tambem indispensavel, pois não será facil comprehender perfeitamente a missão do P. Antonio Vieira no Maranhão e Grão-Pará, se não tivermos tambem um perfeito conhecimento da sua vida, caracter, engenho e producções.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

[1] O P. Antonio Vieira nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608. Veio a primeira vez para a Bahia em 1615; e voltou para Lisboa logo nos principios de 1641, depois de uma residencia de vinte cinco annos e alguns mezes. Chegou a primeira vez ao Maranhão em 16 ou 17 de janeiro de 1653, e voltou em 16 de junho de 1654, tendo estado aqui um anno e cinco mezes. Chegou a segunda vez em 17 de maio de 1655, e voltou preso para Lisboa em fins de 1661, com seis annos e meio pouco mais ou menos de residencia. Deixou Lisboa pela ultima vez em 27 de janeiro de 1681, para voltar á Bahia, donde se havia ausentado cerca de quarenta annos antes. Dali não sahiu mais até que falleceu em 11 de julho de 1697, dezeseis annos e alguns mezes depois da sua chegada. Assim, de oitenta e nove annos, e quasi seis mezes que viveu neste mundo, passou cerca de cincoenta na terra do Brazil.

[2] Carta de 13 de setembro de 1673. Vem no T. 2.° dellas.

NOTAS.

NOTA A—PAG. 144 E 164.

Como o trabalho que emprehendemos não tem menos de critico que de historico, não podemos vencer a tentação de trasladar aqui, como amostra, as poucas paginas que escreveu Beauchamp acerca deste glorioso episodio da guerra hollandeza no Brazil, afim de que vejam os leitores a maneira por que estes auctores estranhos tractam as nossas cousas.

«João Cornelissen (diz elle) capitão das guardas de Mauri«cio de Nassau, deu á vela para o Maranhão com treze navios, «e tropas de desembarque, pois Mauricio bem conhecia toda a «importancia desta ilha. Bento-Miguel-Parentès, * comman«dante então de S. Luiz, cuidava mais dos seus interesses, que «da defeza da ilha, cujo forte apenas contava uma guarnição «de cerca de sessenta soldados mal armados, e sem disciplina. «Cornelissen traça o mesmo ardil que tam proveitoso lhe fôra «já com o inepto commandante de S. Christovam, e Parentès «não averiguou melhor que este a sinceridade dos motivos «allegados pelo commandante batavo para alcançar permissão «de desembarcar. «Haveis de saber, disse elle ao governador,

* Por muitas vezes se havia o auctor anteriormente referido a Bento Maciel; mas a adjuncção do appellido de—Parente—lh'o fez tomar por uma nova personagem, que é este—Bento-Miguel-Parentès—de sua invenção.

«em como acaba de concluir-se uma tregoa entre Portugal e a «Hollanda; e nestas circumstancias, não deveis considerar-me «senão como um amigo desejoso de regosijar-se por tal alliança, «e como um official conhecedor dos seus deveres, que apenas «pede permissão para desembarcar uma parte dos seus solda-«dos, enfermos e molestados da viagem. Só peço, para os soc-«correr e restaurar, alguns viveres de boa qualidade, que de «resto serão pagos a dinheiro de contado. Reclamo estes soc-«corros urgentes em nome da tregoa que acaba de reconciliar «as duas nações; mas confesso-vos que será grande prudencia «da vossa parte conceder-m'os sem dilação, em ordem a evitar «que a minha gente, no estado de penuria e desesperação em «que está, se não demasie, muito a meu pesar, em excessos «que ser-me-hia impossivel reprimir ou prevenir.»

«Parentês, que mais que tudo deseja preservar as suas pro-«priedades, consente no desembarque; e Cornelissen, introduzido «assim com a capa da amisade, e seguro da pouca força da «guarnição, sem o menor pejo ordena immediatamente a occu-«pação e saque da praça, faz substituir as armas de Portugal «pelas da Hollanda, e obriga os habitantes a prestarem juramento «de fidelidade á republica das Provincias-Unidas. A muito custo «permittiu elle o embarque dos soldados da guarnição; * Pa-«rentès, victima a um tempo da imprudencia e da avareza, foi «conduzido prisioneiro ao Recife, onde acabou bem depressa «cheio de miserias e desgostos, sem que Nassau de modo algum «reprovasse o procedimento desleal havido para com elle,

---

«Inopinadamente, sem impulso algum estranho, movidos pelo «unico desejo de recobrar a independencia, os habitantes da ilha

* Tal permissão de embarque aos soldados nunca houve, sim uma deportação violenta de cento e cincoenta dos mais notaveis habitantes.

«do Maranhão arvoram o estandarte da revolta. Subjugados com «quebra de um tractado, como vissem os seus inimigos não «cuidosos do perigo, conceberam o projecto de sacodir o jugo. «Os mais ricos d'entre elles formaram secretamente uma liga, a «cuja frente collocou-se D. Antonio Moniz Barreto, que governava «o paiz antes da invasão hollandeza. * Moniz tinha perfeito co-«nhecimento das localidades, e gosava de consideração tal que «exercia uma influencia decisiva sobre todas as classes de habi-«tantes. Reunindo pois secretamente alguns portuguezes, e ne-«gros de confiança, que todos lhe prestaram juramento de fide-«lidade e obediencia, favorecido das sombras da noite, sahe da «cidade, onde a liga tivera nascimento. **

«Passa immediatamente ao continente em embarcações que já «estavam para esse fim dispostas, cahe de improviso sobre os «immensos engenhos de assucar que o inimigo occupava, e co-«meça as suas operações por uma matança geral dos hollandezes «da costa occidental. Surprehende do mesmo modo o forte do «Calvario, passa a guarnição a fio d'espada, e só deixa a vida «salva a um pequeno numero de francezes que viviam de en-«vôlta com os habitantes. Depois disto volve de novo á ilha, e «reforçado por outros insurgentes, vae direito sobre a propria «cidade de S. Luiz, que aliás o governador hollandez, advertido «a tempo por um negro evadido do continente, acabava de pôr «em estado de defeza. Moniz ataca logo, e faz em postas um «destacamento que sahira a explorar o terreno; e chegado em «frente da cidade, e reconhecidas as suas fortificações, faz jogar «sobre ellas a artilharia do forte do Calvario. Um soccorro de «oitocentos homens que viera de Belem ás ordens de Antonio

* Quem governava o paiz na occasião da invasão era Bento Maciel. Antonio Moniz Barreiros fôra capitão-mór de S. Luiz cerca de vinte annos antes.

** A conjuração organisou-se no Itapucurú, onde residia Antonio Moniz em um de seus engenhos, e lá mesmo estalou. Não houve sahida alguma da cidade—favorecida ou não pelas sombras propicias da noite.

«Teixeira de Mello, * engrossou o numero dos sitiantes; e já «aberta uma larga brecha, ia dar-se o assalto, quando o bravo e «emprehendedor Moniz Barreto é ceifado em poucos dias por «uma molestia inflammatoria. Ficou o partido como corpo sem «alma; pois bem que se dessem pressa em nomear successor a «Moniz, a escolha, que recahiu em Antonio Teixeira, não mere«ceu a geral approvação. Levantaram-se disputas entre os insur«gentes, e o assalto se foi dilatando. Ganharam com isso os hol«landezes, pois chegou-lhes um reforço de seiscentos homens «commandados pelo coronel Anderson, com o qual poderam «tentar uma vigorosa sortida. Os portuguezes foram atacados «nas suas linhas; e em seguida a uma acção sanguinolenta, muitos d'entre elles, fatigados da guerra, se retiraram para «o continente, com cuja defecção Antonio Teixeira se viu for«çado a levantar o assedio.

«Os vencedores se derramam immediatamente pela campanha «em busca de viveres de que a praça sentia penuria; mas ei-los «que cahem em uma emboscada, e são quasi todos mortos. A «esperança renasce então no meio dos portuguezes que, anima«dos por Teixeira, vem de novo sobre a cidade, se fortificam nas «posições mais vantajosas, e repellem os hollandezes em di«versos ataques.

«As suas baterias fulminam de continuo essa cidade, onde já «a penuria fazia devastações, e para dar o assalto, Teixeira só «esperava a chegada de um corpo de infantaria regular que «sahira de Lisboa em um navio, sob o commando de Pedro d'Al«buquerque, mandado á toda pressa pela côrte, afim de restau«rar o Maranhão a todo custo. Mas o navio naufraga á vista «do acampamento portuguez na passagem da barra, salvan«do-se apenas quarenta homens. Este desastre comtudo não

* O soccorro do Pará veio ás ordens de Pedro Maciel e João Velho do Valle. Antonio Teixeira era do Maranhão, o segundo chefe da insurreição, e um dos primeiros que a começaram.

«desanima a Teixeira, que aperta o cerco com mais vigor, até «que o inimigo, abatido pelo sentimento das suas perdas, foge «cobardemente para o mar, levando comsigo a artilharia, e «arrasando as fortificações. Teixeira occupa immediatamente «a praça, e se dá pressa a restabelecer as obras demolidas.» *

NOTA B—PAG. 180.

Esse—*Desenho*—*Summario*—ou—*Relação* — de Ravardière, offerece tamanho interesse, como resumo de tudo o que os francezes fizeram e descobriram, e como noticia do estado do Maranhão naquella epocha;—que nos pareceu transcreve-lo aqui integralmente.

SUMMARIO DO QUE FIZ NESTAS TERRAS DO BRAZIL.

«Primeiramente tenho assegurado aos povos dos gentios, «tanto da ilha, como da terra firme, ajuntando-os, e unindo «uns com outros debaixo da obediencia do meu Rei, estor-«vando-os, que não fujam de medo dos portuguezes, e reduzin-«do-os a tal obediencia dos francezes, qual desejar se póde. «Porque além de que já não comem carne humana em todas «estas comarcas até 200 leguas de aqui, donde fenece a dos «tupinambás; e nenhum principal destes não emprehenderáõ «guerra contra outros seus contrarios, chamados *tapuyas*, sem «primeiro lhe pedir licença, para o que lhes mandam seus «agentes, ou vem elles mesmos a pedir-me a dita licença e de «proximo oito dias antes, que chegassem os portuguezes, aqui

* Tudo isto é de uma falsidade enorme. Os insurgentes não tiveram a menor noticia deste soccorro conduzido por Pedro d'Albuquerque. O naufragio deu-se no Pará, junto á ilha do Sol, e não junto a S. Luiz, e á vista do acampamento dos insurgentes, que não existia. Este segundo assedio da cidade é uma pura imaginação de Beauchamp.

«vieram tres principaes do Parà, e de Cajeté a me pedirem li-«cença para irem fazer guerra a uma nação a 400 leguas de «aqui, chamada *Camarapi*, sobre um rio chamado *Pacajari*.»

«Logo que a náu *Regente* foi partida, que foi em oito de de-«zembro de 1612, no mez seguinte mandei ao Meari, rio aqui «visinho, quarenta francezes buscar aos tabajarés, nação de «indios inimigos, que estavam 200 leguas de aqui sem haver «delles alguma noticia. Nesta primeira viagem deixaram os «meus dois indios nossos escravos na dita nação; os quaes, fi-«cando no mato com mantimento para os irem a buscar, porém «feita a diligencia, se tornaram sem achar nada; e isto tenho «advertido em outras Memorias minhas, que esta nação havia «sido muito maltratada dos outros nossos tupinambás; e final-«mente depois de sete, ou oito mezes, havendo feito muito «mais diligencia com quatro viagens, que alli fizeram que fizes-«sem os francezes, deram com esta gente, e disseram logo que «havia duas castas delles desta mesma nação tabajarés, que «viviam em guerra, e comiam uns a outros cruelmente; e como «se ajuntáram a mim, vivem hoje nesta ilha em paz, e todos «juntos com os tupinambás naturaes, que antes de uns, e «outros eram inimigos.»

«Depois tendo aviso, que havia outra nação dos tabajarés «mesmos em um rio, que a sua barra é de aqui cem leguas, «mandei ao meu Lugar-Tenente General Monsieur de Pisiaux «com 35 francezes, os quaes acharam a dita nação mais de 200 «leguas pelo rio acima, a qual se chama *Vuarpí*; e deixando «alguns francezes para os trazerem, vieram até ás terras de «Comat, e serão desta parte em entrando as chuvas, porque já «os principaes estão commigo, e desta mesma tenho aviso de «outra nação tapuya, chamados *Igaran Vuanvã*, que estavam «nas terras defronte de Pacuripanam, os quaes não desejam «mais, que chegar-se a nós outros pela noticia, que têm de «alguns escravos nossos de sua nação, os quaes lhes mandámos «livres para que entendessem, que queriamos paz com todos

«os naturaes; e sobre este aviso mandei com outros escravos «alguns francezes com um lingua por nome o *Mingáo*, o qual «os fez vir até ás terras de Pacuripanam, e estão hoje de paz, e «mistura com os tupinambás, e fazem roças de mantimentos, em «toda a paz, e amizade com aquelles, com os quaes pouco antes «havia tal guerra, que se comiam uns a outros.»

«Depois disto feito mandei Monsieur du Prat a um rio cha«mado *Guajahug* a 200 leguas de aqui com 30 francezes, e al«guns escravos de uma Nação de tapuyas, que fica sobre este «rio. A qual gente havendo navegado com imaginação certa de «os achar, ou perto, ou longe, tanta diligencia fizeram até que os «nossos linguas os descobriram,e lhes deram a entender como os «quereriamos por amigos perto de nós outros; e assim os obri«garam a trabalhar em fazer canoas para se virem,-e nas que ti«nham se embarcaram logo tres, ou quatro aldêas, e se vieram a «esta ilha, e depois delles os demais com o dito senhor du Prat. «O qual os trouxe aqui; com que me achei bem embaraçado «pol'os accommodar, e sustentar juntos, que nunca quizeram di«vidir-se pelas aldêas dos outros, de medo de que os não co«messem, como tinham de costume. Entonces me resolvi de lar«gar uma aldêa, que tinha de minha gente a uma legua daqui, «e os mandei aposentar nella, fazendo sahir os meus; e lhes dei «tódas as roças de mandioca para seu sustento, e elles me pro«metteram fazer-me outras; e ainda que já por este anno é «tarde, será ao outro com o favor de Deus, se a terra nos fica «como espero. De mais disto tenho mandado vinte e cinco fran«cezes com um dos meus escravos, principal de sua nação, a «buscar uma de tapuyas 250 leguas dentro do rio Pará, que «são em tanta quantidade, que me offerecem cem canoas gran«des, como os principaes me têm promettido, aos quaes eu «fallei em Parijop sobre a terra dos pacajazes, quando fui ás «Almazonas: aguardo por esta gente no mez de maio, se não «tiverem algum estorvo, esperando recado meu. Pois hãode «saber, que estão ja aqui os portuguezes. Os quaes se tardassem

«mais um ou dois annos, já tinha dado ordem, para que se «ajuntassem aqui comnosco mais dez outras nações, que entre «ellas ha uma sobre um rio da nossa bahia, que é maior «nação, que toda a dos tupinambás »

«Não digo o numero das viagens, e caminhos, que tenho feito, «e mandado fazer em estas terras, e rios pelos meus; nem digo «da minha viagem, que quiz fazer ás Almazonas; porque ficou «imperfeito pela vinda a esta terra de Martim Soares Moreno «portuguez, que veio a descobrir estas terras, e bahias do Ma«ranhão no mez de agosto de 1613 de parte de Jeronymo d'Albu«querque, que em ella está presente, como parece em nossos «artigos de paz. De mais disto tenho mandado fazer quatro «fortes sobre as principaes partes, e portos desta ilha, donde «em todos tenho artilharia, principalmente em este de S. Luiz, «donde tenho muita quantidade: não ponho aqui minhas penas, «e trabalhos, e perdas que tenho corrido indo, e vindo 300 «leguas desta costa dentro em uma canoa, atravessando as «barras, e bahias, e dobrando as pontas de todas ellas no tempo «das brigas, nem fallo em tres crueis, e compridas enfermida«des, que me causáram estes trabalhos; porque quem quizer con«siderar tudo isto, e julgar com igualdade, rogará a Deus, que «o gratifique, e nos sustente em paz dentro no nosso mundo «arctico. Feito no forte de S. Luiz no Maranhão a 29 de dezem«bro de 1614.

«LA RAVARDIÈRE.»

Além das noticias do – *Summario* — o proprio Diogo de Campos colligiu outras, que posto que inexactas ou exageradas em parte, são dignas comtudo de vulgarisação. Ei-las:

«Além destas informações, e papeis, vio o dito sargento-mór «as terras da ilha, e roças de algodão, de que os francezes tirão «algum proveito, e o tabaco, ou herva sancta, do qual fazem «quantidade com tão boa tempera, que val huma livra em

«França hum escudo de ouro. Tambem vio a canafistola do «rio Meari, da qual levão a França quantidade em conserva, e «secca. Tambem vio as perolas, que Mons. de Pisiaus trouxe «do rio Zouarpi, que são maiores, que grãos, e da feição de «cabacinhas algumas, em que vio huma mui grossa. Tambem «trouxe Mons. de Pisiaus desta sua jornada enxofre mineral, o «qual asseguram que se não acha, senão donde ha minas de «ouro, ou prata, e para isto fizerão vir de França na náu *Re-«gente* hum capucho, grande mineiro, chamado *F. Hivo*, o qual «adoeceu de sorte na ilha do Maranhão, que não póde ir ás «Minas, antes por não perder a vida, se tornou a França.

«O Cavalheiro de Rasilli da Ordem de S. João, e seu irmão «Mons. de Lone, e o Senhor de la Blanjartière, e outros fidalgos «aprendem, e fallão a lingua dos indios, obrigados de esperan-«ças, que ninguem declara, e todos as confessão; e assim vão «lançando mão de todas as miudezas, que achar podem, fazendo «caso da tinta vermelha do orucú, e da outra mais fina cha-«mada *carajorú*, e do páo amarello chamado *tatajuba*, e de «todas as madeiras, que de diversas côres achão para se poder «fazer obra, ou tinta. Tambem no rio Meari tem descuberto sa-«litre, com que já hoje refinão sua polvora, e isto de minas, e «terra salitrosa, que o dá em grande abundancia: tem da «mesma maneira descuberto maravilhas naturaes de sal mui «perfeito em quantidade, que podem carregar quantos navios «quizerem, o qual está 40 leguas do forte S. Luiz da outra banda «da terra firme de loeste.

«Tem estas terras muita almessega, de que se valem, muito, «e mui fino insenso, do qual ha huma especie de arvores, que «dão tanto, que bream com elle os navios, e canoas. Tem infi-«nito oleo de copaiva em toda esta costa, de que os francezes «tirão a quinta-essencia para suas mesinhas, e fica como agoa. «Tambem nestas partes dizem, que a temporadas acham muito «ambar-gris, e o anno de mil e seiscentos e dez achou hum «francez, soldado de la Ravardière, por nome Mons. de Bault,

«na terra dos Pacajarés da banda do Pará duas pedras, huma «como hum ovo de pomba, outra menor: pela qual dizem, que «dá El-Rei de Inglaterra vinte mil libras sterlings; huns dizem «ser balaias, outros lhe dão differentes nomes.

«As aves, e animaes silvestres desta terra são innumeraveis, e «estranhos, de que se toma grande abundancia para sustento das «gentes; e assim no mar, e nos rios são infinitas as sortes, e «quantidades de peixes, os quaes se tomão ás mãos muitas vezes, «e ás pancadas, e de peixes bois, cuja carne he como de vacca, «da mesma côr, sabor, e cheiro, e ho tão abundante este sitio, «que só de hum rio tinhão os francezes tirado duzentos e cin- «coenta; e com estas, e outras coisas que vio, e entendeo o dito «Diogo de Campos se partio do forte S. Luiz a 4 de janeiro de «mil e seiscentos e quinze, trazendo comsigo ao capitão Matheu «Maillart francez, com o oval para refem, e testemunho do que «dito fica, se apresentou diante do Senhor Arcebispo Vice-Rei «de Portugal em 5 de março do dito anno, sendo o primeiro «portuguez, que do Maranhão em direitura veio a Lisboa de «tantos, quantos intentarão aquella empreza, do que a Deos «sejão dados eternos louvores.»

NOTA C—PAGS. 189 E 247.

Nem por isso são muito vulgares na nossa provincia as noticias sobre a origem, conformação physica, indole, e costumes dos antigos habitadores do Brazil; pelo que julgamos fazer algum serviço vertendo em portuguez não só o interessante trabalho de Fernão Denis, a que nos referimos no texto, senão a carta que Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedr'alves Cabral, escreveu a el-rei D. Manoel, dando-lhe noticia do descobrimento da terra de Sancta Cruz.

Empregamos o termo *traduzir*, mesmo em relação a esta

carta, porque está escripta em um portuguez tam antigo, e a orthographia é tal, que ao commum dos leitores não seria hoje facil a sua intelligencia, se não procurassemos remoça-la, mediante a traducção que fizemos. Este documento rarissimo, posto que já publicado em quatro diversas edições, só o temos visto, sob essa fórma obsoleta e difficil, na *Corographia Brazilica* do padre Ayres do Casal, e em uma traducção de Fernão Denis que, buscando principalmente servir á clareza, estragou e desbotou as fórmas originaes e coloridas do auctor, e tornou-se muitas vezes frouxo e diffuso, sem que todavia nem sempre acertasse com a verdadeira intelligencia do texto.

O padre Ayres, transcrevendo-o, nota o seguinte: «Havendo «relatado o descobrimento do Brazil com Barros, Góes, e Ozorio «á vista, communicando-se-me depois no archivo da Real Ma«rinha do Rio de Janeiro a copia de uma carta escripta em «Porto-Seguro, pelo mencionado Pedro Vaz de Caminha, com«panheiro de Pedr'alves, que refere o caso em contrario «daquell'outros, não só com miudeza, mas até com veracidade «palpavel, me vi obrigado a dar-lhe preferencia; e estimei tanto «este encontro, que escrupuliso faria injustiça aos meus leitores, «não lhes dando aqui a copia della.»

Fernão Denis observa tambem acerca della com muito aviso que nestas notas assim tomadas pelos viajantes nos proprios logares, se introduzem, é certo, alguns erros e inexactidões, mas que os factos são descriptos com muito mais sinceridade e singeleza, e nem se acham alterados pelas idéas do tempo.

Daremos em primeiro logar este documento antigo, apoz virá o opusculo moderno. Poderão ser assim facilmente comparados, no que forem susceptiveis de comparação, o trabalho singelo e ingenuo, com o trabalho erudita e sabiamente elaborado. Ficamos que ninguem perderá com a sua leitura, na qual hãode uns achar instrucção, e outros pelo menos um honesto desenfado.

Indocti discant, ament meminisse periti.

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA.

«Senhor.—Posto que o capitão-mór desta vossa armada, e os «mais capitães escrevam a V. A. a nova da achada desta vossa «nova terra, que se ora nesta navegação achou, não deixarei «tambem de dar conta deste caso a V. A. como melhor poder, «ainda que pera o bem contar, seja eu de todos o menos pro«prio; mas releve-me V. A. a ignorancia pela boa vontade, e «créa bem que pera enfeitar ou afear as cousas, não hei de «pôr aqui mais que aquillo que vi, e segundo me pareceu.

«Da marinhagem e singraduras da navegação nada direi a «V. A., porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse «cuidado; e portanto, senhor, do que hei de fallar começo e «digo que a partida de Belem, como V. A. sabe, foi segunda«feira 9 de março; e sabbado, 14 do dito mez, entre ás oito e «nove horas nos achamos diante das Canarias, porém mais «proximos da Grã-Canaria, e ali andamos todo aquelle dia em «calma á vista dellas obra de tres a quatro leguas de distancia. «Domingo, 22 do dito mez ás dez horas pouco mais ou menos, «houvemos vista das ilhas de Cabo-Verde, a saber, da ilha de «S. Nicoláu, segundo dizia o piloto Pero Escobar. Ao amanhe«cer de segunda-feira viu-se que a náu de Vasco d'Atayde se «havia desgarrado do resto da frota durante a noite, sem que «tivesse havido máu tempo pera isso. Diligenciou o capitão«mór descobri-la, aproando a um e outro lado, porém não ap«pareceu mais. E assim seguimos nosso caminho por esse mar «em fóra até terça-feira oitava de paschoa, que foi a 21 de abril, «em que começamos a topar alguns signaes de terra visinha, os «quaes eram muita quantidade de hervas compridas, a que «os mareantes chamam botelho, e mais outras a que tambem «chamam rabo d'asno.

«Segundo o computo dos pilotos, estavamos então a seiscen«tas e sessenta, ou seiscentas e setenta leguas da dita ilha de »S. Nicolau. Na quarta-feira seguinte pela manhã topamos

«d'umas aves a que chamam fura-buchos; e neste mesmo dia,
«á hora de vespera, houvemos vista de terra, a saber: primei-
«ramente de um grande monte, mui alto e redondo, e de outras
«serras mais baixas, ao sul delle, e de terra chã com grandes
«arvoredos: ao qual monte poz nome o capitão—Monte Pas-
«choal—e á terra o de—Terra da Vera-Cruz. Mandou lançar
«o prumo, e acharam-se vinte e cinco braças, e ao sol posto,
«obra de seis leguas de terra, largamos ancora em dezenove
«braças, ancoragem limpa. Ali passamos a noite, e quinta-feira
«pela manhã fizemo-nos á vela, guiando direitos á terra, e na-
«vegando sempre, os navios pequenos em dezesete a nove
«braças d'agua até distancia de meia legua de terra, onde todos
«demos fundo, ante a embocadura de um rio, ás dez horas pouco
«mais ou menos, e dali houvemos vista de alguns homens que
«discorriam pela praia, e que seriam sete ou oito, segundo dis-
«seram os dos navios menores que primeiro se aproximaram.
«Lançamos os bateis e esquifes fóra, e vieram todos os capitães
«a esta nau do capitão-mór, onde consultaram entre si, man-
«dando em seguida o capitão-mór a Nicolau Coelho que sahisse
«em terra n'um batel para explorar aquelle rio. E tanto que
«elle indireitou para ali, entraram a acudir alguns homens á
«praia, aos dous e aos tres, por maneira que quando o batel
«chegou á boca do rio, já eram ali dezoito ou vinte homens
«pardos, todos nus, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas
«vergonhas. Traziam arcos e setas nas mãos, e guiavam apres-
«sados pera o batel, mas fazendo-lhes Nicolau Coelho signal
«pera que depozessem os arcos, promptamente obedeceram.
«Entretanto não foi possivel haver delles falla ou entendimento
«que aproveitasse, pelo mar quebrar com força na costa; apenas
«lhes póde dar um barrete vermelho, uma carapuça de linho
«que levava na cabeça, e um sombreiro preto; dando um delles
«em retorno um sombreiro de pennas compridas d'aves, com
«seu topetezinho de pennas vermelhas e pardas como de pa-
«pagaio; e outro, um ramal grande de continhas alvas e miudas,

«semelhando a marfim, as quaes peças creio que o capitão «manda a V. A.

«Á noite seguinte ventou tanto sueste com aguaceiros, que as «naus deram de si, principalmente a *Capitánia;* pelo que, sexta-«feira pela manhã, cerca das oito horas, por conselho dos pi-«lotos, mandou o capitão levar ancoras, e nos fizemos á vela ao «longo da costa, dando a popa ao norte, em busca de alguma «abrigada onde podessemos fazer aguada e lenha. Ao desfer-«rarmos, ficavam já na praia, assentados junto á boca do rio, «obra de sessenta a setenta homens, que se haviam ali juntado «poucos. Os navios maiores velejavam ao largo, os pequenos «mais chegados á terra, e andando assim obra de dez leguas, «deparamos com um arrecife, com um porto dentro muito bom «e seguro, e de larga entrada, onde ancoramos. E mettendo-se «Affonso Lopes, nosso piloto, e homem vivo e esperto, em um «esquife pera sondar o interior do porto, tomou em uma alma-«dia dous daquelles homens da terra, mancebos bem apessoa-«dos, um dos quaes trazia o seu arco com seis ou sete frechas. «Pela praia discorriam outros muitos, armados da mesma ma-«neira, mas sem fazerem uso das armas. Trouxe-os logo Affonso «Lopes ao capitão, já de noite, onde foram recebidos com muito «prazer e festa.

«A feição delles é serem pardos, tirando a vermelhos, de «bons rostos, bons narizes, bem feitos. Andam nus sem nenhu-«ma cobertura, pouco se lhes dá de cobrir ou deixar á mostra «suas vergonhas; e acerca disto vivem em tanta innocencia «como em mostrar o rosto. Traziam ambos os beiços debaixo «furados, e mettido em cada um delles um pedaço de osso, do «tamanho de uma mão travéssa de comprido, e da grossura de «um fuso de algodão, e agudo na ponta, á feição de um furador. «Mettem-n'o pela parte de dentro do beiço, e a parte que lhe «fica entre o beiço e os dentes, tem a fórma de roque de xadrez «e de tal maneira o trazem ali encaixado, que os não molesta, «nem lhes estorva o comer, beber, ou fallar. Os seus cabellos

«são corredios, e andam tosquiados de tosquia alta mais que de «sobre pentem, de boa grandeza, e rapados até por cima das «orelhas; e um delles trazia por baixo da solapa, de fonte a «fonte, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave amarellas, «que teria um couto de comprido, mui basta, que lhe cobria e «circulava o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos «cabellos, penna a penna, com uma confeição branca que pa«recia, mas não era cera, de maneira que andava a cabelleira «mui redonda, mui basta, e mui igual, não havendo mister «outra cousa pera a levantar, senão lava-la.

«Estava o capitão, quando elles vieram, assentado a uma ca«deira, com alcatifa aos pés, por estrado, bem vestido, e com «seu collar grande de ouro ao pescoço. Sancho de Tovar, «Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Ayres Corrêa, e nós outros «que iamos com elle na nau, nos assentamos no chão, em cima «da alcatifa. Accenderam tochas, entraram, e não fizeram ne«nhuma menção de cortezia, nem de fallar ao capitão, nem a «ninguem; mas pondo um delles o olho no collar, começou de «acenar com uma mão pera a terra, e depois pera o collar, «como quem dizia que em terra havia ouro: tambem viu um «castiçal de prata, e acenou da mesma maneira, ora pera a «terra, ora pera o castiçal, indicando que tambem havia prata.

«Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui traz o capi«tão, tomaram-n'o logo na mão e acenaram péra a terra, como «que os havia ali; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram «muito cabedal delle; mostraram-lhes uma galinha, e tal medo «haviam della, que não lhe queriam pôr a mão, e depois a to«maram como espantados. Deram-lhes ali de comer pão e pes«cado cozido, confeitos, fartes, mel, e figos passados. Não qui«zeram comer disto quasi nada, e alguma cousa, se a pro«vavam, lançavam logo. Trouxeram-lhes vinho em uma taça, «deram-lhes um trago delle, mas não gostaram, antes lavaram «a boca com alguns goles d'agua, que tambem se lhes apresen«tou. Viu um delles um rosario de contas brancas, e pediu

«por acenos que lh'as dessem, e muito folgou com ellas, la-
«çando-as logo ao pescoço, e enroscando-as pouco depois no
«braço, e ora acenava pera as contas, ora pera a terra, ora pera
«o collar do capitão, como inculcando que dariam ouro por
«aquillo. Isto o entendiamos nós assim, pelo desejarmos; mas
«se queria dizer que tanto levaria as contas como o collar, isso
«não nos fazia conta entender, nem elles o conseguiriam de
«nós Depois lançaram-se de costas na alcatifa a dormir, sem
«terem nenhuma maneira de cobrir as suas vergonhas, que
«bem vimos não eram circumcidadas. O capitão mandou-lhes
«pôr um manto por cima, e a cada um o seu coxim por baixo
«da cabeça, esforçando-se assaz o da cabelleira pela não amar-
«rotar; e não se deram mal com isso, e ali jazeram e dormiram.

«No sabbado pela manhã determinou o capitão de fazer-se a
«vela, e fomos demandar a entrada, que era muito larga, e en-
«trando todos os navios, ancoramos em cinco e seis braças. O
«ancoradouro era vasto e formoso, e tam seguro que nelle po-
«diam jazer duzentas naus. E tanto que ancoramos, vieram
«todos os capitães a esta nau do capitão-mór, o qual mandou
«a Nicolau Coelho e Bertholomeu Dias que sahissem em terra,
«levando comsigo aquelles dous homens com seu arco e setas,
«e os deixassem ir; e mandou-lhes dar a cada um sua camisa
«nova, e carapuça vermelha, e dous rosarios de contas brancas
«de osso, que elles enfiaram nos braços, e alguns cascaveis e
«campainhas. Mandou outrosim que fosse com elles um man-
«cebo degradado, de nome Affonso Ribeiro, pera lá ficar e
«andar com elles, e saber de seu viver e maneiras. Mandou-
«me tambem a mim que fosse com Nicolau Coelho. Fomos de
«frecha direitos á praia. Ali acudiram logo obra de duzentos
«homens, inteiramente nus, arco e frechas nas mãos. Os que
«iam comnosco acenaram-lhes que se afastassem e depozessem
«os arcos, o que elles fizeram, retrahindo-se um pouco. Então
«saltaram os nossos dous companheiros, e com elles o mancebo
«degradado, e mal pozeram o pé em terra, desfilaram os outros

«a correr, sem esperar um pelo outro, a quem mais correria,
«e assim atravessaram um rio d'agua doce, com bastante agua,
«que lhes dava pela braga, correndo sempre, e á volta delles
«outros muitos, até chegarem a umas moutas de palmas, onde
«estavam outros, e elles emfim pararam. Ia tambem o degra-
«dado com um homem que logo ao sahir do batel o acolheu,
«e acompanhou até lá, e sem demora o tornaram a nós, vol-
«tando com elle os dous que tinhamos posto em terra, porém
«já nus, e sem carapuças. Então começaram de chegar muitos,
«e mettiam-se pelo mar até mais não poderem, e como trouxes-
«sem alguns cabaços d'agua, demos-lhes tambem os nossos
«barris pera os elles encherem, e depois no-los tornavam
«cheios, impellindo-os pera junto do batel, onde nós os toma-
«vamos; e pediam que lhes dessemos alguma cousa. Levava
«Nicolau Coelho cascaveis e manilhas; a uns dava um casca-
«vel, a outros uma manilha, de maneira que com este engodo
«quasi nos queriam dar a mão de agradecidos. Davam-nos dos
«seus arcos e setas a troco de sombreiros, carapuças de linho,
«ou qualquer outra cousa que lhes queriamos dar. Dali se
«partiram então aquelles dous mancebos, e nunca mais os
«vimos. Andavam ali muitos delles, senão a maior parte, com
«aquelles bicos de osso nos beiços; e os que os não traziam,
«tinham sempre os beiços furados, e nos buracos um espelho
«de páu, semelhando de borracha. Alguns traziam até tres bicos,
«a saber, um no centro, e os outros nas extremidades. Anda-
«vam outros quartejados de côres; delles, metade de sua pro-
«pria côr, e a outra metade tinctos de um negro azulado; e
«outros quartejados, á feição d'um taboleiro de xadrez. Tam-
«bem andavam no meio delles tres ou quatro moças de gentil
«parecer, com cabellos mui pretos que lhes fluctuavam pelas
«espaduas. Ali por então não houve mais falla nem entendi-
«mento com elles, por ser tamanha a sua barbaria, que se não
«entendia nem ouvia ninguem. Acenamos-lhes que se fossem,
«e mandamos ao rio quatro homens pera acabarem a aguada,

«e quando já voltavamos pera as naus, acudiram elles, e pedi-«ram-nos que tomassemos o degradado, que não queriam entre «si. Tinha este levado uma bacia pequena, e duas ou tres cara-«puças vermelhas pera da-las ao senhor da terra, se o hou-«vesse; e com tudo voltou, sem elles curarem de tomar-lhe «nada. Bertholomeu Dias o fez voltar, e entregar tudo a nossa «vista áquelle amigo que da primeira voz o acolhera e só então «o trouxemos comnosco. Aquelle que o havia acolhido era já «homem de dias, e andava todo garrido e cheio de pennas pe-«gadas pelo corpo, que parecia um S. Sebastião crivado de «setas. Quaes traziam carapuças de pennas amarellas, quaes «verdes. Uma das moças andava pintada d'alto a baixo daquella «tinta de que já fallei. Nenhum delles era circumciso, senão «taes como nós.

«Á tarde sahiu o capitão-mór, e os mais capitães das outras «naus, com nós outros, cada um em seu batel, a folgar pela «bahia, orlando a praia, sem consentir que sahissemos em terra, «sem embargo de não avistar-se nella pessoa alguma, e só «desembarcamos em uma ilha grande que na bahia está, e «pela baixa-mar fica mui vasia, porém sempre circulada d'agua «por maneira que ninguem póde ir ali ter, a não ser a nado ou «embarcado. Ali espairecemos, elle e todos nós, bem cousa de «hora e meia, pescando os marinheiros um chuncboro, e mais «algum peixe miudo; depois do que volvemos ás naus, já bem «noite.

«No domingo de paschoela pela manhã determinou o capi-«tão de ir ouvir missa e prégação naquelle ilhéo, e determi-«nou a esse fim a todos os mais capitães que com a sua gente «se mettessem nos seus bateis, e assim se fez. Mandou naquelle «ilhéo armar um esperavel, e debaixo deste levantar um al-«tar muito bem preparado, e ali disse missa o padre frei Hen-«rique em voz entoada, officiada em coro por todos os outros «padres e sacerdotes que ali se achavam. A qual missa, se-«gundo o meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer

«e devoção. Ali era com o capitão a bandeira de Christo, que «elle trouxera de Belem, a qual esteve sempre junto ao evan«gelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e subindo a «uma cadeira alta, prostrados todos nós por essa arêa, come«çou a prégar uma solemne prégação da historia do evangelho, «e pera o fim, começou a tractar da nossa vinda, e do acha«mento desta terra, conformando-se com o signal da cruz, sob «cuja obediencia vinhamos; a qual prégação veio muito a pro«posito, e fez grande devoção.

«Em quanto estivemos attentos á missa e prégação, juntou-se «na praia outra tanta gente como nos dias antecedentes, sem«pre de arco e frechas, os quaes ora andavam folgando, ora «assentados olhavam attentos pera nós. Depois da missa, co«mo nos assentassemos a ouvir a prégação, levantaram-se elles, «tangeram corno ou bozina, e estiveram a saltar e dançar um «bom espaço; e alguns delles se metteram em duas ou tres al«madias que ali tinham, e não eram feitas como as que eu já «tinha visto, senão de tres traves atadas juntas. Em cada uma «vinham quatro ou cinco, ou poucos mais, porém quasi nada «se afastavam da terra, senão até onde podiam tomar pé. Aca«bada a prégação, guiamos todos pera a praia, com a bandeira «alçada, e embarcamos, e fomos contra terra, pera lhes pas«sarmos pela frente, indo Bertholomeu Dias adiante obra de «um tiro de pedra, pera lhes restituir um remo de uma das «almadias, que o mar nos arrojára. Como viram o esquife «de Bertholomeu Dias, procuraram todos de chegar-se, met«tendo-se pela agua, quanto mais podiam. Acenou-lhes que «depozessem os arcos, e uns o fizeram, e outros não. Andava «ali um que bradava aos outros que se afastassem; mas não já «que me a mim parecesse que lhe tinham acatamento nem me«do algum.

«Este tal trazia seu arco e setas, e andava tincto de verme«lho pelos peitos e espaduas, e pelos quadris, coxas, e pernas «até abaixo; porém os vasios, com a barriga, e estomago eram

«de sua propria cor; e a tintura era de feição, que a agua não «a comia nem desfazia, pelo contrario ao sahir d'agua vinha «mais vermelho e luzido. Um dos homens de Bertholomeu «Dias que sahiu em terra, andou entre elles que nenhum mal «lhe fizeram, antes lhe deram uns cabaços d'agua, acenando «aos mais do esquife que tambem viessem. Com isto volveu «Bertholomeu Dias ao capitão, e todos pera as náus a comer, «tangendo trombetas e gaitas, e elles ficaram assentados na «praia. Naquelle ilhéo espraia muito o mar, descobrindo mui«ta aréa, e muito cascalho. Andaram alguns dos nossos em «busca de marisco, que não encontraram, senão alguns cama«rões grossos e curtos, entre os quaes um tamanho, como «nunca vi outro igual. Tambem acharam cascas de bergões e «d'ameijôas, mas não toparam nenhuma peça inteira.

«E tanto que comemos, vieram todos os capitães a esta náu, «a chamado do capitão-mór, que os tomou à parte, e a mim «com elles, e a todos perguntou se nos parecia bem mandar-se «a nova do achamento desta terra a V. A. pelos navios dos «mantimentos, pera V. A. melhor mandar descobrir e saber «della, mais do que agora o podemos fazer, por irmos de nossa «viagem. E entre muitas fallas que sobre o caso se fizeram, «foi por todos, ou a maior parte dito que seria muito bem, e «nisto concluiram, e tanto que a conclusão foi tomada, pergun«tou mais se seria bom tomar aqui por força um par destes «homens pera os mandar a V. A., deixando aqui por elles ou«tros dous degradados. A isto respondeu-se e acordou-se que «não; porque geral costume é dos que assim se levam por força «pera alguma parte, dizerem—*sim*—a tudo que se lhes per«gunta; e que melhor e muito melhor informação da terra da«riam dous destes degradados que aqui deixassem, do que «aquelles, se os levassem, por ser gente que ninguem entende; «nem elles tam cedo aprenderiam a fallar pera saberem tam«bem dizer o que est'outros muito melhor o não digam, quando «V. A. cá mandar, e que portanto não curassem de tomar nin-

«guem aqui por força, nem fazer escandalo, pera os de todo «mais amansar, e pacificar, senão sómente deixar os dous de«gradados, quando partissemos. E assim ficou determinado, por «parecer melhor a todos.

«Ao cabo disto, ordenou o capitão que fossemos a terra nos «bateis a ver o rio quejando era, e desenfadar-nos um pouco. «Fomos armados, e a bandeira comnosco. Andavam elles pela «praia á bocca do rio; e tanto que fomos chegando, do ensino «que já d'antes tinham, foram depondo os arcos, e acenando «que saltassemos. Mal abicaram os bateis em terra, passaram«se elles pera o outro lado do rio, o qual neste logar não é mais «largo que um jogo de mangoal, e como desembarcamos, pas«saram alguns dos nossos o rio, e metteram-se com elles; uns «esperavam, outros afastavam-se, e esquivavam-se, retrahindo«se pera mais além onde se achava uma porção maior, mas «tudo de maneira que andavam uns e ouros misturados. Fez-se «então o capitão carregar por dous homens, passou o rio, e fez «tornar os nossos. A gente, que ali era, não seria mais que o «numero do costume, e vendo que o capitão fazia retirar os «nossos, chegaram-se alguns a elle, não pelo conhecerem por «senhor, pois bem me pareceu que o não entendem, nem tem «disto conhecimento algum, mas porque o viam quasi a sós, «trouxeram-lhe arcos, setas, continhas, que resgatavam por «qualquer cousa, em tal maneira que dali trouxemos muitas «pera as naus. Depois tornou o capitão pera áquem do rio, e «elles acudiram á praia, alguns bem galantes pintados de preto «e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas «pernas. Tambem andavam no meio delles quatro ou cinco «mulheres moças, que assim nuas me não pareciam mal, entre «as quaes, havia uma com uma das coxas do joelho até o qua«dril, e a nadega toda tinta daquella tinta preta, e o mais tudo «da sua propria côr; outra trazia ambos os joelhos com as «curvas tintas do mesmo modo, e tambem os collos dos pés; «tambem andava ali outra moça com um menino ou menina ao

«collo, atado aos peitos com um panno não sei de que, que não «lhe appareciam senão as perninhas, mas as pernas da mãe, e o «mais, não traziam panno algum. Depois guiou o capitão pera «cima, ao longo do rio, que vae sempre seguindo a praia, e ali «esperou um velho que trazia na mão uma pá d'almadia, o qual, «estando o capitão com elle perante nós todos, fallou n'umas «quantas cousas, se lhe perguntavam acerca de haver ouro na «terra, sem o nunca ninguem entender, nem elle a nós. Trazia «este velho o beiço tam furado, que lhe caberia pelo buraco um «grão dedo polegar, e trazia nelle mettida uma pedra verde or«dinaria que o entupia: o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei o «que dizia, e ia com ella á boca do capitão para lh'a metter, que «disparamos todos a rir, e o capitão enfadou-se. Deu-lhe um «dos nossos pela pedra um sombreiro velho, não por ella o «valer, mas por curiosidade. Depois a houve o capitão, creio «que pera com outras cousas mandar a V. A.

«Andamos depois vendo a ribeira, que é de muita e boa «agua. Ao longo della ha muitas palmas de meã altura, com «bons palmitos, dos quaes colhemos e comemos muitos.

«Voltamos então pera a boca do rio, onde desembarcamos, «e além os viamos a dançar e folgar uns com os outros, e faziam«n'o bem, sem se tomarem pela mão. Vendo isto Diogo Dias, «almoxarife que foi de Sacavem, e que é homem muito gra«cioso, e de prazer, passou-se pera a outra banda, levando com«sigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e metteu-se com elles a «dançar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam, riam, e com «elle andavam muito ao compasso da gaita. Depois de dançarem «fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras, e o salto «real, de que se elles espantavam, riam e folgavam muito. E «comquanto por esta fórma buscava amacia-los e afaga-los, «nem por isso se mostravam menos esquivos, e montezes, cor«rendo logo a embrenharem-se.

«O capitão passou então o rio com todos nós, e fomos cami«nhando pela praia, e os bateis navegando á vista, até uma

«lagoa grande de agua doce, que está proxima á praia, «porque toda aquella ribeira do mar é apaúlada por cima, e «verte agua por muitos logares. Depois de passarmos o rio, «foram uns seis ou sete delles metter-se entre os marinheiros «que se recolhiam aos bateis, conduzindo um tubarão que Ber«tholomeu Dias havia morto, e bastou deixarem-n'o cahir na «praia, pera que elles o tomassem. Era cousa de ver o como «elles se davam algumas mostras de mansidão, logo e de «uma mão pera outra se tornavam a esquivar, como par«daes do cevadouro. E ninguem ousa de lhes fallar rijo, pera «se mais não esquivarem, e pelos bem amansar, tudo se passa «como elles querem.

«Deu o capitão-mór uma carapuça vermelha ao velho com «quem havia fallado; mas apezar das fallas que com elle teve, e «da carapuça que lhe deu, tanto que passou o rio, recatou-se de «maneira, que nunca mais tornou áquem. Os outros dous que «haviam estado nas naus, e a quem se dera o que já dito é, «nunca mais appareceram: do que concluo ser gente bestial, e «de pouco saber, e por isso são assim esquivos. Comtudo andam «muito bem curados e muito limpos, e nisto me parece ainda «mais que são como aves ou alimarias montezes, que lhe faz o «ar melhor penna, e melhor cabello, que ás mansas, porque os «corpos seus são tam limpos, tam gordos, e tam fermosos, que «não póde ser mais.—Isto me faz presumir que não têm casas «nem moradas a que se acolham, e o ar a que se criam, os faz «taes, nem nós até agora lhes vimos casas, nem maneira dellas.

«Mandou o capitão áquelle Affonso Ribeiro que se mettesse «outra vez com elles, o qual se foi, e andou lá um bom pedaço, «voltando á tarde, porque elles lá o não consentiram, e o fize«ram vir, e deram-lhe arcos e setas, sem lhe tomarem nada do «seu. Antes pelo contrario, tomando-lhe um delles umas conti«nhas amarellas, e fugindo com ellas, como elle se queixasse, «foram apoz do tal, tomaram-lhe as contas, e lh'as restituiram. «Disse o degradado que não vira entre elles senão umas chou-

«paninhas de ramas verdes, e de fetos grandes, como no Entre-«Doiro-e-Minho.

«Na segunda-feira sahimos todos em terra a fazer aguada, e «ali vieram muitos, bem que não tantos como das mais vezes, a «principio um pouco afastados, mas logo depois, misturando-se «comnosco, abraçavam-nos, folgavam, e deitavam a fugir. Tro-«caram alguns arcos e setas, por folhas de papel, e carapuci-«nhas velhas. E em tal maneira se passaram as cousas, que uns «vinte ou trinta dos nossos foram-se com elles, até onde estavam «outros em maior copia com moças e mulheres, e com todos «folgaram, trazendo muitos arcos e barretes de pennas verdes «e amarellas.

«Neste dia os vimos de mais perto, e mais á nossa vontade, «por andarmos todos quasi misturados; e delles andavam ali «quartejados daquellas tinturas, outros de metade, e outros em «tanta feição como em pannos de armação, e todos com os «beiços furados e os seus ossos, ou já sem estes. Traziam al-«guns delles uns ouriços verdes d'arvores, que na côr queriam «parecer de castanheiros, salvo que eram mais pequenos, e esta-«vam cheios d'uns grãos vermelhos pequenos, que esmagando-os «entre os dedos, faziam aquella tintura muito vermelha, de que «elles andavam tinctos, e quanto se mais molhavam, tanto mais «vermelhos ficavam. * Andam todos rapados até a cima das «orelhas, e da mesma fórma as sobrancelhas e as pestanas. «Trazem as testas de fonte a fonte tinctas de tintura preta, que «parece uma fita de largura de dous dedos.

«Mandou o capitão a Affonso Ribeiro, e mais outros dous de-«gradados que fossem com elles, e lá dormissem aquella noite, «determinando tambem a Diogo Dias que os acompanhasse, por «ser homem ledo, com quem elles folgavam.

«Foram-se, andaram entre elles, e chegaram a uma povoação «que ficaria a legua e meia de distancia, em que haveria nove

* O auctor falla sem duvida do urucú.

«a dez casas, tam comprida cada uma, como esta nau capitá-«nia; eram de madeira, com taboas pelas ilhargas, cobertas de «palha, e de rasoada altura; e cada uma formava uma só casa, «sem nenhum repartimento. Tinham dentro muitos esteios, e de «esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, altas, em que dor-«miam; e debaixo, pera se aquentarem, faziam seus fógos. E ti-«nha cada casa duas portas pequenas, uma em cada cabo, e «em cada casa se recolhiam trinta e quarenta pessoas, e ali as «acharam os degradados, as quaes lhes deram de comer da «vianda que tinham, a saber, muito inhame, e outras sementes «que ha na terra, e elles comem. Como foi tarde, fizeram-n'os «logo todos tornar, sem consentirem que lá ficasse nenhum, e «ainda os vieram acompanhando. Resgataram lá por cascaveis «e outras cousinhas de pouco valor que tinham levado, papa-«gaios verdes muito grandes e fermosos, e dous verdes peque-«ninos, carapuças verdes, e um panno de pennas de muitas «côres, maneira de tecido assaz fermoso, segundo V. A. todas «estas cousas verá, porque o capitão vo-las hade mandar, se-«gundo disse.

«Terça-feira depois de comer fomos á terra fazer lenha e «lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, obra de «sessenta ou setenta, sem arco e sem nada. Tanto que chegá-«mos, vieram-se logo pera nós, sem se esquivarem; e depois «acudiràm muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos, «e misturaram-se tanto comnosco, que nos ajudavam a acar-«retar lenha, e a mette-la nos bateis, lutando com os nossos, e «tomando nisso muito prazer.

«Em quanto nós faziamos a lenha, faziam dous carpinteiros «uma grande cruz de um páu que se hontem pera isso cortou. «Muitos delles vinham ali estar com os carpinteiros, e creio «que o faziam mais pera verem a ferramenta do que a cruz; «porque elles não tem cousa que de ferro seja, e cortam sua «madeira, e páus com pedras feitas com cunhas, mettidas em «um páu, entre duas talas bem atadas, e por tal maneira, que

«ficam bem seguras, segundo diziam os homens que hontem «foram a suas casas, e lá as viram. E a conversação delles com«nosco já era tanta, que até nos estorvavam no que tinhamos a «fazer.

«O capitão mandou a dous degradados, e a Diogo Dias que «fossem á aldêa já encontrada e a mais outras novas, se as des«cobrissem; e que por lá pernoitassem, ainda que elles os man«dassem embora.

«Em quanto andavamos nesta mata a cortar lenha, atravessa«ram alguns papagaios por essas arvores, delles verdes, outros «pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que «haverá nesta terra muitos, bem que eu não visse mais que até «nove ou dez. Não vimos então outras aves mais, senão só«mente algumas pombas seixas, em boa quantidade, e parece«ram-me maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram «rolas, mas eu não as vi, mas segundo os arvoredos são muitos, «e grandes, e d'infindas maneiras, não duvido que por esse «sertão haja muitas aves.

«Eu creio, senhor, que ainda não dei aqui conta a V. A. da «feição dos seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, «as setas compridas, e os ferros dellas de canas aparadas, se«gundo V. A. verá por alguns que creio o capitão a ella hade «enviar.

«Quarta-feira não fomos á terra, porque o capitão-mór andou «todo o dia no navio dos mantimentos a despeja-lo, e a fazer «levar ás náus aquillo que cada uma podia levar. Então acu«diram á praia muitos, obra de tresentos, segundo nos disse «Sancho de Tovar, que lá foi, e nós mesmos vimos das náus. «Diogo Dias, e Affonso Ribeiro, o degradado, que o capitão «hontem mandára, com ordem de lá dormirem em toda a ma«neira, voltaram já de noite, por elles os não consentirem na «povoação, e trouxeram papagaios verdes, e outras aves pretas, «quasi como pégas, senão que tinham os bicos brancos, e os «rabos curtos E quando Sancho de Tovar recolheu-se ás

«náus, queriam vir com elle alguns, mas elle não quiz senão «dous mancebos bem dispostos, e homens de prol. Mandou-os «essa noite muito bem pensar e curar. Comeram toda á vianda «que lhes deram, e dormiram regaladamente toda a noite, em «camas de lençóes que lhes elle mandou fazer.

«Quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo quasi pela «manhã, e fomos á terra por mais lenha e agua, e estando o «capitão a sahir, chegou Sancho de Tovar com os seus dous «hospedes, e por elle não ter ainda comido, pozeram-lhe toa«lhas, e veio-lhe vianda, e comeu; e os hospedes assentaram-se «cada um em sua cadeira, e de tudo o que lhes deram, comeram «muito bem, especialmente cação cozido frio, e arroz; e não «lhes deram vinho, por dizer Sancho de Tovar que não bebiam «bem. Feita a comida, mettemo-nos todos no batel, e elles com«nosco. Deu um grumete a um delles uma presa grande de «porco montez bem revolta. Tanto que a tomou, metteu-a logo «no beiço, e porque se lhe não queria ter, deram-lhe um peda«cinho de cera vermelha, com que elle segurou o seu adereço, «e ficou tam contente, como se tivera nelle uma grande joia, e «tanto que sahimos em terra, desappareceu pera nunca mais o «vermos. Ao saltarmos, andariam na praia uns oito ou dez, «mas dahi a pouco começaram a engrossar tanto, que passavam «de quatrocentos. Traziam alguns arco e setas; que, segundo o «costume, trocavam por carapuças, ou outra qualquer cousa «que se lhe désse. Comiam comnosco do que se lhes dava, e «uns bebiam vinho, outros não o podiam beber, mas parece-me «que se lh'o avezassem, que o beberiam todos de muito boa «vontade. Andavam tam dispostos, e tam bem feitos e galantes «com suas tinturas, que pareciam muito bem. Acarretavam «desta lenha quanta podiam, e levavam-n'a aos bateis de mui «boa vontade; e andavam já mais mansos e seguros entre nós, «do que nós entre elles.

«Entranhou-se o capitão com alguns de nós por este arvoredo, «até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer

«era a mesma que vem ter á praia, onde faziamos aguada. Ali «jazemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo della «por entre o arvoredo, que é tanto, tamanho, tam basto e de «tantas plumagens, que não ha maneira de o contar. Das pal«mas que ali havia em quantidade, colhemos muitos e bons pal«mitos.

«Ao sahirmos do batel, disse o capitão que seria bom irmos «direito á cruz, que estava encostada a uma arvore junto ao «rio, pera ser erigida no dia seguinte, sexta-feira, e que nos «pozessemos todos em jiolhos, e a beijassemos, pera elles verem «o acatamento que lhe tinhamos; assi o fizemos, bem como «esses dez ou doze que ali estavam, a um aceno nosso. Pare«ce-me gente de tal innocencia, qué seriam logo christãos, se «os nós entendessemos, e elles a nós; porque não têm nem en«tendem de crença alguma, segundo parece; e portanto, se os «degradados que aqui hãode ficar, aprenderem bem a sua «falla, e os entenderem, não duvido, segundo a sancta tenção «de V. A., fazerem-se christãos, e crerem a nossa sancta fé, á «qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certo esta «gente é boa, e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeira«mente nella qualquer cunho, que lhe quizerem dar; e pois «que Nosso Senhor lhes deu bons corpos, e bons rostos, como «a bons homens, e por aqui nos trouxe, creio que não foi sem «causa; e portanto V. A., pois tanto deseja acrescentar a sancta «fé catholica, deve entender na sua salvação; e prazerá a Deus, «que com pouco trabalho o hade conseguir. Elles não lavram, «nem criam, nem ha aqui boi nem vacca, nem cabra, nem ove«lha, nem galinha, nem outra alguma alimaria que costumada «seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, «que aqui ha muito, e dessa semente e fructos que a terra e «as arvores de si lançam, e com isso andam taes, tam rijos e «tam nedeos, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e «legumes comemos. Este dia andaram sempre ao som de um «tamboril nosso, dançando e bailando com os nossos, em ma-

«neira que são muito mais nossos amigos, que nós dellès. Se «lhes a gente acenava se queriam vir ás náus, faziam-se logo «prestes pera isso, em tal maneira, que se a todos quizessemos «convidar, todos viriam, porém não trouxemos senão quatro «ou cinco, a saber, o capitão-mór dous, e Simão de Miranda e «Ayres Gomes, cada um o seu, já por pagens; dos do capitão-«mór, um era aquelle seu antigo hospede, que estivera na náu «quando chegámos, o qual tornou vestido com a sua camiza, e «com elle, um seu irmão, os quaes foram esta noite muito bem «agasalhados, assim de vianda como de camà de colchões e «lençóes, pelos mais amansar.

«Hoje que é sexta-feira, primeiro de maio, sahimos pela ma-«nhã em terra com nossa bandeira, e fomos desembarcar a cima «do rio, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor erigir «a cruz pera ser melhor vista, e ali assignou o capitão o logar «pera a cova onde se a devia metter; e em quanto a ficavam fa-«zendo, elle com todos nós outros fomos em busca da cruz, «abaixo do rio, onde estava. Trouxemo-la dali, com esses reli-«giosos e sacerdotes cantando diante de nós, maneira de pro-«cissão. Eram já ali uns sessenta ou setenta delles, e quando «nos assim viram vir, alguns se vieram metter debaixo della a «ajudar-nos. Passamos o rio ao longo da praia, e fomo-la pôr «onde devia ficar, que será do rio obra de dous tiros de bésta. «Entretanto, se ajunctáram bem cento e cincoenta ou mais.

«Erguida a cruz com as armas e devisa de V. A, que lhe pri-«meiro pregaram, armaram altar aos pés della, e ali disse «missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e officiada por «esses já ditos. Ali estiveram comnosco a ella obra de cincoenta «a sessenta delles, assentados em jiolhos assim como nós; e «quando veio ao evangelho, que nos erguemos todos em pé com «as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco, e alçaram «as mãos, estando assim até ser acabada, e então tornaram a «assentar-se como nós, e quando levantaram a Deus, que nos «pozemos em jiolhos, elles se pozeram todos tambem, e em tal

«maneira socegados, que certifico a V. A. que nos fez muita «devoção. E estiveram assim comnosco até ser acabada a «communhão, havendo commungado esses religiosos e sacer-«dotes, o capitão, e alguns de nós outros. Quando estavamos «a commungar, alguns delles, por o sol ser grande, alevanta-«ram-se, e foram-se, mas outros se deixaram ficar. Havia um «que mostrava ser de pouco mais de cincoenta annos, o qual «tambem se deixou ficar, e chamava os outros pera que ficas-«sem e se junctassem, e acenando-lhes e fallando-lhes, ora lhes «mostrava o dedo pera o altar, ora pera o ceo, como quem lhes «dizia alguma cousa de bem, segundo a nós nos pareceu.

«Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou «na alva, e subindo-se a uma cadeira junto ao altar, ali prégou-«nos do evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tractando «no fim da prégação deste vosso proseguimento tam sancto e «virtuoso, que ainda nos causou mais devoção. Os que tinham «ficado á prégação, estavam assim como nós olhando pera elle, «e o velho a chama-los que viessem pera ali, mas uns vinham, «e outros iam-se.

«Acabada a prégação, trouxe Nicoláu Coelho muitas cruzes «de estanho, que lhe haviam sobrado da outra vinda, e assen-«tou-se que era bem lançar-se a cada um a sua, pera cujo fim «sentou-se o padre frei Henrique ao pé da cruz, e ali a um e «um ia lançando sua cruz ao pescoço atada em um fio, fazendo-«lh'a primeiro beijar, e erguer as mãos. Acudiram muitos a «isto, e lançaram-se todas as cruzes que seriam obra de qua-«renta ou cincoenta. Seria bem já uma hora depois do meio «dia quando tudo se concluiu, e nós viemos ás náus comer.

«O capitão trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros «aquella mostrança pera o altar, e pera o ceo, e um seu irmão «com elle, aos quaes fez muita honra, e deu ao primeiro uma «camiza mourisca, e ao outro uma camiza dest'outras.

«E' segundo o que me a mi e a todos pareceu, a esta gente não «lhe fallece outra cousa pera ser toda christã, senão entende-

«rém-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer, «como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma «idolatria nem adoração tem; e bem creio que se V. A. aqui «mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão «tornados ao desejo de V. A. E pera isso, se alguem vier, não «deixe logo de vir clerigo pera os bautisar, porque já então «terão mais conhecimento da nossa fé, pelos dous degradados «que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje tambem com«mungaram. Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais «do que uma mulher moça, que assistiu á missa toda. Deram«lhe um panno com que se cobrisse, e pozeram-lh'o derredor «do corpo, porém ella ao sentar-se não fazia memoria de o «muito estender pera cobrir-se; assim, senhor, que a innocencia «desta gente é tal, que a de Adão não seria mais, quanto á «vergonha. Ora veja V. A. quem em tal innocencia vive, ensi«nando-se-lhe o que pera sua salvação pertence, se se conver«terá ou não. Acabado isto, fomos perante elles beijar a cruz, «despedimo-nos, e viemos comer.

«Creio, senhor, que com estes dous degradados ficam aqui «mais dous grumetes, que esta noite se sahiram desta náu no «esquife, fugidos, os quaes não vieram mais, e cremos que fi«carão aqui, porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos daqui «nossa partida.

«Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais está «contra o sul, até a ponta do norte, que daqui avistamos, será «tamanha que haverá nella bem vinte ou vinte cinco leguas de «costa, pela qual se prolongam, a espaços, grandes barreiras, «ora brancas, ora vermelhas. A terra por cima é toda chã, e «cheia de grandes arvoredos de ponta a ponta: toda a praia é «plaina, chã, e muito fermosa. Pelo certão nos pareceu do mar «muito grande, porque a estender olhos, não podiamos ver «senão terra e arvoredos. Nella não podemos saber nem lhe «vimos até agora se haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa «de metal, nem de ferro; porém a terra em si é de muitos bons

«ares, assim frios e temperados como os d'Entre Douro e Minho, «porque neste tempo de agora, assim os achamos, como os de «lá. As aguas são muitas, e infindas; de maneira que querendo-«se aproveitar esta terra tam graciosa, dar-se-ha nella tudo, «por bem das aguas que tem.

«Porém o melhor que nella se poderá fazer, me parece que «será salvar esta gente, e esta hade ser a principal semente, «que V. A. nella deve lançar; e não houvesse aqui mais que ter «esta pousada pera a navegação de Calecut, isso bastaria, «quanto mais disposição pera nella cumprir e fazer o que V. A. «tanto deseja, que é o acrescentamento da nossa sancta fé.

«E desta maneira, senhor, dou aqui conta a V. A. do que «nesta vossa terra vi, e se algum pouco me alonguei, ella me «perdôe, que o desejo que tinha de vos tudo dizer, m'o fez «assim pôr pelo miudo. E pois que, senhor, é certo, que assim «neste cargo, que levo, como em outra qualquer cousa, que de «vosso serviço fôr, V. A. hade ser de mim muito bem servido, «a ella peço que por me fazer singular mercê, mande vir da «ilha de S. Thomé, Jorge de Soiro, meu genro, o que de lá re-«ceberei em muita mercê. Beijo as mãos de V. A. Deste Porto-«Seguro da vossa ilha da Vera-Cruz, hoje sexta-feira, primeiro «dia de maio de mil e quinhentos.

PERO VAZ DE CAMINHA.»

NOTA D—PAG. 198.

OS INDIOS.

POR FERNÃO DENIS.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

«O anno de mil e quinhentos o serenissimo rei de Portugal «mandou á India uma armada composta de algumas náus, e

«outros navios menores, ao todo doze embarcações, indo por «capitão-mór della um fidalgo de nome Pedr'alves. Os navios «deviam de ir bem providos de todo o necessario para dezoito «mezes. Dispoz el-rei que dez dos navios iriam a Calecut, e os «outros dous a uma terra chamada Çofala, que fica no caminho «de Calecut, para tractarem de cousas de commercio. No dia «8 de março da éra sobredita, que succedeu ser um domingo, «desceu a armada a duas milhas da cidade a um logar cha-«mado Rastello, onde está a igreja de Sancta Maria de Belem. «Veio ali el-rei em pessoa para entregar ao capitão-mór o es-«tandarte da armada, a qual partiu para o seu destino com «ventos de servir, segunda-feira 9 de março. A 14 do mesmo «mez singrava a armada diante das Canarias, e a 22 costeava «as ilhas de Cabo-Verde. A 23 desgarrou um dos navios, do «qual nunca mais se soube parte alguma. Emfim, a 24 do abril, «que foi quarta-feira da oitava de paschoa, houve a armada «vista de uma terra, com que receberam todos grande conten-«tamento. Sahiram os navegantes em terra para ver qual fosse, «e acharam-n'a bem sombreada de arvoredos, e mui povoada «de gente que descorria pela praia de uma parte para outra. «Ancorou a armada junto á fóz de um pequeno rio, e o capi-«tão-mór mandou incontinenti pôr um batel no mar para se ver «a qualidade da gente, que eram homens de côr trigueira, bem «dispostos, e nus inteiramente, como haviam nascido, sem disso «mostrarem pejo algum.»

Tal é a narração ingenua e sincera da expedição que deu o Brazil á coroa portugueza. Para dar mais relêvo a todo o imprevisto deste grande acontecimento, preferimos a todas as outras, esta tam simples e chã do piloto de Pedr'alves Cabral, que Ramusio nos conservou e transmittiu, mas que outros muitos historiadores tantas vezes alteraram.

Se ha hi cousa que possa dar uma idéa ajustada da simplicidade com que então se effectuavam os acontecimentos historicos mais fecundos em resultados, certo são essas fontes pri-

mitivas, e chronicas contemporaneas, que narram sem exageração os factos antes de se acharem elles implicados em circumstancias estranhas ao assumpto principal.

E assim como temos a relação sincera da expedição, a da descoberta tambem nos foi transmittida por uma testemunha ocular, que o auctor da presente noticia deu a conhecer em França, primeiro que qualquer outro. Alguns dias depois do descobrimento, e em presença de uma natureza cuja fecundidade tanto lhe aprazia assignalar, Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada, narrava a el-rei tudo quanto se havia passado, e o espectaculo que ainda tinha diante dos olhos. «O que «prendeu logo a nossa attenção, escrevia elle, foi um monte «elevado e redondo, ao sul do qual se avistava uma serie de «collinas, cujo recosto coberto de arvoredos, se abaixava e in«clinava suavemente para a planicie. O almirante lhe deu o «nome de Monte Paschoal, por ser oitava de paschoa, e á terra «circumvisinha o de Vera-Cruz.»

Aqui temos pois a terra senhoreada pelos portuguezes, porquanto naquelle tempo desembarcar e tomar posse era tudo a mesma cousa; e aqui a temos igualmente designada por um nome venerando dos christãos, o qual todavia não conservára muitos annos, impondo-lhe o commercio brevemente outro diverso.

Façamos agora como os antigos viajantes, e assistamos ás suas entrevistas com os indigenas. Este primeiro acto de possessão revela o que quer que seja de caracteristico, que tem escapado a todos os historiadores, e deriva do genio intimo das duas nações, então pela primeira vez postas em presença uma da outra. Dous habitantes de Vera-Cruz são aprehendidos, e conduzidos perante Cabral.

(Aqui reproduz o auctor os pormenores da primeira entrevista que já vimos na carta de Pero Vaz de Caminha, e depois continúa)

É necessario confessar que aqui nada se viu do que costu-

mava assignalar a chegada dos europeus a outras partes da America; nem os indigenas do Brazil se persuadem, como os do Haity, Cuba e Mexico, que estão na presença dos deuses. Esta raça parece a um tempo mais forte, e mais altiva, e por nenhum modo se humilha ante a pompa europea. E se algumas horas apoz esta entrevista tam estranha para elles, lhes sobrevêm o somno, deitam-se a dormir tranquillamente no meio dos estrangeiros, sem outro cuidado mais que o de não maltractarem os seus ornatos de plumas.

No sabbado seguinte, entrou-se a bahia, que mais tarde se ficou chamando de Porto-Seguro. A armada deu fundo, fez-se conselho, e entre outras cousas, acordou-se que os dous indios seriam repostos em terra. E assim executaram, depois de os bem festejarem e presentearem.

Havia naquelle tempo alcançado a politica d'el-rei o grande proveito que se podia tirar de interpretes habeis lançados nas regiões que cada dia se iam descobrindo, e dahi não partia armada, que não trouxesse a seu bordo alguns réus condemnados a degredo, porém ao mesmo tempo homens entendidos e espertos. Um mancebo de nome Affonso Ribeiro foi escolhido para acompanhar os dous indios até á sua aldêa, e para ali ficar com os tupiniquins, que assim se chamava aquelle povo, como depois se veio a saber. Desde então travam-se relações entre os europeus e os selvagens, posto que estes acolhessem a principio o degradado com sua tal qual desconfiança e temor. Os portuguezes começam de ir á terra, misturam-se com os selvagens, penetram até a sua aldêa, e escambam as suas armas e adereços por cascaveis e outras infindas bagatelas; e o drama eterno representado nas primeiras relações das duas raças prefaz-se ali da mesma maneira que em tantos outros logares, sem que destes começos se possa augurar de nenhum modo o que mais tarde havia de succeder.

Não é nosso proposito reproduzir aqui todas as scenas e personagens dessas ingenuas e curiosas entrevistas, bastando di-

zer-se que tudo se passava tranquillamente, havendo-se Pedr'alves Cabral em tudo com rara intelligencia, e com humanidade mais rara ainda naquelles tempos. Nem só a violencia não veio perturbar aquellas primeiras relações, senão que propondo-se em conselho o alvitre de tomar dous indios para os mandar á Lisboa no navio de Gaspar de Lemos, que tinha de voltar, o almirante o rejeita nobremente, e assim ao receber o rei a noticia da grande descoberta, não receberá tambem a da violação da hospitalidade.

Deste modo, e graças á moderação de Pedr'alves, o tempo desta breve estação que os portuguezes fizeram na costa, passou-se na maior paz e harmonia. Agora celebra-se a missa em uma ilhota da bahia, e os indios, congregados ao som da janubia, travam danças sagradas diante do altar: e pouco depois, o almoxarife Diogo Dias, homem folgasão e divertido, acompanha-se de um tocador de gaita, mette-se desassombrado pelo meio dos indios dançando por seu turno diante delles, e com elles. «Pareceu-nos até, acrescenta Vaz de Caminha, que elles se com«passavam pelo instrumento. Diogo Dias lhes fez mil voltas pelo «chão, e entre outras o salto real, no que elles receberam gran«dissimo contentamento.»

Singular imprevidencia de povos infantes! Em quanto os tupiniquins se desenfadam nestas scenas alegres e risonhas, dispõe-se o acto mais serio e solemne, sem que elles dêm a menor fé disso. Eis ali está abatida uma arvore das suas florestas, della se afeiçôa uma cruz, e elles vão beijar de companhia com os europeus o signal que hade um dia annunciar a perda da sua independencia! Ouçamos ainda o que diz Vaz de Caminha: «A cruz foi erigida com as armas e a divisa de V. A.: «e ao pé della um altar, em que o padre Henrique celebrou a «missa, assistido dos mais religiosos. Cerca de sessenta sel«vagens ali estavam postos de joelhos. Pareciam mais que «attentos a tudo quanto se praticava; e quando, no evangelho, «nos levantamos todos, erguendo as mãos para o céo, elles fi-

«zeram o mesmo, esperando, para se tornarem a ajoelhar, qué «nós voltassemos a esta posição. Posso certificar a V. A. que «ficamos assaz edificados da maneira como se elles houve-«ram.....»

No dia seguinte a armada deu á vela, e Ramusio nos refere que os dous degradados, vendo apartar-se os seus compatriotas, verteram lagrimas amargas, que os pobres indios procuraràm enxugar....

I

EXAME DAS PRIMEIRAS RAÇAS QUE POVOARAM O BRAZIL.

Taes com pouca differença se mostraram os americanos que Pedr'alves Cabral achou estabelecidos na costa oriental do Brazil; e taes foram os principaes acontecimentos que assignalaram a presença dos europeus. A tarefa que temos agora a desempenhar é mais difficil, e consiste em formar, pela união dos principaes traços e feições, um juizo completo destas raças, das suas idéas religiosas, do seu desenvolvimento intellectual, e da sua civilisação que começava a debuxar-se, prestes a contrahir per si mesma o cunho original que deveria caracterisa-la, se em seu berço não fosse tam rudemente contrastada por um golpe estranho. Esta materia sempre foi objecto de particular estudo nosso, e a discussão della involve uma questão cheia de interesse, e que ja não é licito preterir quando se tracta dos começos de um povo; fallamos aqui das raças e das suas origens.

Reinava outr'ora entre os melhores historiadores este preconceito – que desde as terras polares até o estreito de Magalhães, a raça americana não offerecia no seu todo traços distinctos apreciaveis, e que não era possivel subdividi-la, sem gravissimo erro. Estes primeiros escriptores só attentavam para o todo das feições, resultado ordinario do clima, ou da influencia de uma raça dominante. De continuo preoccupados pelas idéas

dos antigos, que renovavam sob fórmas poeticas, e invariavelmente guiados pelos livros sanctos, remontavam á primeira dispersão do genero humano, e d'umas para outras hypotheses, chegavam porfim ás conclusões mais disparatadas, achando sempre nas analogias quasi invariaveis d'um mesmo periodo de civilisação, factos que, recebidos sem exame, os arredavam cada vez mais da probabilidade historica.

Não é sem designio que empregamos aqui uma expressão consagrada pela duvida. Até o presente nada está ainda averiguado na história das origens americanas, e as mesmas observações a que ellas têm dado logar, são mais que muito incompletas. Sabe-se apenas que já se não deve classificar sob o mesmo typo essas tribus numerosas que vagueavam por toda extensão do Novo-Mundo, e que não é nem justo nem rasoavel enxergar por toda parte, e em todas ellas, uma mera subdivisão da raça mongolica. Já se não póde duvidar de que por uma observação escrupulosa se descobriram differenças notaveis quer nas feições do rosto, quer na configuração do craneo; e assim marchasse a passo igual o estudo dos monumentos primitivos, das grandes tradições, e das linguas, que se poderiam emfim assentar bazes solidas para servirem de ponto de partida ao philosopho e ao historiador.

Talvez não tarde muito a prova de que a povoação da America operou-se simultaneamente em diversos pontos, e por meio de raças diversas; as quaes talvez subjugaram outro povo autóchtono, cuja primitiva origem já agora não é possivel rastrear, E não será de todo sem surpreza que nos veremos então obrigados a volver, pela sciencia e pelo raciocinio, a muitas das idéas que o seculo XVI havia adoptado *a priori*, e sem discussão, unicamente guiado pela sua fé sincera nas tradições religiosas. Já o exame attento dos grandes monumentos de Palenque, e a descoberta de certas antiguidades na America do Norte, não menos que diversas etymologias verificadas por M. Humboldt, vão dando occasião a repetir-se o nome dos Phe-

nicios e Carthaginezes. Já estes grandes povos, cujas tradicções nos são tam pouco conhecidas, se começam a ter pelos primeiros exploradores da America. Isto porém em nada desdoura a gloria real de Colombo, tornando apenas questionavel a prioridade da sua descoberta.

Não queremos tomar a nós a discussão desta materia em toda a sua amplitude, que nem nos sobra o tempo, nem estamos em posição de poder estudar a origem de monumento algum; mas pareceu-nos sempre lançar aqui as primeiras bases della; porque, dado que analogas por certos costumes e tradições, eram todavia bem distinctas as duas raças que senhorearam todo o littoral do Brazil. Pela côr da pelle, e pelo todo das feições, pertencerá uma dellas á raça mongolica; a outra, para nos servirmos das expressões de um viajante que levou a exactidão até o escrupulo, dará a ver na sua organisação o que quer que seja de um dos ramos menos nobres da raça caucasica. Bem se vê que designamos os *tapuyas*, e toda essa multidão de indios que fallavam a lingua *tupica*. Fallamos dos vencidos e dos vencedores. Seguiremos a nova lei adoptada pelos modernos historiadores, e tractaremos em primeiro logar da raça mais selvagem e mais infeliz, ajudando-nos da tradição conservada pelos mesmos indios.

Muito antes da chegada dos europeus, porém em uma epocha cuja data não é possivel fixar de um modo positivo, uma raça essencialmente guerreira, e que vivia quasi sómente da caça, occupava todo o littoral desde o Prata ao Amazonas. Era essa raça autochtona? viera do norte? fôra ella que só de per si subjugára aquelles *Tabajáras* que reclamavam a prioridade na dominação do paiz, e usavam de um nome que queria dizer—*senhores da terra?* São cousas que já não é possivel averiguar, pois a mesma tradição dos indios é mais que muito obscura em tudo quanto respeita a essas emigrações successivas das primitivas hordas.

Comoquerque seja, os tapuyas se mantiveram largos seculos

no magnifico paiz que occupavam, e é isto ao menos o que indica a tradição como provavel, em falta da certeza historica. Cada uma das setenta e seis tribus de que se compunha a nação, havia adoptado o seu nome particular; mas o nome generico de toda a raça é ignorado, pois o de *Tapuya*, que quer dizer—*inimigo*—, havia sido imposto aos dominadores da costa, pelas numerosas tribus que os cercavam, mais adiantadas na civilisação, não dadas exclusivamente á caça, e ja um tanto conhecedoras dos beneficios da agricultura.

Talvez houvesse nisto alguma questão de raça, como já tivemos occasião de indicar; talvez esta animosidade proviesse da antipathia rancorosa que divide os povos selvagens, sempre que alguma differença physica assaz distincta vem aggravar as causas reaes de odio e inimisade, que se dão de ordinario entre elles.

Postoque exista uma analogia notavel entre todas as tribus do littoral e do sertão, é certo que os tapuyas, mais que qualquer outra nação americana, guardaram o cunho selvagem do typo mongolico. Tinham as maçãs do rosto salientes, e o angulo do olho remontava para as fontes Eram baixos e reforçados, e a côr da pelle, bem que em geral acobreada, mitigava-se em certas tribus, a ponto de se aproximar ao branco. Os cabellos lisos e negros desciam pelas espaduas, e a acreditarmos a Roulox Baro, em certos povos eram tam compridos e profusos, que equivaliam a uma vestidura. Pintavam-se de urucú e genipapo, como tantas outras nações da America; e fendiam o labio inferior, no qual introduziam um leve batoque de madeira, um pedaço de rezina, ou um disco de esmeralda, ornamento este que avaliavam em grande conta, e por nenhum preço escambavam.

Na sua grosseira ordem social, parece que os tapuyas punham inteiramente á mercê de adivinhos privilegiados a sorte das suas tribus; e bem que tivessem chefes ordinariamente hereditarios, póde-se dizer que viviam sujeitos a uma especie de

theocracia. A epocha solemne em que se devia furar o beiço das crianças, (baptismo de sangue imposto áquelles que alguma hora deviam affrontar os maiores perigos) a marcha que devia seguir a tribu, o ponto em que havia de parar, o tempo das festas e banquetes solemnes, tudo regulavam os adivinhos, sem dar ao chefe outra conta, que não fosse a da sua livre inspiração.

Um caracter lamentavel e funesto domina em tudo quanto respeita ás crenças religiosas deste povo. Os tapuyas queixavam-se a todos os viajantes dos genios que os atormentavam. Segundo elles, *Houcha*, chefe da hierarchia dos demonios, exigia que o implorassem com mysterio, e de ordinario se mostrava duro e surdo ás rogativas. Era bem simples o culto que se lhe prestava. Uma cabaça vazia, com algumas pedrinhas dentro, repousava á maneira de tabernaculo debaixo de um cobertor de algodão; e quem queria implorar o genio, vinha soprar algumas baforadas de tabaco pela abertura superior. Este ridiculo tabernaculo tinha uma importancia immensa em todas as nações, de qualquer raça que fossem; e todas ellas o adoravam sob o nome de *maracá*, emblema symbolico da divindade. Depois da extincção das grandes nações, o seu culto propagou-se nas regiões do norte, sendo certo que os mesmos indios já christãos volvem de vez em quando a adora-lo em segredo. Entre os tapuyas, uma tribu poderosa tomava o nome de Maracá, e devia de ser sem duvida a nação sagrada, pois que um manuscripto da Bibliotheca real, que attribuimos a Francisco da Cunha, * a dá situada junto a S. Salvador, região privilegiada, que parece ter sido outr'ora a metropole selvagem das nações indianas. Ou este instrumento servisse sómente para compassar as danças guerreiras, ou representasse a divindade,

* Aliás Gabriel Soares de Souza, verdadeiro auctor do—Roteiro do Brazil—, como deixaram provado as doutas investigações do Sr. Warnhagem, e já reconheceu o proprio M. Fernão Denis.

o certo é que o nome de *maracá*, mais ou menos alterado, se encontra em uma infinidade de denominações. Entre os tupis, que o receberam sem duvida dos tapuyas, o seu uso era mais geral, e menos mysterioso. Era uma cabaça de fórma oval, enfeitada de pennas de arara, vermelhas e azues, atravessada por um cabo igualmente enfeitado, e tinha no bojo alguns cascaveis ou grãos sonoros, que chocalhavam, ao sacodir-se o sagrado instrumento.

Se houvermos de dar credito a Barlœus, que infelizmente observou os tapuyas já na sua decadencia, mas com grande attenção, estes povos tinham crenças religiosas, que se transmittiram aos botocudos, seus descendentes. Parece que veneravam certos astros, com especialidade a constellação da grande ursa. Criam na immortalidade da alma, e na felicidade eterna, salvo quando o morto era victima de algum funesto accidente, que em seu conceito revelava a colera da divindade; mas no caso contrario, a alma se dirigia para o occidente, e chegada a uns brejos sombrios, assaz parecidos, diz Barlœus, ao inferno dos antigos, era julgada, e depois transportada á margem opposta por um demonio que lhe dava direito de entrada em um logar encantado, onde o mel, os fructos e a caça proporcionavam perennes delicias ao selvagem bem-aventurado. Era acaso Houcha a personificação da divindade infernal, e juiz supremo? Não o podemos decidir, com os dados imperfeitos que possuimos. O que ha de averiguado é que, segundo aquellas crenças, elle se revelava por ordens immediatas, que os adivinhos interpretavam a seu talante. A darmos fé ás antigas relações, esses oraculos se mostravam formidaveis, revelando-se ordinariamente entre horriveis convulsões do adivinho; uma voz sinistra annunciava, por exemplo, a derrota da tribu, e ás vezes uma mascara de aspecto terrivel rebuçava o propheta que, despedindo o fumo do sagrado petume pelas ventas e pela boca, pronunciava o oraculo no meio desta estranha ceremonia, por ventura mais filha da exaltação e do delirio que do embuste.

Encontram-se na historia das nações americanas certos usos tam espantosos, e tam fóra de tudo o que se conta dos mais povos, que não é possivel explica-los senão pelo exame de certas superstições religiosas mal comprehendidas ou falsamente interpretadas. Não foi pois sem designio que esboçamos este ligeiro quadro das crenças do povo decahido, antes de recordar esse costume estranho que o distinguia entre as nações do Brazil, e que teriamos desejo de rejeitar como uma das fabulas propaladas durante o XVI seculo, se a sua existencia não fosse attestada por tantas testemunhas oculares, acordando-se a tal respeito as narrações mais ingenuas e singelas.—Não está bem provado que todas as tribus de tapuyas fossem anthropophagas em toda a extensão da palavra, isto é, que devorassem os inimigos sacrificados á sua vingança; mas que os do Rio-Grande devoravam os seus proprios guerreiros que falleciam de morte natural, é cousa que não soffre duvida. Estes horriveis festins se regulavam por uma estranha hierarchia; os chefes devoravam os chefes, os guerreiros a simples guerreiros, e a mãe que perdia o filho, lavada em lagrimas e arrancando gritos lastimosos, não lhe dava todavia outra sepultura que o proprio ventre. E ainda mais que isto, os ossos dos mortos cuidadosamente conservados, eram pilados com o milho e serviam á mantença da tribu. Durava o luto tanto quanto os espantosos festins. Conta-se tambem que os cabellos não escapavam a estes estranhos banquetes, e que misturados com o mel, eram servidos nos funebres repastos. Querem ainda alguns que os mesmos tapuyas, chegados á ultima idade, se offereciam espontaneos em holocausto, e que os filhos os matavam e comiam. Bem que não faltem citações para comprova-lo, temos este costume por menos averiguado.

Sem procurar explicar estes ritos formidaveis de anthropophagia, nem achar rasão plausivel a uma cousa que talvez derive inteiramente do sombrio delirio de algum falso adivinho, é comtudo rasoavel suppor que os tapuyas entendiam encor-

porar á sua, a substancia dos parentes, capacitados de que sem esta terrivel ceremonia não poderiam elles gosar da bem-aventurança eterna. Pois que esta obra deve ser um repertorio completo dos costumes de todos os povos, * era-nos indipensavel tractar do mais repulsivo e espantoso de todos elles. E uma vez admittido, cumpria achar-se uma explicação, e esta se encontra naturalmente na marcha singular do espirito humano, que concilia muitas vezes as idéas mais tocantes com os usos mais abominaveis.

Os tapuyas não eram todavia o unico povo dado a este costume, senão tambem uma nação da Guyana, que era talvez uma das suas tribus, e mais um povo já civilisado da ilha de Sumatra, na Asia. Os battas não só matavam os seus anciãos, mas durante o medonho sacrificio cantavam umas coplas elegiacas, cuja letra era que, colhido o fructo, devia abater-se a arvore.

Outro uso assaz notavel distinguia ainda os tapuyas dos mais habitadores do Brazil, e vinha a ser, que se os adivinhos ordenavam a mudança do local do acampamento, ou se os jogos sagrados começavam depois da refeição da noite, tomavam os mancebos um pesado madeiro, e despediam a correr até que, obrigados da fadiga, passavam a carga a outros guerreiros. Eram victoriados os que despejavam maior extensão de caminho, e de ordinario assentava-se o novo acampamento no local attingido pelos mais destros corredores. Esta justa singular conforma-se com outro costume dos indios bugres do Sul, dos quaes refere Mr. Debret que tomam os feridos no campo da batalha, e os poem ao abrigo dos perigos, transportando-os com rapidez para fóra do logar onde o combate anda travado. Durante a paz, fazem um exercicio assaz semelhante ao dos tapuyas, e sem duvida a mesma necessidade gerou um uso igual em dous povos diversos e distantes.

* Este opusculo de M. Fernão Denis sobre o Brazil faz parte de uma grande obra sobre a historia e descripção de todos os povos, intitulado L'UNIVERS.

Sem embargo de alguns grandes traços de semelhança physica e moral, não constituiam os tapuyas uma nação homogenea, ainda no tempo da sua maior prosperidade.

Se houvermos de dar credito a Simão de Vasconcellos, observador assaz exacto, as setenta e seis tribus tapuyas fallavam não menos de cem linguas diversas, e esta variedade, no meio habitual de communicação, veio a ser, com o andar dos tempos, uma das causas mais fortes da dispersão do povo dominador. Odios sanguinolentos retalharam depois estas hordas errantes, de modo que quando os tupiaes, povos da raça potentissima dos tupis, determinaram de os lançar fóra do territorio que occupavam, os tapuyas não tiveram força para resistir-lhes. De resto, neste acontecimento, aliás tam obscuro, da historia do Novo-Mundo, parece haver-se cumprido aquella grande lei social, em virtude da qual ao povo caçador succede o povo agricultor.

Não quer isto dizer que vamos achar nos vencedores dos tapuyas leis e habitos sociaes mais bem combinados que naquellas tribus vagabundas, pois que est'outras tambem não haviam completamente comprehendido as vantagens da associação, e d'um systema regular de vida sedentaria e agricola; porém as numerosas populações que começaram então de occupar o littoral, tinham pelo menos uma lingua commum, e se regiam quasi pelo mesmo theor de governo. Entre os Tupis, os odios de tribu a tribu eram menos frequentes, não se dava tanta fé aos adivinhos, e algum logar fertil, se acertavam com elle, era morada para tres annos ao menos. Sabiam os Tupis estimar o grande preço da tal qual agricultura que tinham, e o quanto sobrelevavam a mandioca, o inhame, e o milho aos proventos da caça, por via de regra tam precarios. Em uma palavra, pareciam mais adiantados na sua organisação social, talvez pelo só facto de pertencerem a uma raça menos supersticiosa, e mais providente. E nada menos foram as tribus dispersadas que ganharam mais com a marcha dos acontecimentos, pois não ficaram expostas, como os Tupinambás, á acção da civili-

sação europea; e quando, mais tarde, as nações do littoral foram aniquiladas, reappareceram ellas em um estado, sem duvida mais barbaro, porém muito mais bem dispostas para receber a civilisação, já então melhor dirigida.

Mas donde sahiu esta mesma nação invasora dos Tupis? que origem tinha, e que marcha seguiu na sua emigração? Quer-nos parecer que das regiões temperadas do sul desceu ella para os tropicos, oriunda de uma raça que talvez houvesse recebido algumas noções grosseiras de civilisação nas vastas planicies que se estendem até o Chili. Azara, enumerando as nações ribeirinhas do Prata, menciona os Tupis; e nos mythos da religião tupica vem o destino das almas bem-aventuradas, que vagueam pelos Andes fóra. Factos semelhantes não se devem arriscar sem grande circumspecção; todavia se os bem examinarmos, já nos não hão de parecer destituidos de toda a probabilidade. A linguistica tambem vem em nossa ajuda, porque a *lingua geral* que fallavam as mais das nações da costa, ao tempo da chegada dos europeus, não era senão um dos dialectos da lingua dos Guaranis, povo que de ha muitos seculos demorava nas regiões do Paraguay.

Segundo a tradição mythologica conservada por Vasconcellos, a primeira emigração para as costas do Brazil, effectuou-se junto ao Cabo-Frio, promontorio que no tempo em que floresceu este historiador, lograva ainda uma certa celebridade religiosa entre os indios da costa. Mas os mesmos indios referiam que o paiz fôra achado deserto, e a primeira familia o occupára sem opposição alguma, até que por uma desavença pueril entre duas mulheres, se dispersou a tribu logo nos seus começos. É possivel que seja esta a fórma emblematica do que se passou na primeira erupção, e este mytho referido aos europeus talvez seja destinado a representar a emigração das tribus, depois que a necessidade, ou a discordia as obrigou á divisão. A supposição é plausivel, mas semelhante ponto duvidamos que possa jamais ser completamente averiguado.

No Brazil encontraram os europeus por toda parte muitas nações que conservavam o cunho da sua primeira origem, e que posto inimigas entre si, tinham a mesma lingua, e a mesma religião. Tudo isto é perfeitamente analogo ao que aconteceu na America do norte com uma multidão de tribus errantes, todas oriundas do povo leni-lenape, que chamavam e tinham por avoengo, bem que a certos respeitos se houvessem modificado de um modo prodigioso. Assim, os tupinambás, os tupiniquins, os tupiaes, e outras muitas tribus, conservavam a raiz generica do grande nome, em tanto que outras, como os tamoyos, os cahetés, a tinham abandonado; mas a religião e a lingua formavam um nó, que constantemente se fazia sentir. Não resta duvida de que a raça dos tupis formava dezesseis nações ao longo da costa, cada uma das quaes tinha os seus limites assignalados. Os tupinambás constituiam no Brazil a nação preponderante. A esta pois examinaremos de preferencia; mas antes de descrever os seus costumes, vejamos como se ella estabeleceu na metrople, e senhoreou-se do Reconcavo.

E' muito provavel que a raça dos tupis, desembarcando nas proximidades do Rio de Janeiro, se encontrasse com a dos tapuyas, e temesse ataca-la, pola julgar muito formidavel. Dahi se derramariam os tupis pelo interior, e seguindo o curso dos rios, e tirando delles a sua subsistencia, viviriam algum tempo deste modo. Foi então que, segundo a tradição oral de alguns velhos que transmittiram este grande facto historico a Francisco da Cunha, * a tribu formidavel dos tupiaes avançou do interior para o Reconcavo, onde depois se fundou S. Salvador, e lançou dahi para sempre os primeiros dominadores. Ao que parece, não conservaram por muito tempo este bello paiz, porque os tupinambás, descendo das regiões além do S. Francisco, atacaram os tupiaes, á beira-mar, e os forçaram a buscar de-novo um asylo no interior. Aqui acharam os tupiaes os seus antigos ini-

* Aliás, Gabriel Soares.

migos, e os recalcaram mais para o sertão, de modo que uma triplice zona de tribus inimigas se agitava por toda parte nesta bella porção da America, fazendo-se umas ás outras sanguinolenta guerra, cujas alternativas nos são pela maior parte desconhecidas.

Não era maior a tranquilidade no littoral, pois que os Tupinambás, depois de haverem tomado o Reconcavo, se dividiram tambem; sendo parte para a discordia no meio deste povo barbaro um drama igual ao que deu assumpto á Illiada. Uma rapariga de certa tribu da ilha de Itaparica foi raptada pelos habitadores do local onde depois se edificou a cidade da Bahia; e dahi accendeu-se uma guerra terrivel. Os partidos contrarios estavam, polo dizer assim, á vista, apenas separados por uma legua de distancia. Cada dia se encarniçava mais a guerra, e a nação ficou para todo sempre dividida. No tempo de Francisco da Cunha* ainda um dos ilheus da bahia se chamava *Ilha do Medo*, porque os dous partidos se rebuçavam alternadamente nos mangues que a orlam, para dahi saltearem de improviso as canoas inimigas que navegavam naquellas paragens.

«Os Tupinambás que passaram á ilha de Itaparica, diz posi«tivamente o *Roteiro*, povoaram as margens do rio Jaguaribe, «Tenharia e a costa dos Ilheus (e nós ajuntaremos que prova«velmente foram até o Rio, pois foi lá que Lery os encontrou «em 1555, e com elles viveu). E tam entranhavel odio concebe«ram contra os seus antigos concidadãos, que ainda hoje (1587) «as reliquias das duas nações, tornadas contrarias, se detestam, «e andam em continua guerra, sendo tamanho o seu odio que «se acaso encontram alguma sepultura, desenterram o cadaver, «e o affrontam por mil modos. No tempo em que os portugue«zes vieram povoar o Jaguaribe, houve um grande ajunta«mento de diversas aldêas, para desenterrarem muitos cada«veres com grandes ceremonias, e mudarem depois de nome.»

* Aliás, Gabriel Soares.

Esta ceremonia era um costume supersticioso que explicaremos mais adiante.

Nos povos primitivos sempre o nome foi cousa de grande importancia, quer para os individuos, quer para a nação; a sua significação symbolica é de ordinario a indicação de uma grande preeminencia; pelo que explicaremos o da raça primitiva, antes de passarmos á descripção dos usos.

Segundo Vasconcellos, tupã ou tupan, significava litteralmente a excellencia terrifica, nome que os tupis tomaram em grande parte para si, e cuja raiz se encontra a cada passo. Quanto á denominação de tupinambás sem procurar explica-la, diremos que ella tem variado de um modo estranho nos diversos viajantes, escrevendo uns topenamboux, outros tapinambos, outros toupinambas, e finalmente um viajante francez do decimo sexto seculo, notavel pela sua grande exactidão—tououpinambaoult.* Não obstante a singularidade desta orthographia, talvez seja ella a melhor, e a mais digna de preferir-se, visto haver-nos sido transmittida por uma relação franceza de uma epocha em que se não alteravam os nomes. Mas como póde ser que ella fosse usada sómente no antigo territorio do Rio de Janeiro, continuaremos a servir-nos do nome já consagrado.

Quem quizer ter dados positivos sobre as antigas usanças dos tupinambás, já não poderá hesitar, pois ha de necessariamente, e em primeiro logar ir bebêr nas fontes allemãs e francezas, isto é, em Hans-Stade, Lery, Claudio d'Abbeville e Ivo d'Evreux. O primeiro, que foi prisioneiro dos selvagens durante nove mezes, e teve sempre a morte diante dos olhos, assistiu aos festins dos guerreiros anthropophagos, em que esteve a pique de figurar como victima, e observou muitos dos seus usos; os outros eram refugiados ou missionarios, que se mette-

* Devemos lembrar aos nossos leitores que estas palavras tupis estão escriptas segundo o modo dos francezes as pronunciarem, sendo que para elles o diphtongo OU vale U, e as terminações são longas.

(Os EEDD.)

ram com os indios ou para pedir-lhes asylo, ou para converte-los. Ao cabo de alguns annos, sujeita Lery a Hans-Stade a uma especie de contraste, e acha a sua exactidão admiravel. Ao testemunho destes auctores juntaremos o de um portuguez que viveu dezesete annos no Brazil. Por mais estranhos que pareçam certos factos, especialmente os que dizem respeito á anthropophagia, não é possivel comtudo pô-los em duvida, ou controverte-los.

CARACTÉRES PHYSICOS DOS TUPINAMBÁS.

Quanto á estatura, parece que esta raça não recebeu maior desenvolvimento que a nossa; mas a sua força muscular era superior em certos exercicios, e Lery falla com admiração dos arcos immensos que os tupinambás de Guanabára manejavam com a maior facilidade, em que tanto o mais habil archeiro europeu mal poderia servir-se do de um infante de doze annos. Como os indigenas de hoje, faziam aquellas marchas prodigiosas sem fadiga, e eram tam destros no nadar, que se gabavam de poder passar uns poucos de dias n'agua. Postoque o célebre Peron provasse, em these geral, a inferioridade da força dos povos selvagens, comparando-os comnosco, a conclusão deste sabio não é todavia applicavel aqui. É de crer comtudo que no exercicio continuo, tal como o requerem os trabalhos da agricultura, os indios se mostrem inferiores, e até não faltarão factos que o provem. Os tupinambás em geral tinham a pelle acobreada, mas alguns haveria de cores mais mitigadas, pois que Lery assegura que elles lho não pareciam mais trigueiros que os portuguezes e hespanhoes. Tem-se affirmado que a raça americana era inteiramente falta de barba, sendo este até um dos seus traços caracteristicos Semelhante asserção é mais que muito exagerada, pois seja que os tupis sempre conservassem alguns visos da raça caucasica, ou que o facto em si mesmo não fosse bem observado em toda a extensão do con-

tinente americano, um antigo viajante diz positivamente: «Mal «lhes começa a apontar o buço, e o cabello em qualquer parte «do corpo, ou na *barba*, ou nas sobrancelhas e pestanas, ou «arrancam-n'o com as unhas, ou depois que tiveram relações «com os christãos,com umas pinças que estes lhes dão.»* O P. Ivo d'Évreux tambem diz—«que é para elles cousa estranha o «trazer barbas e bigodes, mas que não obstante, vendo como os «francezes as usavam, muitos delles tambem deixavam crescer, «e entretinham barbas e bigodes.»

Tinham os cabellos negros, corredios, e asperos, e a fronte largamente desenvolvida, que a não deprimiam, á feição dos Caraibas, com quem de resto offereciam tanta analogia; os olhos, de ordinario negros, orçavam menos que os dos tapuyas pela fórma mongolica; e Lery nos revela ainda que ao nascer achatavam elles com o polegar o nariz ás crianças. Estes brazilianos, diz elle, reputam grande formosura terem o nariz rombo.

ASPECTO DOS TUPINAMBÁS COM OS SEUS ORNATOS FESTIVOS E APPARATOS DE GUERRA.

Como os mais indigenas da costa, pintavam-se os tupinambás de negro azulado, e de vermelho côr de laranja, com sumo de genipapo, e tintura de urucú. O lavor dos desenhos feitos na pelle era arbitrario e caprichoso; os selvagens os traçavam todavia com summo cuidado, e ás vezes despendiam dias inteiros nas suas combinações; mas por via de regra a mistura do negro e do encarnado, dava ao guerreiro um aspecto sinistro, que o resto das galas tornava ainda mais temeroso. Figurae-vos um homem membrudo e athletico, a cabeça em parte rapada com um pedaço de crystal, os cabellos dispostos á feição de corôa de frade, e o labio rachado desde a infancia. Se ainda

* Lery.

é mancebo, traz na fenda um osso alvissimo, com uma ou duas pollegadas de comprimento á mostra; mas se já é mais entrado em annos, o ornato consiste em uma esmeralda verde que prende ao labio com uma especie de cunha. Bem que ande habitualmente exposto ao ardor do sol, sem resguardar a cabeça de modo algum, cinge-a nada menos em todas as occasiões solemnes de um diadema de vistosas plumas, não inclinadas, como suppomos, levados do que vemos nos theatros, senão tesas e direitas, e encurtando á proporção que se afastam da fronte. *Arasoya* era o nome deste diadema. Em occasião de festa cobrem os hombros com uma maneira de manto assaz curto, mui parecido no feitio aos que se usavam no tempo do Luiz XIII, o qual é artificiosamente tecido de pennas brilhantes, presas com fios de algodão. Um semi-circulo de osso alvissimo, chamado *yaci*, desce á maneira de gola sobre o peito, em tanto que as longas pennas de ema da *arasoya* fluctuam sobre as ancas. * Os tupinambás não se pagam só dos ornatos que ficam descriptos; pois uma concha redonda, afeiçoada na pedra e cortada em mil pequenos discos, lhes ministra compridos collares. Este ornato, chamado *boure*, ás vezes cega de alvura, outras é negro como o ebano, e é feito de uma madeira pesada e dura. Em cima de tudo isto, uns certos braceletes de cascaveis, ou de sementes chocalheiras do *aouai*, que se costuma trazer nas pernas, e eis-ahi temos o tupinambá todo loução para os seus dias de gala.

Comtudo, era ás vezes este aparelho mais simples, mas parece que por isso mesmo se afigurava mais extravagante aos europeus—«Para a segunda vista do selvagem, diz Lery, depois «de o desapressardes de todas estas armações, bezuntae-o bem «de gomma glutinosa, e salpicai-lhe todo o corpo, braços e

* Um pouco á cima tinha dito M. Fernão Denis que a arasoya era um diadema com que ornavam a cabeça, naturalmente trocou no primeiro caso por engano o termo KANITAR por este.

«pernas, de pennas picadinhas em miudo, á maneira de crinas «tinctas de encarnado, e assim revestido deste pello, dir-me-«heis se não ha de ficar um rapazinho garrido.»

Era para os tempos de guérra mormente que os tupinambás, como todos os povos na infancia da civilisação, reservavam a sua selvagem magnificencia. Quem quer que teve occasião de ver nas florestas algum caçador das tribus que ainda restam, poderá ajuizar do aspecto arrogante e temeroso do guerreiro tupinambá que se preparava para os combates. Logo na face a sinistra mistura das tachas negras do genipapo com riscos encarnados de vermelhão; a fronte cingida do yempenambi de guerra feito de pennas encarnadas de arara, e a arasoya fluctuando sobre as ancas. E o braço guarnecido d'uma especie de pavez feito de madeira leve ou couro d'anta, n'uma mão sostinha o arco enorme fabricado da luzente e flexivel bignonia; e com a outra empunhava um feixe de setas sem aljava. Uma especie de maça, chamada *tacapé*, e que a maior parte dos antigos viajantes conhecia por espada de páu, completava este trem de guerra. O tacapé, fabricado de um páu pesado e duro, era uma arma terrivel, e equivalente ao boutou dos selvagens da Guyana, ou ao tomawack dos d'America do Norte. O que aquelle instrumento não cortava, abolava. Uma cousa porém assaz notavel é que a *esgaravatana*, que despede setas envenenadas, e ainda ohje se encontra nas margens do Amazonas, não era conhecida da raça braziliana dos tupinambás, desdenhando este povo bellicoso o emprego de uma tal arma, ainda na caça dos animaes. É tambem para notar que só na caça é que elles usavam de setas farpadas, pois na guerra as setas terminavam em ponta de fórma oval longa, cujas feridas eram faceis de curar. N'isto havia uma especie de convenção tacita, sendo por este modo as leis immutaveis do direito das gentes conhecidas e respeitadas até no centro das florestas, e no meio de nações barbaras.

Por uma singularidade assaz commum no estado selvagem,

as mulheres não se arreavam com os ornatos brilhantes que tam primorosamente teciam de pennas de guará e canindé; andavam núas, soltos os longos e negros cabellos, ou trançados com um cordão vermelho, quasi á moda por que ainda hoje o trazem as mulheres da Suissa. Não se deformavam, como os homens, rasgando o labio inferior: mas fendiam o lobulo da orelha, e mettiam-lhe uma concha branca, de fórma redonda e comprida «assim como cousa de uma mediana vela de sebo, «(diz Lery na sua phrase tosca mas exacta) por maneira que «quando as vejo assim toucadas com taes adereços a lhes bate«rem no hombro, afiguram-se-me orelhas de sabujo pendura«das a uma e outra banda.»

As pinturas não eram defezas ás mulheres, que todavia não abusavam tanto dellas como os homens. Ouçamos ainda o antigo viajante no seu estylo com laivos de purista. «Quanto ao «rosto, aqui temos como ellas o remendam: toma a compa«nheira ou visinha um pincelzinho, e faz uma pequena roda «bem no centro da face daquella que assim se quer pintar; e «depois a tornéa com linhas circulares em caracol, até sarapin«tar-lhe a cara toda de vermelho, amarello e azul; e arrancando «as sobrancelhas e pestanas, como dizem que tambem fazem «umas tantas mulheres mundanas em França, não deixam de «ali dar algumas rabiscadellas e pinceladas.»

Tinham além disso as mulheres tupinambás certos ornatos que lhes eram especialmente reservados, como fossem uns grandes braceletes feitos de muitas peças de osso branco, sobrepostas umas ás outras, á feição de escamas de peixe, e assaz parecidos aos braçaes de que em algumas terras se servem no jogo da pella. Não era de uso trazerem os collares pendentes do pescoço, senão enroscados nos braços. Quando mais tarde se abriu commercio com os europeus, os indios entraram a substitui-los por contas e missangas de côr, artigo que sempre lhes mereceu grande apreço.

HABITAÇÕES.

Dado que os tupinambás formassem outr'ora aldéas de cinco a seis mil habitantes, actualmente nem vestigios restam das que se encontraram no tempo da conquista. Tudo lhes era inteiramente desconhecido, os monumentos mais simples, esses monolithos erigidos em memoria de qualquer grande acontecimento, esses toscos altares que até entre povos muito mais barbaros se têm encontrado; e ainda está por averiguar se pertencem aos tupinambás essas mesmas inscripções hieroglyphicas encontradas em alguns rochedos, e destinadas a perpetuar antes a memoria d'algum feito d'armas, que alguma tradição religiosa.

Na fundação de qualquer aldéa o *moussacat*, pae de familia ou chefe civil, ia em pessoa escolher o local, que devia de ser bem arejado, e á margem de algum ribeiro. O chefe mostrava ordinariamente grande tino nesta escolha. Pelas cabanas que ainda hoje construem no interior as tribus actuaes, não podemos fazer uma idéa ajustada das habitações dos antigos tupinambás. Essas compridas arcas, (permittam-nos a expressão) em cada uma das quaes se agasalhavam de vinte a trinta familias, eram assaz parecidas aos longos berços dos nossos jardins, cujas ligeiras arcadas são cobertas de folhagem. Entre os tupinambás a armação de madeira sostinha um tecto coberto de folhas de palmeira ou de cana; e segundo o precioso manuscripto que ora temos á vista, a duração deste tecto de folhagem é que regulava a residencia mais ou menos longa da tribu no mesmo local. Essa residencia durava quatro annos, ao muito, e como algum costume supersticioso que nos não é dado explicar, defendia a reparação das cabanas, de ordinario quando as abandonavam, já ellas eram inhabitaveis, e a chuva as inundava por toda parte. Tal estranheza causaram aos primeiros navegantes estas immensas arcas de palha, que elles as comparam na extensão a uma náu de linha.

Uma aldéa bem povoada continha quatro até seis cabanas

dispostas de maneira que o centro formava uma praça regular onde se ajuntavam os conselhos da tribu. É verdade que Hans-Stade falla de uma especie de tabernaculo, collocado no centro da aldêa, e destinado a receber os sagrados maracás; porém é muito provavel que este templo em nada differisse das outras construcções, e como ellas, fosse coberto de palha. O interior destas habitações era extremamente simples, nem ali se via esse luxo de esteiras que ainda hoje se encontra em algumas cabanas dos insulares do mar do sul. Uma abertura arqueada, feita em cada extremidade, facilitava a circulação do ar: e muitas e solidas estacas, fincadas parallelamente, serviam para suspender essas innumeraveis macas ou redes de algodão, que os tupinambás chamavam *inis*, e em cujo tecido se esmerava grandemente a sua industria. Uma especie de sotam, formado de compridas varas, * presas ás travessas superiores do tecto, se dispunha de modo que cada familia podia ali guardar quanto possuia. Era de uso invariavel entreter de continuo, e mormente á noite, uma multiplicidade de fogões, dispostos entre cada uma das redes.

Se havia inimigos na visinhança, forticava-se a aldêa com uma estacada bem segura, e algumas vezes com cavallos de frisa dissimulados no meio das hervas, com que se acautelassem de qualquer surpreza. Estas fortificações, feitas sempre de madeira, variavam, de resto, na structura, e eram ás vezes assaz complicadas. Em cima das portas se espetavam os craneos dos inimigos, que ali ficavam á mostra, como outros tantos trophéus.

MEIOS DE SUBSISTENCIA.

A este respeito, nunca paiz algum foi mais favorecido que o Brazil. Não queremos com isto dizer que, como nas ilhas de Sandwich ou em Taiti, um unico vegetal, a arvore de pão, bas-

* Girau.

tasse a prover á subsistencia das mais numerosas familias durante todo o anno, e quasi sem preparação alguma; ao contrario, para tirar-se da raiz venenosa da mandioca um alimento são e nutritivo, havia-se mister uma certa indústria; mas os tupinambás estavam bem adiantados nella, e possuiam até certos processos culinarios que, não chegaram, dizem, até nós. Cita-se entre outras, uma especie de caldo que se fazia com o succo desta raiz, e servia para adubar a comida. * Muitas outras iguarias preparadas com a mandioca, como o *mingau*, por exemplo, ainda conservam hoje entre os brancos, a sua antiga denominação tupi. O *aypi* ou mandioca doce, (*macaxeira*) que se póde comer sem haver mister torra-lo, o *cará*, a batata, o inhame, que se não era indigena, naturalisou-se sem difficuldade, forneciam tambem um sustento abundante e variado, que se obtinha mediante uma cultura facil e grosseira. Os cereaes da Europa eram desconhecidos no Brazil, mas colhiam nelle não menos de cinco differentes especies de milho, designado pelo nome generico de *avati* ou *abati*. A bananeira, que cresce sem trabalho, offertava os seus cachos abundantes e nutritivos, e em certas estações bastaria ella só a supprir a maior parte daquelles preciosos vegetaes, pois segundo os calculos scientificos de M. Humboldt, a mesma porção de sólo empregada na cultura da bananeira produz cincoenta vezes mais substancia alimentaria do que se fôra plantado de cereaes. Nesta rapida nomenclatura de vegetaes proprios á alimentação do homem, não citaremos nem as lianas ou cipós de succos nutritivos, nem os fructos oleaginosos da palmeira, nem mesmo as amendoas da *sapucaya*, tam cobiçadas por todas as tribus da America do sul. Essas particularidades nos levariam longe, e baste dizer-se que uma multidão de fructos, sempre espontaneos, mas tam variados como as localidades, multiplicavam por toda a parte os recursos offerecidos pela terra com maravilhosa profusão.

* O tucupi.

Apesar da extrema fertilidade do sólo, os tupinambás tiravam a sua principal subsistencia, sobretudo dos bosques e dos rios, os quaes offereciam naquelle tempo recursos que hoje em dia se acham em grande parte esgotados. O animal mais corpulento do Brazil, o tapir *, que foi corrido para os sertões, apparecia então até nas margens do Oceano, onde se encontravam tambem em bandos innumeraveis, diversas especies de *pecaris*, (cuja carne offerece um alimento mais são e agradavel que a de porco domestico,) não menos que veados, tatús, pacas e coatis, que enchiam as florestas.—Assim como as diversas tribus nomades que ainda hoje existem, os tupinambás comiam a carne das numerosas castas de macacos que saltam por todo esse Brazil, e se havemos de dar credito aos antigos viajantes, não desdenhavam nem a carne adocicada dos caimães ou jacarés **, nem as das cobras da especie mais grossa. O lagarto conhecido pelo nome de *iguana* ou *tupinambis* (camaleão) indica assaz pelo seu nome quanto eram delle apaixonadas estas tribus. Poucos paizes ha tam abundantes de aves de caça como o Brazil; e ainda daqui tiravam grande proveito os tupinambás, que as apanhavam tambem por meio de laços, rebuçando-se com os matos, e lançando-lh'os subtilmente, quando as aves descuidadas vinham pousar junto delles. Com o estabelecimento dos europeus, entraram os tupinambás a criar tambem gallinhas; mas o costume de comer ovos que observavam nos estrangeiros, tinham-n'o como desmarcada glutoneria.

Bem que usassem da linha e do anzol, era sobretudo com a frecha, despedida com um calculo perfeito e admiravel dos desvios, que elles colhiam o peixe, de que faziam o mais do seu

* A anta.

** Ainda hoje, principalmonte no Pará, preparam e vem ás melhores mezas varias especies da familia dos crocodilos, dos lacertios, dos saurios e outros reptis escamosos.

(Dos EEdd.)

sustento. Á beira dos lagos e dos rios usava-se de um processo mais facil, e por elle viviam fartas tribus inteiras durante alguns dias. Pisavam certos cipós, e raizes de plantas bem conhecidas, taes como o *sinapú* e o *conamy* do Pará, (*timbó?*) e os lançavam n'agua. Era prompto o effeito, que o peixe entorpecido ou bebado, vinha logo á tona d'agua, e se deixava apanhar, sem que fizesse o menor movimento para escapar. Se a pesca e a caça eram abundantes, e excediam ás necessidades da tribu, estendiam as peças que se queriam conservar sobre uma grelha de páu, chamada *boucan*, (*moquem*) e expostas assim á acção lenta do calor, podiam depois guardar-se mezes inteiros. O processo, e o termo que o recorda, nos foram transmittidos, e é sem duvida aos tupinambás, frequentados desde o principio pelos normandos, que devemos as carnes moqueadas ou curadas ao fumo, tanto em uso por todo o Novo-Mundo.

Bem que estes povos soubessem preparar as suas viandas por diversos modos, ignoravam todavia um dos meios mais simples de assar a carne; e Lery nos refere que um espeto de páu, com uma peça de veação, a girar ao fogo, causou-lhes tal surpreza, que apostavam em como semelhante meio não sortiria bem. Em desconto, havia entre elles, mas sobretudo entre os tapuyas, um modo de preparação muito mais complicado, e que ainda hoje se usa nas ilhas do mar do Sul, e vinha a ser que abriam uma cova no chão, forravam-n'a de folhas verdes, e posta ali a caça, cobriam-n'a de terra, e accendiam-lhe fogo em cima até chegar a um gráu de cozedura, que sempre maravilhava os estrangeiros. Mas se as tribus não eram errantes, por maneira que as mulheres podessem dar-se á indústria de seu vagar, fabricavam louça de barro, e então estufavam as carnes.

RELIGIÃO.

No decimo sexto seculo era moda decidir *á priori* que os povos selvagens não tinham idéa alguma da divindade, e até não

faltaram escriptores que, alliando a idéa mais falsa á combinação mais extravagante, iam aprégoando que a lingua braziliana carecia de certas letras do alphabeto, como o *F*, o *L*, e o *R*, porque os indios eram gente *sem fé, sem lei e sem rei*. E nada menos, bem examinada a mythologia dos povos da raça tupica, maravilha até o grande desenvolvimento metaphysico que a caracterisa.

Sem rasão se disse que a voz *tupan* entre estes povos designava a um tempo a divindade e o trovão. *Tupa*, ou *tupan* significava—excellencia aterradora—ou ente poderoso e terrivel. *Tupacanunga*, era o trovão, orgam da divindade, ou o rumor com que ella declarava sua vontade. O relampago, *tupaberaba*, era o clarão divino. Criam que Deus estava em toda parte, e era auctor de tudo. Ao Deus bom e favoravel era opposto um outro denominado *Anhanga*. *Geroparay* (Jurupary) emprega-se algumas vezes neste sentido; mas parece-nos que tem havido alguma confusão de idéas acerca de seus attributos. Os indios diziam ao P. Ivo d'Evreux que os seus adivinhos nunca haviam fallado a Tupan, senão aos companheiros de Geropary, que era um dos servos de Deus. Esta só phrase revela a pluralidade de genios secundarios. Os bons genios eram conhecidos pelo nome de *Apoiaueué*, e os máus pelo de *Ouiaoupia*. * Os bons espiritos traziam a chuva no tempo devido, regulavam a temperatura, e eram mensageiros incessantes da terra para o ceo. Mas os demonios expulsos por Deus, e sujeitos a Geropary, frequentando as tapéras e cemiterios, empeciam á regularidade das estações, e praticavam toda casta de maleficios contra aquelles que acaso topavam.

Um dos caracteres desta mythologia selvagem, commum nesta parte ás crenças mais completas do Mexico, Perú e Bogota, é a existencia de um legislador divino, que apparece para civi-

* M. Fernão Denis introduz evidentemente alguns UU nas vozes tupicas, para facilitar a pronunciação franceza.

lisar os homens, e torna a desapparecer, finda a sua celeste missão. Os brazileiros tambem tinham o seu Quetzatcoatl, ou o seu Bochica, a quem chamavam *Sumé*. Este *marata* ou apostolo divino lhes havia ensinado a cultivar a mandioca, e deixára numerosos vestigios sobre a terra, antes de desapparecer como Boudha. Tanto ao P. Simão de Vasconcellos como ao P. Ivo foram mostrados alguns dos seus rastos impressos na rocha; e a àmbos, como era proprio do espirito do tempo, pareceu-lhes aquillo prova irrecusavel da passagem de S. Thomé por aquellas regiões. Tambem lhes não era estranha a tradição de um grande diluvio, com que Deus, em sua colera; inundára o mundo inteiro. *Temendaré*, que fôra o velho escolhido para tornar a povoar o mundo, escapou com sua familia no cume de uma alterosa palmeira, da qual desceu, depois de escoarem as aguas, para vir a ser o novo pae do genero humano.

Os tupinambás não só admitiam a immortalidade da alma, senão que a tal respeito tinham crenças bem pronunciadas. Em quanto a alma dirigia o corpo, chamava-se *an;* sôlta porém dos laços terrenos, já se designava com o nome de *angouere*. Havia uns certos genios dos pensamentos, a quem o P. Simão de Vasconcellos chama *curupiras*, no entanto que as almas que vinham annunciar a morte aos vivos eram *maraguiganas*. Era quasi escusado dizer que os varões assignalados por sua fortaleza, valor e mais partes, iam, depois da morte, gosar da bemaventurança eterna, qual a podia imaginar e desejar o habitador das florestas, em quanto os fracos, os covardes e os traidores, eram irremissivelmente empolgados pelas garras de *Anhanga*.

Uma das crenças mais poeticas e tocantes destes povos, é a que no canto melancolico das aves, descortinava uma mensagem das almas, e um aviso bem-fazejo dos avoengos finados á sua posteridade.

CULTO.

Entre os tupinambás parece que o culto de Deus e dos genios andava especialmente confiado a uma classe de homens chamados Pagés ou Caraibas, os quaes eram a um tempo os medicos, adevinhos, videntes e prophetas destes povos. M. de Humboldt julga até que este nome de Caraiba designava uma nação privilegiada, que como os antigos Chaldeus, prehenchia as funcções de adevinhos para com as tribus circumvisinhas. Concorrem muito para confirmar esta opinião as provanças terriveis a que os mesmos Piachés ou Piayés eram sujeitos entre os Caraibas, antes de serem investidos nesta dignidade, provanças que tambem tinham logar nas nações tupicas, bem que muito mais suaves.

Os Caraibas, Piayés, ou Pagés habitavam em cabanas separadas e obscuras, onde ninguem era assaz ousado a entrar. É provavel que uns certos templos a Tupan e outras divindades inferiores se começassem a erigir pelos meiados do XVI seculo, em que a nação formava aquellas grandes aldêas fortificadas de que já tractámos, pois Hans-Stade falla frequentemente de um tabernaculo mysterioso que demorava no centro de uma dessas aldêas onde estivera prisioneiro. Posto que quasi nenhum historiador faça menção dos idolos dos tupinambás, não padece duvida que elles os tinham, e este facto importante vem positivamente consignado no P. Ivo d'Evreux. «E de feito, «diz elle, é frequente, tanto no interior da ilha, como nas terras «visinhas, fabricarem estes feiticeiros umas pequenas casas de «palma, nos logares mais escusos e sombrios dos bosques, onde «collocam seus idolos de figura humana, feitos de cera, delles «maiores, e delles menores, sendo porém que os maiores não «vão além de um covado de altura. Em certos dias vão para «ali a sós os feiticeiros, levando comsigo agua, fogo, carne, «peixe, farinha, milho, legumes, flores e pennas de diversas «cores; dedicam os comestiveis em sacrificio aos idolos, a quem

«arréam com flores e pennas, queimando tambem ante elles «algumas de suas gommas aromaticas; e ali se deixam estar «muitos dias sequestrados dos mais homens, como em visões e «commercio com os espiritos.»

Estes feiticeiros eram entrados do espirito prophetico, com accessos de delirio mais ou menos frequentes, seja que pela acção de jejuns austeros, e de bebidas soporiferas, taes como o summo do tabaco, ou ainda do fumo de certas plantas inebrientes, cahissem n'um estado real de extasis, e se deixassem embair por uma imaginação excitada e fallaz; seja que, de velhacos, colligissem o grande influxo e dominio que com taes momos poderiam exercer no espirito enthusiastico e visionario dos selvagens. Nas vesperas das batalhas, costumavam elles interrogar os guerreiros sobre os seus sonhos, que de ordinario decifravam em vantagem da tribu; e n'umas taes ceremonias religiosas, renovadas todos os tres annos, sopravam brios nos selvagens, bafejando-os com o fumo do petume. Outras vezes proferiam os seus oraculos, no meio de certas danças consagradas, e tendo na mão o maracá symbolico; e tal era o seu prestigio, que o indio a quem annunciavam a morte, prostrado de terror, e deposta toda esperança, se deixava fenecer sem mais resistir ou murmurar.

Punha-se um maracá diante da aldêa, e para logo o cercavam de oblações, que eram a remuneração do sacerdote. Tinha os Pagés conhecimento de certas plantas medicinaes, cujas propriedades sempre recataram dos europeus, e com ellas faziam algumas curas admiraveis. Parece que tambem se serviam d'uma especie de magnetismo animal, e este facto seria digno de sérias averiguações, sobretudo entre os tupinambás, e os caraibas da Guyana, se o não desfigurassem com mil esgares, e ridiculas imposturas. Da mesma fórma que nas ilhas do mar do Sul, e entre infinitas outras raças ainda na infancia da civilisação, tinha o medico-sacerdote conhecido qual era a acção poderosa da alma sobre a organisação physica; e d'ahi, exci-

tando a imaginação, invocando o espirito maligno por meio de imprecações, e chupando a parte enferma, persuadia ao paciente que o seu mal vinha todo dos corpos extranhos que lhe mostrava, e inculcava haver-lhe extrahido do corpo. Mas esta confiança de que assim gosavam, ninguem crêa que se obtinha a bom barato, pois que em certas tribus a iniciação tinha um tal caracter de barbaria, que na Europa faria recuar os mais destemidos aspirantes.

LINGUA.

Reproduziremos aqui o que escreveu o erudito Balbi acerca do idioma dos antigos dominadores do Brazil. «A lingua *Esi-*«*guarani*, ou braziliana, dita tambem *tupi*, ou por outra, lingua «geral, póde ser considerada como um dos tres dialectos prin-«cipaes de um mesmo idioma. Estas tres linguas guaranis «constituem uma familia, que não só differe das outras da Ame-«rica meridional, senão de todas as mais do Novo-Mundo; pois «que, mediante um grande numero de particulas e preposições, «estas linguas formam modos e tempos assás complicados, e «mui outros dos da nossa syntaxe. A lingua braziliana carece «dos sons portuguezes do F, L, R, S, e V; possue porém o U «francez que os jesuitas exprimiam por um Y. A lingua geral «se tinha grandemente propagado em diversas provincias, e os «moradores da capitania do Maranhão faziam della um uso ha-«bitual. Existem varias grammaticas e diccionarios dos di-«versos idiomas guaranis.»

GOVERNO,

Encontrando Montaigne um chefe indio no Havre, perguntou-lhe, por meio de um interprete, que prerogativas tinha elle na sua tribu: «A de marchar para a guerra á frente de todos» respondeu o selvagem. E esta bella resposta resumia effectivamente o gráu de poder que a nação lhe confiava. Entre os tupinambás o chefe era ao mesmo tempo electivo e hereditario, isto é, o filho

era de ordinario escolhido para succeder ao pae, sem que todavia semelhante lei fosse immutavel. A exemplo de todas as nações americanas, tinham conselhos, onde deliberavam sobre os negocios mais importantes, e nos quaes os Caraibas pesavam muito com o seu voto, pois eram elles que declaravam as expedições felizes ou infelizes, depois de haverem consultado os maracás. Pelos meiados do seculo XVI o chefe mais temido da costa chamava-se Koniam-Bebe, ou Konian-Beck, ao qual conheceram Hans-Stade e Thevet, bem que o apreciem diversamente, chegando o ultimo a inclui-lo até na sua Biographia dos homens celebres. Koniam-Bebe não era certamente um homem da tempera de Finow, de Radama, e do Tamehameha, que comprehendendo d'um lanço toda a superioridade dos europeus, promovem arrojadamente a civilisação da sua patria; mas tambem não era inteiramente estranho a toda e qualquer combinação social, antes sabemos que fez levantar parapeitos de terra á roda da sua aldêa, e os guarneceu com algumas peças de artilharia. Era arrogante e vaidoso, tinha de si para si que nenhum outro cacique emparelhava com elle, folgava de comparar-se á onça, e blasonava de haver comido mais de cinco mil prisioneiros.

IDÉAS ACERCA DA PROPRIEDADE.

Já vimos como muitas familias habitavam debaixo do mesmo tecto. Cada individuo possuia apenas os moveis do seu uso. Era livre a cada um criar animaes domesticos, e dispôr delles a seu arbitrio, mas nunca póde entrar na cabeça do tupinambá que uma porção determinada do sólo houvesse de pertencer eternamente ao mesmo individuo. É certo porém que cada trabalhador tinha direito á posse do terreno que lavrava. Mas como eram as mulheres que carregavam com os trabalhos da cultura, pouco se lhes dava do tudo o que dizia respeito á policia agricola. Uma unica phrase de Thevet basta a explicar todas as suas idéas sobre esta materia: «Reputar-se-hia para

«sempre deshonrado o selvagem que, possuindo qualquer cousa,
«não supprisse o visinho ou parente que carecesse della.»

LEIS.

Bem que se não possa dizer que os tupinambás não as tinham, eram todavia as suas leis mais que muito simples. No caso de assassinato premeditado, era o homicida entregue aos parentes da victima, que o justiçavam. Os demais crimes puniam-se com a pena de talião. Do furto mal podia haver idéa onde quasi tudo era commum. No adulterio, a justiça era prompta e terrivel; a esposa infiel era condemnada á morte. As raparigas porém logravam uma completa liberdade.

CONDIÇÃO DAS MULHERES.

Era precario o estado das mulheres, como sóe acontecer em todas as sociedades nascentes, porém menos miseravel entre os tupinambás que em muitas outras nações selvagens. Como algumas d'entre ellas eram admittidas ao sacerdocio, e recebiam dos Pagés o dom da inspiração, já se vê que haviam de gosar de alguma influencia; sendo que ao demais disso passavam em grande soltura a primeira mocidade. Mas a ellas tocava tambem haver de lavrar e semear a terra, seguir o marido na guerra, e carregar com o maior peso da bagagem, sem que por isso ficassem isentas de entrar uma vez por outra nos combates, e de ser pasto nos festins, quando prisioneiras, da mesma maneira que os homens. Porém de ordinario contentava-se o vencedor de as reduzir á escravidão. Na velhice, exercitavam as mulheres um papel terrivel e mui principal nas ceremonias dos sacrificios,—especie de furias hediondas, cuja ferocidade não ha palavras que possam exprimir. Segundo uma antiga relação franceza, foram as mulheres desta nação, que, fatigadas do jugo dos homens, se retrahiram a uma das ilhas do Grande-Rio, onde renovaram um dos mythos mais célebres da antiguidade. Entretanto o P. Ivo, menos credulo de contos fabulosos, acha

que o unico ponto de contacto entre as antigas e as modernas Amazonas, era o terem vivido umas e outras separadas dos homens; recebendo porém as americanas, como as da Grecia, na estação dos vinhos de cajú, os guerreiros das nações visinhas nas suas aldêas, servindo assim a perpetuar a povoação os fructos destas momentaneas uniões. Escusaremos quasi dizer que os filhos machos ou eram enviados a seus paes, ou immediatamente sacrificados. Posto que não duvidemos admittir com M. de Humboldt a possibilidade de uma sociedade semelhante, comtudo para podermos conciliar as noções contradictorias dos viajantes sobre esta tradição, é preciso admittirmos tambem que a sua duração foi muito curta, e que o facto se reproduziu em diversos pontos, e sempre com um caracter ephemero.[1]

CASAMENTOS E NASCIMENTOS.

A polygamia estava em uso entre os tupinambás, havendo chefes que contavam de doze até quinze mulheres. Estes casos porém eram mui raros, e de ordinario cada guerreiro se contentava com uma unica. Estas uniões se regulavam por certas leis, algumas dellas tam sagradas e tam simples, que as achamos reproduzidas em todos os povos. O pae não podia casar com a filha, o irmão com a irmã, e esta prohibição se estendia ao atourossap, ou amigo intimo e companheiro de cabana, com quem os bens eram communs. Mas já o tio podia casar com a sobrinha, e os outros gráus de parentesco, em vez de produzirem impedimento, facilitavam antes os casamentos. Um antigo viajante descreve com a costumada candura a simplicidade dos costumes nesta materia. «Pelo que toca ás ceremonias, diz elle, «outras não ha, senão que o que deseja tomar mulher, viuva ou «donzella, depois de ganhar-lhe a vontade, vae ter com o pae,

[1] Veja-se sobre este ponto a memoria do dr. A. Gonçalves Dias, no Tom. XVIII, pag. 5 da REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO, anno de 1855.

(Dos EEdd.)

«e em sua falta, com os mais proximos parentes, e pede-a em «casamento. Se lh'a dão, sem mais escripturas, (que os tabel-«liães não fazem aqui grandes custas) levam-n'a comsigo, e «senão, nem por isso se dão por aggravados, e vão em busca «de outra.» Gaba Lery tambem a paz sem igual que reinava nos gyneceus selvagens, quando o guerreiro tinha muitas mulheres.

No nascimento dos filhos, praticavam-se muitas ceremonias. Qualquer que fosse o sexo do recem-nascido, o pae lhe achatava para logo o nariz. Se era varão, lavavam-n'o immediatamente, e pintavam-n'o de negro e encarnado. Punham-n'o na sua redezinha, o pae fabricava-lhe o seu tacape, arco e frechas, tudo de tamanho proporcionado, punha-lhe o nome que devia conservar na primeira idade, e exhortava-o a fazer-se homem, e a tornar-se um guerreiro temeroso aos contrarios.

Por via de regra eram os nomes tirados de objectos naturaes, ou da indústria selvagem. Este chamava-se *Goaracyaba*, ou raio do sol; aquelle *Orapacen*, o arco e a corda, e est'outro *Piragiba*, barbatana de peixe; e finalmente *Tabira*, que quer litteralmente dizer—braço de ferro. E o nome de *Camarão*, tam famoso nas guerras com a Hollanda, não ha por certo quem o ignore. A nobreza dos tupinambás, de resto, parece que se qualificava pela quantidade dos nomes que cada um se julgava com direito de adoptar. A cada sacrificio de prisioneiro em festim solemne, o senhor do escravo tomava novo nome, sem perder todavia a memoria dos antigos. Succedia guardar-se e engordar-se um prisioneiro annos inteiros, para que o filho do senhor crescesse e o podesse immolar, em cuja occasião mudava o nome, largando o que se lhe impozera á nascença.

TRABALHOS E FESTAS.

Já tive occasião de observar que nesta sociedade selvagem, a mulher carregava com a mór parte do trabalho. Se o homem consentia acaso em revolver a terra, os mais cuidados da lavra

e semeadura sempre vinham a cahir sobre a mulher. Pesava sobre ellas o trabalho de fazer as macas e a louça, em que eram peritas, e o de moquear as carnes, não menos que o de adereçar o guerreiro, trabalho enfadoso, em que despendiam largas horas. Aos homens tocava a fabricação das armas; jangadas e canoas, sendo que a destas, antes da chegada dos europeus, requeria uma operação difficil, que os selvagens todavia levavam ao cabo, mediante a applicação regrada do fogo, e graças á rigidez dos seus machados de pedra. Tambem corria por sua conta tudo o que respeitava á edificação e fortificação das aldêas, caça, e pesca, no que desenvolviam uma habilidade maravilhosa. Estabelecido o commercio com os portuguezes, iam os tupinambás, ás vezes a largas distancias, cortar as madeiras de tinturaria, que dos centros carregavam ao hombro até á beira-mar. Prehenchidos estes penosos trabalhos, deitava-se o guerreiro no fundo de uma rede, e ali jazia inerte horas inteiras, poisque até para tomar qualquer alimento, era mister que ali lh'o trouxesse a esposa.

Antigamente renovavam-se as festas com frequencia, e sempre as havia antes e depois das grandes guerras. Dançavam-se certas danças symbolicas, cujos nomes ainda se conservam, e nas quaes não se admittiam mulheres. O nome geral da dança era *guau*, e o de uma das fórmas mais usadas, *urucapy*. A dança propria da idade juvenil chamava-se *curupirára*. Outras havia, como a *guaibipaya*, *e a guaibiábucú;* porém a mais solemne e estranha era uma em que os guerreiros, formando uma volta immensa, e sem mudar de logar, cantavam alternadamente as suas façanhas em tom grave e compassado. Era antes uma ceremonia marcial que uma dança propriamente dita, e só tinha logar de tres em tres annos. Uma a que assistiu Lery compunha-se de quinhentos a seiscentos guerreiros, divididos em tres turmas. Era um espectaculo extravagante e magestoso ao mesmo tempo. As mulheres ficavam clausuradas em uma cabana visinha, dondo deviam acompanhar o canto.—Imagine-

se um vasto circulo movediço, pintados todos os homens que o compõem de negro e encarnado, graves no porte, postos juntos uns dos outros, sem se tocarem todavia, com uma das mãos nas cadeiras, e a outra pendente. Por um movimento de oscillação que se communica a cada dançador, o corpo se ergue e abaixa alternadamente, agitando-se a perna e o pé direito ao som dos maracás. Nisto, do seio da multidão, levanta-se um choro harmonioso, que celebra a gloria dos antepassados, e convida os bravos a novos feitos de honra. Então tres Caraibas, revestidos dos seus mantos de plumas, depõem o instrumento sagrado, tomam uma especie de cachimbo, e começam a inundar os guerreiros com baforadas de petume, convidando-os a aspirarem o espirito de força, com que vençam os seus contrarios. O viajante que nos refere todas estas particularidades, exalta a singular harmonia de todas essas vozes, a entoarem antigas canções; e dado que o enthusiasmo guiando um pouco as suas expressões, é de crer comtudo que na epocha em que os tupinambás eram uma nação poderosa, estes canticos primitivos tivessem um certo caracter magestoso que vieram a perder depois. O que não padece duvida é que, á feição dos Chactaws da America do Norte, certas nações brazilianas, como fossem os tamoyos entre os tupis, gosavam do privilegio de prover as mais tribus de musicos e poetas, affirmando o *Roteiro do Brazil* que este titulo de cantor e de poeta dava direito a quem o trazia de penetrar sem susto no meio dos inimigos. A qualidade de bardo era outra que a do adevinho, mas de ordinario andavam reunidas no mesmo individuo, e os Caraibas eram assim os depositarios das grandes tradições poeticas com que animavam as festas.

Não nos acode á memoria qual foi o velho missionario portuguez que, preocupado de uma recordação mythologica, deu por averiguado que algum deus Baccho andára sem duvida pelas florestas do Brazil a doutrinar os selvagens. E com effeito, as diversas nações da costa haviam de tal modo propagado o uso

das bebidas embriagantes, que não se contavam menos de trinta e duas especies dellas. Não só se fazia vinho de cajú, pacoba e guabiraba, senão uma especie de cerveja do milho, e sobretudo, da mandioca, a que chamavam *abotioy e cáuin*, cujo maior uso tinha logar em umas festas dispostas de antemão, e que por isso tomavam o nome da bebida predilecta. As aldêas convidavam-se umas ás outras para o *cáuin*, como quem se convida entre nós para um banquete.

Se as narrações recentes da maior parte dos viajantes não nos tivessem habituado a não recuar ante certos pormenores que formam os traços salientes da vida selvagem, certo que não proseguiriamos n'esta exposição, sem algum temor de provocar o asco dos nossos leitores; porém o uso do *cáuin* estava de tal modo propagado; e de uma á outra extremidade da America meridional, entre os galibis da Guyana, e os guaranis do Paraguay, era elle preparado de um modo tam analogo, que deste facto se póde concluir para uma sorte de identidade nos costumes destas raças, e é de toda a conveniencia reproduzirmos os pormenores estranhos que nos tem transmittido uma multiplicidade de relações.

A fabricação do cáuin era da attribuição das mulheres, e ainda entre ellas, das mais moças. Alguns dias antes da epocha designada para a solemne reunião, colhiam as mulheres grande copia de raizes de mandioca, que mollificavam um pouco, por meio da cocção; e começavam então de mastiga-las á porfia, postas derredor de grandes jarras, em que as lançavam, á proporção que as iam mastigando. Concluida esta singular preparação, punham aquella massa a ferver, e depois se deixava estar até que fermentasse. Passados alguns dias, tomava o *cáuin* de mandioca uma côr esbranquiçada, e um certo sabor de serveja fraca. Mas o que se fabricava do avati ou milho sempre era mais forte. O que ha de notavel é que os primeiros europeus que o quizeram fabricar, dispensando a mastigação tupinambá, confessam a uma vóz que nunca poderam consegui-lo,

e força lhes foi contentarem-se com o dos indios, acrescentando Lery que, passada a primeira repugnancia, este mesmo lhe parecia excellente. O *cáuin* havia de beber-se morno; por isso quando os guerreiros se juntavam, e se dispunham as danças, as mulheres cuidavam de entreter um fogo brando á roda das grandes jarras que continham o liquido. Como o licor entrava a aquecer, erguiam as mulheres a tampa do vaso, mechiam a bebida, e enchiam grandes cuias, que levavam atè tres garrafas, e as iam assim offerecendo aos guerreiros. Cada um recebia a sua a dançar, e era estylo chupa-la de um só trago. Estas libações duravam até serem esgotadas as jarras, de modo que nem uma gota de liquido restasse; e diz Lery que d'uma vez viu trinta dellas, collocadas symetricamente em uma só cabana, e contendo cada uma para mais de sessenta pintas, ou trinta canadas. «Eu os vi, continúa elle, não só a beber de continuo tres «dias e tres noites inteiras, mas tam borrachos, que já não po- «diam mais; porém nenhum ousava de largar o jogo, não os to- «massem por fracos e mulherengos... Mas para ir com a mi- «nha história, digo que em quanto dura a cáuinada, os nossos «bons patuscos brazilianos, para esquentarem cada vez mais o «miolo, não cessam de cantar, assobiar, dançar e saltar d'uma «banda para outra; e ora acocorados como grous, se animam e «exhortam para a guerra, a qual fará mais valentias, e tomará «mais prisioneiros. E é tam certo que são elles os maiores e mais «superlativos mestres na beberronia, que tal ha que só á sua «parte chupa mais de vinte potes de cáuin em cada folguedo «destes.»

GUERRAS.

Não sem causa tentamos descrever estas festas selvagens, antes de passar aos usos da guerra, por quanto as guerras mais sanguinosas vinham de ordinario apoz estas orgias consagradas, onde cada um e todos procuravam excitar-se, recordando os

aggravos que tinham contra as tribus inimigas—Antes de resoluta a marcha, fazia-se conselho na praça da àldêa, onde se fincavam esteios como os que serviam a prender as macas. Ajuntavam-se todos á roda do chefe, e corria o cachimbo de mão em mão, á maneira dos indios do norte; e aspirando algumas fumaças de tabaco, que depois despedia de um modo extravagante por todas as aberturas do rosto, fallava cada guerreiro pela sua vez. Decidia-se a guerra, escolhia-se o chefe, e este mandava enviados appellidar a nação inteira para um logar determinado; fazia-se abundante provisão de farinha e carimã, e partia porfim a tropa em numero de oito a dez mil homens. Muitos historiadores fallam com admiração destes exercitos que invadiam inopinadamente os campos; e devia de ser em verdade cousa temerosa de ver, essas longas columnas de guerreiros tinctos de negro e vermelho, cores que unidas têm seu tanto ou quanto de lugubre.

Cingida a fronte d'um diadema de plumas, ornadas as faces de papos de tocano,que desciam pelas fontes á maneira de suissas, as cadeiras cobertas de rodellas de pennas de ema, ornamento symbolico que recorda a agilidade do guerreiro, resguardados pelos seus escudos de couro d'anta, e armados emfim de arcos immensos, e de tacapés de pau-ferro, seguiam os guerreiros em longas filas as margens dos rios, ou penetravam o coração das florestas, acompanhados das mulheres, que conduziam as provisões e as redes. Em quanto o exercito pisava territorio amigo, soavam os tambores, as janubias e as flautas fabricadas de ossos humanos; porém transposta a fronteira, começavam todos de marchar mais precatados, pois que em geral as guerras eram de surprezas e emboscadas. Mandavam-se espias adiante explorar o inimigo, e depois, por meio de sonhos que os adevinhos decifravam, fallavam os oraculos, e resolvido o ataque, cahiam de improviso sobre a aldêa contraria. Porém muitas vezes os estrepes dissimulados nas hervas estorvavam os assaltantes, e davam tempo aos sitiados para recobrar-se e de-

fender-se,se a aldêa era fortificada, atirando aos contrarios pelas seteiras que havia. Algumas vezes punha-se cerco em regra; e arremeçando-se sobre as casas de pindoba, setas involtas em algodão inflammado, bastava que um só destes projectis produzisse effeito, para que a aldêa toda ficasse reduzida á cinzas. Ai da povoação que se deixava assim surprehender! Os que procuravam escapar ás chammas, eram mortos sem piedade, e a massa que os abatia, ali ficava no meio dos cadaveres, como padrão do feito. O furor da carnificina não impedia comtudo que se cuidasse em fazer prisioneiros, e não raro se conduziam centenas delles á aldêa dos vencedores. Porém se o cerco durava, e as provisões começavam a escacear, os aggressores improvisavam um campo guarnecido de reductos, em face da aldêa fortificada. A guerra mudava então de caracter, e os sitiados, trocando o papel, faziam sortidas, e atacavam por seu turno os que tinham vindo a extermina-los. Se o encontro tinha logar em campo raso, nada igualava a sua atrocidade, e o leitor o julgará á vista da seguinte pitoresca narração de uma testemunha ocular. «Primeiramente, quando os nossos tupinambás, á cousa «de um quarto de legua, avistaram o inimigo, entram a dar «taes urros, que os que vão destas bandas á caça dos lobos não «são nada á vista delles, senão que, o ar se fendia por tal modo «com a roncaria e o ruido, que se o trovão troasse, o não ouvi«riamos. E além disso, como se iam aproximando, redobravam «de gritos, tangiam os instrumentos, estediam os braços, e faziam «ameaças, gesticulando, e mostrando uns aos outros os ossos «dos prisioneiros que tinham comido,e a fieira de dentes que tra«ziam ao pescoço. Mas no encontro,tornou-se a cousa mais feia e «medonha, pois mal se aproximaram obra de trezentos passos, «entraram a saudar-se ás frechadas, e voavam as frechas em nu«vens como mosquitos. Se ellas alcançavam alguns, como succe«dia, era de ver com que assombrosa coragem as arrancavam «do corpo, partiam-n'as em mil pedaços, e mordiam-n'as como «cães damnados, voltando para logo á refrega, magoados, e san-

«grentos. E' de notar aqui que estes americanos são tam encar-«niçados nas suas guerras, que em quanto podem mecher com «pernas e braços não recuam, nem dão as costas, combatem in-«cessantemente, e isto é nelles a cousa mais natural Seja po-«rém como for, quando os nossos tupinambás e margaiás se «travaram e confundiram, foi com as espadas e massas, que co-«meçaram a carregar, com golpes tremendos e taes, que o que «apanhava a cabeça ao inimigo, não o levava somente ao chão, «mas o abolava e abatia devéras como a uma rez no açou-«gue.»

Francisco da Cunha, * contemporaneo do viajante francez, falla-nos dos combates de mar, e da grande pericia dos tupinambás, como marinheiros. As suas canoas, cavadas em um só tronco inteiriço, eram esquipadas por cerca de trinta remeiros, que remavam em pé, e faziam voar a embarcação, sem mais indústria que a dos seus pangaios. As canoas de guerra tinham na prôa o maracá sagrado. A's vezes entravam em combate centenas dellas, e a combinação das manobras era digna de particular attenção.

SORTE DOS PRISIONEIROS.—ANTHROPOPHAGIA.

Publicou-se ha tempos na Allemanha, em um livro alias justamente apreciado, uma especie de apologia dos indigenas do Brazil, em que o auctor procura justifica-los da imputação de anthropophagia. E ainda mais que isto, pondo em duvida todas ás relações do XVI seculo, sustenta o sabio naturalista que os antigos viajantes, e com especialidade Americo Vespucio, foram naturalmente levados por uma imaginação perturbada a confundir alguns membros de macacos que os indios haveriam esfolado e preparado para comerem, com restos sanguinolentos de carne humana. Posto que Southey, o historiador inglez

* Aliás Gabriel Soares.

do Brazil, admittisse tam horriveis circumstancias, custa-nos a crer com o P. Vasconcellos que os indigenas devorassem as victimas ainda palpitantes, e lhes bebessem o sangue. Mas o facto da anthropophagia em si, isso já não é possivel negar; e se as tribus do littoral, e mesmo do interior sustentam hoje com afinco que ellas não conservam esse abominavel costume dos seus maiores, não se segue dahi que estes nunca o tivessem.

Sem invocar agora auctoridades que, sendo mister, provariam que a anthropophagia foi commum a muitos povos da Europa, e sem apoiar-nos em factos recentes que estabelecem de um modo positivo a existencia deste costume horrivel na Nova-Zelandia e em Sumatra, facil é provar que a maior parte das nações americanas matavam e comiam os seus prisioneiros. Os leni-lenapes, que foram a nação mais poderosa da America do Norte, confessaram ao veneravel Helkewelder que a anthropophagia estivera outr'ora em uso entre elles. Os proprios mexicanos não se contentavam de immolar victimas sem conto ao deus Vitziloputchtli, pois que os sacerdotes e nobres de certa ordem devoravam diversas porções consagradas da sua carne, se bem o não fizessem por sustento, mas por vingança. Os caraibas da Guyana e das Antilhas matavam todos os seus prisioneiros com o mesmo fim. Já vimos qual era a tal respeito o estranho costume dos tapuyas; porém talvez nunca a anthropophagia se ostentasse em nação alguma do novo continente, com caracteres tam pronunciados de devaneio brutal e feroz, como entre os tupinambás.

Mal cahia um prisioneiro em poder de qualquer guerreiro, era logo tido como propriedade sua exclusiva; e o senhor, segundo lhe aprazia, ou lhe dava immediatamente a morte, ou conservava-lhe a vida durante largos annos. Todavia o costume dominante era celebrar o festim ao cabo de alguns mezes, salvo se o senhor queria guarda-lo para o sacrificar mais tarde em honra do filho.

Ao chegar a aldêa da tropa vencedora, era o escravo aco-

lhido com ultrajes por uma multidão de velhas e meninos, a quem tinha por obrigação responder: *Eis aqui está a vossa comida que viva caminha para vós.* Em algumas tribus o prisioneiro ficava solto, em outras porém o amarravam com uma longa corda a que chamavam *musurana*. Era lei e costume antigo concederem-lhe uma das moças mais formosas da tribu, com a qual vivia elle unido até o dia de sua morte. Acontecia ás vezes, diz o *Roteiro*, que affeiçoando-se a moça devéras ao marido, phantasiava traças e meios com que lhe proporcionasse a fuga. Mas estes casos eram raros, e por elles vinha grande affronta áquellas que assim preferiam o proprio amor á honra da tribu. Em todo caso a mulher do prisioneiro devia esmerar-se em tracta-lo bem; e dava-se-lhe boa e abundante comida a tempos e a horas, por maneira que engordasse, de modo a alegrar os olhos dos que assim o cevavam. No dia assignalado para o sacrificio acudiam ao convite todas as aldêas visinhas, juntando-se ás vezes para mais de cinco mil pessoas, e com immensas jarras de cáuin preparadas d'antemão dava-se principio ao abominavel festim.

Em quanto as velhas da aldêa ataviavam o prisioneiro para o sacrificio, rapando-lhe a cabeça, untando-lhe de mel o corpo todo, e cobrindo-o de pennas variegadas e brilhantes, entoavam os convivas canticos repetidos sobre as antigas guerras da nação, e a ventura sem igual de vingar-se cada um dos seus inimigos; travavam-se danças consagradas á terrivel ceremonia, e passava o dia inteiro em uma completa orgia, em que o mesmo prisioneiro tomava parte, sem deixar rever o menor sossobro n'alma; antes bem pelo contrario, como as danças iam cessando, e se aproximava a hora, cresciam-lhe os brios, e começava elle tambem a contar as grandes proezas que fizera em sua vida, e os festins semelhantes em que se havia achado, onde comêra taes e taes parentes daquelle que ora se aprestava a mata-lo. Nisto o levavam a um logar disposto para a execução fóra da aldêa. Ali dous guerreiros, armados

de broqueis, o seguravam a uma certa distancia pelas pontas da musurana, que o cingia pelo meio do corpo. N'algumas aldêas punham-n'o entre duas especies de paredes, erguidas a vinte palmos de distancia uma da outra, nas quaes haviam aberturas por onde passavam as pontas da corda, de modo que elle ficava ali seguro e immovel, sem poder ver os guerreiros que os traziam enleado. Um bando de velhas, verdadeiras furias infernaes, diziam-lhe então que se fartasse de ver o sol pela ultima vez, pois que a sua hora era chegada, e isto lhe diziam dançando uma volta funebre, chocalhando-lhe nos ouvidos os seus collares de dentes humanos, e affrontando-lhe com palavras e gestos, nuas inteiramente, e pintadas de amarello e preto. Por este theor se desdobrava o drama horas inteiras; recordando as velhas ao prisioneiro tudo quanto podesse tornar-lhe mais angustioso aquelle transe, e a ellas lhes dictavam um odio furioso que a nossa civilisação nem se quer poderá comprehender; e elle cada vez mais altivo e cheio de entono. «Pas«sarinho, papa-arroz, lhe diziam ellas, cahiste afinal no laço.» E elle tornava que o soltassem á liberdade, e haviam de ver para quanto prestava, e a estas palavras acrescentava um gesto horrivel, mostrando a formidavel dentuça.

Durante toda esta scena se deixava ficar occulto o matador, e bem o havia mister, para dispôr de seu vagar as galas e vestiduras da festa, que ainda haviam de ser assumpto ás canções dos poetas. Além de que, o uso exigia da sua parte um certo recolhimento religioso, parecendo que em tudo isto havia um symbolo estranho, que hoje ninguem saberá decifrar. Comoquerque fosse, o sacrificador, para poder apparecer como quem era, punha o maior esmero em ataviar-se, e a esse intento esgotava todos os recursos do luxo selvagem. Trazia todo o corpo pintado de genipapo azul ferrete, a cabeça ornada de um diadema de pennas amarellas côr de ouro, e as coxas e os braços enfeitados de braceletes tambem de pennas da mesma côr. Pendiam-lhe sobre o peito longos collares de dentes humanos e

de onça, e o corpo meneava-se de geito que as pennas de avestruz, que cobriam as ancas, se agitassem airosamente. Alem disto, para completar este traje de ceremonia, lançava o matador aos hombros algumas vezes um manto de pennas encarnadas; e outras, apertava na cintura uma especie de saiote, que se alargava para baixo, á feição de um guarda-sol, como no-lo diz o P. Simão de Vasconcellos. A iverapeme, ou massa do sacrificio era fabricada com tal artificio e primor, que bem denotava a importancia da ceremonia em que tinha de servir, e o muito que os selvagens se esmeravam nas cousas que tocavam á sua vingança e nomeada. Era feita de pau-ferro toda incrustada de contas, com seus mosaicos de cascas d'ovo de cores variegadas, e o punho, a que chamam *embagadura*, ornado de fiadores de pennas mui vistosas.

Como o sacrificador dava parte de prompto, vinham os parentes a busca-lo, com grandes apparatos, e tangendo os seus instrumentos. Dahi guiavam para a praça onde os aguardava a victima, e onde se passava uma scena estranha antes do fatal desfecho. Punham rimas de pedras e tições junto ao prisioneiro, e algumas vezes até lhe davam um tacape para se defender; com o que lograva elle dilatar a vida por alguns instantes, arrojando os projectis á multidão, e pelejando com o sacrificador. Este nem sempre levava a melhor, e conta Lery que d'uma vez viu uma pedra arrojada com tal vigor que uma das velhas harpias em quem acertou, teve quasi a perna quebrada. Em quanto assim se esforça por defender-se, continúa o prisioneiro as suas arengas funebres, nas quaes chama e invoca os seus, e os exita a uma guerra de exterminação, até que no momento em que vae direito sobre o contrario com a massa feita, retido subitamente pela musurana que se enteza, vem ao chão com a cabeça partida d'um só golpe da iverapeme.

Acabada esta facção, recolhia-se o heroe á sua cabana, e depostas as decorações e ornatos, estirava-se n'uma rede e nem só não folgava na festa que se seguia senão que ali devia ficar

muitos dias a jejuar em grande recolhimento, até que apparecia a declarar em publico o nome que havia de novo tomado. O numero dos sacrificios, que prefazia cada guerreiro, era assignalado por incisões profundas abertas nas coxas e sobre os peitos, sendo assaz estranho que tambem suas irmãs e proximas parentas podessem trazer, á conta dos seus feitos, aquelles distinctivos de cavallaria e nobreza militar, bem que para os entalhar lhes fosse mister soffrer grandes dores, senão é que até punham a vida em perigo.

Como o matador se retirava por um lado, acudiam pelo outro seis velhas que tinham isto por officio, dançando ao som das cabaças em que deviam guardar o sangue das victimas, e travavam do corpo para benificia-lo Permitta-nos o leitor omittir aqui os horriveis aprestos do festim; que assaz será dizer-lhe que os membros cortados eram postos sobre umas grelhas de pau, a que os tupinambás chamam *boucan (moquem)*, com reserva somente dos miollos, e da cabeça que, entregue naquelle momento ás crianças para joquete, depois servia como trophéu nas principaes entradas da aldêa. Era quasi sempre tamanha a turba que acudia ao festim, que as mais das vezes não cabia a cada um quinhão maior que a cabeça de um dedo. Mas eram taes e tam espantosas as idéas de honra e vingança que os selvagens ligavam a semelhantes execuções, que isto mesmo lhes bastava, e aquelle naco guardava-se semanas inteiras para adubar a panella da familia.

Consumando estes abominaveis sacrificios, os tupinambás obedeciam menos a um gosto depravado, pelo qual preferissem a carne humana a qualquer outra, do que a um certo espirito de vingança, transmittido de uma a outra geração, e cuja incrivel violencia não póde ser comprehendida no nosso estado de civilisação. Muitos talvez entendam o contrario; mas o certo é, que bem ao revez dos habitantes da Nova-Zelandia, que são os mais terriveis anthropophagos do tempo presente, alguns tupinambás confessavam aos nossos antigos viajantes que o esto-

mago não lhes soffria aquelle alimento, e muitas vezes o arrevessava, sendo que se folgavam tanto com as festas de sangue, faziam-n'o só por um sentimento de vingança tam entranhavel, que só com o ultimo sopro de vida se extinguia. Esta paixão infrene da vingança abafava até o sentimento do amor maternal, que de todos elles é porventura o mais poderoso. Se a companheira do captivo chegava a conceber, o ente desditoso que ella dava á luz, tomava o nome de *filho do inimigo.* (Cunhãbira.) Como chegava a dous ou tres annos de idade, a viuva mãe o entregava a seus irmãos ou primos, que o matavam com as ceremonias do estylo, e não deixavam de presentear a mãe com seu quinhão de carniça. Não ha escriptor antigo que não atteste este costume espantoso, acrescentando que as mães que se não conformavam com elle, cahiam em grande deshonra e abjecção. Não obstante, vencia ás vezes a ternura maternal, e mulheres havia que se expunham a tudo para salvar o fructo das suas entranhas; mas estas, pelo que se conta, eram rarissimas.

Acontecia tambem, como já o dissemos, que as vezes a rapariga ficava perdida de amores pelo captivo que lhe davam por esposo, e nesse caso o subtrahia á morte, fugindo com elle pelos matos. Mas em regra, o sentimento da vingança superava todos os mais, e segundo o dizer chão e simples de um antigo viajante—«bem não era morto o prisioneiro, acudia a mulher «arrepellando-se e gritando como uma carpideira, e posta ali «junto ao corpo, o borrifava com suas lagrimas amorosas, não «sendo isso parte comtudo para que não fosse uma das primei«ras a trincar naquella carne.»

A'vista destes espantosos costumes, será difficil ao leitor conceber na existente social dos tupinambás umas tantas virtudes, que aliás não florecem no mesmo grau entre povos muito mais adiantados em civilisação. O egoismo, por exemplo, chaga asquerosa da moderna sociedade, não havia entre os selvagens nome que o designasse, e mais as suas odiosas combinações. No meio das frequentes miserias da vida selvagem, nunca o fraco

era desamparado, e o forte era sempre o primeiro que se resignava. Jamais houve chefe que, illudindo a propria consciencia, se apoderasse dos bens da terra, que eram propriedade commum da tribu inteira. Durante as fomes, participava o escravo do pouco que havia de parceria com o senhor. Sabida e preconisada de todos foi sempre a boa fé dos tupinambás nas suas transacções, quer particulares, quer geraes, com as diversas nações com quem tractaram, e especialmente com a franceza. Mal conheciam o furto e o roubo, e não obstante a admiração que lhes causavam os artefactos europeus, que se lhes trazia para commercio, nunca tentaram apoderar-se delles pela astucia ou pela força, como estão sempre a fazer os habitantes do mar do sul. Talvez não haja exemplo de tractado que fizessem com os europeus, e a que faltassem; e se na historia das suas guerras bem averiguarmos os factos, hade ver-se que a causa real dos rompimentos foi sempre alguma infracção secreta aos seus principios de honra e religião. Esta fé observada nos tractados, guardavam-n'a tambem nas mais relações da vida, e os antigos escriptores attestam unanimes a grande união e boa cortezia que reinava entre elles, posto que algumas vezes mais de vinte familias se agasalhassem debaixo do mesmo tecto.

FUNERAES.

Neste rapido exame dos costumes de um grande povo, que desappareceu do sólo que dominava, só nos resta tractar da solemnidade dos funeraes. Terminemos com esta ceremonia a nossa narração, pois com ella tambem se põe termo a todas as cousas da vida. Os tupinambás, semelhantes nisto a tantos outros barbaros, só cuidavam nos seus doentes em quanto estes davam esperança de vida, sem que todavia lhes apressassem a morte, como soiam fazer os tapuyas. Ao expirar qualquer delles, punham-lhe na cabeça o seu diadema de pennas d'arara, untavam-n'o de mel, penteavam-n'o e aparelhavam em summa com

todos os seus ornatos e galas festivaes, e assim o expunham na maca que depois lhe servia de mortalha. Começava então um grande concerto de gritos e prantos entre os filhos e as mulheres que cercavam o defuncto. Qual lhe perguntava porque tam cedo deixára a terra; qual lhe deplorava a morte; qual lhe gabava a vida. «Nunca houvera, diziam, guerreiro tam brioso, pae tam «benevolo, e esposo tam amoravel. Que caçador famoso, e que «frecheiro tam possante!» É de notar que se ha algum ponto em que todos os povos barbaros sejam conformes, é certamente na adopção desta fórmula, pois a encontramos em uma multidão delles, completamente estranhos uns aos outros, e até de raças diversas, sem mais variedade, que a que necessariamente lhes imprime a natureza do sólo e do clima. Entre os tupinambás estes prantos e lastimas arrematavam com um cantico religioso, em que se annunciava aos vivos uma maneira de paraiso ou terra de promissão, que demorava para lá das montanhas, logar de inefaveis deleites, para onde havia partido o defuncto, e onde todos se haviam emfim de avistar com elle. Ensinavam-n'o assim os caraibas como ponto de fé, de modo que aberta a cova pelo parente mais proximo, dispunha-se tambem a matalotagem necessaria pera a viagem do guerreiro. Ordinariamente abria-se a cova no mesmo logar em que elle expirava, e nesse caso enterrava-se o defuncto mesmo no meio da sua familia; outras vezes porém nas margens do Oceano, ou no coração da espessura, havendo sempre em tudo o maior cuidado e esmero. Dobrava-se então o corpo em dous, attitude estranha, que todavia se encontra na maior parte dos monumentos americanos, e involto na sua rede, o suspendiam no centro da cova por meio de estacas fincadas verticalmente, dispostas as cousas de modo que a terra não cahisse dentro desta especie de catacumbas. E junto da rede mortuaria, collocavam as frechas, o arco, o tacapé e ainda o maracá do guerreiro, e este ultimo talvez n'uma intenção religiosa. Mantinha-se fogo acceso junto do funebre jazigo, para afugentar Anhangá, o genio do mal, daquel-

les dilectos manes. Durante muitos dias seguidos, traziam-lhe peças de veação, fructas, e agua, que lhe punham em cuias e vasos de barro, como offerenda agradavel, e mettiam-lhe na mão seu cachimbo de folhas de palmeira bem servido de tabaco renovando-se as provisões até que rasoadamente se podesse suppôr que a alma, tomando o vôo, havia emfim chegado ás regiões bem-aventuradas. Era então que dispunham uma especie de forro ou girau por cima da cova, o qual cobriam com ramas e terra, e deste geito ficava sepultado para todo sempre o guerreiro tupinambá, a que a mulher tinha de obrigação vir ali prantear por muitos dias ainda.

Se a mulher é que fallecia, era de uso abrir-lhe a cova o proprio marido, e enterra-la. A donzella era enterrada pelo irmão, ou por algum parente dos mais moços. Os meninos, filhos dos chefes, mettiam-se dentro de uma jarra, que se enterrava na cabana de seus paes.

Que diremos agora das tribus indianas que circulavam esta grande nação? se consultamos as narrações contemporaneas, é facil de ver que ellas participavam mais ou menos dos seus costumes, idéas religiosas, e superstições, sendo todavia inquestionavel que o foco da civilisação nascente permanecia no povo que era como cabeça das mais nações. As differenças que se notavam entre uns e outros, derivavam principalmente das localidades, da maior ou menor abundancia de certas producções, da maior ou menor distancia emfim entre certas raças, taes, por exemplo, como as do sul, e as do oeste. Mas estas variedades não eram tam pronunciadas, que nos obriguem a estabelecer aqui subdivisões mais extensas que as que já indicamos em outra parte. As analogias entre ellas eram tam fortes, que os antigos viajantes designavam ordinariamente muitas tribus por um só nome. Os tupiniquins, ou tupiaes, (tupinagés) os

tamoyos, e os cahetés, se aproximavam muito dos tupinambás, bem que com elles trouxessem frequentes guerras; os carijós, mais visinhos das tribus agricolas dos guaranis, tambem conservavam analogias de habitos e linguagem com a grande nação, dado que os seus costumes fossem mais brandos, e por isso se alliassem mais facilmente com os europeus; os petigoares, classificados entre os tupis, se distinguiam pela sua inalteravel affeição para com os francezes. Já os goyanazes começavam a confundir-se com outras tribus, e os papanazes se dispunham para aquella guerra terrivel que tiveram com os tupiniquins e goaytakazes, e que veio a terminar com a sua inteira dispersão. Que diremos tambem dos tapuyas, repellidos para o interior, mas bem resolutos a nunca adandonarem as vastas campinas de Pernambuco, Ceará e Piauhy? Já nos primitivos tempos da conquista, começavam elles a vaguear por aquellas immensas solidões, obedecendo ás lugubres prophecias dos seus adevinhos, prefazendo quasi máu grado seu os ritos barbaros da sua religião, e dissipando no meio desta existencia agitada a tenue luz que parecia guia-los no principio da sua organisação social, até de todo cahirem outra vez em uma barbaria tam profunda, que quando appareceram alguns annos mais tarde com o nome de aymorés, os mesmos tupis, já tambem em começo de dissolução, os consideravam selvagens.

Confessamo-lo agora de boamente, posto que o assumpto não deixe de ser interessante,—receamos fatigar o leitor, seguindo os diversos movimentos que o estabelecimento dos europeus imprimiu em todas as nações indianas. Veriamos aqui as differentes tribus que compunham uma nação, agglomerarem-se, para se extinguirem de todo, como os carijós e os patós, e ali, depois de deliberarem, no grande conselho, e com toda a gravidade indiana, os diversos interesses da nação, guiarem atravez das florestas até o deserto da Amazonia, onde alfim cuidaram achar um asylo seguro e impenetravel ás invasões dos europeus.

Porém receamos que a repetição de nomes desconhecidos e estranhos de povos e lugares, a que nos veriamos obrigados, narrando essas formidaveis emigrações, esses factos cheios de aridêz, e esses pormenores infinitos, cujo ordinario é a aniquilação desta ou daquella tribu, viesse por fim a cançar e enfastiar o leitor.

Todavia, antes de deixarmos as nações, cuja organisação social e religiosa procuramos esboçar, repitamos estas nobres palavras de M. de Chateaubriand, que tanto se applicam aos tupinambás como aos natchez, e que com tanta eloquencia como justiça dão a cada um, vencedor ou vencido, aquillo que lhe pertence:—«O indio já não era de todo selvagem, e a civilisação «européa actuou sobre uma civilisação americana, que ia des«pontando. Se a civilisação européa nada absolutamente tivesse «achado, creariam sem duvida alguma cousa: mas encontrou «certos costumes, e os destruiu, porque sendo a mais forte, en«tendeu que se não devia deixar contaminar por elles.»

Nota E—pag. 226 *

—São muito para ver-se as graves disertações e disputas que escreveram e travaram o P. Simão de Vasconcellos, e tantos outros antigos escriptores acerca da origem dos selvagens da America, sustentando ou negando á porfia que eram oriundos dos judeus, phenicios, carthaginezes &. Com muito mais fundamento têm sido elles comparados aos antigos germanos, e por uma razão bem obvia, pois deve de haver muitos pontos de semelhança e contacto entre tribus igualmente barbaras, posto que tam distantes e apartadas em relação ao tempo e lugar da sua existencia.

* Por engano cita-se na pag. 226 a nota G em vez de E.

Lendo Tacito, logo no começo do seu livro sobre os—costumes dos germanos—depara-se com uma notavel semelhança que ha entre aquelles barbaros e os nossos selvagens americanos, e vem a ser—que uns e outros constituiam raças isoladas, distinctas, só a si mesmas semelhantes, e de nenhum modo affectadas pela mescla de outras gerações, resultando dahi que posto fossem as tribus numerosas, tinham comtudo os individuos a mesma conformação e feições, como, por exemplo, os olhos azues e torvos, (falla-se dos germanos) a coma loira e rutilante, os corpos validos e robustos, proprios para resistir ao primeiro impeto, debeis porém e incapazes para a fadiga e longo trabalho.

Eis-aqui agora outros traços e feições em que os barbaros antigos se mostram tam parecidos como os modernos. Os germanos eram sobremodo supersticiosos, tinham grande fé nos agouros e adevinhações, e procediam nesta materia já lançando sortes, já consultando o vôo e o canto dos passaros, e até o rincho dos cavallos sagrados.

Eram bellicosos em extremo. Se uma tribu vegeta muito tempo no seio da paz e do ocio, a mocidade nobre ia servir em outra que andasse em guerra, porque por uma parte não lhes soffria o animo estarem quietos, e por outra nos azares dos combates achavam occasião de illustrar-se, como nas suas rapinas, abundantes meios de subsistencia. A guerra e a pilhagem eram toda a sua riqueza. Não havia ahi persuadi-los a lavrar a terra, e colher os fructos, preferiam buscar os inimigos, e expôr-se á morte, tendo por vileza e ignominia alcançar com o suor do rosto, o que podiam tomar a preço do sangue.

Quando não havia guerra, entretinham-se algum tempo na caça, porém o mais delle viviam ociosos, sem mais occupação que comer e dormir, cahindo todo o trabalho domestico e do campo sobre as mulheres,os velhos e os invalidos. Estranha contradicção, exclama Tacito, em um povo, que assim se mostrava tam inimigo do trabalho, como da quietação e do repouso!

Os germanos não tinham cidades, e nem se quer toleravam que as casas fossem contiguas, levantavam-n'as isoladas e dispersas, determinada a escolha do local, por uma fonte, por um campo, ou por um bosque. Estas casas eram simples abrigos mal construidos, e informes. Cavavam tambem subterraneos, já para guardarem os grãos, ou para precaverem-se dos rigores do inverno, e ainda de inimigos.

Por unica vestidura, traziam uma saia, presa por um espinho. De ordinario andavam nús, e passavam a maior parte do dia a pintar-se junto ao fogo. Vestiam-se tambem alguns de pelles de animaes, de que usavam com mais ou menos desalinho ou esmero.

Levavam os dias e as noites a beber, do que não lhes vinha desar algum. No meio da embriaguez rebentavam rixas, em que das injurias passavam aos golpes, ás feridas, e ás mortes. De ordinario era nestes festins que tractavam dos negocios mais graves, da eleição dos seus chefes, por exemplo, da paz e da guerra.

A sua bebida é um licor feito de cevada ou trigo fermentado, tal qual imitação de vinho máu e depravado. Os seus alimentos eram simples, e não passavam de frutas silvestres, veação fresca, leite coalhado; e sem requintes nem regalos aplacavam a fome. Mas quanto á séde estavam bem longe de usar a mesma temperança, porque se lhes facilitassem a satisfação do vicio dominante da embriaguez, pereceriam por elle não menos facilmente que pelas armas.

Os arios, dotados de grandes forças, tinham um aspecto naturalmente medonho, porém mui de indústria se esmeravam elles em torna-lo ainda mais terrivel. Tingiam de negro os broqueis e os corpos, e escolhiam de proposito as noites mais tenebrosas para os seus assaltos. O aspecto sombrio, horrivel, e quasi infernal deste lugubre exercito bastava para sossobrar o coração dos inimigos.

Na ultima escala da barbarie, encontravam-se os fennezes,

que eram como os aymorés da germania. Viviam n'um estado de miseria torpissimo. Não tinham armas, nem cavallos, nem habitações. Pasciam a herva do campo, cobriam-se de pelles, e dormiam no chão nú. Todo o seu refugio e esperança estava nas pontas das suas setas que, á mingoa de ferro, faziam de ossos aguçados. Era a caça a sua ordinaria subsistencia, e nella tomavam parte homens e mulheres. Para abrigar-se do máu tempo ou das féras, não tinham outra guarida, senão alguns ramos entrelaçados, sob cuja folhagem se agasalhavam. E conceitoavam-se assim mais venturosos, do que se despendessem a vida na cultura dos campos, ou na construcção de casas, sempre sollicitos e afflictos entre a esperança e o temor, acerca do seu e do alheio. Igualmente seguros dos homens e dos deuses, attingiram aquella difficil situação—em que o homem nem se quer tem necessidade de desejar.

Se nestes pontos porém se aproximavam os germanos dos nossos selvagens, em outros se apartavam sobremodo. Eram severos nos costumes, e nisso benemeritos de grande louvor—e por ventura os unicos barbaros que se contentassem de uma só mulher. Havia algumas excepções, raras porém, e devidas menos á incontinencia, que a uma certa ostentação e apparato de nobreza.

As mulheres eram virtuosas. Em uma nação tam numerosa, de maravilha se commettia um adulterio: a punição era de resto prompta, e o proprio marido se encarregava de infligi-la. E uma vez deshonradas, não havia para as mulheres mais regresso, ou maneira de achar marido, sendo para isso vãas a formosura, a mocidade e a riqueza—pois entre aquelle povo não se zombava do vicio. Tomavam um só marido, como quem tinha um só corpo, e uma só vida, e naquelle unico homem cifravam e resumiam todos os seus pensamentos e desejos. Não procuravam tornar-se estereis, nem se descartavam dos filhos pela morte, porque elles lhes sobreviessem de mais. Esse procedimento tinham-n'o por odioso, e neste ponto mais podiam

com ellas os bons costumes, que em outras partes as boas leis. Eram todas obrigadas a esposar os odios e as affeições do pae, e ainda dos proximos parentes; mas os odios não eram implacaveis e duradouros, pelo contrario até o homicidio se remia, contentando-se as familias offendidas com uma certa reparação em gados, o que era de grande utilidade em um paiz tam livre, e onde as inimisades podiam facilmente degenerar em facções. Nunca houve nação mais franca e hospitaleira; tinham por grande crime não acolher affectuosamente a quem quer que pedia agasalho.

Já vimos que os nossos selvagens, posto que bravos uns com os outros, e sobretudo, em face da morte solemne e apparatosa dos sacrificios, mal poderam todavia resistir aos europeus, que logo nos primeiros tempos, e com poucas forças, conseguiram sem custo sacudi-los do littoral para o mais intimo das brenhas e sertões. É certo que ainda hoje, mais de tres seculos depois do descobrimento, commettem elles de vez em quando suas hostilidades contra nós; mas essa guerra toda de correrias e de depredações, exercida apenas contra estabelecimentos isolados e indefesos, que acommettem por surpreza, fugindo depois com a mesma rapidez com que vieram: é uma guerra obscura e sem gloria, mais entretida pelo despreso dos que a soffrem que pelo valor dos que a fazem, e na qual tudo se poderá enxergar, menos a *grandeza e magnanimidade* que nas antigas admira o Sr. Gonçalves Dias.

Que contraste, se os comparamos nesta parte aos germanos! «Contava Roma, diz Tacito, seiscentos e quarenta annos de existencia, quando pela primeira vez resoou na Italia o ruido das «armas dos cimbros. Do qual tempo, se contarmos até o segundo «consulado de Trajano, decorrem não menos de duzentos e dez «annos. Mais de dous seculos para vencer a Germania! E du«rante um tam longo periodo, que alternativas de successos e «revezes! Nunca recebemos tam duras lições nem da parte dos «samnitas, carthaginezes, gallos e hespanhóes, nem mesmo dos

«parthos, tendo sido para nós incomparavelmente mais pesada e «asperrima a liberdade dos germanos que o poderío absoluto de «Arsace. Porque emfim, com que nos dá de rosto o Oriente, a «não ser com a morte de Crasso, quando elle mesmo perdeu «um de seus monarchas, e foi humilhado por Ventidio? Ao pas«so que a Germania, alem de Carbão, Scauro, Servilio Cæpião «e Manlio, mortos ou rendidos, devorou cinco exercitos consu«lares ao povo romano, e Varo com tres legiões a Augusto; não «sendo por outra parte muito a salvo que conseguiram derrotar «os seus bellicosos filhos, Mario na Italia, Julio Cesar nas Gal«lias, Druso, Nero e Germanico nos seus proprios lares. Mais «tarde, os formidaveis aprestos de Caio Cesar, dispararam em «uma ridicula fanfarronada. Dahi por diante obtivemos algum «socego, até que convidados os Barbaros pelas nossas discordias «e guerras civis, e expugnados os quarteis das legiões, vieram «acommetter as mesmas Gallias, donde foram expulsos, sendo «que nestes ultimos tempos, foi mais facil alardea-los triumpha«dos, que vence-los devéras.»

Instituido este breve parallelo entre os selvagens antigos e modernos, façamos uma aproximação mais ligeira ainda, entre dous dos escriptores que narraram as suas guerras e costumes, Berredo e Tacito.

Tractando o primeiro das guerras, inveteradas e destruidoras, que uns com os outros traziam os indios, diz—que esses odios funestos assentavam as mais das vezes em causas tam leves, que se deviam tractar como ridiculas, a não se attribuirem antes a um favor especial da Providencia, porque, unidas as tribus nestas regiões, seria certa a ruina da christandade.

Tacito pela sua parte escreveu o seguinte: «Aqui se achavam «outr'ora os bruteros; mas hoje conta-se que os chamavos e os «angrivarios, unidos com as demais nações, os expelliram e «acabaram de todo, ou movidos do odio da sua soberba, ou do «amor da pilhagem, ou finalmente, de algum influxo e favor dos «deuses, benignos para comnosco, os quaes nem ao menos nos

«invejaram o espectaculo do combate, em que, sem intervir «com as nossas armas, podemos contemplar sessenta mil ho«mens que se degolavam á nossa vista, e como para recrear«nos. Possa eternamente durar, em falta de affeição para com«nosco, este odio que as nações se consagram umas ás outras!»

Porque estranha coincidencia, os preceitos da charidade christã, e a moral da philosophia antiga, levaram o chronista catholico, e o grande historiador pagão, a formar os mesmos votos impios e sanguinarios contra os seus inimigos, buscando ambos palliar as proprias paixões e interesses com os suppostos mentidos designios da divindade? O' misera especie humana!

Nota F—pag. 247.

Foi nossa primeira intenção dar em uma nota a substancia das diversas leis promulgadas acerca de indios; mas depois resolvemos apresentar esse trabalho em livro distincto.

Nota G—pag. 406.

O P. João Daniel, no seu—*Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas*—que publicou em diversos numeros da Revista do Instituto-Historico, assevera que o P. Alagridão converteu e domesticou os taes barbados. *Domuit, non ferro, sed ligno.*

Que este ou outros padres tractassem com indios ditos *barbados*, é cousa que não queremos pôr em duvida; mas o que está ainda por averiguar é se elles com effeito tinham barbas, e descendiam dos problematicos perós.

Dizemos *problematicos*, não sem algum fundamento. Conta-se

que no naufragio de Ayres da Cunha, entre alguns portuguezes que se salvaram na ilha do Medo, havia um de nome Pero, ferreiro de seu officio, o qual fabricando dos pregos e mais peças do navio alguma ferramenta, adquiriu certa influencia entre os naturaes do paiz, onde casou; estendendo-se dahi o nome que tinha não só aos seus descendentes, como a todos os brancos.

Contra isto está o seguinte facto. A mesma denominação de Perós, applicada aos europeus, encontrou já Hans-Stade em 1550, entre os tupinambás de S. Vicente. Ora, é pelo menos pouco provavel que uma anedocta ou caso particular succedido no Maranhão em 1535 (epocha do naufragio de Ayres da Cunha) fosse occasião de generalisar-se um nome a tantos centos de leguas, apenas quinze annos mais tarde, seguindo daqui para S. Vicente, contra a torrente da emigração dos indigenas, que era então do sul para o norte. Accresce que os indigenas que aqui demoravam no tempo de Ayres da Cunha, eram de outra raça, diversa da tupica.

Fr. Domingos Teixeira, que na *Vida de Gomes Freire de Andrada* refere a mesma anecdota do naufragio, alliança dos portuguezes com os tapuyas, e descendencia dos barbados, diz que os naufragos se acolheram, não á ilha do Medo (em verdade inhabitavel) mas na ponta de terra fronteira, *onde hoje se venera a Rainha dos Anjos, sob a invocação da Senhora da Guia, em uma ermida construida sobre cimentos de outra fabrica, de que ainda se mostram vestigios, com mais indicio que certeza de antiga fortificação*. Para melhor intelligencia desta passagem, hade saber-se que o livro de Fr. Domingos Teixeira foi impresso em 1727; e que o general Gomes Freire de Andrada governou o Maranhão de 1685 a 1687.

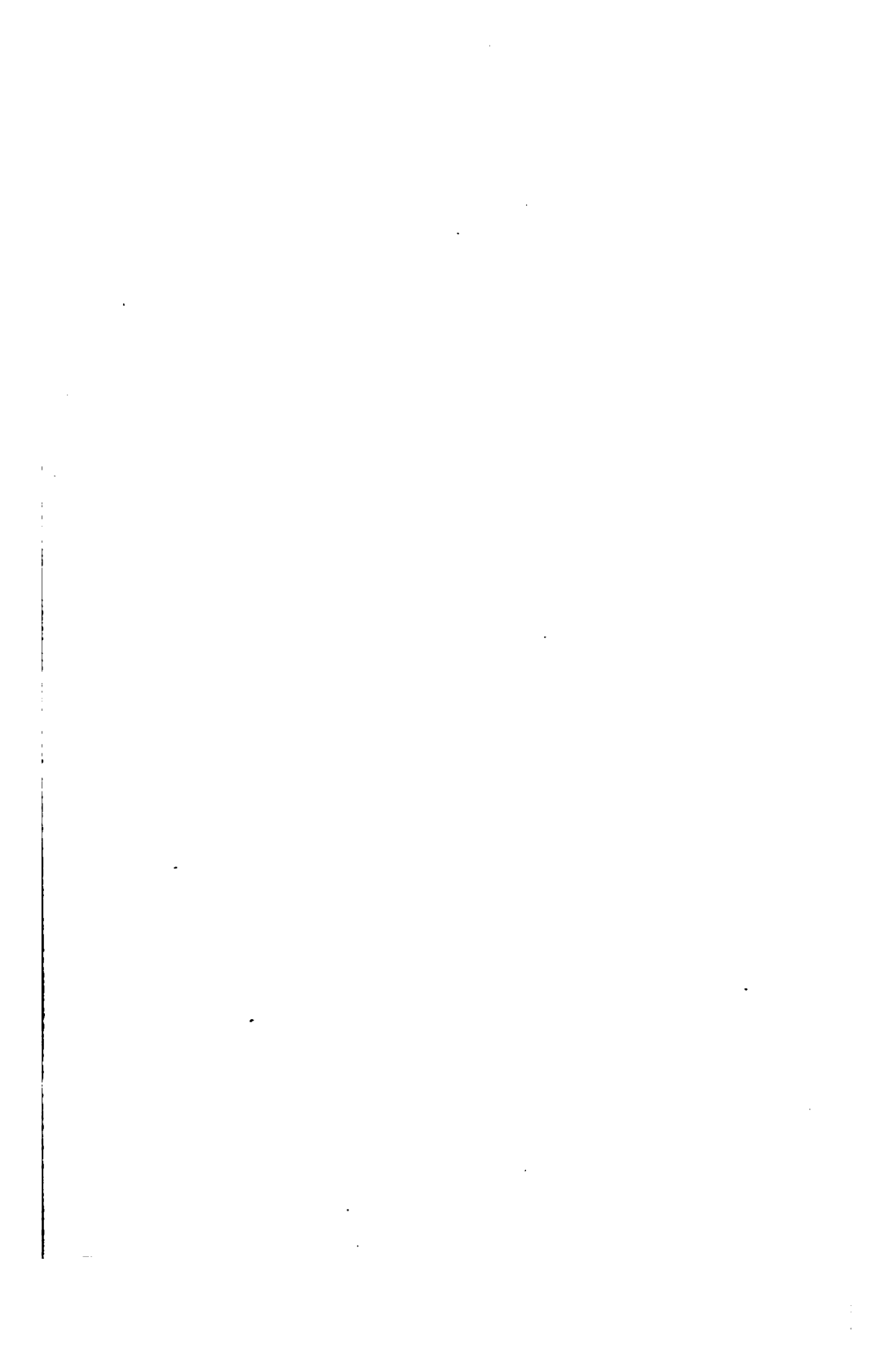
Simão Estacio da Silveira, que veio ao Maranhão em 1618, isto é, logo depois de ser elle restaurado do dominio francez, escreve na sua—*Relação Summaria*—«que a gente que escapou «da armada de Ayres da Cunha, depois de fazerem na ilha de

«S. Luiz, onde agora se chama boqueirão, uma fortaleza, de que «ainda ali estão alguns vestigios, em que se vêm pedras brancas «das de Alcantara, os consumiu o tempo, ou alguma desordem «com o gentio, na comarca de entre o rio Monim, e o rio Itapu-«curú, que em tudo é differente do outro gentio da terra, porque «vivem em sobrados, comem pão de milho zaburre, não usam «da farinha da mandioca, nem de arco e frechas, e por divisa «criam barbas como os portuguezes, e por isso os circumvisi-«nhos lhes chamam *barbados*........Tem umas espadas como «hachas, e umas zagayas de remeço com que são temidos e «valentes, e dizem que são descendentes de brancos, a que «elles chamam peros, parece por memoria de algum pero nota-«vel, de que conservam aquelles nomes; é comtudo gentio tam «barbaro ou mais que outro; e porém não quizeram nunca paz «nem tracto com os francezes, dizendo que elles não eram ver-«dadeiros peros. E quando souberam que os portuguezes es-«tavam no Maranhão, tractaram de os vir ver, e fazer pazes «com elles, e diziam que estes eram os seus peros desejados, de «que elles eram descendentes; *e pelo menos, serão* filhos das in-«dias, e de alguns brancos, que os houveram antes de se consu-«mirem nesta conquista.»

Vá que seja. Mas a phrase dubitativa com que Simão Estacio termina esta noticia, inclina a crer que elle nada viu dos taes barbados, e apenas refere o que tambem lhe referiram.

Estes taes barbados eram indios salteadores ferocissimos, a que os nossos antepassados, chamavam de corso. Muitas expedições se fizeram contra elles pelo Itapucurú acima; e até o presente nada temos achado, nem na chronica de Berredo, nem nos antigos registos do senado da camara, cousa alguma que indique essa origem commum, e menos ainda essa benevolencia que Simão Estacio attribue a semelhantes barbaros.

Das amazonas já sabem os leitores assaz o que pensar. Dos *Pés-virados* conta-se que os paes de pequenos lh'os affeiçoavam para traz. Quanto a gigantes, e pygmeus, devem de ser

exagerações provocadas ao aspecto de indios, cuja estatura sahia um pouco fóra das proporções communs, se não é puro invento de imaginações romanescas, ou de escriptores pouco escrupulosos.

INDICE

DO

SEGUNDO VOLUME.

LIVRO V—Indios.

I

LIVRO VI—Indios.

II

LIVRO VII—Indios e Jesuitas.

I

II

III

NOTAS.

FIM DO INDICE.

NOTA BIBLIOGRAPHICA.

Contém este volume cinco numeros do Jornal de Timon, correspondendo o 5.° numero á pagina 9, e os numeros 6.°, 7.°, 8.°, 9.° e principio do 10.° á pagina 165 em vante.

ERRATA

AO

PRIMEIRO VOLUME.

NA NOTICIA ACERCA DA VIDA E OBRAS DE JOÃO F. LISBOA.

Pag.	Linhas.	Erros.	Emendas.
XXVIII	26	as provincias	das provincias
XXXVII	26	jornal pela &	jornal que, pela &
LXXVII	14	querem	quer
LXXX	8	o seu pezaro	do seu pezar
LXXXVII	14	prover	provier
XCVI	20	1857	1847
CXXIX	6	avigore e recommende	avigorem e recommendem
CXCV	NOTA	1854	1864

JORNAL DE TIMON.

Pag.	Linhas.	Erros.	Emendas.
53	8	detam	de tam
94	27	depoi	depois
99	3	Dyonisio	Dionysio
108	26	ractificado	ratificado
125	23	socco	soco
151	8	meditaçõos	meditações
190	13	imprudencia	impudencia
202	18	demais	de mais
211	20	Decio	Dacia
243	8	exprobação	exprobração
«	11	opprobio	opprobrio
270	9	ou se	ouso
297	29	pantaleão	pantalão
303	33	urgir	rugir
316	25	com	como
334	2	relé	ralé
339	9	condescencia	condecendencia
363	21	opprobio	opprobrio
368	26	applicapão	applicação
370	1	provinca	provincia
407	1	justificados	justiçados
447	13	parecia,	parecia
456	12	do todo	do todo
476	7	ida lingua	da lingua
490	9	certões	sertões

INDICE.

Pag.	Linhas.	Erros.	Emendas.
513	11	Minas	Minos
517	22	justificados	justiçados

Dispensamos corrigir os erros de que apenas resulta falta de uniformidade de orthographia, e outros d'igual monta por nada influirem para a intelligencia do texto.